



AVATAR

O ÚLTIMO MESTRE DO AR



O JULGAMENTO DE ROKU

RANDY RIBAY

CRÔNICAS DO AVATAR

TRADUÇÃO NÃO OFICIAL PARA O PORTUGUÊS POR MUNDO AVATAR

O JULGAMENTO DE ROKU

THE RECKONING OF ROKU

CRÔNICAS DO AVATAR
LIVRO 5

RANDY RIBAY

Tradução por
EDUARDO GUERRA

Revisão por
INGRID SCHMIDT



Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produto da imaginação do autor ou usados de maneira fictícia, e qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, estabelecimentos comerciais, eventos ou locais é mera coincidência.

© 2024 Viacom International Inc. Todos os direitos reservados.

Nickelodeon, Nickelodeon Avatar: The Last Airbender e todos os títulos, logotipos e personagens relacionados são marcas registradas da Viacom International Inc.

Ilustrações de capa de Velinxi

Design de livros por Eduardo Guerra

Tradução de Eduardo Guerra

Revisão por Ingrid Schmidt

Título original: *The Reckoning of Roku*

Tradução não-oficial para o Português por Mundo Avatar — realizado de fã para fã sem fins lucrativos. Se você gostou da história, apoie o autor comprando o livro.

*Para aqueles que construíram
e amaram este mundo.*

PRÓLOGO

Sozin odiava festas, e esta não era uma exceção. Como Príncipe Herdeiro da Nação do Fogo, ele sabia manter as aparências e fingir que estava se divertindo, mas estava mais difícil do que o habitual manter o sorriso no rosto ou esconder a falsidade por trás de seu riso forçado enquanto se misturava com os bajuladores e aduladores espalhados pelos jardins do Palácio Real nas festividades daquela noite.

Afinal, o que havia para celebrar? Claro, a Nação do Fogo tinha seu primeiro Avatar em séculos, mas tudo o que isso significava para Sozin naquele momento era que seu amigo mais próximo partiria na manhã seguinte.

Ele se desvencilhou da conversa em que estava com a desculpa mais fraca possível e se afastou, passando por baixo das lanternas de papel vermelho enquanto cami-

nhava pelos jardins lotados, esquivando-se de conversas e respondendo aos cumprimentos com o mínimo de acenos. Seus pais, os Senhor e Senhora do Fogo, Taiso e Hazei, estavam sentados à mesa principal, recebendo os convidados. Sua irmã, a Princesa Zeisan, estava à beira do lago dos patos-tartaruga, conversando com sua tutora de ciências, uma nativa da Ilha Ember de pele marrom e corpo esguio, cujo dardo de corda era tão afiado quanto sua mente.

Sozin pegou uma taça de vinho de ameixa ardente da bandeja de um garçom que passava, tomou um gole e reprimiu uma tosse quando o líquido queimou sua garganta ao descer. Ele abandonou o resto da bebida no topo da cabeça de uma estátua de tartaruga-leão e seguiu na direção oposta à de sua família. Passeou pelo jardim de esculturas e depois pelo labirinto de sebes antes de finalmente avistar Roku sob a antiga árvore de ginkgo, que ficava no meio do pátio leste.

O chefe de um clã menor havia encurralado o novo Avatar e tentava apresentá-lo à sua filha, uma garota com cara de aborrecida que não devia ter mais de onze ou doze anos. Roku, que ainda não havia aprendido a mascarar suas verdadeiras emoções, claramente não queria estar ali, mas era educado e passivo demais para se livrar da situação. Sozin teria que salvá-lo.

— Com licença — Sozin interrompeu. — Preciso roubar

o Avatar Roku por um momento. O Senhor do Fogo Taiso requer a atenção dele.

— Claro, meu Príncipe — disse o homem, fazendo uma profunda reverência enquanto o alívio lavava o rosto de sua filha.

— Foi um prazer conhecê-los — disse Roku, então seguiu Sozin. — Alguma ideia do que seu pai quer?

Sozin suspirou. Seu amigo sempre foi muito ingênuo. Era uma falha que Sozin sempre achou cativante, mas agora temia que pudesse colocar Roku em perigo algum dia, dada sua nova condição elevada.

— Oh... — disse Roku, percebendo lentamente — o Senhor do Fogo não quer me ver.

Sozin revirou os olhos.

— Os fogos de artifício estão prestes a começar. — Ele levou Roku para longe das festividades, passando pelos Guardas Reais e entrando no palácio, agora deliciosamente vazio. Seus passos ecoaram pelos corredores enquanto subiam ao nível superior da torre sul. Eles saíram para o telhado quando os primeiros fogos de artifício começaram a explodir sobre a caldeira.

Enquanto observavam as explosões de cores em silêncio, Sozin se lembrou da reação reservada de seu pai após os Sábios do Fogo anunciarem que Roku era o Avatar.

— Estou desapontado por não ser você, mas não estou surpreso — disse o Senhor do Fogo Taiso a Sozin, que

escondeu bem a mágoa. — No entanto, você ainda pode ser de grande utilidade para nossa nação. Cuide de sua amizade como uma chama, depois aprenda a dobrá-la à sua vontade.

A sugestão — ou seria uma ordem? — não caiu bem para Sozin. Roku era seu único verdadeiro amigo restante, e verdadeiros amigos não manipulavam uns aos outros. Mas ele não ousou dizer isso ao pai. Em vez disso, Sozin simplesmente assentiu e se afastou quando foi dispensado, as palavras grudando em sua mente como um carrapicho dentro de uma roupa.

Um estrondo particularmente alto trouxe Sozin de volta ao presente.

Pedaços de luz vermelha caíram, e no espaço antes do próximo fogo de artifício explodir, ele finalmente falou.

— Sei que você está com medo de falar com Ta Min, mas aquela garota com quem você estava falando perto da árvore de ginkgo parecia um pouco jovem para você.

Roku riu.

— Cala a boca.

— Não sei por que você ainda está nervoso. Se você tem alguma chance com Ta Min, é nesta noite. Realmente inacreditável a maneira como todos os elegíveis da Nação do Fogo têm bajulado você desde o anúncio.

— Vou partir amanhã. — Os ombros de Roku caíram.
— De que adianta?

— Você provavelmente está certo — disse Sozin, então cutucou Roku nas costelas. — Avatar ou não, você ainda é tão feio que Koh não pegaria esse rosto nem se você tentasse dar de graça a ele.

Roku empurrou o cotovelo de Sozin para longe.

— E seria uma pena se seu rosto bonito caísse deste telhado.

— Como o assassinato do Príncipe Herdeiro refletiria no novo Avatar?

Roku deu de ombros.

— Vou simplesmente dizer a todos que tive que manter o equilíbrio derrubando você.

— Como se você pudesse.

Roku se levantou e fez uma cena ao arregaçar as mangas e desabotoar a gola. Sorrindo, Sozin se levantou e foi para o extremo oposto do telhado. Eles se curvaram um para o outro, então assumiram suas posições de luta como se estivessem se preparando para um Agni Kai.

Fragmentos de música e conversa flutuavam da cidade abaixo, pontuados pelo ocasional estouro de risadas. Um fogo de artifício subiu assobiando pela escuridão, depois explodiu em uma flor de luzes douradas que piscavam e estalavam enquanto caíam.

Nenhum dos dois olhou.

Sozin atacou primeiro com um punho de fogo desanimado que Roku afastou com um chute arqueado. Mas

quando o pé de Roku voltou ao chão, ele escorregou e começou a deslizar pelo telhado.

Sozin agarrou o braço de Roku quando seus movimentos repentinos empurraram várias telhas de cerâmica pelas beiradas. As telhas caíram silenciosamente pela escuridão por vários segundos antes de se despedaçarem ao atingir o chão muito abaixo. A possibilidade de que aquilo poderia ter acontecido com Roku passou pela mente de ambos antes que Sozin o puxasse para cima e eles caíssem de costas, rindo.

A risada passou. Eles recuperaram o fôlego. O silêncio se instalou entre eles.

Roku suspirou.

— Nunca pensei que seria eu. Claro, todos sabíamos que seria alguém do nosso ano e da nossa nação. Mas ainda assim. Não é como se alguém *realmente* achasse que seria ele, certo?

Sozin não disse nada.

— Talvez eu devesse ter dito aos Sábios do Fogo: "*Não, obrigado*".

— Tenho certeza de que isso teria sido bem aceito. — Sozin se apoiou nas mãos.

Roku soltou uma risada triste.

— Você vai poder ver o mundo, *Avatar* Roku.

Roku puxou as pernas e abraçou os joelhos contra o peito.

— Eu preferia ficar aqui.

— Pense em todas as habilidades que você vai dominar.

— Minha vida deveria ficar mais fácil depois que nos formássemos na Academia.

— Pense em todas as experiências que você vai ter — rebateu Sozin.

— Você quer dizer todas as batalhas que vou ter que lutar?

— Você vai estar ombro a ombro com todos os líderes mundiais.

Roku se inclinou e tocou a peça dourada que circundava o coque de Sozin.

— Eu não preciso ir a lugar nenhum para fazer isso, Príncipe Sozin.

Sozin afastou a mão de Roku.

— Você vai ser literalmente a pessoa mais poderosa do planeta. Tudo o que você fizer será escrito na história.

— É tão ruim assim querer uma vida simples?

— É, quando você está destinado à grandeza.

Roku zombou.

— Eu não me importo com grandeza.

Sozin sabia que isso era verdade. A falta de ambição de Roku era a principal razão pela qual Sozin podia baixar a guarda ao redor dele de uma forma que não podia com nenhum dos outros colegas. Ainda assim, Sozin se viu repri-

mindo sua crescente frustração com a falta de gratidão de seu amigo.

— Pelo menos você vai se afastar dos seus pais — ele sugeriu.

Roku suspirou mais uma vez. Quando falou novamente, sua voz estava mal acima de um sussurro.

— Sozin, e se... eu não conseguir?

— O que você quer dizer?

Roku começou a falar, parou, depois murmurou:

— Nada. Deixa pra lá.

— Você vai ser ótimo — Sozin disse após um momento longo demais. — Se isso é por causa do seu irmão...

— Não é.

— Se você diz.

Roku se virou ligeiramente para Sozin.

— É só que... como *você* faz isso?

— Fazer o quê? — perguntou Sozin, ainda observando os fogos de artifício.

— Não sufocar sob o peso das expectativas de todos? O pensamento de ter tanta responsabilidade e tantas pessoas dependendo de você nunca te assusta? Eu já sinto que não consigo respirar, e só descobri quem eu sou. Mas você sabe quem você é a vida toda, e parece estar bem.

Sozin considerou a pergunta. Com qualquer outra pessoa, ele faria uma piada sobre como era fácil, já que ele era tão

incrível. Em vez disso, procurou em sua mente uma resposta honesta. Por mais próximos que fossem, eles nunca haviam falado sobre como Sozin *se sentia* sobre seu destino porque, até agora, Roku nunca teve uma razão real para se perguntar.

— Quem disse que eu não estou com medo? — Sozin finalmente respondeu.

— Então você está?

Sozin riu.

— O tempo todo.

— Como você lida com isso?

— Finjo que não estou. Você deveria aprender a fazer o mesmo.

— E isso funciona?

— Se meu amigo mais próximo no mundo não conseguiu perceber, então parece que sim.

Os fogos de artifício começaram a ser lançados rapidamente, interrompendo a conversa deles. Uma explosão após outra, o céu noturno se transformou em um efêmero buquê de cores explosivas. Roku e Sozin observaram em silêncio, com os rostos iluminados pelos flashes de luz e os ouvidos zumbindo com o barulho rápido das explosões. Quando o *grand finale* atingiu seu auge, um dragão maciço formado de fogo varreu a cidade, depois se dissipou no ar enquanto subia em direção à lua crescente. Houve um momento de silêncio de admiração, e então as ruas da capital explodiram

em aplausos e gritos para a talentosa equipe de Dobradores de Fogo por trás do show.

Gradualmente, os aplausos diminuíram e as conversas, música e risos recomeçaram. Mas no nível de Roku e Sozin, havia apenas a fumaça espessa e cinza dos fogos de artifício que pairava no ar, obscurecendo as estrelas e carregando o cheiro de pólvora.

— Devemos voltar — disse Roku depois de alguns minutos —, antes que seu pai execute os servos em pânico que ele provavelmente encarregou de nos encontrar.

— Quem dera isso fosse uma piada. — Sozin se levantou e ajudou Roku a fazer o mesmo. — Vou deixá-lo arrumar suas coisas, depois passarei no seu quarto para me despedir adequadamente. Os espíritos sabem que não teremos chance de fazer isso pela manhã durante o espetáculo da partida oficial do Avatar.

— Claro, meu Príncipe. — Roku fez uma reverência exagerada, quase escorregando para a morte novamente.

Eles voltaram para dentro, e Sozin colocou um braço sobre os ombros de Roku e acompanhou seu amigo para fora do palácio, talvez pela última vez.



Na manhã seguinte, todos se reuniram no pátio do palácio para testemunhar o momento histórico em que o primeiro

Avatar da Nação do Fogo desde o Avatar Szeto partia para iniciar seu treinamento. Sozin estava na frente, junto com o resto da família real, Roku e seus pais, e a pequena freira do ar, de cabeça raspada, que agora era a mestra de dobra de ar de Roku. Atrás deles estavam os Sábios do Fogo, os generais e os chefes dos clãs mais proeminentes. Camponeses e peregrinos preenchiavam o restante do pátio, transbordando pelos portões. O palácio se erguia sobre toda a cena enquanto o sol nascia em um céu claro.

Sozin esperava enquanto Roku seguia pela fila em ordem de importância política ascendente. Para a maioria, o novo Avatar provavelmente parecia calmo e composto — e talvez até um pouco arrogante — enquanto recebia e devolvia cada reverência.

Mas Sozin via através do andar confiante de seu amigo. Roku estava apenas tentando seguir o conselho de Sozin para agir como queria ser percebido. Roku não estava confiante — ele estava com medo.

Sozin continuou observando enquanto Roku se despedia dos Sábios do Fogo, dos oficiais de mais alto escalão da nação e de seus próprios pais. Quando chegou à família real e se despediu da Princesa Zeisan, Sozin forçou seu sorriso a se alargar e preparou sua piada de despedida sobre como a cabeça de Roku pareceria um repolho pálido e deformado depois que os Nômades do Ar raspassem seu cabelo.

Mas quando Roku parou na frente dele e seus olhos se encontraram, Sozin congelou.

A realidade bateu.

Seu amigo estava partindo. Seu único verdadeiro amigo.

As imensas responsabilidades que esperavam nos bastidores de ambos os futuros certamente os puxariam em todas as direções. Quanto tempo passaria antes de se verem novamente? Em que circunstâncias? Talvez se afastassem. Talvez mudassem. Talvez tanto que da próxima vez que se encontrassem, mal se reconhecessem.

Talvez Sozin nunca mais tivesse um amigo como Roku.

O Senhor do Fogo Taiso pigarreou, tirando Sozin de seu devaneio.

Sozin piscou, então se curvou. Sorrindo tristemente, Roku devolveu o gesto, depois seguiu para a Senhora do Fogo Hazei. Quando Roku chegou ao Senhor do Fogo Taiso, foi o novo Avatar que se curvou primeiro — e Sozin notou um flash de irritação passar pelo rosto da nova mestra de dobra de ar de Roku.

Depois que o pai de Sozin fez um de seus discursos longos, Roku seguiu a Dobradora de Arr até seu bisão voador na borda do pátio. Antes de subir na sela, Roku se virou uma última vez. Seu olhar pousou em Sozin, então ele tocou a peça dourada de duas pontas que agora estava no topo de sua cabeça, em vez da de Sozin. Era — ou tinha sido — a Coroa do Príncipe, passada pela família real e usada

por cada herdeiro ao trono até Sozin tê-la presenteado a Roku quando disseram seu adeus verdadeiro na noite anterior.

Dar o artefato a Roku foi ideia do Senhor do Fogo Taiso.

— Um lembrete tangível de onde suas verdadeiras lealdades devem estar — disse o Senhor do Fogo Taiso a Sozin. — Uma coleira, por assim dizer.

Sozin sentiu uma pontada de culpa, mas quando retribuiu o gesto de Roku com um pequeno aceno, disse a si mesmo que havia dado a ele porque parecia certo fazer isso e não com a intenção de manipular.

Roku se virou e montou no bisão voador.

— Yip yip — comandou a freira do ar, e o enorme animal bateu a cauda larga e decolou, enviando uma rajada de vento que afastou aqueles que se reuniram muito perto.

Sozin observou o bisão voador levar Roku e a freira do ar cada vez mais longe, cada vez mais alto. Suas figuras encolheram até se tornarem apenas um ponto no céu que logo desapareceu nas nuvens.

Seu amigo se foi.

Para o Templo do Ar do Sul, para dominar a dobra de ar, para se tornar o Avatar.

Sozin se desculpou e abriu caminho pela multidão. Ele entrou no palácio, correu pelos longos corredores, desviou dos retratos julgadores de seus antecessores e entrou em seus aposentos. Ele deslizou a porta, sentou-se e afundou o

rosto nas mãos. Sua posição exigia que ele nunca mostrasse publicamente um traço de fraqueza, mas agora que estava sozinho, deixou sua máscara cair.

Seu amigo se foi.

E seu coração ardia como fogo.

Sozin nunca estaria literalmente sozinho se não quisesse. Ele só precisaria estalar os dedos se desejasse um oponente de Pai Sho, um parceiro de treino ou um companheiro de jantar. Mas ele aprendeu cedo que todos — exceto Roku — queriam algo dele. Eles eram sanguessugas, sempre rastejando o mais perto possível do poder.

Sozin cerrou os punhos flamejantes e os bateu com força ao lado das pernas, queimando o chão.

Seu amigo se foi. A única pessoa neste mundo com quem ele podia ser completamente honesto.

Agora, ele estava sozinho.

Malditos sejam os Sábios do Fogo que deram o anúncio indesejado.

Malditos sejam os Nômades do Ar por exigir que Roku se mudasse para seu templo.

Maldito seja o mundo que proporciona tais amigos apenas para tirá-los de nós.

Quanto mais Sozin pensava no que havia perdido, mais as palavras de Roku do telhado na noite anterior ecoavam em sua mente. Quanto mais sua tristeza começava a ferver.

Roku estava certo, não deveria ter sido ele.

UM ESPÍRITO DE NENHUMA NAÇÃO



TRÊS MESES DEPOIS

ROKU ENCAIXOU a camada de folhas secas de nipa no lugar para completar o telhado, depois se sentou para avaliar seu trabalho do alto da cabana. Ele não era um construtor - na verdade, seus pais haviam garantido que os filhos nunca realizassem nenhum trabalho manual - mas o resultado parecia decente o suficiente. Pelo menos, tinha paredes e um teto, enquanto antes era apenas uma pilha de madeira quebrada e estilhaçada, como quase todas as estruturas na vila de pescadores à beira-mar quando ele e os Nômades do Ar chegaram quase duas semanas atrás, após um dos tufões mais poderosos que varreram a costa sudoeste do Reino da Terra em tempos recentes.

Naquele dia, todos ficaram em silêncio enquanto seus bisões voadores desciam pelas nuvens. A vila era um quadro de destruição. Nenhuma estrutura permanecia de pé. Detritos cobriam a baía e a praia em forma de crescente. Troncos de árvores irregulares surgiam do chão como lanças quebradas, enquanto outros tinham sido arrancados e espalhados pela terra e pelo mar. O pequeno porto estava destruído, os barcos afundados pela tempestade - e com eles, o sustento dos moradores. Era como se algum espírito vingativo tivesse arrastado um braço montanhoso pela costa.

Os Nômades do Ar e o novo Avatar vieram para ajudar, com selas de bisões carregadas com o máximo de comida, água limpa, remédios e outros suprimentos que as grandes bestas podiam carregar. Roku passou o verão acompanhando-os em uma missão humanitária após a outra, mas ainda assim foi dominado pelo desespero quando viu a escala da devastação e o trabalho que tinham pela frente.

— Por que eles simplesmente não se mudam para outro lugar? — perguntou ele à sua mestra de dobra de ar, uma mulher mais velha, baixa e esguia chamada Irmã Disha, que mantinha a cabeça tatuada completamente careca, em vez de apenas raspar a metade da frente como a maioria das outras freiras do ar que Roku havia visto.

A Irmã Disha respondeu pacientemente enquanto

guiava seu bisão voador, Amra, para uma clareira fora da vila.

— Esta é uma vila pobre, Avatar Roku. Muitos da geração mais jovem já partiram para encontrar trabalho em Gaoling, Omashu ou outras cidades, e os que permanecem não têm meios para começar de novo em outro lugar. Mesmo que tivessem, duvido que o fariam.

— Por quê?

— Este é o lar deles.

Isso, por uma vez, era algo que Roku entendia melhor do que qualquer Nômade do Ar.

— Então, o que acontecerá quando a geração mais velha passar?

— Suspeito que a vila também desaparecerá — disse a Irmã Disha de forma calma.

Vendo a expressão de insatisfação de Roku, ela acrescentou:

— Tudo neste mundo é temporário.

E assim, os moradores - com a ajuda dos Nômades do Ar e seus bisões voadores - começaram a trabalhar. Do nascer ao pôr do sol, sob o calor do final do verão, trabalharam juntos para limpar, carregar, enterrar, consertar, replantar, reconstruir. E o que poderia ter levado meses aos moradores, se trabalhassem sozinhos, levou apenas algumas semanas. Ainda havia mais a fazer, mas agora que a maior parte da reconstrução estava completa e a estação

estava terminando, os Nômades do Ar voltariam ao Templo do Ar do Sul.

— Parece bom — disse a Irmã Disha enquanto flutuava até o telhado para examinar a parte final do trabalho que Roku havia acabado de completar, com as mãos cruzadas atrás das costas. — Tenho certeza de que esta família ficará feliz em sair de sua tenda.

— Eu teria tido tempo para fazer muitas outras famílias felizes se você tivesse me ensinado alguma dobra de ar até agora — disse Roku, acenando com a cabeça para o outro lado, onde uma jovem Nômade do Ar usava sua dobra de ar para soprar uma dúzia de folhas de palmeira no lugar em questão de segundos.

A Irmã Disha desceu de volta ao chão.

— Para voar, é preciso primeiro aprender a deixar o solo.

Roku suspirou e desceu a escada de bambu. Ele enxugou o suor da testa com a bainha de suas vestes laranjas e amarelas, amarrou o cabelo novamente e recolocou a peça de cabeça que Sozin lhe presenteou.

— Vamos começar essas aulas depois que retornarmos ao Templo do Ar do Sul?

— Elas já começaram.

Roku riu, mas sua mestra de dobra de ar manteve um rosto sério.

— Não quero desrespeitar, Irmã Disha, mas tudo o que

temos feito é ir de uma missão de socorro para outra. Aprendi a remendar calças, varrer pisos, mexer ensopados, enfaixar feridas, reparar cabanas, distribuir suprimentos - mas só isso. — Roku fez um gesto imitando um movimento básico de dobra de ar. Nada aconteceu.

— Essas habilidades são insignificantes?

— Claro que não — disse Roku sem convicção. — Mas não estou aqui para treinar para ser...

A Irmã Disha esperou Roku terminar seu pensamento. Quando ele não o fez, ela o incentivou:

— Para ser o quê?

Roku hesitou, mas sua frustração empurrou a resposta de seus lábios.

— Um servo.

Um olhar de decepção cruzou o rosto da freira do ar.

— Caminhe comigo, Avatar Roku.

Eles começaram a descer o caminho principal. As pessoas acenavam ou olhavam fixamente quando notavam o Avatar e sua mestra de dobra de ar passando, e Roku tentava devolver os cumprimentos com a gravidade esperada. Passaram pelas novas cabanas, pela nova escola, pelo novo templo, pelas novas barracas do mercado de peixe reconstruído e chegaram à praia onde novos barcos balançavam em linhas ancoradas, seus estabilizadores de bambu batendo suavemente contra a água. Um grupo de crianças Nômades do Ar e do Reino da Terra passou correndo, rindo

e levantando areia enquanto perseguiam mais de uma dúzia de patinhos-tartaruga.

Uma leve brisa agitou o ar, e nuvens de tempestade pairavam no horizonte. Com as mãos ainda cruzadas atrás das costas, a Irmã Disha observava as ondas. E continuava observando. Roku cruzou os braços e abaixou os olhos para a areia, ainda desconfortável perto de águas abertas. Ele se mexia de um pé para o outro enquanto esperava que ela falasse. Ainda não estava acostumado aos longos períodos de silêncio com que os Nômades do Ar pontuavam suas conversas.

Sem outra coisa para ocupar a mente, a atenção de Roku se voltou para seus pés doloridos, seus braços doloridos, seu cabelo oleoso, seu estômago vazio. Como ele ansiava por aquelas horas pós-treino passadas no Spa Real, quando ele e Sozin se deitavam nas banheiras de água quente, bebendo chá e petiscando ovos fertilizados de pato-tartaruga enquanto os servos cortavam suas unhas, escovavam seus cabelos e massageavam seus ombros. Assim que esta conversa com a Irmã Disha terminasse, tudo o que esperava por Roku era uma fogueira que ela o faria acender à mão, mais uma refeição sem carne, um colchonete gasto e um pedaço duro de chão.

Perdendo a paciência, Roku quebrou o silêncio.

— Por que não fazemos mais?

A Irmã Disha considerou sua pergunta.

— Mais o quê?

— Mais bem.

— E como você define "bem"?

— Progresso — Roku respondeu sem hesitação desta vez.

— Conte-me mais.

— Como você mesma disse, esta vila está em declínio. Apesar de todo o trabalho que colocamos na reconstrução, ela desaparecerá com seus anciãos ou com o próximo tufão. — A Irmã Disha não discordou.

— Poderíamos estabelecer um fundo ao qual cada nação poderia contribuir. Então, poderíamos usar esse dinheiro para fornecer ajuda em desastres e desenvolver vilas em dificuldade como esta — sugeriu Roku, tentando soar mais confiante do que se sentia. Mas era uma ideia inteligente, uma que seu próprio pai obcecado por negócios poderia ter tido. — Ajudar a construir barcos que possam competir com as maiores embarcações de pesca de Gaoling. Ensinar-lhes como ser comerciantes, em vez de simplesmente pescadores. Fornecer empréstimos para aqueles que desejam iniciar novos empreendimentos. Basicamente, damos a quem partiu um motivo para voltar e aos que ainda estão aqui um motivo para ficar. Em uma geração, isso poderia se tornar um porto comercial movimentado.

A Irmã Disha manteve os olhos nas ondas, estando uma cabeça inteira mais baixa que Roku.

— Um plano interessante. Mas como você acha que os líderes se sentirão sobre usar seus recursos para impulsionar as economias das outras nações?

— Contanto que estejamos ajudando a todos, acho que eles não se oporiam.

— Hmm.

— O quê? — Roku perguntou, pronto para defender sua ideia.

— Vamos fazer isso em todo o mundo, então?

— Onde for necessário.

— E quem determinará onde é necessário?

— Nós determinaremos.

— Você e eu?

Roku pensou por alguns momentos antes de encontrar a solução.

— O Conselho de Anciãos de cada Templo do Ar poderia fazer isso para suas regiões. Eu — como Avatar — poderia ajudar quando necessário.

A Irmã Disha assentiu.

— Isso é razoável. Mas quem gerenciará os fundos?

Roku vacilou ao começar a compreender o escopo e as camadas de responsabilidades acumulando-se em seu empreendimento proposto.

— Também os Conselhos, eu acho. Não — espere — que tal um grupo com representantes de cada nação?

— Como os representantes serão selecionados? —

pressionou a freira do ar. — Quem escolherá as propostas? Quem redigirá os contratos? Treinará os indivíduos?

Roku não tinha uma resposta desta vez. Ela tinha feito seu ponto.

— Quem monitorará seus negócios? Auditará suas contas? Avaliará os impactos no reino humano e no Mundo Espiritual? Resolverá disputas? Lidar com aqueles que abusarem dos fundos?

Suas perguntas extinguiram o orgulho nascente que Roku sentira em sua esperteza apenas alguns momentos antes.

— É por isso que você ainda não está pronto para dobrar o ar — disse a Irmã Disha. — Você ainda não aprendeu a deixar o solo.

Roku tensionou os ombros.

— O que quer dizer?

— Você ainda está pensando como um Cidadão do Fogo.

— Eu sou um Cidadão do Fogo.

— Você é o Avatar — ela corrigiu, com a decepção afiada de uma professora cujo aluno ainda não conseguia entender uma lição óbvia.

Roku curvou-se de vergonha, imaginando se ela se arrependia de ter deixado sua vida no Templo do Ar do Leste para treiná-lo.

A Irmã Disha colocou uma mão em seu ombro e suavizou seu tom.

— Se você quer ser um bom Avatar, deve entender que é um espírito de nenhuma nação. Um espírito cujo único propósito é manter o equilíbrio dentro e entre os mundos. Mas você precisa ser paciente consigo mesmo. A história nos mostra que essa sempre foi uma luta específica para os Avatares do Fogo.

— Como Szeto? — Roku perguntou, referindo-se à última reencarnação do Avatar da Nação do Fogo.

— Como Szeto — confirmou a Irmã Disha, retirando a mão.

Ela não precisava explicar mais. Quando Roku chegou ao Templo do Ar do Sul, ele começou a devorar todos os pergaminhos que pôde encontrar sobre suas vidas passadas, ansioso para aprender sobre seu novo papel. O Avatar Szeto — que também serviu como Grande Conselheiro do Senhor do Fogo — era reverenciado na Nação do Fogo, mas os historiadores das outras nações não o viam da mesma forma. Eles acreditavam que a ligação oficial de Szeto com a Nação do Fogo impregnava de viés cada instituição que ele ajudava a estabelecer, cada protocolo que ele ajudava a elaborar, cada decisão que influenciava. Eles alertavam que isso se tornaria mais evidente com o passar dos anos — e que as consequências seriam desastrosas. Roku achou essa

avaliação injusta e alarmista, escassa em evidências e excessivamente dependente de especulação.

O grupo de crianças que havia passado correndo por eles mais cedo voltou, trazendo Roku de volta ao momento presente. Desta vez, no entanto, eram os patinhos-tartaruga que perseguiam as crianças. Ainda rindo, as crianças corriam para a água como se esquecessem que seus pequenos agressores podiam nadar.

A Irmã Disha riu.

Mas Roku não conseguia esquecer seu fracasso tão rapidamente.

— Então como eu aprendo a fazer isso — a deixar meu apego à minha nação? — Sua pergunta era genuína. Ele queria ser um bom Avatar — ele só não estava convencido de que tinha isso dentro de si.

Seu sorriso se alargou enquanto continuava observando as crianças, que gritavam em medo simulado enquanto espirravam água nos patinhos-tartaruga que avançavam.

— Vá nadar.

Roku ergueu uma sobrancelha.

— Nadar?

A Irmã Disha assentiu.

— Você não pode estar falando sério — disse Roku.

Em vez de responder, ela começou a remover suas vestes externas, revelando quase todo o comprimento das tatua-

gens de flechas azuis que corriam ao longo de seus braços e pernas, subiam pelas costas e sobre o topo de sua cabeça.

Embora ela ainda estivesse com suas roupas de baixo, Roku desviou o olhar. Apesar de ter vivido entre os Nômades do Ar tempo suficiente para aprender que eles não tinham absolutamente nenhuma vergonha em relação aos seus corpos, não tinha sido tempo suficiente para desaprender o senso de decoro da Nação do Fogo, especialmente quando se tratava de mulheres.

Ignorando Roku, a freira do ar dobrou suas vestes cuidadosamente e as colocou na areia ao lado dos pés. Então correu pela praia, rindo.

— Eu vou salvar vocês! — ela chamou para as crianças e mergulhou na água com uma leve rajada de ar que fez os patinhos-tartaruga agitarem suas asas e grasnarem com irritação.

Roku permaneceu na praia, invejando a maneira como todos se moviam como se não tivessem uma preocupação no mundo, como se fossem livres.

O DESAPEGO



NAQUELA NOITE, os moradores e os Nômades do Ar se reuniram para celebrar sua última noite juntos, antes que os Nômades do Ar e o Avatar retornassem ao Templo do Ar do Sul ao amanhecer. Houve discursos, orações, uma refeição compartilhada, contação de histórias, poesia, música e dança. As festividades estavam programadas para terminar com um discurso do Avatar. No entanto, o Avatar não estava entre o povo.

Roku passou a noite sozinho sob uma palmeira fora da vila, meditando. Pelo menos era o que os outros pensavam. Era uma desculpa que ele usava frequentemente - uma que nunca seria demais entre os Nômades do Ar. Ele odiava mentir, o que sempre o fazia sentir-se enjoado. Mas o leve

desconforto da culpa era preferível a ter que se apresentar como Avatar por mais tempo do que o necessário.

Na verdade, Roku estava relendo *As Vidas do Avatar*, de Jinpa, à luz de uma pequena chama que ele mantinha na palma da mão. Ele focava sua atenção nas seções iniciais de cada Avatar, as partes que descreviam como eles foram identificados. Quanto menos recente o Avatar, mais escassos os detalhes, mas os padrões eram claros o suficiente. Alguns, como Szeto e Yangchen, foram descobertos cedo e de forma indiscutível quando dobraram um segundo elemento ou exibiram outro dos dons espirituais do Avatar. Outros, como Kuruk, foram identificados pelos líderes espirituais de sua nação, que só anunciaram a identidade do Avatar quando eles atingiram a maioridade. Nesses casos, não demorou muito para que comesçassem seu treinamento e provassem a si mesmos.

A história da antecessora de Roku era uma anomalia. O Reino da Terra havia identificado um poderoso Dobrador de Terra de origens humildes chamado Yun, mas haviam se enganado. O verdadeiro Avatar seria a criada de Yun, Kyoshi. Kyoshi se tornaria uma das maiores Avatares da história, vivendo por mais de duzentos anos, enquanto Yun seria eternamente conhecido como o Falso Avatar que sucumbiu à loucura.

Desde o momento do anúncio dos Sábios do Fogo, Roku se perguntou se eles também haviam se enganado. Talvez

devesse ter sido seu irmão ou Sozin - todos nasceram no mesmo dia. Talvez o que aconteceu com Yun e Kyoshi fosse um sintoma de algum crescente desconexão entre o reino humano e o Mundo Espiritual, e Roku fosse outro Falso Avatar.

Quando Roku expressou essa preocupação, os Sábios do Fogo zombaram. As falhas do Reino da Terra refletiam a corrupção de seus líderes e deficiências espirituais, garantiram-lhe. O método da Nação do Fogo - que envolvia queimar ossos inscritos e ler as fissuras resultantes - era puro e infalível.

Apesar de Roku já ser um Dobrador de Fogo experiente - o segundo melhor da classe, perdendo apenas para Sozin na Academia - as garantias dos Sábios não dissiparam a dúvida de Roku. Além das tentativas fracassadas de dobrar os outros elementos quando estava sozinho, Roku também tentou em vão se comunicar com o Mundo Espiritual ou se conectar com suas vidas passadas.

Determinado a tentar novamente, Roku apagou a chama na palma da mão e colocou o pergaminho de lado. Ele observou uma pequena folha no chão a alguns passos à sua frente e respirou fundo. Enquanto segurava o ar, ele se concentrou em canalizar sua energia da mesma forma que fazia com a dobra de fogo. Então, ele soprou o ar pela boca em uma longa e forte exalação.

A folha não se moveu.

— Cuidado — disse alguém por perto. — Acho que a vila não sobreviverá a outro tufão.

Roku olhou para cima e viu um Nômade do Ar sorridente apoiado em seu cajado. O garoto pálido e de cabeça raspada tinha um olhar sonolento; era baixo e magro. Ele ainda não tinha suas flechas, o que não era surpreendente, dado que parecia pelo menos alguns anos mais jovem que Roku.

Roku o havia visto antes e sabia que o nome do garoto era Gyatso, mas eles nunca tiveram uma conversa de verdade. Diziam que Gyatso estava tendo problemas com a dobra de ar, e a Irmã Disha havia tomado um interesse especial em ajudá-lo - um interesse que provavelmente deveria ter sido reservado para treinar o Avatar.

— Quer me mostrar como se faz? — Roku perguntou, esfregando sal na ferida que ambos sabiam que existia.

Gyatso ignorou a pergunta, fingindo que não o incomodava.

— A Irmã Disha queria que eu te dissesse que você não precisa mais fazer aquele discurso.

Os olhos de Roku se arregalaram.

— Sério?

— Não — disse Gyatso. — Você precisa. E é hora. Além disso, realmente espero que seja melhor do que o último que você deu. Pelo menos tente pronunciar o nome *desta* vila corretamente.

— Tanto faz. Estava muito frio da última vez. — Roku recolheu suas coisas e se levantou. — E os nomes da Tribo da Água são difíceis de pronunciar.

— Claro. Para certas pessoas. Mas você sabe o nome, não sabe?

Irritado, Roku mudou de assunto enquanto começavam a caminhar de volta.

— Então, ouvi dizer que sua dobra de ar simplesmente parou de funcionar sem motivo?

— Há um motivo — murmurou Gyatso.

— E qual é?

— Você não entenderia.

— Por que não?

— Você é um mimado da Nação do Fogo — disse Gyatso, e embora ele mantivesse o tom leve, Roku detectou uma corrente de ressentimento real.

— Ei — disse Roku. — Pensei que os Nômades do Ar deveriam ser todos gentis e amigáveis?

— E minha dobra de ar não parou completamente de funcionar — acrescentou Gyatso, ignorando Roku. — Apenas às vezes.

— É por isso que eu nunca vi você usar seu planador — disse Roku.

— Certo. O último lugar onde você quer que sua dobra de ar falhe é quando está a centenas de pés acima do solo.

Logo, eles chegaram à praça da vila. Um silêncio

caiu sobre as pessoas, e todos os olhos se voltaram para Roku enquanto ele se aproximava. A multidão se abriu para que o Avatar pudesse se juntar à Irmã Disha e aos anciãos da vila no centro, sob o céu sem estrelas.

Roku tomou seu lugar e olhou para o povo. Ignorou Gyatso - que saltava periodicamente no fundo da multidão para fazer caretas engraçadas para Roku - e ficou mais ereto.

Fingir. Como Sozin. Ele podia fazer isso. Por dentro, ele se contorcia sob a atenção inabalável de todos.

— Lembre-se — a Irmã Disha havia dito para acalmar seus nervos antes da primeira vez que ele teve que fazer um discurso —, *você é Kyoshi. Você é Kuruk. Você é Yangchen. Você é Szeto.* E assim por diante, até o início. As realizações deles são suas realizações.

Roku havia assentido gravemente, embora o sentimento não lhe trouxesse confiança adicional.

De pé diante do povo agora, ele pressionou um punho contra a base de sua palma aberta e fez uma reverência. Então, limpou a garganta.

— A tempestade tentou destruir... hum... este lugar — ele disse, esquecendo o nome da vila. — Mas não conseguiu, certo? Trabalhando juntos, nós a reconstruímos. — Ele abriu a boca para dizer mais — mas sua mente ficou em branco. Ele a fechou.

O silêncio se prolongou enquanto a multidão esperava que ele continuasse.

As pessoas se mexeram. Alguém coçou o braço. Alguém limpou a garganta. Alguém tossiu.

Roku olhou para a Irmã Disha, que ofereceu um leve aceno de encorajamento, então ele se virou para encarar seu público novamente.

— Então... acho que isso mostra... que o trabalho em equipe é realmente importante?

Alguém no fundo soltou um riso abafado - Gyatso, Roku suspeitava.

— Posso voltar a brincar agora? — uma garotinha tentou sussurrar.

— Shh — disse seu pai. — O Avatar ainda está falando... Acho.

Mesmo assim, Roku fez uma reverência mais uma vez.

— Obrigado — concluiu, esquecendo-se de aprofundar a voz desta vez.

— Isso é tudo? — alguém disse.

Uma salva de palmas dispersa seguiu, e então as conversas recomeçaram enquanto os moradores e os Nômades do Ar diziam seus adeuses finais. Depois que os anciãos se revezaram agradecendo ao Avatar por sua ajuda, a Irmã Disha se aproximou.

— Você vai melhorar com a prática.

Roku suspirou.

— Palavras não são meu forte. Talvez eu possa ser o tipo de Avatar que fala com ações. Mais um motivo para começar meu treinamento de dobra de ar?

A freira do ar colocou uma mão no ombro de Roku.

— Nossa respiração dá vida às nossas palavras tanto quanto às nossas ações. Deixe que ambas importem.



O ar ficava mais rarefeito e fresco conforme a Cordilheira Patola aparecia no horizonte. A coleção de picos íngremes semelhantes a pilares e cristas irregulares sobressaía acima das nuvens à distância, como um arquipélago de ilhas de pedra salpicadas com o último verde do verão.

Por todo o céu, os Nômades do Ar se endireitavam em seus bisões voadores e começavam a tagarelar animadamente. No entanto, a Irmã Disha e Roku permaneciam impassíveis — a primeira provavelmente porque dominava o princípio do desapego, e o segundo porque aquele lugar não era seu lar. Enquanto isso, Gyatso — que a Irmã Disha havia decidido que voltaria em Amra com ela e Roku — estava carrancudo.

Até mesmo os bisões voadores começaram a fazer loops e mergulhos, traçando arcos largos enquanto voavam pelo céu montanhoso familiar. Roku mal teve tempo de apertar o aperto na sela de Amra antes que ela mergulhasse,

fazendo seu estômago revirar e seu longo cabelo flutuar acima de sua cabeça como a cauda de um cometa.

Eles atravessaram o teto de nuvens e entraram em um vale exuberante, pontilhado de assentamentos aninhados nos sopés das montanhas. Alguns dos bisões voadores nivelaram-se, enquanto outros, como Amra, mergulharam baixo, voando perto o suficiente do chão para agitar as árvores, cujas folhas já formavam um mosaico vibrante de marrom, vermelho, laranja e amarelo. Os habitantes do vale — que estavam no meio de caminhadas, cozinhas, colheitas ou lavagens — olhavam para cima com largos sorrisos e acenavam.

Roku e os Nômades do Ar passaram pelo assentamento e voaram sobre os campos de cevada e taro além. Eles seguiram o rio brilhante que cortava o vale; alguns dos bisões voadores voavam tão baixo que deixavam as pontas dos pés tocarem a superfície da água antes de subirem novamente para o reino banhado pelo sol acima das nuvens.

Logo, o próprio Templo do Ar do Sul entrou em vista. Era uma coleção de altas torres brancas com pináculos azuis, agrupadas no topo de um dos picos mais altos. Escadarias de pedra íngremes, pontes arqueadas e túneis espirais conectavam um nível da comunidade em camadas ao próximo, interrompidos ocasionalmente por pátios ou terraços.

— Esta costumava ser minha parte favorita — resmungou Gyatso do seu lugar na sela, em frente a Roku. Seu cajado repousava em seu colo, seus olhos invejosos nos outros Nômades do Ar.

Roku seguiu seu olhar. Um por um, os outros se levantaram e saltaram de seus bisões voadores no ar fino. Eles abriram as asas de seus planadores enquanto caíam, arqueando para cima e voando em direção ao templo como um bando de garças.

— Em breve — consolou a Irmã Disha.

Gyatso desviou o olhar.

Livres de seus cavaleiros, os outros bisões voadores voaram para pastar, descansar ou brincar, acompanhados por vários lêmures alados que estavam tão felizes em ver seus amigos peludos quanto os Nômades do Ar estavam em ver seu templo.

Dobrando o ar ao redor de si mesma de maneira experiente, Amra desacelerou enquanto descia, pousando suavemente como um sussurro em um dos pátios do templo no nível mais baixo. Dois dos Monges do Ar que faziam parte do Conselho de Anciãos, Abade Rabten e Monge Youdron, esperavam para recebê-los ao lado de um carrinho cheio de repolhos. A Irmã Disha desceu suavemente da sela, enquanto Roku deslizou de maneira desajeitada, tropeçando ao tocar o chão. Ele estendeu a mão para ajudar Gyatso, mas Gyatso pulou sozinho, fez

uma reverência aos monges anciãos e desapareceu no templo.

O Abade Rabten suspirou enquanto observava o garoto ir embora.

— Ainda sem progresso? — perguntou ele à Irmã Disha enquanto o Monge Youdron começava a jogar repolho após repolho na boca de Amra.

— Receio que não — disse a Irmã Disha, coçando Amra atrás dos chifres, fazendo a besta resmungar contente enquanto continuava a comer.

Se Roku não estivesse lá, tinha certeza de que eles poderiam ter tido a mesma conversa sobre ele em vez de Gyatso. Mas como ele estava, cumprimentou os monges educadamente e suportou suas perguntas sobre sua primeira temporada completa de missões de socorro com os Nômades do Ar.

Sim, foi instrutivo, tornou-o mais humilde.

Sim, era bom ajudar os necessitados, independentemente da nação.

Mas, sim, claro, tratava-se de ajudar porque estamos todos conectados e não por causa do sentimento que a ajuda nos dá.

Sim, a Irmã Disha era uma excelente professora. Ele já havia aprendido muito com ela.

Sim, ele continuaria a meditar e refletir sobre suas experiências.

Sim, ele estava ansioso para uma temporada de estudo e treinamento no templo antes de outra temporada de missões de socorro.

Sim, ele estava cansado da longa jornada e precisava descansar.

Depois de um tempo adequado, Roku pediu licença para ir meditar. Agradeceu a Amra e à Irmã Disha, depois voltou aos seus aposentos.

Era um quarto pequeno e simples, mobiliado com uma cama, uma escrivaninha, uma almofada de meditação tecida com lã de bisão voador e um penico. Os tetos eram abobadados, o chão e as paredes nus. O ar e a luz fluíam livremente pelas janelas abertas cortadas na pedra, tornando-o perpetuamente ventilado. Embora localizado nos níveis inferiores da torre central do templo, os móveis eram quase indistinguíveis de qualquer outro quarto que Roku conseguira espiar.

Os Nômades do Ar hospedarem o Avatar em um lugar tão triste o surpreendeu inicialmente. Depois, ele soube que havia um quarto muito mais bonito reservado permanentemente para a encarnação atual do Avatar — mas a Irmã Disha insistiu que ele ainda não tivesse permissão para usá-lo. O ressentimento substituiu a surpresa.

Aparentemente, uma das muitas lições de humildade.

A lição mais recente: uma batida em sua porta.

Roku a abriu e encontrou um jovem monge surpreen-

dentemente musculoso cujo nome ele não conseguia lembrar, segurando uma pequena caixa de madeira. Ele fez uma reverência e passou a caixa para Roku junto com uma breve nota. Roku agradeceu ao monge forte, fechou a porta e levou a caixa para sua escrivaninha. Intrigado, leu a nota:

Avatar Roku,

Esta caixa contém rolos de mensagens que chegaram para você enquanto viajavamos.

Algumas vêm de seus amigos e familiares na Nação do Fogo. Outras são de pessoas ao redor do mundo que buscam a ajuda do Avatar com uma questão ou outra. Você me perguntou como poderia aprender o desapego. Aqui está um modo de começar: não leia nenhum deles.

irmã Disha

Roku colocou a nota de lado, sentou-se na almofada de meditação na posição de lótus e fechou os olhos. Ele respirou profundamente várias vezes para se centrar e limpar a mente. Seu treinamento de dobra de fogo o havia ensinado a focar na pausa após cada inalação, transformando cada respiração em energia potencial para dobrar fogo.

Em vez disso, ele tentou fazer como a Irmã Disha o encorajava e mudar o foco para o momento após cada exalação. O vazio, a leveza, o desapego.

Mas sua mente queimava de curiosidade sobre o conteúdo das mensagens. Ele não se importava com o que seus pais tinham a dizer, mas ansiava por ler palavras reconfortantes de sua avó. Sozin certamente já teria escrito várias mensagens, e Roku estava ansioso para ouvir seu amigo reclamar sobre como o Senhor do Fogo não estava confiando a ele responsabilidades suficientes, brincar sobre como Roku devia estar mal adaptado a uma vida ascética com os Nômades do Ar e compartilhar notícias de seus colegas de classe.

Talvez houvesse até uma nota de Ta Min. Não era provável, mas quem sabe.

Roku também se perguntava sobre a amplitude dos pedidos de ajuda que ele já poderia ter recebido. Era possível que a caixa contivesse um apelo de um dos monarcas do Reino da Terra ou de um dos chefes da Tribo da Água.

Será que a Irmã Disha estava falando sério — ela realmente esperava que ele ignorasse aqueles que o amavam e aqueles que poderiam precisar de sua ajuda?

Roku respirou fundo mais uma vez e abriu os olhos. Ele voltou para a escrivaninha, levantou a tampa da caixa e inalou o cheiro de tinta e pergaminho. Não poderia fazer

mal folhear alguns. Depois de todo o trabalho que fizera em todas aquelas missões de socorro, certamente ele merecia isso.

Roku selecionou um que cheirava a casa, desenrolou a mensagem e começou a ler.

UM CAMINHO PARA SEGUIR



SOZIN CONTEMPLOU o tabuleiro de Pai Sho enquanto esperava sua vez. Ele estava sobre uma caixa baixa no centro da cabine apertada e sem janelas que ele alugou no navio. Do outro lado estava sua oponente, Dalisay, a tutora e ex-namorada de sua irmã. Ela decidia seu movimento enquanto divagava sobre as vantagens e desvantagens de diferentes processos na produção de aço. Kozaru, sua companheira robusta e de cabelo curto, observava o jogo enquanto se encostava na parede, os braços musculosos e marcados por cicatrizes de queimaduras cruzados sobre o peito.

Enquanto isso, uma vela tremeluzia em uma prateleira instável e a sala balançava suavemente com o mar.

Sozin havia feito um movimento péssimo com sua peça

de Lótus Branco na rodada anterior para testar Dalisay. Ela era a pessoa mais inteligente que ele conhecia, então não deveria ter problemas em perceber que poderia ganhar vantagem com uma Roda ou um Barco, peças que Sozin suspeitava que ela tinha, dadas as probabilidades das peças restantes. Mas Dalisay continuava com sua palestra, pousando os dedos elegantemente em uma peça, mudando de ideia e movendo-os para outra e depois para outra. Finalmente, ela concluiu o que estava dizendo sobre impurezas e ligas e colocou sua peça.

Sozin suspirou. Dalisay havia "ignorado" seu erro óbvio.

Ela não conseguia nem olhá-lo nos olhos.

Roku nunca o deixou vencer. Seus jogos eram disputados, durando horas e frequentemente terminando em empate. A última vez que jogaram foi algumas noites antes da partida de Roku. Sozin havia exagerado com seu estilo agressivo e implacável, e a abordagem mais paciente e conservadora de Roku valeu a pena quando ele formou um Anel de Harmonia que Sozin não havia percebido. Sozin incendiou o tabuleiro e acusou Roku de trapaça, enquanto Roku simplesmente se recostava com um sorriso autossatisfeito e os dedos entrelaçados atrás da cabeça.

— Na próxima vez — Sozin havia ameaçado.

Agora, Sozin desviou o olhar de Dalisay para Kozaru. Esta última era péssima em Pai Sho, o tipo de jogadora que

conhecia as regras, mas não tinha desejo de melhorar. Mas pelo menos sua derrota no jogo anterior havia sido honesta.

Sozin coçou o queixo e olhou novamente para o tabuleiro, fingindo refletir sobre seu próximo movimento para mascarar sua decepção.

O Senhor do Fogo Taiso sempre reforçou para o Príncipe Sozin a importância de se cercar de pessoas leais que poderiam servi-lo bem no futuro, e agora ele estava se perguntando se havia cometido um erro ao recrutar essas duas.

Quando Dalisay e Zeisan estavam namorando, sua irmã não parava de falar sobre a garota brilhante que havia ascendido da classe servil na Ilha Ember. Mas de que adiantava sua inteligência se ela se continha?

Kozaru, por outro lado, chamou a atenção de Sozin depois de derrotar um dos seus tutores particulares de dobra de fogo em um Agni Kai alguns anos atrás. Ela era uma lutadora formidável, mas Roku havia resumido de maneira concisa a preocupação mais premente da primeira vez que a conheceram:

— Ela parece ser do tipo que cortaria sua garganta por uma moeda de prata e uma galinha-porca saudável.

Novamente, Sozin suspirou.

Ele estava prestes a iniciar uma sequência de movimentos que encerraria aquela farsa em mais três rodadas, quando o barco deu um tranco para a frente. O tabuleiro de

Pai Sho deslizou da caixa, espalhando as peças e fazendo-as escorregar pelo chão de madeira enquanto Sozin, Kozaru e Dalisay se seguravam nas paredes estreitas para se manterem em pé. Passos caóticos começaram a soar pelas tábuas do convés acima.

— Veja o que foi isso — ordenou Sozin a Kozaru.

Mas antes que ela pudesse se mover, a capitã do juncó, uma pirata de aparência rude, irrompeu pela porta.

— Chegamos, Lee — foi tudo o que ela disse antes de desaparecer.

"Lee" era o nome falso que ele usara ao contratar o navio.

Porque, embora a Marinha da Nação do Fogo estivesse geralmente à sua disposição como príncipe, aquele não era um negócio oficial da Nação do Fogo. Na verdade, o Senhor do Fogo havia expressamente negado o pedido de Sozin para usar um navio, já que estavam esticados ao máximo com as Rebeliões das Ilhas Exteriores.

Então, ele recrutou Dalisay e Kozaru, vestiu todos com roupas de plebeus e pagou a uma pirata o suficiente para seguir ordens sem fazer perguntas.

Em um momento, Sozin descobriria se o pagamento tinha valido a pena.

Seguido por Kozaru e Dalisay, ele subiu os estreitos degraus até o convés e emergiu em uma névoa tão densa que a os membros da tripulação pareciam espíritos apare-

cendo e desaparecendo enquanto corriam e içavam as velas nervuradas do junco ao som de lona farfalhando, cordas zunindo e polias chacoalhando. A névoa era tão espessa que nem as extremidades do navio eram visíveis de onde ele estava, muito menos as ondas sobre as quais a embarcação navegava ou qualquer terra que pudesse estar no horizonte.

Ele esperava por isso. De acordo com o que lera, a névoa envolvia perpetuamente a ilha, mantendo-a escondida por milhares de anos, exceto para aqueles que conheciam suas coordenadas exatas. Para qualquer navio que se deparasse com ela, parada no meio do mar como uma nuvem imóvel, era uma decisão fácil evitar seus perigos desconhecidos.

Ainda assim, a névoa por si só não significava que aquele era o lugar, então Sozin reprimiu sua crescente excitação enquanto se aproximava da capitã, erguendo-se ao máximo de sua altura.

— Lançamos âncora — explicou ela sem tirar os olhos de algum ponto obscuro na distância. — Este é o mais próximo que estou disposta a chegar.

— Tem certeza de que esta é a ilha certa?

— Tenho certeza de que estamos exatamente aqui. — Ela apontou para o ponto marcado no mapa antigo que ele fornecera, depois lhe devolveu o mapa. — Se há uma ilha no meio daquela sopa de espíritos, cabe a você descobrir.

— O barco de desembarque está pronto e abastecido com provisões? — perguntou Dalisay.

A capitã assentiu.

— Como podemos confiar que você não levantará âncora e navegará embora no momento em que sairmos do seu navio? — questionou Kozaru, com um olhar ameaçador.

A capitã zombou.

— Porque eu preciso da outra metade do meu pagamento para comprar aquela *villa* na capital que estou de olho.



A capitã havia oferecido alguns membros de sua própria tripulação - por uma taxa adicional, é claro - para ajudar a guiar o barco de desembarque com segurança até a praia. Sozin recusou. Eles não precisavam de ajuda. Viver em um arquipélago significava que quase todos os Cidadãos do Fogo sabiam manejar um remo, e eles não eram exceção. Além disso, já era arriscado o suficiente que uma tripulação inteira de piratas soubesse da existência da ilha. Ele não precisava de nenhum deles bisbilhotando para descobrir seu verdadeiro valor.

Os três pegaram suas mochilas e subiram no pequeno barco. Os piratas os baixaram até que atingissem a super-

ficie da água com um solavanco. Kozaru desamarrou as cordas, empurrou o barco e sentou-se com um remo, enquanto Dalisay pegou o outro. Sozin posicionou-se na proa e olhou adiante. Ele só conseguia ver alguns metros de ondas em qualquer direção antes que tudo se dissolvesse na parede cinza-branca de neblina.

— Se você nos contar o que está procurando, podemos ser mais úteis — Dalisay sugeriu enquanto ela e Kozaru começavam a remar, o barco balançando com o mar.

Sozin apertou os olhos para enxergar à frente.

— Como eu disse antes, algo muito importante.

— Por mais satisfatória que tenha sido essa explicação, o que poderia estar aqui? — Kozaru adivinhou. — Um dragão?

— Quando você precisar saber mais, eu lhe direi mais — disse Sozin, suas palavras afiadas e finais.

Dalisay soltou um suspiro frustrado e continuou remando.

Sozin não confiava totalmente nelas ainda, e essa era parte da razão pela qual não revelava mais. A outra razão ele nunca admitiria em voz alta.

Desde a partida de Roku, três meses atrás, o Senhor do Fogo Taiso continuava incomodando Sozin para escrever para seu amigo e manter a força de seu vínculo. Mas, mensagem após mensagem sem resposta, a decepção do Senhor do Fogo aumentava. Se Sozin e Roku não manti-

nham mais uma relação, então talvez a Nação do Fogo não teria outro Avatar como Grande Conselheiro. Talvez seu pai achasse que havia superestimado Sozin.

Sozin, no entanto, nunca desistiu. Ele encontraria uma maneira de se tornar indispensável para seu pai e sua nação. E a inspiração de como ele poderia fazer isso veio de uma lembrança.

Quando eram mais jovens, Sozin, Yasu e Roku deslizavam pelas passagens secretas do palácio e se esgueiravam até as Catacumbas dos Ossos de Dragão, sob o Alto Templo. Além da simples emoção de estar em um lugar proibido, os meninos adoravam ler os pergaminhos restritos que os Sábios do Fogo guardavam entre os ossos dos ancestrais de Sozin.

Como muitos jovens da Nação do Fogo, os meninos já conheciam as histórias dos heróicos mestres de dobrar fogo que podiam respirar fogo, produzir chamas azuis ou canalizar raios. Mas, através dos textos antigos, eles descobriram habilidades de dobra de fogo ainda mais raras, como o poder de voar, a habilidade de fazer um alvo distante explodir, maneiras de aproveitar o poder de um cometa e até mesmo um método para prolongar a vida indefinidamente. Sozin estava convencido de que era possível aprender esses poderes, mas Yasu sempre sustentava que eram pura ficção. Roku, por sua vez, não se importava, de qualquer maneira. Ele estava feliz em acompanhar.

Foi em uma dessas aventuras que Sozin encontrou um pergaminho da Era Szeto intitulado *A Longa Estrada*, escrito por alguém chamado Asho. Era um diário de viagem que detalhava a jornada do autor pelo mundo, contando seus encontros com todos os tipos de pessoas exóticas e espíritos fantásticos ao longo do caminho. Era bastante divertido — humorístico e picante — mas apenas uma das histórias ficou com Sozin ao longo dos anos.

Asho escreveu sobre ser contratado para investigar o caso de um navio inteiro com uma tripulação de mais de duzentos que havia desaparecido. Ele seguiu as pistas até uma densa neblina no meio do mar. Após seu próprio navio colidir diretamente com uma rocha maciça que ninguém havia visto, a tripulação abandonou a embarcação afundando.

Asho foi parar em uma ilha montanhosa com neblina tão espessa que ele não podia ver suas próprias mãos na frente do rosto. Ele vagou pela névoa por dias antes de encontrar um caminho estreito que levava a uma vila aninhada em um vale. As pessoas — que nunca tinham visto ninguém do mundo exterior antes — o receberam como um rei. Ele passou vários dias como seu hóspede de honra, durante os quais descobriu que seus dobradores tinham poderes mil vezes mais fortes do que qualquer um que ele já havia visto antes. Dobradores de Água que podiam controlar o clima. Dobradores de Ar que podiam

comandar tufões. Dobradores de Terra que podiam produzir — ou afundar — ilhas.

E Dobradores de Fogo que podiam mover o sol.

O chefe adorava tanto Asho que concordou em ensinar o forasteiro a fortalecer sua dobra de fogo — isto é, até pegá-lo dormindo com sua filha. Asho mal escapou da ilha com vida.

Foi com essa história em mente que Sozin abordou seu pai algumas semanas atrás. O Senhor do Fogo estava sentado vários degraus acima, no trono imperial, a escultura ornamental de um enorme e feroz dragão dourado pairando sobre ele.

— Diga-me que você finalmente teve notícias de Roku — disse o Senhor do Fogo, olhos âmbar ardendo com desapontamento antecipado.

Sozin se ajoelhou.

— Ainda não, Pai.

O Senhor do Fogo franziu a testa.

— Então, o que é?

— Gostaria de permissão para pegar um navio.

— Para quê?

Sozin clareou a garganta, então gaguejou através de um resumo da história de Asho sobre a ilha enevoadada. Fazia anos desde que ele a lera, mas recordava cada detalhe perfeitamente devido à sua habilidade incomum de lembrar tudo o que lia. Quando chegou ao fim, declarou:

— Gostaria de procurar a ilha.

O Senhor do Fogo Taiso não disse nada por um longo tempo. Apenas olhou para seu filho com completo e total desapontamento. — Não.

— Não?

— Não.

Sozin entendeu que a única palavra era uma dispensa. Mas ele não se moveu.

— Por que não?

— “Por que não?” — O Senhor do Fogo Taiso zombou. — Você não vai desperdiçar seu tempo e os recursos da nossa nação perseguindo alguma fantasia infantil. — Ele balançou a cabeça. — Você realmente acredita que um Dobrador de Fogo pode ficar forte o suficiente para mover o sol?

— Eu acredito. — As palavras de Sozin eram firmes.

— Então você é tão tolo quanto eu temia. — As chamas aumentaram nas brasas que alinhavam a sala do trono.

Sozin abaixou o olhar.

O Senhor do Fogo Taiso manteve o silêncio, deixando o insulto queimar o ar entre eles. Finalmente, ele disse: — Você não pode se apoiar apenas em seu direito de nascença, Sozin. É óbvio para todos que Zeisan seria uma líder muito melhor — infelizmente ela não nasceu Dobradora de Fogo, então os clãs e sábios nunca a seguirão. Mas você também não ganhará a lealdade verdadeira deles caso se torne

amplamente conhecido que você acredita em tais absurdos. Uma nação é tão forte quanto seu líder. Portanto, nunca mais fale sobre isso. Vá. Invista seu tempo estudando história, filosofia, economia, ciências. Assuntos apropriados para um futuro Senhor do Fogo. E escreva outra carta para Roku. Não venha diante de mim novamente sem a resposta dele.

— Sim, Pai — disse Sozin, levantando-se rapidamente e saindo.

Mas ele não tinha intenção de ouvir seu pai. Em vez disso, espalhou a notícia entre seus contatos mais sórdidos de que pagaria generosamente por qualquer coisa escrita por um homem chamado Asho. Em poucos dias, um mapa antigo chegou às mãos de Sozin. Ele mostrava o mar a sudeste da Nação do Fogo e mostrava várias ilhas ao longo de uma porção da cadeia vulcânica de Sibuyan que Sozin nem sabia que existia, cada uma rotulada com a mesma caligrafia de *A Longa Estrada*.

E ao redor de uma dessas ilhas, Asho havia desenhado neblina em espiral.

E agora, com a água sob o barco de desembarque ficando rasa, Sozin tinha certeza de que havia encontrado a ilha na vida real.

Kozaru e Dalisay remaram o barco habilmente além da boca rochosa de uma pequena enseada e através das águas calmas da baía. Eles pularam e arrastaram o barco até a praia.

Sozin jogou sua mochila no ombro, embainhou sua espada e pisou na areia com um senso de importância histórica. Não era com uma resposta de Roku que ele voltaria para o Senhor do Fogo Taiso, mas com uma dobra de fogo forte o suficiente para mover o sol. E quando esse dia chegasse, seu pai não lamentaria mais a falta de dobra de fogo de Zeisan nem repreenderia Sozin sobre o que um líder de nação precisava.

— Para onde agora, Príncipe Sozin? — perguntou Dalisay.

O ar estava úmido e ainda espesso com neblina. O sol da manhã pairava baixo no horizonte, um brilho tênue, quase imperceptível. Embora ouvissem ondas quebrando atrás deles e cantos de pássaros à frente, podiam ver apenas alguns metros em qualquer direção. Isso dava a impressão de que a pequena faixa de praia onde estavam era tudo o que existia. Um exército inteiro poderia estar acampado a trinta metros abaixo da costa e eles não conseguiriam se ver.

— Sigam-me— disse Sozin. — E estejam preparadas...

— Para o quê? — perguntou Kozaru, estalando os dedos.

— Qualquer coisa. Qualquer pessoa.

— Ah, então há algo importante nesta ilha e a ilha é habitada — observou Dalisay enquanto enrolava sua corda com dardo. — Bom saber duas coisas sobre este trabalho.

— Você também sabe que está coberta de neblina — disse Sozin, examinando seus arredores muito limitados. — São três.

— Acho que preciso começar a anotar tudo isso.

Kozaru riu de algum lugar na neblina onde tinha ido procurar uma árvore para amarrar o pequeno barco. Ela reapareceu alguns momentos depois sem a corda, presumivelmente tendo cumprido a tarefa.

— Vamos — disse Sozin, começando a se afastar da água.

Kozaru e Dalisay o seguiram. A areia e a praia deram lugar ao solo e palmeiras. O som das ondas quebrando desapareceu, substituído pelo canto dos pássaros e pelo zumbido dos insetos. A vegetação tornou-se mais densa, as árvores mais altas, seus troncos e galhos cobertos de musgo verde vibrante. Sozin e Kozaru logo tiveram que usar sua dobra de fogo para queimar as vinhas e o mato que começavam a obstruir o caminho.

Tudo o que Asho havia dito era que ele se perdeu nas montanhas e encontrou um caminho que levava a uma vila aninhada em um vale. Então, Sozin considerou um bom sinal quando começaram a subir uma colina.

Ao lado de um pequeno riacho, comeram um rápido almoço de fatias de pepino, bolinhos de arroz, carne seca de rinoceronte-komodo e chá, depois continuaram a andar. A luz do dia começou a escurecer. Os pássaros ficaram quie-

tos, os insetos mais altos. Ao longe, alguma criatura invisível soltou um uivo terrível, fazendo os pelos da nuca de Sozin se arrepiarem.

— Parece um macaco-porco — Dalisay adivinhou.

— Parece jantar — disse Kozaru, coçando seu cabelo curto e desgrenhado.

Sozin não disse nada.

Sopa espiritual, dissera o capitão pirata sobre a neblina.

Havia, de fato, algo inumano naquele lugar. Quanto mais tempo passavam na névoa e mais fundo viajavam, mais Sozin se sentia perturbado por sua energia estranha. Mas, quando a noite caiu, a névoa inexplicavelmente se dissipou. Qualquer alívio que Sozin sentisse, no entanto, foi atenuado pela constatação de que a escuridão era tão completa que, mesmo com a luz das chamas que ele e Kozaru seguravam nas palmas das mãos, sua visibilidade era tão limitada quanto na névoa.

— Este pode ser um bom lugar para descansar esta noite — sugeriu Dalisay enquanto eles entravam em uma pequena clareira, um pedaço de céu estrelado visível acima. O chão estava cheio de pedras e rochas, mas não demorou muito para eles encontrarem algumas áreas planas com espaço suficiente para três sacos de dormir.

Sozin concordou com a cabeça.

Eles deixaram suas mochilas no chão, alongaram os membros e montaram o acampamento. Fariam o jantar,

dormiriam em turnos e, pela manhã, encontrariam o caminho.



Sozin acordou no meio da noite com o rosto de Kozaru a poucos centímetros do seu.

— Tem algo lá fora, chefe — ela sussurrou, com o hálito quente cheirando a carne de rinoceronte de Komodo.

Silenciosamente, Sozin pegou sua espada e se levantou. Ao seu lado, Dalisay já estava de pé com sua dardo de corda em suas mãos esbeltas. Seus ouvidos se esforçavam enquanto seus olhos vasculhavam as sombras além das brasas incandescentes da fogueira do acampamento.

Eles ficaram imóveis. Por muito tempo, não ouviram nada além dos sons habituais da noite. Mas então veio o som inconfundível de folhas farfalhando e galhos quebrando. Algo — ou alguém — estava correndo em direção a eles pela vegetação.

Eles se espalharam em posições de combate e enfrentaram a ameaça que se aproximava, Sozin no meio.

O farfalhar rápido ficou mais alto, mais próximo.

O que quer que estivesse se aproximando, estava se movendo rápido e chegaria a eles em segundos.

Dalisay começou a girar seu dardo de corda. Kozaru

cerrava os punhos. Sozin respirou fundo e ajustou seu aperto na espada.

Três porcos-vaca selvagens dispararam do meio da vegetação. Eles correram pastos os três membros da Nação do Fogo e desapareceram de volta na escuridão.

Dalisay acenou com a cabeça na direção dos animais.

— *Eles* poderiam ser o jantar.

Kozaru começou a ir atrás deles, mas, então, duas pessoas surgiram do mato de onde os porcos-vaca tinham aparecido. Eles pararam ao ver Sozin e seus companheiros, os olhos arregalados. Eram homens mais velhos e musculosos — um alto, outro baixo — respirando com dificuldade em armaduras verde e amarelo pálido do Reino da Terra, que pareciam já ter visto dias melhores. Deviam ter estado caçando os porcos-vaca, Sozin percebeu.

— Quem são vo... — começou a dizer o mais alto dos dois.

Mas antes que ele pudesse terminar, o dardo de corda de Dalisay voou em direção ao coração do homem alto, enquanto Kozaru desferia rápidos jatos de fogo no mais baixo. Um escudo de rocha ergueu-se do chão, desviando ambos os ataques, e então voou para frente. A corda de Dalisay enrolou-se em seu braço enquanto ela girava para desviar, e Kozaru deu um chute lateral que reduziu a parede a escombros.

Sozin sentiu um choque de excitação.

Dobradores.

Ele os havia encontrado.

Mas por que estavam usando uniformes militares do Reino da Terra?

Sozin começou a gritar para que todos parassem de lutar quando o homem alto lançou vários fragmentos de rocha afiados em sua direção. Sozin se esquivou, e eles se cravaram no tronco da árvore atrás dele como uma dúzia de facas de arremesso. Deixando Kozaru e Dal lidarem com o Dobrador de Terra mais baixo, Sozin avançou em direção ao mais alto, ansioso para se testar contra a dobra de terra aprimorada.

O Dobrador de Terra lançou uma pequena rocha. Sozin cortou-a com sua espada, transformando-a em pó. Recuando, o Dobrador de Terra lançou mais duas. Sozin as desviou com facilidade e continuou avançando. O Dobrador de Terra lançou uma pedra do tamanho de um urso-armadilha. Sozin se jogou para frente e rolou por baixo dela, começando a sentir uma pontada de decepção. Talvez esta não fosse a ilha certa, afinal.

O Dobrador de Terra se armou com rocha enquanto Sozin saía da rolagem e desencadeava uma série ininterrupta de cortes, socos e chutes. Metal batia contra pedra. Fogo crepitava, queimando a rocha. Sozin desferia golpe após golpe, mas nem a lâmina nem as chamas penetravam a armadura.

Enquanto Sozin tomava um momento para reavaliar, o Dobrador de Terra passou ao ataque. Ele balançava punhos pesados em amplos arcos, que Sozin facilmente se abaixava e esquivava.

— Pegamos o baixinho! — Kozaru gritou à distância. — Estamos indo até você!

O Dobrador de Terra aproveitou o momento de distração de Sozin e o acertou no centro do peito com um punho encapado de rocha. Sozin voou para trás e caiu no chão com força, o ar saindo de seus pulmões, seu coração parecendo ter parado.

Antes que Sozin pudesse se levantar, o Dobrador de Terra o agarrou do chão e o envolveu em um abraço esmagador. Cada osso do corpo de Sozin parecia à beira de estalar ou se desfazer, cada órgão como se estivesse prestes a explodir. Sua visão começou a se estreitar enquanto ele começava a perder a consciência.

Mas antes que perdesse, ele respirou fundo.

Canalizando o que restava de sua energia, Sozin liberou um súbito pulso de calor. A onda quebrou a armadura do Dobrador de Terra e os separou.

Ignorando a dor que pulsava em seus músculos, Sozin pulou de pé, correu até o Dobrador de Terra caído e agarrou o homem pelo colarinho.

— Achei que você deveria ser mais forte — disse Sozin.

O Dobrador de Terra apenas gemeu, os olhos desfocados.

Sozin olhou para o corpo do homem. Vários fragmentos da pedra que haviam protegido seu corpo momentos antes agora estavam cravados em seu estômago, e ele estava sangrando lentamente. Ele não tinha muito tempo.

— Onde está sua vila? — perguntou Sozin.

— Q-q-que? — o homem balbuciou. — Vila?

— Onde. Você. Mora.

— Nós não... nós não moramos aqui.

A confusão tomou conta do rosto de Sozin. — O que você quer dizer?

O homem tossiu várias vezes. Sangue escorreu de sua boca.

— Estamos aqui com o... Reino...

Sua boca ficou mole. Seus olhos ficaram vidrados. Sua respiração parou.

Sozin soltou o colarinho do homem, deixando o corpo cair sem vida no chão. Então, ele se levantou e deu alguns passos para trás.

O alívio por ter sobrevivido veio primeiro. Então, um horror oco correu por suas veias até que tanto seu corpo quanto sua mente ficassem dormentes. Embora não intencional, era a primeira vida que ele havia tirado.

Kozaru e Dalisay chegaram alguns momentos depois, Kozaru arrastando um corpo atrás dela. Ela o largou ao lado

do homem que Sozin acabara de matar, então deu um forte tapa nas costas de Sozin.

— Olha só, matador! Acho que você é mais do que um príncipe mimado.

Sozin piscou, emergindo de seu choque. A alegria de Kozaru era avassaladora, um sinal claro de que seu respeito por Sozin havia crescido. Mas o rosto de Dalisay estava pálido, e ela mantinha distância deles. *Ela* não estava impressionada com Sozin — mas agora o temia de uma nova maneira. O que, Sozin supôs, era outra forma de respeito. Matar era realmente tudo o que precisava?

Sozin limpou a garganta e forçou um sorriso.

— Nenhuma equipe para o Príncipe da Nação do Fogo — declarou. Então, seu olhar caiu sobre a armadura desgastada que cobria os mortos. — Mas o Reino da Terra está aqui. Isso muda as coisas.

— O que você quer fazer? — perguntou Dalisay, claramente ainda abalada pela violência repentina.

— Encontrar a base deles e queimá-la até o chão — sugeriu Kozaru.

— Eu não estava perguntando para você.

Sozin revisou os fatos. Aqueles homens não eram habitantes nativos. Eles usavam armaduras antigas do Reino da Terra. Estavam caçando porcos-vaca selvagens nas montanhas no meio da noite.

— O Exército do Reino da Terra deve ter estabelecido

uma presença aqui em algum momento — disse ele. — Um posto militar, mas não muito importante.

— Certo — confirmou Dalisay, voltando a si agora que sua mente estava funcionando novamente. — Caso contrário, eles estariam estocados com provisões suficientes para que seus soldados não precisassem vasculhar as montanhas em busca de comida. Você acha que eles estão aqui pelo mesmo "algo importante" que você está procurando?

Sozin coçou o queixo.

— Talvez. É mais provável que eles tenham tropeçado na ilha por pura sorte e estão tentando reivindicá-la para o Reino da Terra.

Kozaru bateu o punho na palma da mão. — Então vamos rastrear quem mais eles têm aqui e lembrá-los de quem realmente a possui.

— E começar uma guerra? — perguntou Dalisay.

Sozin precisava tirar o Reino da Terra da ilha, mas Dalisay tinha razão. No melhor dos casos, enfrentar suas forças diretamente certamente atrairia a atenção do Senhor do Fogo para suas atividades não autorizadas. No pior, isso destruiria quase duzentos anos de paz.

Teria que ser feito discretamente, e não poderia ser rastreado até Sozin ou a Nação do Fogo.

— Voltaremos ao navio — decidiu Sozin finalmente.

Dalisay e Kozaru trocaram olhares confusos.

— Espere... estamos recuando? — perguntou Kozaru, incrédula.

Sozin balançou a cabeça. Ele nunca desistia. Se o caminho estava bloqueado, ele encontrava um jeito de passar. E a sugestão de Kozaru lhe dera uma ideia de qual poderia ser esse jeito.

O único problema era que isso exigiria que Sozin fizesse algo que não queria: seguir o conselho de seu pai.

A VISITANTE



ROKU ESTAVA no meio da varredura quando ouviu passos se aproximando sobre o som do atrito da vassoura. Era o Abade Rabten, com seu rosto de querubim, o Monge do Ar responsável pelo Templo do Ar do Sul.

— Bom dia, Avatar Roku — disse ele, com uma profunda reverência.

Roku pausou a tarefa e retribuiu a saudação.

— O dia seria melhor se a Irmã Disha não tivesse me designado para limpar o crematório de novo.

O Abade Rabten olhou ao redor casualmente. Era um pavilhão pequeno, com uma torre azul, separado dos edifícios principais no topo de um pico vizinho menor. Havia espaço para as pessoas se reunirem, cercado por um pequeno e bem cuidado jardim. O

chão de pedra era esculpido da montanha, chamuscado e coberto de cinzas no centro devido às incontáveis piras funerárias que haviam queimado ao longo dos séculos.

— Isso te incomoda? — perguntou.

Roku apoiou-se na vassoura.

— É um pouco perturbador.

— Por quê?

— Difícil dizer. Talvez por causa de toda a morte?

— A morte não é uma parte natural da vida?

— Claro.

— Inspiramos; expiramos — Abade Rabten explicou mesmo assim. — Pegamos emprestado da Terra; devolvemos à Terra. Somos físicos; somos espirituais. E quando deixamos este mundo, continuamos a existir de todas as formas vistas e não vistas nas quais influenciamos as vidas ao nosso redor.

— Certo — Roku disse, não alheio a essas lições. — Eu entendo.

Mas era óbvio que a tarefa era mais uma das tentativas da Irmã Disha de encorajar Roku a meditar sobre o princípio do desapareço. Com o acréscimo de provavelmente esperar que ele considerasse o papel do fogo no processo de cremação.

— Se você entende, então por que isso lhe causa desconforto?

Roku ficou tenso e voltou a varrer as folhas caídas e agulhas de pinheiro que o vento trazia.

— Pelo menos não foi usado há algum tempo — ele disse, desviando da pergunta.

Abade Rabten ficou em silêncio por alguns momentos, como se decidisse se deveria pressionar Roku a discutir o que ele claramente não queria falar. Em vez disso, ele riu suavemente.

— Mas é importante mantê-lo em ordem. Nunca se sabe quando um de nós, mais velhos, pode precisar dele. — Poupano Roku de ter que responder, ele continuou. — A razão pela qual estou aqui, no entanto, é para lhe informar que você tem uma visitante.

Atordoado, Roku parou de varrer novamente e olhou para cima.

— Uma visitante?

O Abade Rabten assentiu.

— Como? — Roku perguntou. Os templos do ar foram construídos em locais notoriamente difíceis de alcançar, acessíveis apenas àqueles que montavam animais capazes de voar ou escalar os penhascos mais íngremes. E antes que o abade pudesse responder, Roku acrescentou: — Quem?

Nenhuma das mensagens que ele havia recebido até agora, que ele continuava a ler apesar do conselho da Irmã Disha, indicava alguma emergência real. As de Sozin e sua família faziam parecer que suas vidas continuavam como

antes, como se ele nunca tivesse partido. As de pessoas pedindo ajuda eram assuntos menores, na maioria tentativas mal disfarçadas de obter a assistência do Avatar com situações que poderiam melhorar as perspectivas financeiras, sociais ou políticas do remetente.

— Uma jovem que encontrou um monge em uma das aldeias próximas e o convenceu a trazê-la em seu bisão voador — disse o Abade Rabten. — Ela disse que seu nome é Ta Min.

— Ta Min? — Roku repetiu. — Tem certeza?

O monge mais velho assentiu mais uma vez.

A ideia de ver Ta Min inesperadamente pessoalmente fez Roku vibrar de empolgação, mas também de confusão. Eles haviam frequentado os mesmos círculos sociais por anos, já que ambos os clãs ancestrais faziam parte da nobreza da Nação do Fogo, mas nunca haviam trocado palavras significativas. Roku tinha sido muito intimidado. Ela era inteligente demais, bonita demais, tudo demais. Mesmo quando Sozin continuava a cutucar Roku para tomar uma iniciativa depois que ele foi nomeado Avatar, Roku não conseguiu reunir a coragem. Então por que ela viria aqui agora?

— Irmã Disha, — acrescentou o Abade Rabten, — gostaria que mandássemos a jovem embora.

Roku bufou o mais respeitosamente que pôde. Ele estava farto das lições da Irmã Disha. Ele se sentiria dife-

rente se sua mestra de dobra de ar estivesse treinando-o em dobra de ar de verdade, mas ela continuava a manter que ele não estava "mental, emocional ou espiritualmente pronto". Além disso, na Nação do Fogo, seria considerado extremamente rude recusar um visitante que tivesse viajado tão longe, não importando quem fosse.

— Vou vê-la — disse Roku.

— Certo — disse o Abade Rabten com calma, sem trair qualquer indicação de seus sentimentos em relação à desobediência de Roku. — Pedirei que ela o encontre aqui assim que estiver pronta.

Roku olhou ao redor do crematório.

— Por favor, diga a ela que estarei no Jardim Flutuante.



Roku prendeu a respiração quando viu Ta Min. Ela atravessou o portão tori azul-celeste e cruzou uma das pequenas pontes que arqueavam sobre um lago de carpas, vestindo as roupas formais da Nação do Fogo, em camadas de carmesim, rubi e rosa pálido. Seu cabelo castanho escuro estava preso em um coque complicado, sustentado por dois espetos de cabelo dourados esculpidos, com algumas mechas soltas emoldurando seu rosto.

Ela parou a alguns passos de Roku, então se curvou à maneira da Nação do Fogo. Quando se levantou, sorriu.

Seus olhos cinzentos o examinaram, e seu olhar se fixou em uma das características que ele mais amava nela: a pinta que ficava abaixo do canto do olho esquerdo.

— Avatar Roku — cumprimentou.

Como um fogo revivido das cinzas, o anseio de Roku por uma vida diferente reacendeu, queimando mais forte do que nos primeiros dias no Templo do Ar do Sul. E com isso, o desejo pelo futuro que lhe fora roubado com o anúncio dos Sábios do Fogo — um futuro que poderia ter incluído Ta Min. Era quase suficiente para ele se arrepender de não ter seguido o conselho da Irmã Disha.

Quase.

Roku devolveu a reverência como um Nômade do Ar, fazendo o melhor para seguir o conselho de Sozin e fingir não estar nervoso.

— Bem-vinda ao Templo do Ar do Sul.

Entretida, ela examinou seu novo visual.

— Estranho vê-lo nas roupas dos Nômades do Ar. Elas são tão... confortáveis quanto parecem?

Roku olhou para sua roupa.

— São extremamente... arejadas. Infelizmente, não fazem muito pelo meu corpo.

Ela não discordou.

— Pelo menos você ainda tem seu cabelo. Eles não fizeram você raspá-lo?

Roku tocou a peça de cabeça do Príncipe Herdeiro e

depois passou os dedos pelo seu longo e sedoso cabelo preto.

— Avatares geralmente raspam quando treinam com os Nômades do Ar, mas não é uma exigência. Avatares do Fogo tradicionalmente não raspam.

— Faz sentido — disse ela. Os Cidadãos do Fogo consideravam o cabelo sagrado. Somente os membros mais próximos da família tocavam a cabeça uns dos outros. Cortá-lo além do comprimento costumeiro geralmente era um sinal de expiação pública. Quanto mais se cortava, mais profunda era a vergonha. Raspá-lo inteiramente significava uma completa renúncia — ou rejeição — da nacionalidade.

Ta Min suspirou.

— Sozin ficará desapontado, no entanto.

— Por quê?

— Ele estava ansioso para saber se sua cabeça era tão deformada quanto ele suspeitava.

Eles riram, e Roku percebeu o quanto sentia falta do sarcasmo cortante de sua terra natal. O senso de humor dos Dobradores de Ar era como o de crianças pequenas, rindo de coisas simples e diretas. Jogos de palavras. Soltar gases. Filhotes de bisões voadores ou lêmures alados rolando enquanto brincavam. Coisas desse tipo. Eles não faziam piadas às custas dos outros, mesmo em brincadeira — com exceção de Gyatso.

Como se estivessem com o mesmo pensamento, Roku e

Ta Min começaram a passear pelo Jardim Flutuante lado a lado, sem que nenhum dos dois liderasse. Era a área favorita de Roku no templo, mesmo que fosse uma fração do tamanho dos Jardins Reais na capital. Havia as árvores habituais, arbustos floridos e pedras dispostas como ilhas em cascalho raked. Bancos, lagos de carpas, pequenos santuários, estátuas de vários animais e Nômades do Ar. Mas, como foi construído na encosta de uma montanha, o jardim era mais vertical do que qualquer outro que ele já tinha visto, com vistas surpreendentes dos picos circundantes de cada ponto ao longo de seus caminhos espiralados.

— Antes que você comece a se preocupar — disse Ta Min —, seus pais estão saudáveis e os negócios do seu clã estão prosperando. Na verdade, ouvi dizer que estão indo melhor do que nunca desde o anúncio.

— Isso é bom — disse Roku, sentindo uma leve pontada de vergonha. Estava tão animado para ver Ta Min que não tinha pensado em sua família.— Meu pai deve estar radiante. E como estão seus familiares?

— Estão bem também, obrigada.

A conversa ficou tensa, a estranheza ameaçando se infiltrar. Roku coçou a cabeça e tentou pensar em uma pergunta atenciosa. Mas tudo o que ele podia imaginar era Sozin rindo de sua falta de graça romântica.

— Como está indo o treinamento? — perguntou Ta Min primeiro. — Já dominou a dobra de ar?

— Está... progredindo.

— Fico feliz em ouvir. Talvez você possa me levar em um desses planadores depois? Sempre quis andar em um.

— Claro — disse Roku. Não tinha certeza se ela estava brincando, mas, se não estivesse, isso poderia motivá-lo a finalmente praticar a dobra de ar. Talvez ele pudesse pedir a um dos jovens Nômades do Ar para lhe dar aulas depois do jantar.

Ela sorriu e colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha.

— E como está a vida após se formar na Universidade? — perguntou ele. Sempre ficara fascinado pela decisão dela de frequentar a Universidade em vez da Academia, mesmo sendo uma Dobradora de Fogo. De fato, foi depois de ouvir sobre essa decisão que ele revelou sua paixão por ela a Sozin.

Ta Min balançou a cabeça.

— Frustrante.

— Oh?

Eles pararam em um pequeno lago. Carpas subiram à superfície, escamas brancas, douradas e negras brilhando na água. Suas bocas com bigodes buscavam ar, esperando serem alimentadas.

— Como você, meu pai está preso aos velhos hábitos.

Apesar da minha educação, ele se recusa a me deixar ajudar nos negócios do clã. Ele diz que, como filha mais velha 'nos meus anos de florescimento', eu deveria estar focada em conseguir um casamento adequado.

Roku engoliu nervosamente. Será que ele tinha perdido sua chance?

— Seu clã é um dos mais ricos da Nação do Fogo — disse ele, fingindo que seu ânimo não estava diminuindo. — Isso não deveria ser um problema.

— Geralmente, não. Mas ele está de olho em unir nosso sangue ao da família real.

Uma sensação terrível se instalou no estômago de Roku.

— Sozin.

Ta Min assentiu.

Mas Sozin sabia como Roku se sentia em relação a ela. Certamente, ele não trairia seu amigo mais próximo assim.

— E você...

— Não tenho intenção de me casar antes de estar pronta — interrompeu Ta Min. — E eu não estou pronta. Nada contra seu amigo.

— Você poderia fazer pior — disse ele, aliviado.

Ela lançou um olhar para Roku.

— Eu poderia fazer melhor.

Roku sorriu, esperança revivendo.

Eles continuaram passeando pelo jardim e logo chegaram ao portão que marcava seu fim. Com o jardim

situado na base dos terrenos do templo, uma camada de nuvens estava suspensa logo abaixo de seus pés. Era como se estivessem juntos na margem de algum mar suave.

— Mas ele é realmente o motivo de eu estar aqui — disse Ta Min, ajustando sua voz para um tom mais formal. — O príncipe Sozin, quero dizer.

— Ah — disse Roku, sentindo um lampejo de decepção por ela não ter vindo até aqui para professar seu amor eterno por ele. — Estou aqui para entregar uma mensagem.

— Teria sido mais fácil enviar um falcão.

— É uma mensagem importante — disse Ta Min, virando-se para Roku e juntando as mãos sob as mangas de suas vestes. — Uma que ele não quer que ninguém intercepte.

— Nem mesmo o Senhor do Fogo Taiso, imagino?

— Especialmente não o pai dele — confirmou Ta Min.

Roku riu. Por mais que Sozin desejasse a aprovação de seu pai, ele estava sempre desobedecendo o homem.

— O que ele está aprontando agora?

Ta Min olhou ao redor.

— Estamos sozinhos aqui?

Roku se virou para uma estátua próxima de um Dobrador de Ar em meditação, olhou para seu rosto de pedra e bateu duas vezes na testa com flecha.

— A menos que esses Dobradores de Ar sejam ainda

melhores em meditação do que sabemos, devemos estar bem.

Ta Min ignorou a piada.

— Sozin tem informações de que o Reino da Terra está tentando expandir suas fronteiras silenciosamente desde antes da morte de Kyoshi.

Roku acariciou o queixo enquanto considerava a notícia, esperando que Ta Min notasse sua nova barba. Não era surpreendente que o Reino da Terra tentasse expandir, dado seu apetite insaciável por recursos. E Roku tinha passado bastante tempo na biblioteca do templo lendo sobre as transições entre Avatares, então entendia que o período entre a morte do Avatar anterior e o amadurecimento da nova reencarnação era a oportunidade perfeita para bandidos, mercadores ou governos fazerem alguns movimentos. Nada muito ousado, no entanto, para não se tornarem o primeiro alvo do próximo Avatar. Como Kyoshi viveu até os duzentos e trinta anos, devia haver um grande número de pessoas ansiosas para avançar com seus esquemas.

— Agradeço a Sozin por me manter informado sobre os assuntos mundiais — disse Roku após alguns momentos —, mas imagino que haja mais na mensagem?

Ta Min assentiu.

— Algumas semanas atrás, uma patrulha da Nação do Fogo descobriu uma presença militar do Reino da Terra em

território da Nação do Fogo. Eles estão tentando roubar uma de nossas ilhas externas.

— Qual ilha? — perguntou Roku, surpreso com a audácia de tal movimento.

— Uma ilha sem nome na cadeia de Sibuyan, ao sul. Pequena o suficiente para não aparecer na maioria dos mapas.

— Habitantes?

— Um punhado de nativos não contactados — disse Ta Min. Então, ela entregou o pedido oficial. — Sozin quer que você viaje até a ilha e convença o Reino da Terra a sair e renunciar à sua reivindicação. Ele acredita que, se alguém pode fazê-los ver a razão e resolver isso pacificamente antes que se torne um incidente internacional, esse alguém é o Avatar.

Roku considerou o pedido enquanto um grupo de lêmures alados passava, suas sombras correndo pelas nuvens abaixo deles. Era possível que o Reino da Terra estivesse tentando reivindicar a ilha como Sozin pensava. Mas, dado que o lugar era remoto e pouco povoado, parecia mais provável que eles esperavam se infiltrar e extrair uma quantidade considerável de madeira, carvão e minério antes que a Nação do Fogo percebesse.

De qualquer forma, Sozin estava certo. Eles não podiam deixar o Reino da Terra roubar território ou recursos. Além da questão do orgulho, a terra era escassa na Nação do

Fogo. Cada ilha importava, mesmo que simbolicamente — daí a recente campanha do Senhor do Fogo para reprimir as Rebeliões das Ilhas Externas.

Roku também conhecia seu amigo bem o suficiente para adivinhar que Sozin havia trazido a questão a Roku em vez do Senhor do Fogo Taiso porque queria provar seu valor ao pai. A possibilidade de que o Senhor do Fogo pudesse punir Sozin por agir sem aprovação se ele falhasse não incomodaria Sozin. Sozin nunca considerava a possibilidade de falhar — porque nunca falhava.

Por outro lado, Roku não conseguia tirar a voz da Irmã Disha de sua cabeça. Independentemente da situação, como provaria a ela que ele havia se desvinculado de sua terra natal se a primeira missão do novo Avatar do Fogo após meses de silêncio fosse em defesa do território da Nação do Fogo? Como isso pareceria para o mundo?

— O que você acha? — perguntou Roku.

Ta Min respondeu sem hesitação.

— Se isso faz parte de um plano maior, deixar a presença militar do Reino da Terra permanecer em uma de nossas ilhas sem contestação poderia torná-los mais confiáveis e agressivos no futuro. Ainda assim, esta é uma situação delicada.

— Se você estivesse no meu lugar, o que faria?

— Se eu acreditasse que poderia convencer pacificamente o Reino da Terra a sair, eu o faria.

— E se não acreditasse?

— Então eu deixaria para o Príncipe Sozin.

Roku assentiu. Acariciou sua nova barba mais um pouco. Inspirou, expirou.

Será que ele conseguiria?

Já havia provado que não conseguia usar palavras com muito efeito. E embora fosse um mestre da dobra de fogo, estava longe de possuir o poder totalmente realizado de um Avatar, o tipo de poder que os outros temiam enfrentar. E se cometesse um erro que escalasse a situação e ameaçasse a paz duradoura que Avatar Kyoshi havia estabelecido?

Talvez não fosse uma preocupação tão grande quanto Sozin acreditava. Pelo menos, não tão grande que a situação exigisse a intervenção do Avatar no momento.

Ele decidiu.

— Sinto muito — disse ele a Ta Min, embora lhe doesse negar qualquer coisa a Sozin, ou a ela. — Não posso.

Ela se afastou da visão dos lêmures alados passando e encontrou seus olhos sem traço da brincadeira que tinham compartilhado antes.

— Posso perguntar por quê?

Roku considerou o quanto de seu raciocínio compartilhar, ciente de que Ta Min relataria tudo a Sozin. Era a primeira vez que ele se preocupava em esconder algo de seu amigo, entendendo implicitamente que as coisas eram mais complicadas agora.

No final, ele simplesmente disse:

— Preciso focar no meu treinamento no momento.

Ela se afastou.

— Entendo.

— Mas vamos manter um olho atento no Reino da Terra — acrescentou. — Se suas ações em relação ao nosso povo ou à nossa terra se tornarem mais agressivas, intervirei.

— O Príncipe Sozin ficará feliz em saber que a Nação do Fogo conta com seu apoio.

Eles começaram a seguir o caminho de volta para a entrada do jardim.

— Gostaria de poder dar-lhe uma mensagem melhor para levar de volta — disse Roku. — Sei que Sozin ficará insatisfeito.

Ela deu de ombros. Reajustou um dos espetos de cabelo dourados.

— É uma boa prática.

— Para quê?

— Ser diplomata — disse Ta Min. — É o que quero fazer com minha educação. O Príncipe Sozin prometeu me deixar começar a estagiar como uma após eu entregar esta mensagem a você.

— Ah, e se o futuro Senhor do Fogo considerar essa profissão adequada para você, quem são seus pais para discordar?

Ta Min sorriu, a brincadeira retornando.

— Exatamente.

Enquanto caminhavam, seus ombros se tocaram. Nenhum dos dois se afastou.

— Fico feliz que ele tenha escolhido você para trazer essa mensagem — disse Roku.

— Eu também — disse Ta Min.

— Já que você veio até aqui, talvez possa ficar alguns dias? A comida não é nada especial, especialmente o chá, mas os Nômades do Ar são anfitriões graciosos e as vistas são espetaculares.

Ta Min observou as montanhas ao redor que se erguiam acima das nuvens como uma constelação de velhos espíritos guardiões.

— Eu gostaria disso.

— Ah, e a biblioteca — acrescentou Roku, mesmo que ela já tivesse concordado em ficar. — Eles têm tantos pergaminhos que nunca vi em nenhuma coleção da Nação do Fogo. Você vai adorar.

— Sempre suspeitei que você fosse secretamente um rato de pergaminhos — disse Ta Min, divertindo-se com sua excitação juvenil pela biblioteca. — Mesmo que passasse a maior parte do tempo livre sem camisa no Pátio Real, lutando com o Príncipe Sozin.

— Oh, então você notou. — Roku levantou os braços e flexionou os músculos.

Ta Min revirou os olhos.

— Só preciso compor uma mensagem rápida para Sozin antes de você me mostrar o lugar.

— Não está preocupada com o falcão sendo interceptado?

— Vou manter a mensagem enigmática.

Roku assentiu.

— Diga a ele que raspei a cabeça e está tão bonita quanto um ovo de dragão.

— Não vou dizer isso — disse Ta Min antes de se afastar.

Ela estava apenas fora de vista quando a Irmã Disha apareceu em um dos outros caminhos do jardim. A pequena freira do ar caminhou até Roku, mãos cruzadas nas costas e um leve sorriso brincando em seus lábios.

— Sua amiga será uma diplomata formidável algum dia. As bochechas de Roku ficaram vermelhas.

— Quanto disso você ouviu?

— O suficiente.

— Alguma técnica secreta de escuta dos Dobradores de Ar?

— Algo assim. — Ela acenou na direção de onde viera.
— Meu lugar favorito para meditar é perto dos rododendros naquela esquina. Eles estão lindos nesta época do ano.

— Tomei a decisão certa? — perguntou Roku.

— Foi sábio não se envolver em uma disputa territorial

menor entre nações. Mesmo que o pedido tenha vindo de um amigo próximo.

Ele sorriu.

— Isso significa que estou pronto para aprender dobra de ar?

— Quase. Mas, em sua última garantia à jovem, você se referiu a 'nosso povo' e 'nossa terra' ao falar da Nação do Fogo.

O sorriso de Roku desapareceu. Não podia negar o que isso implicava.

Do nada, uma torta caiu do céu. Ela atingiu a cabeça de uma estátua de Dobrador de Ar a alguns metros de distância de Roku e Irmã Disha, espirrando-os com fragmentos de crosta e recheio de fruta.

Roku suspirou enquanto limpava suas vestes.

— Pode, por favor, dizer ao Gyatso para parar de tentar me acertar com tortas?

A Irmã Disha deu de ombros.

— É uma prática inofensiva de dobra de ar.

Ela se aproximou da estátua, mergulhou um dedo no recheio que escorria pelo lado do rosto da estátua e provou.

— Hmm... jaca caramelizada — informou a Roku. Então, ela colocou as mãos em concha ao redor da boca e gritou montanha acima:

— Sua mira precisa melhorar, mas sua receita está evoluindo!

UMA EXPRESSÃO INGENIOSA



NO FINAL da semana, Roku não pôde deixar de sentir como se Ta Min estivesse no templo há anos, em vez de dias. Mesmo sendo uma hóspede, ela se juntou aos Nômades do Ar em suas sessões de meditação, orações e tarefas. Ela compartilhou as refeições vegetarianas e parecia realmente gostar da comida. Brincava com as crianças durante o dia e mantinha longas conversas com a Irmã Disha, o Abade Rabten e outros anciãos à noite, aprendendo mais sobre a cultura dos Nômades do Ar em alguns dias do que Roku havia aprendido em meses. Ela até começou a usar as vestes deles quando a Irmã Disha - cuja opinião sobre a visita mudou quanto mais conhecia Ta Min - lhe deu um conjunto.

À medida que o final da estadia de Ta Min se aproxi-

mava, a Irmã Disha concordou em deixá-los voar com Amra até a base da montanha. A única condição da Monja do Ar era que levassem Gyatso - com quem ela continuava tentando forçar Roku a passar um tempo por algum motivo. Felizmente, depois de aterrissarem, o menino disse que preferia ficar com Amra, então Roku e Ta Min seguiram sozinhos para a vila.

— Acho que a Irmã Disha está pronta para te conceder suas setas — ele disse enquanto caminhavam pelo caminho que cortava a densa floresta. Era um dia perfeito de final de verão, o ar estava fresco e quente com um toque de outono. Folhas amarelas como manteiga flutuavam acima enquanto a luz do sol salpicava o trilho.

Ta Min riu. Roku já sentia falta dela.

No dia seguinte, ela voltaria para a Nação do Fogo, e Roku partiria com os Nômades do Ar para mais uma temporada de missões de ajuda. Eles teriam que passar o resto do dia se preparando para suas viagens, então essa rápida ida à vila para provisões seria seu último momento a sós juntos.

Roku passou a manhã angustiado sobre confessar seus verdadeiros sentimentos a Ta Min e estava inclinado a fazê-lo se o momento certo se apresentasse. Talvez fosse agora.

— Mas, falando sério, — Roku continuou —, invejo a forma como você parece estar em casa aqui. Como você faz isso? Como você se ajusta tão facilmente?

Ela deu de ombros.

— Eu gosto de pessoas. E se quero ser uma grande diplomata, preciso aprender o máximo que puder sobre culturas diferentes. Talvez seja parecido com o Avatar nesse aspecto - fora a parte das dobras, é claro.

Roku assentiu.

— Talvez você esteja certa. A Irmã Disha continua me dizendo que sou um *espírito de nenhuma nação*. Tenho tentado descobrir o que isso significa lendo sobre minhas vidas passadas, mas talvez eu só precise aprender mais sobre o mundo.

— Hmm. Um *espírito de nenhuma nação*? Uma expressão engenhosa, mas não acho que esteja certa.

Roku deu um sorriso torto para Ta Min.

— Você discorda da pessoa escolhida pelo Conselho de Anciãos dos Nômades do Ar para treinar o Avatar sobre a natureza do Avatar ?

— Isso não é permitido?

— Me conte mais.

— O Avatar renasce em uma nação diferente de acordo com o ciclo das estações. Então, parece-me que passar um tempo como parte de cada nação é essencial para ser o Avatar. Talvez seja necessário se importar profundamente com sua terra natal para que você possa entender como os outros se sentem sobre as deles. Uma vez que você compreenda plenamente que cada uma é tão valiosa - e tão falha -

quanto as outras, isso pode te motivar a buscar paz e equilíbrio entre as Quatro Nações. — Ela pensou por um momento. — Talvez seja menos sobre ser um espírito de *nenhuma* nação e mais sobre ser um espírito de *todas* as nações.

Roku a observou, totalmente impressionado.

— Você vai ser uma grande diplomata.

Ta Min afastou uma mecha de cabelo para trás da orelha e sorriu.

— Obrigada.

— Mas vou manter sua crítica sobre as crenças centrais da Irmã Disha para mim, para que você não perca a apreciação dela.

— Meu herói, o Avatar — disse Ta Min, juntando as mãos em frente ao coração.

Enquanto caíam em um silêncio confortável, Roku continuava a considerar a perspectiva de Ta Min, admirando a forma como sua mente funcionava e desejando que tivessem mais tempo. Mais tempo para passear pelos jardins do templo, para fazer artes terríveis na areia, para ler em voz alta um para o outro na biblioteca, para cuidar dos animados bebês Nômades do Ar juntos, para adivinhar o animal que o outro estava tentando criar com a dobra de fogo, para simplesmente estarem juntos. Mesmo que não pudessem fazer nenhuma dessas coisas, Roku estaria contente em passar seus dias varrendo, limpando, espa-

nando e fazendo quaisquer outras tarefas mundanas que os Nômades do Ar precisassem, desde que Ta Min estivesse por perto.

Era *isso* que ele desejava. Não a condição de Avatar.

Roku estava tão perdido em seus pensamentos, pensando em tudo o que sentiria falta em Ta Min, que não ouviu ou sentiu a terra se mover enquanto o chão se abria sob eles. Roku e Ta Min gritaram surpresos enquanto caíam direto para baixo e se chocavam contra o solo duro.

Eles se ajudaram a levantar e perceberam que haviam caído em um poço estreito de cerca de três metros de profundidade. Uma pequena abertura de folhas e céu era visível acima. Será que realmente haviam caído em algum abismo esquecido no chão, ou -

Um rosto zombeteiro apareceu acima - um homem de aparência rude que Roku nunca tinha visto antes, com uma barba marrom desgrenhada e o tipo de chapéu mole que era moda entre os criminosos do Reino da Terra.

— O Rei da Terra Jialun manda lembranças, Avatar — disse o homem com uma voz rouca, depois inclinou seu chapéu mole e cobriu a abertura do poço com o braço.

Roku e Ta Min dispararam simultaneamente rajadas de fogo para cima, mas suas chamas foram extintas quando as paredes se fecharam, enterrando-os dentro da terra.

UM FIM RÁPIDO PARA A ERA DE ROKU



TERRA E rocha pressionavam Roku por todos os lados. Ele estava cercado, esmagado, incapaz de mover qualquer parte do corpo apesar de sua raiva crescente e pânico. Não havia esperança de cavar ou usar dobra de fogo para escapar.

Seu pulso acelerou. Sua respiração ficou rápida e superficial. Sua mente girava.

Será que Ta Min estava bem? Ele precisava ajudá-la. Precisava sair dali. Mas como? Poderia entrar no Estado de Avatar?

Ele se concentrou.

Não conseguia.

Será que ele realmente tinha sido emboscado por um único criminoso do Reino da Terra? Que tipo de Avatar ele era? Se algum dia atualizassem *As Vidas do Avatar*, Roku

tinha certeza de que sua entrada não passaria de algumas linhas.

Mas o que ele poderia fazer?

Lembrou-se da voz sonora da Irmã Disha: *Respire.*

Obviamente, pensou Roku.

Respire.

Tudo bem.

Roku parou de lutar. Em vez disso, concentrou-se em desacelerar sua respiração.

Da melhor forma que conseguiu enquanto estava sendo esmagado até a morte, ele inalou, contou até quatro, exalou, contou até quatro novamente.

Roku repetiu o exercício básico de respiração várias vezes.

Logo, sua frequência cardíaca diminuiu, sua mente se acalmou, seu corpo relaxou. Não estava confiante de que isso o ajudaria a escapar, mas pelo menos não morreria em pânico. Talvez isso fosse bom para sua reencarnação.

Roku estava prestes a respirar novamente quando sentiu o solo ao seu redor começar a se mover. A pressão afrouxou, aliviou - então a escuridão deu lugar à luz do sol. Algo puxou Roku para cima até que ele irrompeu pelo chão como se tivesse sido cuspidado para a superfície. Enfraquecido pela pressão esmagadora de ter sido quase enterrado vivo, ele caiu de quatro, tossindo e cuspidando terra. Olhou para a esquerda, onde Ta Min tinha estado caminhando -

felizmente, ela estava lá. Em uma condição semelhante, mas lá.

Ele não podia acreditar - ele realmente tinha conseguido. Ele tinha usado dobra de terra para salvá-los.

Talvez ele não fosse um fracasso tão grande como Avatar, afinal.

— De nada — disse a voz sarcástica de Gyatso. O Nômade do Ar passou por Roku para ajudar Ta Min a se levantar. — Vim o mais rápido que pude assim que ouvi todo aquele barulho.

Quando Roku se levantou com algum esforço, notou que o Dobrador de Terra de barba desgrenhada que os havia atacado estava caído ao pé de uma árvore próxima, inconsciente. Ok. Talvez Roku não tivesse realizado algum feito maravilhoso.

Ta Min correu e abraçou Roku, e ele tentou não se contorcer com uma dor aguda na lateral. Talvez uma costela quebrada. Eles se separaram e olharam um para o outro com preocupação, depois com alívio.

Eles estavam machucados, arranhados e cobertos de terra, mas nenhum parecia gravemente ferido. Saber que Ta Min estava segura diminuiu um pouco da frustração de Roku por ter sido emboscado tão facilmente - e um pouco de sua vergonha ao perceber que o jovem Nômade do Ar, de olhos sonolentos, tinha sido quem os salvara.

Roku se virou para Gyatso.

— Como você fez isso?

— Minha dobra de ar funcionou — disse Gyatso, espantado. — Funcionou quando saltei de Amra para descer aqui com meu planador. Funcionou quando balancei meu bastão para derrubar o Dobrador de Terra com uma rajada de ar. E funcionou quando injetei um redemoinho de vento através do solo para levantar vocês dois.

Roku assentiu, fingindo não estar impressionado com as habilidades de Gyatso.

— Obrigada — disse Ta Min e abraçou Gyatso.

— Então você está curado? — perguntou Roku.

Gyatso estendeu uma palma aberta para o lado. Nada aconteceu. Seu rosto caiu.

— Acho que não.

— Talvez ver a gente em perigo tenha focado seu chi — sugeriu Ta Min.

— Talvez.

— Só estou feliz que a Irmã Disha insistiu para você vir com a gente — admitiu Roku.

O canto da boca de Gyatso levantou. Então ele acenou na direção do Dobrador de Terra inconsciente.

— Esse cara é um assassino ou algo assim?

O Rei da Terra Jialun manda lembranças, disse o homem.

Roku examinou a área. Logo ao lado do caminho, avistou um monte de terra fresca cercando um buraco no chão — uma toca larga o suficiente para um homem passar.

— Parece que sim — disse ele, assentindo na direção do buraco. — Ele deve ter cavado o caminho até nós.

Então ele se aproximou do Dobrador de Terra, a raiva surgindo agora que a ameaça havia passado. Agarrou o homem pelo colarinho e o puxou para uma posição sentada. O homem gemeu e começou a despertar enquanto se encostava na árvore.

Roku recuou e girou com um chute-gancho giratório que liberou uma faixa de chamas que queimou o tronco da árvore alguns centímetros acima da cabeça do Dobrador de Terra. Os olhos do homem se arregalaram, cheios de pânico ao perceber que havia falhado em sua missão e agora ele próprio estava em perigo.

Ele levantou as mãos para proteger o rosto.

— Não me machuque!

— Mãos ao lado — ameaçou Roku enquanto cachos de fumaça subiam da madeira queimada. O homem abaixou as mãos. — E nem pense em tentar qualquer coisa.

— Acalme-se, Roku — disse Gyatso.

Roku o encarou, focado no Dobrador de Terra.

— Ele tentou nos matar.

Ta Min se aproximou de Roku e tocou seu cotovelo.

— Mas ele não é mais uma ameaça.

— O Rei da Terra mandou você? — perguntou Roku.

O Dobrador de Terra engoliu em seco, então assentiu.

— Sim, isso o torna oficialmente um assassino — disse Gyatso.

Roku ficou sem palavras. Um assassino. Enviado para acabar com sua vida.

Ele examinou a floresta densa ao redor, de repente ciente de tudo o que ela podia esconder. Um senso de pressentimento percorreu seu corpo. Este era seu futuro - assassinos à espreita atrás de cada pedra e árvore. Todos admiravam o poder que o Avatar possuía, mas raramente falavam sobre o alvo eternamente tatuado em suas costas - e nas costas daqueles que ele mais amava.

— Mas por quê? — perguntou Ta Min.

O Dobrador de Terra deu de ombros.

— Sou um subalterno. Músculo contratado. Você acha que eles me contariam?

Ta Min franziu a testa.

— Mas isso não faz sentido politicamente...

Não faz mesmo? Roku respirou fundo e considerou a situação. Se o Rei Jialun queria dar um fim tão rápido à Era de Roku, ele devia estar tramando algo - assim como Sozin tinha avisado. Ele se virou para Ta Min e abriu a boca para dizer isso a ela quando o Dobrador de Terra de repente se lançou para frente e cavou direto no chão.

Roku, Ta Min e Gyatso adotaram posturas defensivas enquanto se preparavam para o assassino ressurgir e atacar. Eles se concentraram no som abafado do tremor sob os pés

— mas ele rapidamente se distanciou. Logo, o som desapareceu até restar apenas o vento entre as árvores.

— Isso não é bom — disse Gyatso, apontando o óbvio.

Então ele relaxou sua postura e esticou o pescoço para cima, olhando para as mudas de luz solar que caíam entre as folhas agitadas.

— Pelo menos é uma manhã bonita.

Roku exalou, então virou-se para Ta Min, que olhou para ele com expectativa.

Eles quase haviam perdido suas vidas juntos - por que esperar para dizer a ela como ele se sentia?

Porque agora não era o momento. Ela precisava se concentrar em se tornar uma diplomata, e ele precisava se concentrar em se tornar o Avatar.

Se estavam destinados a ficar juntos, eles encontrariam o caminho de volta um para o outro eventualmente.

Em vez disso, ele disse a ela:

— Escreva para Sozin novamente, mudei de ideia.



— Você não está mudando de ideia — disse a Irmã Disha.

— Mas eu sou o Avatar — queixou-se Roku. Ele descruzou os braços, pois estava a um pisão de pé de se tornar a criança petulante que a Monja do Ar claramente pensava que ele era. Felizmente, Ta Min e Gyatso tinham

decidido esperar fora do santuário enquanto ele ia falar com a Irmã Disha, então não estavam ali para testemunhar seu pequeno acesso de birra.

— E eu sou sua mestre de dobra de ar — lembrou ela, com um tom mais severo do que o usual. As estátuas das inúmeras vidas passadas de Roku estavam em um julgamento silencioso ao redor e acima deles, espiralando pelo interior da torre. — Eu determino quando você está pronto para aprender dobra de ar. Eu determino quando você dominou a dobra de ar. Eu determino quando você está pronto para começar a servir. E você não está pronto.

Os olhos de Roku se desviaram para o espaço vazio ao lado da imponente estátua de Kyoshi, o espaço onde a sua própria estaria um dia.

— Quando eu estarei pronto?

— Como já te disse muitas vezes antes: quando você se desapegar da Nação do Fogo.

— Isso não é sobre a Nação do Fogo — isso é sobre parar o Reino da Terra antes que eles...

— Não — disse a Irmã Disha, interrompendo Roku pela primeira vez, enquanto continuava a caminhar pelas fileiras de estátuas. — Esta é uma decisão nascida da raiva, do desejo de vingança, de machucar aqueles que atacaram você e sua amiga.

— Eles tentaram nos matar.

— Haverá inúmeras tentativas contra sua vida. Você vai declarar guerra todas as vezes?

— Não é guerra, é... uma missão diplomática. É sobre persuadi-los a deixarem uma ilha que não pertence a eles antes que as coisas piorem.

A Irmã Disha balançou a cabeça com decepção.

— Assim como o ar, a terra não pertence a ninguém. Não é responsabilidade do Avatar impor fronteiras ilusórias.

— Fronteiras ilusórias? — repetiu Roku. — Diga isso aos monarcas de Karth ou ao Senhor do Fogo ou aos chefes da Água.

— Isso é para eles brigarem entre si. Como sempre fizeram, como sempre farão. Intervir em uma disputa territorial que envolve sua terra natal, especialmente antes de você estar preparado, só complicará os conflitos e fará o mundo questionar suas lealdades, não importa como a questão se resolva.

A Irmã Disha parou em frente a uma estátua do Avatar Zalir, no fundo do santuário. Ela era uma mulher de cabelo curto, atleticamente construída, usando uma túnica sem mangas e uma tolga padronizada, um tipo de saia envolvente feita à mão que era usada nos dias antes da Nação do Fogo, quando o arquipélago era uma coleção solta de pequenos clãs espalhados pelas Ilhas do Fogo.

— Mas...

— De manhã — disse a Irmã Disha, cortando Roku pela segunda vez enquanto agora se virava para ele —, partiremos para o Polo Sul, como planejado, para ajudar as vilas afetadas pela recente nevasca. Está claro, Avatar Roku?

— E se o Rei da Terra enviar outro assassino?

— Você vai entregar a ele uma pá e pedir para ajudar a cavar a neve.

Roku apertou o maxilar. Nenhum argumento que ele usasse convenceria sua mestre de dobra de ar. Ela era tão inflexível, tão insensível quanto as esculturas de pedra que preenchiam o santuário.

— O que você disser, Irmã.

— Muito bem. — A Irmã Disha voltou sua atenção para as estátuas. — Agora, tome um banho, medite, descanse. Você teve uma manhã bastante agitada, e temos uma longa — e fria — jornada pela frente.

Roku se virou e saiu, passando furioso pelas fileiras de suas vidas passadas, pelo espaço vazio ao lado de Kyoshi, e para fora do santuário interno do Templo do Ar do Sul enquanto uma rajada de vento de dentro fechava as pesadas portas atrás dele com força.

PARA O RESTO DE NÓS



SAIR ESCONDIDO do Templo do Ar foi tão fácil quanto Roku esperava. Não havia guardas patrulhando os corredores escurecidos, e os Nômades do Ar eram os mais profundos, mas definitivamente não os mais silenciosos, dos dorminhocos. O maior desafio era garantir que ele não tropeçasse e caísse montanha abaixo enquanto descia as escadas espirais abertas do templo e os caminhos íngremes e tortuosos iluminados apenas pela luz suave e cinza do luar. Uma chama teria ajudado, mas ele não queria arriscar, para que o fogo não fosse visto por algum Monge do Ar acordado aleatoriamente no meio da noite.

Depois que Roku atravessou a ponte estreita até o esporão da montanha onde os bisões voadores dormiam nas estações mais quentes, ele suspirou de alívio e relaxou

os ombros que estava tensionando desde que saiu de seus aposentos. Ele forçou os olhos para escanear a grande saliência, mas viu apenas o enorme monte peludo de criaturas adormecidas.

Roku não estava muito feliz com a ideia de Gyatso acompanhá-lo nesta missão, mas ele não tinha outra opção para chegar a uma ilha remota da Nação do Fogo no meio do mar, a menos que quisesse que a jornada levasse meses em vez de dias. Isso, claro, assumindo que Lola, o bisão voador de Gyatso, cooperasse.

Desde jovem, cada Nômade do Ar se vinculava a um bisão voador que se tornaria seu companheiro para a vida toda. Enquanto aprendiam a dominar a dobra de ar, eles domavam, treinavam e aprofundavam suas relações com seus bisões voadores. Dizia-se que os pares mais fortemente ligados compartilhavam um espírito, sentindo as emoções um do outro e antecipando as necessidades um do outro a tal ponto que sinais de treinamento verbais e físicos se tornavam desnecessários.

Esse não era o relacionamento entre Gyatso e Lola.

Quando Roku perguntou a Gyatso se poderia levar Lola, o jovem Nômade do Ar admitiu que Lola havia começado a recusar até mesmo os comandos mais básicos ao mesmo tempo em que sua dobra de ar começou a falhar. Ainda assim, ele assegurou a Roku que Lola conseguiria fazer a viagem. Tudo o que Gyatso queria em troca era ir com ele.

— Por quê? — Roku perguntou.

— Minha dobra de ar não tem sido muito poderosa há bastante tempo — Gyatso disse, referindo-se ao resgate. — Você vai se meter em mais encrenca nesta viagem, então terei mais oportunidades de acessar essa energia para te salvar. Se eu fizer isso várias vezes, talvez consiga descobrir como restabelecer totalmente minha conexão com a minha dobra de ar.

Roku não tinha certeza se isso funcionaria, mas talvez não importasse. Esta missão poderia nunca sequer decolar.

A garantia de Gyatso de que Lola de repente obedeceria a ele novamente poderia ter sido nada mais que a promessa vazia de alguém que acabara de experimentar um surto de confiança excessiva após uma vitória inesperada.

— Oh, meus espíritos, é o Avatar? — Gyatso gritou em uma voz aguda enquanto atravessava a ponte a passos largos. Então, em um sussurro teatral para Ta Min, que caminhava ao seu lado: — Ele é mais baixo do que eu esperava.

— E todo aquele cabelo — Ta Min disse, entrando na brincadeira. — Ugh.

— Ha, ha — disse Roku.

Ta Min abraçou Roku quando chegou até ele, a experiência de quase morte tendo erodido o senso de decoro da Nação do Fogo de ambos em relação ao outro.

— Estamos só brincando.

— Eu não estava — disse Gyatso.

Roku o ignorou.

— Tem certeza de que não posso te convencer a vir conosco, Ta Min?

Ta Min balançou a cabeça, pesarosa.

— Dois Cidadãos do Fogo poderiam dar ao Reino da Terra a impressão de que isso é mais um assunto da Nação do Fogo do que do Avatar. Além disso, meu acordo com o Príncipe Sozin era simplesmente entregar a mensagem dele e trazer sua resposta. Ele pode não gostar se eu decidir me envolver diretamente no assunto.

— Parece que você tem medo dele.

— Ele pode ser seu amigo mais próximo — explicou Ta Min —, mas para o resto de nós, ele é o futuro Senhor do Fogo.

— Justo — disse Roku, como se entendesse a diferença. Então ele se virou para Gyatso.

— Então, qual é a Lola?

— Aquela — disse ele, apontando com o cajado para um bisão voador de tamanho médio dormindo na borda do monte. Ele abaixou o cajado e assobiou pelos dedos, suavemente. — Lola! acorde! — O bisão voador rolou para ficar de costas para eles, suas seis patas balançando de um lado para o outro enquanto fazia isso.

— Venha aqui, garota!

O bisão voador não se mexeu mais.

Roku levantou uma sobrancelha para Gyatso.

Gyatso deu de ombros.

— Ela sempre leva alguns minutos para acordar. Enquanto isso, me ajude com a sela.

Eles pousaram seus alforjes e rolos de cama e fizeram seu caminho até a área de armazenamento esculpida na lateral da montanha. As vastas selas estavam empilhadas ordenadamente por tamanho, recentemente limpas e lubrificadas e organizadas para as partidas planejadas de amanhã. Ainda assim, nenhuma quantidade de limpeza livraria as selas do odor acumulado de anos de suor e pelo de bisão almiscarado.

— Suponho que possamos fazer isso do jeito fácil? — Roku perguntou, tendo visto como os Nômades do Ar normalmente usavam uma rajada de ar para flutuar as selas pesadas sobre os animais.

Gyatso balançou os braços em um movimento circular, levantando uma pequena espiral de vento. Ele empurrou para a frente, e o ar giratório escorregou sob uma sela. A sela tremeu enquanto subia alguns centímetros, depois caiu com um leve baque. Gyatso franziu a testa.

— Está tudo bem — Ta Min o tranquilizou.

Mas estava? Roku estava prestes a levar esse garoto em sua primeira missão como Avatar. Onde estava o hábil Dobrador de Ar que entrou em ação para salvar ele e Ta Min ontem?

Com nada além de seus próprios músculos - e os de Ta Min - eles levantaram uma sela da pilha e a carregaram até Lola. Era tão pesada quanto uma rocha, e todos ficaram aliviados ao colocá-la no chão quando se aproximaram do bisão voador adormecido.

— Nós simplesmente a colocamos em cima dela? — Roku perguntou, sacudindo as mãos.

— Claro — disse Gyatso.

Ta Min esticou os braços.

— Devíamos acordá-la primeiro, certo?

— Hmm. Acho que ela não gostaria disso.

Roku inclinou a cabeça.

— Você acha que ela preferiria que simplesmente jogássemos algo pesado em cima dela enquanto está inconsciente?

— Você tem razão — disse Gyatso e ficou quieto por alguns momentos enquanto pensava. — Poderíamos montar sem sela.

— Eu não vou montar sem sela. — Roku foi até sua mochila e voltou um momento depois com um braço cheio de peras, tendo se preparado para esse cenário. — Lola — chamou ele, em um canto suave. — Acorde, Lola. Tenho frutinhas para você.

Enquanto ele se aproximava, Lola sentiu o cheiro da fruta, e seu amplo nariz começou a se contorcer. Com os olhos ainda fechados, ela rolou sobre sua barriga e abriu

lentamente sua boca cavernosa. Roku jogou algumas peras, quase perdendo um dedo quando os dentes dela se fecharam com um estalo.

Gyatso deu um passo cauteloso para frente e acariciou o lado dela, enquanto ela mastigava.

— Precisamos que você nos leve a um lugar, Lola. — Lola engoliu, depois abriu a boca novamente. Roku jogou mais algumas peras. — Um lugar bem distante.

O bisão voador continuou mastigando, ponderando sobre o pedido.

Finalmente, suas pálpebras se abriram. Seu olhar foi direto para a fruta restante nos braços de Roku.

— Haverá muitas frutas aonde estamos indo — ele a tranquilizou.

Lola terminou de comer as peras, bocejou e esticou seus seis membros. Então ela se sentou.

Roku se virou para Gyatso com um sorriso satisfeito.

— Isso foi suborno — disse Gyatso.

Roku e Ta Min riram.

Após colocarem a sela em Lola, Gyatso a prendeu ao bisão voador trançando mechas de seu pelo através dos ilhós que alinhavam o interior da saia da sela. Roku puxou a sela para verificar o trabalho do Nômade do Ar, depois prendeu seu equipamento na parte de trás. Gyatso inventou uma desculpa para ir para o outro lado do bisão voador, deixando Roku e Ta Min sozinhos para se despedirem.

— Estou feliz por conseguir te ver novamente — disse Ta Min, então envolveu seus braços em torno de Roku. — E por finalmente termos tido a chance de realmente nos conhecermos.

— Eu também — disse Roku, tentando gravar esse momento na memória. — Só queria ter tido coragem de falar com você em casa.

Eles se separaram.

— O passado é o passado. Temos o futuro.

— Espero que sim. — Roku coçou a nuca. — E desculpe por quase nos matar.

— Acontece. — Ta Min piscou. — Mas certifique-se de nunca chegar mais perto do que “quase”.

— Então, você realmente não vai mudar de ideia e vir conosco?

— Talvez da próxima vez.

Roku suspirou. Acenou com a cabeça.

— Vocês dois já terminaram? — Gyatso gritou do outro lado de Lola.

Roku abraçou Ta Min mais uma vez, depois gritou:

— Vamos!

Gyatso se aproximou e se despediu de Ta Min, depois ele e Roku ajudaram mutualmente a montar a sela de Lola.

— Você tem o mapa do Príncipe Sozin? — Ta Min perguntou do chão enquanto Lola se levantava.

Roku deu um tapinha em seu alforje.

— Quer que eu te explique como lê-lo mais uma vez?

— Não precisa. — Roku bateu na cabeça. — Minha mente é como uma armadilha de urso-tatu.

Ta Min riu e recuou para dar espaço para Lola decolar.

— Vejo você em breve.

— Não cedo o suficiente — disse Roku.

— Eca — disse Gyatso, então pegou as rédeas e gritou:
— Yip-yip!

Lola bateu a cauda e decolou do chão e para o ar, levando Roku e Gyatso para longe de Ta Min, longe da Irmã Disha, longe do Templo do Ar do Sul e para o céu noturno iluminado pela lua.

CINZAS NO AR



O PRÍNCIPE Sozin sorriu enquanto decifrava a última mensagem de Ta Min. Ele tinha ficado surpreso e decepcionado com a recusa inicial de Roku quando a primeira mensagem dela chegou há alguns dias. Sozin tinha certeza de que seu amigo nunca diria não a ele, muito menos a Ta Min. O título de Avatar e o treinamento de dobra de ar já deviam estar subindo à cabeça de Roku.

Pelo menos agora tudo estava de volta aos trilhos. Depois que Roku lidasse com o Reino da Terra, Sozin voltaria e encontraria alguém que pudesse treiná-lo para aumentar sua força de dobra de fogo mil vezes.

Sozin queimou o pergaminho e, em seguida, voltou-se para Kozaru, jogando-lhe algumas moedas de prata.

— Para o seu associado Dobrador de Terra.

Kozaru pegou a prata, examinou as moedas na palma aberta e franziu a testa.

— É menos do que você prometeu a ele.

Sozin zombou.

— Foi um trabalho malfeito.

Ele havia instruído Kozaru a dizer ao seu amigo para assustar o Avatar, não quase matá-lo. E a tentativa de “assassinato” não deveria envolver mais ninguém. Se algo tivesse acontecido a Ta Min, que não tinha ideia de que era apenas uma peça nos planos dele, Sozin se sentiria terrível.

Kozaru assentiu e guardou a prata, mas permaneceu ali.

— Há algo mais? — perguntou Sozin.

— Outra mensagem... do Senhor do Fogo.

Sozin fez um gesto para que Kozaru entregasse a mensagem. Ela o fez e saiu.

Sozin foi até a janela. Seu quarto alugado ficava acima da cantina, com vista para a nascente natural que dava nome ao triste aglomerado de construções de barro, o Oásis das Palmas Nebulosas. O ar estava quente e seco, o céu era de um azul imaculado. Além das fortificações precárias da vila e da vegetação esparsa, as dunas douradas do Deserto de Si Wong se estendiam até os horizontes norte e leste. Este lugar era a última chance de um viajante para reunir suprimentos e descansar antes de partir para a vasta

extensão arenosa. Exatamente o que ele planejava fazer pela manhã.

Sozin sempre quis visitar a biblioteca de Wan Shi Tong. Dizia-se ficar em algum lugar no meio daquele deserto e os rumores diziam ter a maior coleção de textos conhecida pelo homem e pelos espíritos. Ele tinha certeza de que, dentro de suas paredes, poderia aprender mais do que em qualquer biblioteca de casa, até mais do que nos pergaminhos restritos das Catacumbas de Osso de Dragão.

O Senhor do Fogo Taiso rejeitou categoricamente o pedido anterior de Sozin para procurar a biblioteca, descartando o lugar como nada além de ficção. Mas o recente contratempo nos planos de Sozin apresentou a oportunidade perfeita. Sozin já estava fora do alcance de seu pai e precisava matar tempo até que Roku lidasse com os Dobradores de Terra.

Ele encontraria a biblioteca, aprenderia o máximo que pudesse, e então retornaria à ilha após receber a notícia de que aqueles cães jogadores de terra haviam partido.

Sozin suspirou, desenrolou a mensagem de seu pai e leu.

Não surpreendentemente, não dizia nada novo.

Você está perdendo seu tempo, blá blá blá. Volte para casa antes de envergonhar a família, blá blá blá. Pense na sua reputação, na sua honra, blá blá blá. O futuro da Nação do Fogo, blá blá blá.

Sozin acendeu a mensagem com fogo e a jogou pela janela. Ela flutuou para baixo em chamas, as palavras de seu pai queimando em cinzas no ar.

CONHECIMENTO PARA DESTRUIR



MALAYA ESPEROU enquanto Baku usava sua dobra de fogo para aquecer a tira curta de metal pressionando-a entre as palmas das mãos. Quando o brilho do aço passou de laranja para amarelo, o ferreiro robusto, com uma longa barba trançada e cabelos selvagens, ofereceu-a à jovem. Ela pegou com as tenazes, levou até a bigorna e começou a martelar. Malaya trabalhava com um foco constante e obstinado, mantendo o ritmo que Baku lhe havia ensinado. Cada golpe ressoava pela névoa densa que envolvia a aldeia, o vale em terraços e toda a ilha.

Ela ignorou o cansaço crescente em seus braços e o suor pingando em sua testa. Após formar a ponta da adaga, ela achatou as bordas para dar forma a biséis iguais em ambos os lados. Cada batida metálica trazia um pouco mais de

definição. Logo, estava pronta. Ela parou pela primeira vez desde que começou e olhou para Baku. Ele examinou a lâmina em forma de lágrima que ela forjara - e assentiu com aprovação. Ela segurou a adaga com as tenazes, e ele a pegou de volta com as mãos nuas e examinou as bordas.

— Muito melhor que a última.

Malaya colocou as ferramentas de lado e passou o antebraço pela testa para limpar o suor.

— Obrigada, Tatang Baku.

Ele pressionou a lâmina entre as palmas das mãos novamente para aquecê-la.

— Eu gostaria que os outros se importassem o suficiente para aprender a forjar suas próprias lâminas. Em vez disso, eles simplesmente me dão ordens, impacientes e ingratos. Até mesmo... — Baku interrompeu. — Bem, você sabe quem eu ia mencionar.

Malaya sabia, mas nenhum dos dois era tolo o suficiente para mencionar o chefe em voz alta. Graças à névoa sempre presente, nunca se sabia quando alguém poderia estar ouvindo por perto, ansioso para colher a recompensa por relatar a dissidência.

— É importante saber fazer as coisas por conta própria — disse ela sem complicação.

— Falado como uma verdadeira batedora.

— Talvez — disse Malaya. No entanto, sua abordagem nasceu mais da necessidade do que da inclinação natural.

Com pais como os dela, sempre teve que aprender tudo o que pudesse para se defender.

Com os melhores coletores, ela aprendeu quais plantas eram comestíveis, venenosas e curativas. Com os melhores caçadores, aprendeu a fazer armas e armadilhas, rastrear, capturar e matar, limpar e assar. Com os pescadores, aprendeu a tirar vida dos rios e riachos. Com os agricultores, aprendeu a ler o clima através da névoa e as estações pelas estrelas. Com os tecelões, aprendeu a transformar fibras vegetais em corda e tecido. Com os dobradores, aprendeu sobre as qualidades e limitações de cada elemento.

Portanto, ninguém ficou surpreso quando o chefe do clã, Ulo, retornou da Caverna Sagrada após o ritual do equinócio de outono há vários anos e anunciou que Yungib a havia escolhido para servir como uma das batedoras do clã. O trabalho envolvia aproveitar tudo o que ela havia aprendido para sobreviver sozinha na natureza por longos períodos enquanto percorria o perímetro da ilha em busca de evidências de forasteiros. Era um papel altamente respeitado dentro do clã, mas não muito desejado, devido ao isolamento que exigia. No entanto, esse isolamento era adequado para Malaya. Os poucos dias que passava na aldeia a cada poucas semanas para reparar suas armas e ferramentas, reabastecer seus suprimentos e relatar a Ulo eram mais interações sociais do que ela precisava.

A lâmina recém-formada chiou quando Baku a mergulhou em um cocho de pedra com água.

— Isso vai levar um tempo — ele disse. Ele teria que aquecer e resfriar o aço várias vezes até que endurecesse adequadamente. — Cuide de seus outros assuntos, diga "oi" para sua família, depois volte. Imagino que você queira enrolar o cabo com ratan você mesma?

Malaya assentiu.

— Como imaginei. Vá em frente. E certifique-se de encontrar Kamao.

Ele piscou.

Malaya agradeceu a Baku e deixou a oficina ao lado da cabana de nipa da família dele, que ficava sobre estacas como todas as outras.

Ela não tinha intenção de procurar Kamao, no entanto. Gostava bastante do ferreiro, mas seu filho era um completo idiota.

Em vez disso, ela deslizou pela névoa e viu apenas aqueles que precisava ver. A maioria dos Dobradores de Água estava na Caverna Sagrada, mas ela encontrou o curandeiro que ajudou a restaurar o tornozelo torcido com o qual Malaya havia andado por dias. Depois, encontrou um dos Dobradores de Terra para aconselhá-la sobre como encontrar mais do minério preto-avermelhado que seu clã usava para forjar aço. Uma das cozinheiras mostrou-lhe como fazer ensopado de peixe-lama. Uma das tecelãs

ajudou-a a modificar melhor sua saia tolge para não restringir tanto seus movimentos e depois lhe presenteou com uma nova túnica preta curta e sem mangas. A melhor caçadora da aldeia, uma mulher chamada Mamamaril, deu a Malaya algumas dicas para melhorar suas técnicas com arco e lança e levantou algumas hipóteses sobre por que uma de suas armadilhas poderia estar vazia. E um dos coletores demonstrou como extrair veneno de uma centopeia-basilisco rara e tinta carmesim de caramujos marinhos.

Ela não estava a fim de aguentar as perguntas irritantes dos pais sobre quando pretendia se casar, então passou pela casa deles e seguiu para a estrutura de teto de palha que ficava sobre estacas no ponto mais alto da pequena aldeia. Na área aberta sob a cabana, vacas-porcos e porcos-galinhas nativos vasculhavam restos ao redor de uma fogueira onde uma das filhas de Ulo tentava acender uma chama.

— Ele está ensinando — a menina disse a Malaya sem olhar para cima.

Malaya assentiu, tirou o arco do ombro e recostou-se na escada de bambu que levava à entrada da cabana.

Ela olhou para a densa névoa cinza-branca enquanto ouvia a voz ressonante de Ulo flutuando pelas ripas de bambu acima. Ele estava contando uma história, provavelmente para um grupo de pequenos sentados a seus pés.

Ela já ouvira essa antes - o conto do clã Baybayin. Eles

eram uma comunidade pacífica e mista - como a deles - que existiu do outro lado da ilha séculos atrás.

Um dia, um grupo de soldados em armaduras vermelhas-sangue navegou até suas costas. Os soldados declararam a ilha como território de seu clã e exigiram que todas as famílias sem Dobradores de Fogo saíssem imediatamente, para nunca mais voltar. Quando o clã Baybayin resistiu, os soldados queimaram a comunidade até as cinzas.

Malaya sempre se perguntou quanto da história - na verdade, de qualquer uma das histórias de Ulo - era verdade. Quando era pequena, notava detalhes mudando de uma recontagem para a outra. Um nome. Um lugar. Uma sequência de eventos. E assim por diante. Na primeira vez que apontou isso, ele a castigou com uma vara de bambu nos dedos. Na vez seguinte, ela perguntou aos pais sobre uma inconsistência que notara - e eles a forçaram a ajoelhar sobre grãos de arroz cru por horas.

Portanto, ela aprendeu desde jovem que questionar as histórias era questionar Ulo. Questionar Ulo era questionar Yungib. Questionar Yungib era convidar à destruição de seu povo.

— O clã Baybayin é o motivo — veio a familiar voz profunda e suave de Ulo, enquanto ele concluía o conto acima — pelo qual devemos sempre fazer os sacrifícios e oferendas adequados a Yungib a cada equinócio. Se não

fosse por Yungib, nossos ancestrais também poderiam ter perecido há muito tempo.

Houve uma movimentação acima, e então as crianças começaram a sair da cabana, falando animadamente sobre a história enquanto desciam a escada e corriam para brincar, em vez de voltar para ajudar a colher pragas das hastes de arroz como deveriam. Os dois irmãos pequenos de Malaya passaram correndo sem sequer um olhar, mas ela não se incomodou. Ambos nasceram depois que ela se tornou batedora, então sempre foi apenas uma presença passageira em suas vidas.

Quando a última criança desapareceu na névoa, Malaya subiu a escada.

Crânios de animais, lanças, machadinhas e outras armas forravam as paredes. Fardos de arroz descansavam nas vigas. Fumaça e calor subiam pelas rachaduras nas tábuas de bambu do chão, vindos da fogueira debaixo.

Ulo estava sentado em um tapete de ratan contra a parede dos fundos do espaço de um único cômodo. Ele estava com uma perna esticada e a outra puxada, o cotovelo casualmente descansando no joelho levantado. Embora seu cabelo e barba longos tivessem ficado brancos anos atrás, seus olhos azuis gelados ainda eram afiados, e seu corpo marrom escuro ainda estava musculoso.

Ulo ofereceu sua mão. Malaya deu um passo à frente e

pressionou as costas dela contra sua testa. Ele gesticulou para que ela se sentasse. Ela sentou.

— Chá? — ele perguntou.

Malaya assentiu, embora não gostasse de chá.

Ele pegou uma xícara e, com a outra mão, fez movimentos treinados pelo ar. Um fio de líquido fumegante saiu do bule que estava sobre brasas no canto e encheu a xícara.

Ele girou o dedo para mexer o conteúdo e depois passou a xícara para Malaya.

Ela o agradeceu, pegou o chá e o inalou. Sampaguita-lunar. Às vezes, ela esmagava as pequenas flores brancas - que só floresciam à noite durante a lua cheia - em um pó fino, que podia ser dado a um animal preso para entorpecer seus sentidos para uma morte mais gentil.

— Você voltou cedo — disse Ulo. — Presumo que as notícias não sejam boas.

Malaya respirou fundo para se acalmar.

— Receio que não.

Como a névoa espessa e as costas rochosas em mudança desencorajavam a maioria dos navios de se aproximar, raramente os batedores relatavam evidências de forasteiros na ilha. Quando o faziam, as instruções de Ulo eram sempre as mesmas: Fique de olho neles e informe se houver motivo para preocupação. Mas raramente havia. Os forasteiros sempre permaneciam por alguns dias, aventurando-se

apenas a curtas distâncias de onde desembarcaram, antes de empacotar e partir.

Pelo menos, era isso que ela sempre ouvia. O pequeno grupo de Dobradores de Terra que Malaya havia encontrado quase duas luas atrás foi o primeiro que ela encontrou desde que se tornou batedora.

Ela encontrou seu acampamento na Enseada Itak, no nordeste.

Com o coração acelerado, desmontou de Kilat, sua gorila-társio, e se aproximou a pé das árvores. Aproximou-se o suficiente para ver e ouvir com sentidos aguçados por uma vida na névoa - mas não tanto que seus olhos ou ouvidos entorpecidos pudessem captar movimento na selva que abraçava a praia.

Ela contou seis. Usavam os símbolos e tons de verde do Reino da Terra, que Malaya reconheceu das histórias de Ulo. A mais jovem tinha aproximadamente sua idade, o mais velho, a idade de Baku. Todos eram Dobradores de Terra. Quatro tinham estrutura de soldados e usavam capacetes e armaduras de placas de conchas. As duas restantes vestiam roupas simples e passavam a maioria do tempo observando as plantas e o terreno. Ao ouvir, ela soube que havia mais dois em seu grupo, mas que desapareceram sem deixar rastro em certa noite.

Depois que os dobradores se acomodaram em seus abrigos de terra naquela noite, Malaya montou em Kilat e

correu de volta para a aldeia. Quando relatou suas observações a Ulo, o rosto do velho chefe ficou tenso, e ele lhe deu a ordem esperada de ficar de olho neles.

Então ela fez como mandado. Os quatro Dobradores de Terra armados passavam a maior parte do tempo se revezando guardando o acampamento, treinando, tentando pescar ou reclamando da névoa e das comidas de casa de que sentiam falta. Demoravam uma eternidade para acender fogueiras, tinham medo de comer os frutos que encontravam e raramente limpavam algo, nem a si mesmos. A dobra de terra deles era bruta e contundente, frequentemente usada em competições ociosas. Estavam longe de ser as bestas vorazes que Ulo sempre pintava em suas histórias sobre forasteiros.

Foram a mãe e a filha, como Malaya descobriu, que capturaram seu interesse. Elas examinavam de perto quase todas as plantas, rochas, animais e insetos que encontravam, usando dobra de terra delicada para levantar caranguejos enterrados na areia, prender besouros, dividir pedras. Elas faziam desenhos e anotavam. Se maravilhavam e discutiam.

Logo, começaram a se aventurar longe da praia. Dois guardas sempre as acompanhavam, e nunca iam muito longe - dificultadas pela combinação de névoa densa, vegetação espessa e terreno montanhoso desconhecido - sempre retornando ao acampamento ao anoitecer. E enquanto a

mãe e a filha transbordavam com a empolgação de suas descobertas, Malaya reexperimentava seu lar pelos olhos dos forasteiros, aprendendo que muitas das criaturas e plantas que ela considerava comuns não existiam em nenhum outro lugar do mundo.

Na primeira noite em que viram as constelações móveis das moscas dos brilhos cintilando no céu, os olhos de Malaya se encheram de lágrimas com o maravilhamento delas. Na primeira vez que pegaram uma fruta-pata-de-dragão, Malaya desejou mostrar-lhes a melhor forma de quebrar sua casca vermelha espinhosa. E no dia em que avistaram um gorila-társio agarrado a uma árvore, Malaya teve que cobrir a boca para não rir alto com o choque e deleite delas.

Foi por isso que ela não entendeu a raiva de Ulo quando relatou tudo isso como evidência de sua inofensividade.

— Você não entende os forasteiros como eu — disse Ulo severamente. — Eles só buscam conhecimento para destruir.

O tom condescendente irritou Malaya, mas ela se conteve para preservar a própria segurança. Como chefe, ele era o único membro do clã autorizado a deixar a ilha. Um privilégio que ele ostentava sobre todos de mil maneiras pequenas.

Mas talvez ele não soubesse de tudo. Talvez alguns usassem o conhecimento como arma, mas talvez houvesse

outros - como essa mãe e filha - cuja curiosidade fosse pura. Elas queriam saber mais sobre o mundo porque amavam o mundo.

— Observe-os com cuidado — ele havia advertido, percebendo o ressurgimento de um ceticismo que pensou ter erradicado anos atrás. — Pelo bem de Yungib.

Então, ela fez como mandado. Mas desta vez, ela tinha algo mais a relatar. Algo que não podia oferecer ao chefe como evidência de inofensividade.

Malaya pigarreou.

— Eles mudaram o acampamento.

— É mesmo? — disse Ulo calmamente. — Ao longo da costa?

Ela balançou a cabeça.

— Para o interior.

— Devemos nos preocupar? — ele perguntou, embora fosse menos uma pergunta e mais um teste.

— Sim — disse Malaya, então tomou seu primeiro gole de chá. — Eles estão se movendo devagar, mas se chegarem longe o suficiente a oeste, encontrarão o caminho.

Ulo ficou quieto por um longo tempo. O caminho levava até as montanhas, ao longo da crista, e descia ao vale. Se os forasteiros o encontrassem, era só uma questão de tempo antes de seguirem até a aldeia - e a Caverna Sagrada além.

— Eles enviaram algum falcão mensageiro? — Ulo perguntou.

— Não.

— Isso é uma boa notícia, pelo menos. Se tentarem, você sabe o que fazer.

Malaya assentiu. Ela era a melhor atiradora que o clã havia visto em gerações e não teria problemas para acertar um falcão grande.

— Você pode mandá-los embora antes do equinócio?

Malaya hesitou. Ela não tinha um plano, e o equinócio de outono - quando Ulo se encontraria com Yungib - estava se aproximando rapidamente.

— Acho que sim.

Ulo suspirou com decepção.

— Você não parece tão certa. Talvez Amihan fosse mais adequada para a tarefa.

Amihan era a batedora veterana da aldeia, uma Dobradora de Ar de meia-idade com olhos azuis como os de Ulo e um senso de humor distorcido que talvez fosse fruto de muito tempo sozinha ao longo dos anos. Uma vez, Malaya foi substituir Amihan e a encontrou cercada pelos corpos esmagados de sapos nos quais ela praticava sua dobra de ar.

— Eu queria ver quão alto poderia mandá-los — Amihan lhe disse sem pestanejar.

— Isso não será necessário — disse Malaya a Ulo, ansiosa para provar sua utilidade.

— Veremos. — Os lábios de Ulo se curvaram em um

sorriso sem humor. — Você não está se apegando muito a esses forasteiros, está?

Ela balançou a cabeça.

— Bom. Eles não são como nós. Quando encontram algo que consideram valioso, não o protegem. Eles roubam, exploram e acumulam. Desmatam florestas, envenenam cursos d'água e esventram montanhas. Não param até ter reunido o máximo possível daquela coisa, deixando para trás apenas destruição. — Ulo respirou fundo e se recostou. — Em meu tempo como chefe, cada vez mais forasteiros têm alcançado nossas costas. É mais importante do que nunca estarmos prontos para dar nossas vidas para proteger Yungib. Você está preparada para isso, Malaya?

— Estou — disse ela. Era a única coisa a dizer.

— Espero que sim. — Ulo acenou com a mão para dispensá-la.

UM ENCANTADOR PASSEIO ERRANTE



— CERTO — ANUNCIOU Roku, olhando para o mapa. —
Acho que descobri.

Era uma manhã morna e cinzenta. Ondas baixas batiam na areia preta da praia aleatória onde eles haviam passado a noite após mais um dia de fracasso em encontrar a ilha encoberta pela névoa de Sozin. Lola ainda roncava suavemente do outro lado da fogueira crepitante, perto de Roku. Gyatso estava agachado perto da água, raspando a cabeça.

O jovem Nômade do Ar terminou de passar a navalha pela última parte do couro cabeludo e então enxaguou a lâmina.

— Você diz isso várias vezes por dia desde que saímos do templo.

— Mas agora eu realmente descobri.

Gyatso tentou secar a navalha com sua dobra de ar. Sem sucesso, ele a limpou nas vestes e então a ofereceu a Roku.

— Quer usar?

Roku acariciou os pelos do rosto.

— Não, obrigado. Vou deixar crescer.

— Não nesses três pelos ralos que você chama de barba, mas no cabelo.

— Você só está com inveja porque seu rosto é liso como o de um bebê — disse Roku. — E pela última vez, não vou raspar minha cabeça.

Gyatso franziu o nariz.

— Como quiser.

Roku inclinou o mapa na direção de Gyatso e apontou para um símbolo estranho.

— De qualquer forma, acho que isso aqui é a Ilha Cauda de Baleia. — Ele deslizou o dedo até outro local. — E acho que estamos aqui. Se seguirmos para noroeste, devemos chegar à ilha enevoadada até o meio-dia.

Gyatso examinou as marcações indecifráveis do mapa codificado de Sozin por alguns momentos.

— Ou... poderíamos surfar nos peixes koi gigantes e depois voltar para o templo antes que a gente se meta em muita encrenca.

Roku abaixou o mapa.

— Mas estamos tão perto.

— Certo. Com certeza. — Gyatso passou a mão pela

cabeça lisa, evitando os olhos de Roku. — Mas digamos que não estamos.

O coração de Roku afundou. Cada vez que o sol se punha sem sinal da ilha, ele também queria desistir. Mas estava determinado a ser como Sozin e ignorar suas dúvidas.

— Sua dobra de ar ainda não está consertada — tentou Roku.

— Não tenho tanta certeza de que passar mais alguns dias cruzando o mar aberto vai ajudar — disse Gyatso.

Como se concordasse, Lola acordou com um resmungo, rolou de barriga para baixo, esticou as pernas, levantou-se e se sacudiu. Depois voou para procurar café da manhã nas copas das árvores.

— Você realmente acha que vamos nos meter em tanta encrenca? — perguntou Roku enquanto o bisão voador desaparecia na distância.

— A Irmã Disha não vai ficar feliz — disse Gyatso. — Ela pode atrasar seu treinamento de dobra de ar por mais um ano.

Roku já havia considerado essa possibilidade. Mas estava tentando se convencer de que, se ele tivesse sucesso, ela acreditaria que ele estava pronto.

— Esse é um risco que estou disposto a correr.

Gyatso ficou na frente de Roku e cruzou os braços.

— E quanto a mim? Minha punição pode ser pior.

— Como o quê? Limpar o cercado dos bisões voadores por alguns meses?

Gyatso balançou a cabeça.

— Como banimento.

Roku olhou para seu companheiro.

— Você não está falando sério.

O habitual ar travesso no rosto do Dobrador de Ar não estava lá.

— Acontece.

— Claro — disse Roku. Ele sabia disso. Avatar Yangchen havia sido banida do Templo do Ar do Norte. — Mas só para as ofensas mais graves.

Gyatso arqueou uma sobrancelha.

— Você quer dizer como ajudar o Avatar a desobedecer sua mestra de dobra de ar, dando-lhe uma carona para uma ilha onde ele comete um monte de erros e mergulha a Nação do Fogo e o Reino da Terra em guerra?

Roku piscou.

— Eu teria ido mesmo sem você.

Gyatso zombou.

— Claro.

— E eu não vou começar uma guerra.

— É bom que você pense assim.

— Por favor, Gyatso — disse Roku. — Me dê mais um dia. Se não encontrarmos a ilha até o anoitecer, podemos

voltar ao templo de manhã. Eu até digo a todos que você não teve escolha, que eu te obriguei a ir comigo.

Gyatso respirou fundo e olhou para as ondas baixas e cinzentas batendo sob um céu interminável de nuvens cinzentas.

— Certo.



Naquela noite, Roku se revirava, incapaz de dormir, sem conseguir afastar a profunda sensação de fracasso e vergonha. A busca do dia havia sido tão infrutífera quanto as anteriores, então eles voltariam para o sul na manhã seguinte para enfrentar as consequências de sua aventura não autorizada e sem sentido.

A fogueira havia se apagado há um tempo, então só havia o som dos suaves roncos de Lola e o ritmo das ondas do mar.

Acima, o céu estava claro e repleto de estrelas.

Eventualmente, Roku ouviu Gyatso se mexer, mas não deu nenhum sinal de que também estava acordado. Ele simplesmente ouviu enquanto o Dobrador de Ar se levantava e se afastava, caminhando suavemente pela areia.

Curioso, Roku se levantou alguns momentos depois e o seguiu silenciosamente.

Gyatso parou quando alcançou o topo dos penhascos

que davam vista para o acampamento. Ele ficou parado por um longo tempo, com os punhos pressionados juntos, respirando profundamente enquanto a brisa da noite morna agitava a grama alta que crescia em tufos ao seu redor.

Então, ele caiu em uma postura larga, levantou as mãos com as palmas abertas e começou a se mover em poses de dobra de ar.

Roku já havia visto bastante treinamento de dobra de ar durante seu tempo entre os Nômades do Ar para saber que os movimentos espiralados dos pés de Gyatso, os golpes arqueados e os chutes giratórios eram melhores do que a maioria.

Ele fluía fluidamente entre cada postura, cada movimento, cada giro e rodopio. Era como se ele estivesse dançando com o próprio vento.

Ele era mais gracioso do que a maioria dos Dobradores de Ar com o dobro de sua idade que já haviam ganhado suas flechas—não era de se admirar que a Irmã Disha tivesse um interesse especial em ajudá-lo.

No entanto, Gyatso só produzia as esperadas rajadas de ar em uma fração do tempo. E mesmo assim, os sopros eram irregulares e fracos, como uma criança pequena tentando apagar uma vela. Quanto mais ele continuava, mais irritados e desleixados seus movimentos se tornavam.

Finalmente, ele desistiu de vez e sentou-se com um suspiro pesado, colocando o rosto nas mãos.

Pela primeira vez, Roku realmente sentiu pena de Gyatso.

Era de conhecimento geral que, para dominar a dobra, o espírito de alguém tinha que estar sintonizado com as qualidades do elemento dobrado. Dobradores de Fogo tinham que alimentar sua determinação, sua vontade.

Dobradores de Ar, pelo que a Irmã Disha havia ensinado até agora, precisavam renunciar à sua vontade e aceitar a abertura da liberdade.

Roku havia treinado por anos até dominar a dobra de fogo. Ele não entendia como era esperado que ele mantivesse um *ethos* contraditório em seu espírito para dominar outro elemento—sem mencionar, ir adiante e fazer isso com mais dois elementos.

Então talvez tenham sido suas próprias lutas que o levaram a sair de onde estava assistindo e sentar-se ao lado de Gyatso.

— Vai voltar para você — disse Roku.

Se Gyatso ficou surpreso com a aparição repentina do Avatar, ou a gentileza repentina, ele não demonstrou. Ele simplesmente disse:

— Não sei se vai.

— Perdi alguém muito próximo de mim há alguns anos — ofereceu Roku. — Isso me afetou por muito tempo, mas encontrei um jeito de superar. Você também vai.

Gyatso levantou a cabeça.

— Quem você perdeu?

— Meu irmão. — Roku não sabia o quanto mais dizer. Ele raramente falava sobre Yasu, e não sabia o que o havia compelido a mencionar seu irmão agora. A dor ainda era fresca, e ele já sentia um nó se formando na garganta e lágrimas brotando nos olhos. — Éramos gêmeos.

— Sinto muito — disse Gyatso. Então, depois de um momento, ele abaixou a cabeça. — Eu perdi minha irmã no ano passado.

A compreensão de Roku sobre Gyatso mudou, e ele agora sabia por que a Irmã Disha continuava tentando fazer com que eles passassem mais tempo juntos.

— Foi quando você começou a ter problemas com sua dobra de ar.

Gyatso assentiu.

— Quer falar sobre isso?

— Na verdade, não. Quer falar sobre seu irmão?

— Na verdade, não.

Roku e Gyatso compartilharam uma risada pequena e triste. Ambos sabiam o que era perder um irmão, e assim entendiam que revelar a existência da ferida às vezes era toda a dor que se podia suportar.

Gyatso limpou a garganta.

— Você disse que encontrou um jeito de superar?

Roku assentiu.

— Um bom amigo.

— Sozin?

Roku assentiu novamente.

— Como realmente é o Príncipe da Nação do Fogo? — perguntou Gyatso.

Roku considerou a melhor maneira de responder à pergunta.

— Uma vez, quando éramos pequenos, talvez sete ou oito anos, nós três estávamos brincando no Spa Real. Correndo, pulando, fazendo bagunça. Esse tipo de coisa. Meu irmão acidentalmente espirrou água em um cara grande e musculoso que estava relaxando em um dos banhos quentes no canto. O cara saiu da água, marchou até nós e levantou meu irmão como se fosse jogá-lo no chão.

— O que você fez? — perguntou Gyatso, fascinado.

— O que eu ia fazer contra esse Dobrador de Fogo enorme e feroz que provavelmente era dez ou vinte anos mais velho que eu? Eu congelei. Mas Sozin correu e — bum — acertou o cara na virilha com um punho de fogo. O cara largou meu irmão, e nós dois corremos. Mas não Sozin. Ele ficou para dizer ao cara para nunca mais tocar em seus amigos, ou da próxima vez ele queimaria o cabelo dele até virar cinzas. — Roku riu silenciosamente com a lembrança.

— Esse é o Sozin.

Gyatso sorriu.

— Qual era o nome do seu irmão?

— Yasu — disse Roku.

— Yasu — repetiu Gyatso como se o nome fosse sagrado. Então, — O nome da minha irmã era Yama.

— Eles compartilham uma sílaba — observou Roku.

Gyatso assentiu.

— Essa ilha sobre a qual Sozin te escreveu... Você realmente acredita que estamos perto de encontrá-la?

Roku olhou para a escuridão.

— Acredito.

— Então vamos continuar procurando — disse Gyatso.



— Por que a comida dos Nômades do Ar é tão sem graça?

— perguntou Roku enquanto beliscava biscoitos velhos que havia pego da despensa do templo. Eles estavam voando em Lola por um céu azul-claro na manhã seguinte, com o mar cintilando abaixo.

Gyatso arrancou os biscoitos das mãos de Roku.

— Esses são biscoitos de bisão voador — explicou ele, jogando-os pela borda em direção à boca de Lola. Ela os pegou no ar e então resmungou apreciativamente.

Roku limpou a língua.

— Mesmo assim, estou comendo sua comida há meses. Nenhum dos seus ancestrais nômades nunca encontrou especiarias em suas viagens?

— Por favor. Você está falando de comida quando seu povo é moralmente atrasado.

— Atrasado?

— Sim — disse Gyatso. — Como sua monarquia. Você realmente acha que uma única pessoa tomando todas as decisões é uma boa ideia? E vocês já tiveram uma líder mulher? Vocês têm um termo para isso? Madame do Fogo? Senhora do Fogo? Dama do Fogo?

— Pelo menos não segregamos nossas principais cidades por gênero.

— Existem boas razões para as Freiras do Ar e os Monges do Ar estudarem e treinarem separados — disse Gyatso. — E, além disso, não somos apenas flexíveis quando se trata de dobra de ar. Os Nômades do Ar podem mudar de templo se a compreensão de seu próprio gênero mudar.

Roku não sabia disso e achou interessante. Mas não estava disposto a admitir isso em voz alta.

— Outra coisa que nunca vou entender é a sua postura de neutralidade. Você não entende que não fazer nada é fazer algo? Avatar Kyoshi disse que ficar parado enquanto ocorre uma injustiça permite que essa injustiça continue. Entrar em ação depois para fornecer ajuda após o conflito não ajuda a acabar com o conflito.

— Não haveria tanta luta se todos fossem pacifistas como nós — explicou Gyatso. — Minha irmã sempre

achou que deveríamos viajar para espalhar nossos ensinamentos.

Roku balançou a cabeça.

— Você nunca vai convencer os Cidadãos do Fogo a desistirem dos espetinhos de Komodo.

— E o que dizer sobre todas as suas gírias bobas?

— Que gírias bobas?

Gyatso zombou.

— Você vai fingir que não cumprimenta seus compatriotas com um alegre *“Flamejante, cidadão quente!”*?

— Ninguém diz isso — disse Roku.

— Ainda não — disse Gyatso com um sorriso travesso.
— Mas me dê algum tempo.

Roku pensou sobre isso por um momento.

— Você vai criar uma nova gíria da Nação do Fogo e de alguma forma fazer com que ela se espalhe pelo arquipélago... como uma piada?

— Nunca subestime minha dedicação.

Roku estava prestes a iluminar Gyatso sobre outra falha na filosofia dos Nômades do Ar quando notou uma mancha branca no horizonte azul ininterrupto. Ele se sentou e apontou para o ponto distante.

— O que é aquilo?

Gyatso olhou.

— Uma nuvem?

Mas à medida que Lola os levava mais perto, ficou claro

que a ampla faixa de névoa cinza-branca não pairava no céu, mas se assentava sobre a água, permanecendo fixada de maneira antinatural na mesma área.

Roku verificou o mapa indecifrável. Ele havia finalmente decifrado o código de Sozin e os conduzido com sucesso à ilha, ou haviam tropeçado nela por pura sorte? Decidiu ser a primeira opção.

— Viu? Eu sabia para onde estávamos indo o tempo todo!

— Certo — disse Gyatso. — Lola e eu agradecemos pelo lindo e desviado passeio pelo Mar do Sul. — Lola resmungou em desacordo.

Roku enrolou e guardou o mapa, começando a sentir o nervosismo. Essa deveria ser a parte fácil.

— De nada — disse ele.

JURAMENTO AOS ESPÍRITOS



APESAR DAS ordens de Gyatso e das tentativas de Roku de suborná-la com petiscos, Lola se recusou a voar para dentro da névoa. Em vez disso, continuou a circular o perímetro, procurando uma abertura na densa neblina.

Se a forma da névoa refletisse a forma da ilha, era um pedaço de terra vagamente em forma de crescente, com dezenas de quilômetros de comprimento e vários quilômetros de largura. A altura da névoa no interior sugeria montanhas formidáveis, provavelmente um vulcão, dado fazer parte de uma pequena cadeia. Mas era impossível determinar qualquer característica geográfica específica, como onde Lola poderia pousar com segurança. Um navio se aproximando pelo mar que notasse a formação estranha certamente não arriscaria atracar, a menos que seu capitão

tivesse um desejo de morte. Roku não tinha ideia de como o Reino da Terra poderia ter chegado à costa.

— Tente dizer a Lola para descer de novo — disse Roku após darem a segunda volta. — Tenho certeza de que, uma vez lá dentro, encontraremos um lugar para pousar.

— Ou vamos bater na lateral de um penhasco e morrer na hora — disse Gyatso, espiando por cima da sela.

— Apenas diga.

Gyatso bufou, puxou as rédeas e gritou para Lola:

— Mais baixo, por favor! — Lola não desceu.

Gyatso deu de ombros. — Ela é seu próprio bisão voador.

Roku olhou para a névoa bizarra e densa. Uma anotação no mapa de Sozin descrevia uma névoa espessa que sempre cobria a ilha durante o dia, mas ele não esperava que fosse tão espessa. Parecia quase sólida. Desmentindo esse pensamento, um bando de pássaros surgiu da névoa cinza-branca um momento depois, voando sobre o mar.

Isso deu uma ideia a Roku. Ele se arrastou pela sela, pegou o bastão de Gyatso e o estendeu para o Dobrador de Ar.

— Lola não voará para dentro da névoa, mas nós podemos.

Gyatso balançou a cabeça.

— Você sabe que os anciãos me proibiram de voar por um bom motivo, certo?

— Eu acredito em você — mentiu Roku.

— Isso é mentira.

Roku cutucou Gyatso com o bastão.

— É a única maneira.

Gyatso ainda não pegou o bastão.

— Mesmo que eu conseguisse dobrar o ar ao redor do meu planador, ainda há a possibilidade de bater na lateral de uma montanha.

— Nos aproximamos pela borda. Miramos na costa.

— Você já se esqueceu de quão rochosas eram as costas ao redor de todas as outras ilhas desta cadeia? Se estivéssemos em um navio, não teríamos conseguido pousar em nenhuma delas.

— Talvez não se um Dobrador de Ar estivesse no leme.

— Roku cutucou Gyatso novamente.

Gyatso empurrou o bastão para longe.

— Eu não posso fazer isso.

Roku suspirou e então colocou o bastão na frente de Gyatso. Ele reuniu suas coisas em sua sacola e se levantou, seu cabelo comprido chicoteando em seu rosto.

— Você me disse que queria vir nesta jornada porque achava que eu arriscando minha vida lhe daria oportunidades de se reconectar com sua dobra de ar. Bem...

— Você não faria...

Roku sorriu e se inclinou para trás até cair do lado do bisão voador.

Seu estômago despencou, e ele perdeu o sorriso. O ar passou rapidamente ao seu redor enquanto ele se torcia até ficar de frente para o mar. O medo apertou suas entranhas. Provavelmente quebraria vários ossos ao bater na superfície. Se sobrevivesse a isso, estaria à mercê das águas abertas, seu lugar menos favorito no mundo. Talvez ele não tivesse pensado nisso o suficiente...

Mas um momento depois, Gyatso arrancou Roku do ar. Mantendo uma mão no bastão que virou planador, ele segurou o Avatar pelas vestes com a outra. Roku agarrou os braços de Gyatso com ambas as mãos, sorrindo.

— Funcionou!

— Não fale muito cedo — disse Gyatso. Seus olhos estavam fixos na ilha, sua boca se contorcendo com o esforço combinado de dobrar o ar ao redor de seu planador enquanto sustentava o peso de outro ser humano.

Eles voaram desajeitadamente, o planador cortando um caminho instável pelo ar. Eles deslizavam de forma atabalhoada, balançando e sacudindo aleatoriamente de um lado para o outro. Eles mergulhavam vários pés, nivelavam, caíam de novo, nivelavam de novo. Durante todo o tempo, estavam rapidamente perdendo altitude. Pela estimativa de Roku, eles atingiriam a água antes de chegar à ilha.

— Vou te soltar! — gritou Gyatso.

Roku olhou para seus pés e a água passando rapidamente abaixo. Seu coração disparou.

— Não!

— Estamos perto o suficiente! É só nadar até a costa!

— Não!

— Na contagem de três!

— Eu disse que não!

— Um...

— Juro pelos espíritos, se você...

— Dois...

— Gyatso, eu vou...

— Três!

Roku lutou para se segurar enquanto Gyatso soltava seu braço. Roku escorregou, caiu pelo ar e mergulhou na água a poucos metros da parede de névoa.

Ele chutou as pernas e agitou os braços. Ele sabia nadar, mas não fazia isso há anos, e o pânico impedia seus membros de coordenarem seus movimentos. Ele ofegou por ar, mas em vez disso inalou um bocado de água salgada.

Acontece que a vida do Avatar não seria extinta pela terra, mas pela água — um fim mais apropriado para um Dobrador de Fogo, e especialmente para Roku.

— É raso o suficiente para ficar de pé — disse Gyatso, tendo chegado até ele em algum momento durante a morte espalhafatosa de Roku.

Roku se endireitou na água e seus pés tocaram a areia. Ele parou de se debater e ficou de pé. Pequenas ondas batiam em seu peito.

— Eu sei... estava só brincando.

Gyatso riu, virou-se e começou a caminhar pelas águas rasas surpreendentemente mornas, ajudado por seu bastão.

— Claro.

Roku afastou o cabelo do rosto e seguiu o Nômade do Ar na névoa.

— Eu estava.

NÃO MUITO FÃ DE PÁSSAROS



ENQUANTO ROKU torcia o cabelo em uma estreita faixa de praia rochosa, ele reconhecia internamente que Gyatso havia tomado a decisão certa. Se tivessem tentado voar com o planador no meio da neblina, o corpo pendurado de Roku quase certamente teria se espatifado em uma das numerosas formações rochosas que se erguiam dos rasos, pelas quais eles passaram enquanto caminhavam para chegar à praia.

Perto dali, Gyatso tentava se secar com dobra de ar. Falhando, ele tirou as vestes e começou a espremer a água metodicamente.

— A gente poderia jogar bola-de-ar naquelas pedras — ele disse, referindo-se às mesmas formações de pedra agora perdidas na névoa que Roku estava pensando, que real-

mente se pareciam com o campo denso de postes de madeira de alturas variadas onde os Dobradores de Ar jogavam seu jogo favorito.

Roku amarrou o cabelo de novo e colocou o enfeite de cabeça no lugar.

— Já naveguei pelas Ilhas do Fogo várias vezes, e nunca vi uma costa como esta.

— Deixe-me adivinhar — disse Gyatso —, férias no barco de luxo da sua família?

A resposta era sim, mas Roku não queria admitir.

— Só estou dizendo que é estranho. Assim como essa neblina.

Gyatso assentiu.

— Este lugar tem uma energia espiritual estranha. Você sente?

Será que sentia?

Não sentia.

O Avatar não deveria conseguir perceber energias espirituais assim? Ele se sentia inquieto e desorientado, mas talvez não fosse devido à energia do lugar, e sim pelo fato de que a névoa era tão densa que ele só conseguia ver cerca de três metros em qualquer direção.

— Talvez haja mais nesta ilha do que Sozin contou para você — acrescentou Gyatso.

— Talvez — disse Roku, mas ele duvidava. Por que Sozin esconderia algo dele?

Gyatso olhou para cima, preocupação estampada no rosto.

— Espero que Lola esteja bem.

— Ela vai ficar bem — disse Roku. — Provavelmente voltou para o Templo do Ar do Sul. Ou talvez fique por perto, já que vocês dois são *tão* espiritualmente conectados.

— Por que você falou desse jeito?

Roku deu de ombros, pensando nas muitas vezes em que o bisão voador se recusou a obedecer aos comandos mais simples do jovem Dobrador de Ar.

— Ou talvez o seu animal guia especial de Avatar possa nos ajudar na próxima vez que estivermos em apuros — disse Gyatso. — Ah, espera, você não tem um.

— A Avatar Kyoshi não se ligou ao dela até mais tarde na vida — disse Roku, tentando não soar muito defensivo.

— Mas o Avatar Szeto cresceu com o dragão dele, certo? — perguntou Gyatso.

Relutantemente, Roku assentiu.

Eles terminaram de espremer o máximo de água de suas vestes, fizeram um inventário das provisões e posses que sobreviveram, e avaliaram o entorno. O ar estava quente e úmido, o sol nada mais que um brilho fraco na neblina diretamente acima. Pelo que puderam perceber, após vagar um pouco, a vegetação densa chegava quase até a beira da água, deixando a estreita faixa de areia rochosa

onde estavam sentados. Podiam seguir para o oeste, para o interior da ilha, ou seguir a costa.

— Para onde? — perguntou Gyatso.

Roku tinha uma terrível noção de direção, mas Gyatso não precisava saber disso.

— Pulamos de Lola quando estávamos ao sul da ilha. E, segundo Ta Min, a patrulha da Nação do Fogo encontrou o Reino da Terra na costa leste. Então, se seguirmos a praia para nordeste, devemos encontrá-los eventualmente.

— E quando encontrarmos?

— Vou notificar que estão em território da Nação do Fogo.

— E então pedir educadamente que saiam?

Roku deu de ombros.

— Basicamente.

— E se eles se recusarem?

— Eles não vão.

Gyatso levantou uma sobrancelha.

— Mas se recusarem?

— Vou fazê-los sair — disse Roku, irritado.

— Que astúcia.

Roku se levantou e começou a andar.

— Hum. — Gyatso apontou o cajado na direção oposta.
— Nordeste é por ali.



A costa continuava como uma estreita faixa de praia, em algumas áreas mais arenosas, em outras mais rochosas, serpenteando para leste ou oeste antes de sempre retornar ao norte. Depois de horas caminhando, Roku e Gyatso ainda não haviam encontrado nenhum barco ancorado nos rasos ou uma única pegada impressa na areia, então, quando a luz já fraca começou a diminuir ainda mais, eles pararam para descansar à noite.

Eles se aventuraram na floresta densa apenas o suficiente para coletar gravetos e galhos caídos, incertos dos perigos que ela podia esconder. Roku usou sua dobra de fogo para acender uma fogueira, enquanto Gyatso improvisava um abrigo caso chovesse. À medida que a noite caía, a névoa se dissipou apenas para ser substituída pela escuridão, e eles não conseguiam ver nada na praia além do brilho da fogueira. Mas um céu claro, sem lua, cheio de estrelas se estendia sobre as ondas azul-escuras a leste.

Gyatso assou algumas algas que coletou pelo caminho, enquanto Roku colocou um caranguejo nas brasas. Enquanto esperavam seus respectivos alimentos cozinharem, Roku usou sua dobra de fogo para fazer uma xícara de chá. Ele inalou o aroma picante, tomou um gole e soltou um suspiro contente.

— Posso experimentar? — disse Gyatso. Roku passou a xícara. Gyatso soprou para esfriar um pouco a bebida, depois bebeu.

— É realmente muito bom.

— Folhas de chá da Nação do Fogo — disse Roku ao pegar a xícara de volta. Ele inalou o aroma novamente, que cheirava a lar. — Disseram-me para não trazer nada, mas não resisti e escondi alguns pacotes nas vestes quando saí. Estava guardando para ocasiões especiais.

— Como encontrar uma ilha secreta?

— A primeira vitória do Avatar — disse Roku sem humor. Em seguida, levantou a xícara, tomou um gole e passou de volta para Gyatso.

— Enquanto você continuar compartilhando seu estoque comigo, não contarei à Irmã Disha sobre o seu contrabando.

— Você não faria isso.

— Claro que faria, você já provou o chá dos Nômades do Ar. É como água de enxágue de bisão voador. — Gyatso estremeceu. — De jeito nenhum eu volto para aquilo.

Roku riu. Ninguém que apreciasse uma boa xícara de chá podia ser tão ruim assim. Talvez, à medida que o jovem Dobrador de Ar amadurecesse, ele se tornasse menos irritante.



Por hábito, Roku acordou na escuridão antes do amanhecer. Sempre foi um madrugador, encontrando sua mente mais

clara nesses momentos silenciosos antes do resto do mundo começar a se agitar. Como Gyatso não era, ele foi em frente e acendeu o fogo da manhã, meditou enquanto os pássaros da ilha começavam a cantar, e então começou a praticar os movimentos de dobra de ar que tinha visto Gyatso usar na noite anterior.

O céu a leste estava ficando de um azul pálido e a névoa começava a se formar quando Gyatso apareceu. O jovem Dobrador de Ar parecia mais sonolento do que de costume, enrolado em suas vestes como se fossem o mais fino cobertor de pele de bisão voador.

Roku parou, envergonhado por ser pego imitando desajeitadamente os movimentos expertos de Gyatso.

— Posso te ajudar?

— Não — disse Gyatso. — Mas posso te ajudar.

Roku se animou.

— Você vai me dar algumas dicas?

— Claro. — Gyatso bocejou. — A primeira coisa a saber é como cair.

— O que eu faço?

Gyatso se aproximou.

— Vamos começar simples. Fique aqui, de frente para mim.

Roku fez como instruído, ansioso por sua primeira verdadeira lição.

— Vou te empurrar.

— Só isso? — Roku perguntou, cético.

— Sim, mas lembre-se, dobrar ar é sobre soltar. Não tente amortecer a queda. Apenas feche os olhos e visualize o ar sob seu corpo tomando a forma de uma almofada.

— Só isso? — Roku perguntou novamente. — Não preciso mover os braços nem nada?

— Não. Só isso. Pronto?

Roku assentiu, fechou os olhos e imaginou uma almofada de ar.

Gyatso empurrou.

Roku caiu direto de costas com um baque pesado. Carrancudo, Roku abriu os olhos e se sentou.

— Ótimo trabalho. — Gyatso sorriu de lado. — Mas aqui vai uma sugestão: espere pelo seu mestre de dobra de ar.

Ele se virou e voltou para perto do fogo.



Depois do café da manhã, juntaram suas coisas e continuaram sua aparentemente interminável caminhada ao longo da costa enevoadas. Andaram sem falar, e nas primeiras horas, a paisagem que passava dentro de seu campo de visão limitado era a mesma do dia anterior. Então a faixa de areia da praia se estreitou até desaparecer completamente. Foram forçados a entrar na vegetação, o

que reduziu seu progresso a um passo lento devido à densa vegetação rasteira e às árvores que sufocavam o caminho sem trilha.

— Não reconheço muitas dessas plantas — disse Gyatso, parando para examinar uma fileira de minúsculas flores vermelhas em espiral que desabrochavam ao longo de uma videira. — E você?

— Não sou muito fã de plantas — disse Roku.

Gyatso apoiou-se em seu cajado, inclinando a orelha para o ar.

— E os pássaros — você os ouve?

Roku ouviu. Algo grasnou. Parecia um grasnido.

— Estranho, né? — perguntou Gyatso.

— Também não sou muito fã de pássaros — disse Roku, continuando a andar.

— Eu sou — disse Gyatso, seguindo-o. — Pássaros são ótimos. Você sabia que...

— Não estou interessado em nada do que você está prestes a dizer — interrompeu Roku.

— Você não gosta de plantas e não gosta de pássaros. Do que você gosta?

Roku pensou por um momento.

— Sou mais de dragões.

Gyatso zombou.

— Você não é de dragões.

— Você não me conhece.

— Eu te conheço o suficiente para saber que você quer que as pessoas pensem que é de dragões, mas não é realmente de dragões.

Roku não se dignou a responder.

Logo, o chão começou a inclinar-se para cima. À sua direita, o mar desaparecia na névoa e o som das ondas diminuía à medida que subiam. À distância, algo grasnou novamente.

Depois de um tempo, os pulmões e as pernas de Roku começaram a queimar com a subida íngreme, e seus braços ficaram cansados de empurrar galhos e trepadeiras. Quando parou para beber água, Gyatso, que não parecia nada cansado, caminhou calmamente até a beira do penhasco e olhou para o vazio da névoa cinza-branca.

— Esta seria uma vista bonita se o ar estivesse claro.

— Mas não está — disse Roku.

Talvez ele tivesse escolhido o caminho errado e estivesse levando-os para as montanhas. Que Avatar ele estava se revelando ser — quase assassinado por um único Dobrador de Terra, incapaz de ler um mapa, agora perdido na névoa.

Mas, um pouco depois, o terreno começou finalmente a descer novamente à medida que fazia uma curva para dentro. Um alívio tomou conta de Roku; eles haviam atingido o topo da colina. E quando desceram do outro lado, finalmente encontraram o que estavam procurando.

A BARRIGA DE UMA COBRA-RATO



DEPOIS DE falar com Ulo, Malaya terminou o resto dos seus afazeres na vila, montou em Kilat e saiu para encontrar Amihan. Apesar do tamanho e da musculatura impressionante da gorila-társio, a criatura ágil saltava de árvore em árvore como um sussurro através das folhas, ajudada por dedos alongados e olhos grandes que a ajudavam a enxergar na iluminação constante e tênue de seu habitat natural. Ela carregou Malaya para longe da vila, subindo o vale, através das montanhas e descendo do outro lado em uma fração do tempo que levaria Malaya a pé.

Elas alcançaram a batedora Dobradora de Ar do clã nas cachoeiras a meio caminho do rio no lado costeiro das montanhas orientais. Amihan estava no topo de seu próprio

gorila-társio, observando os Dobradores de Terra do dossel da floresta.

— Eles são tão pálidos quanto a barriga de uma cobra-rato — ela disse quando Malaya e Kilat chegaram.

Malaya ignorou o comentário e espiou através da névoa. Ela conseguiu ver a mãe e a filha dobradoras de terra sentadas juntas em uma grande pedra plana abaixo. Os quatro guardas não estavam à vista, mas ela os ouviu na névoa além, chapinhando nas piscinas naturais em camadas formadas pela série de pequenas cachoeiras rochosas.

A atenção de Amihan se voltou para Malaya.

— O que Ulo disse?

— Que eles precisam sair.

— Só isso?

Malaya assentiu e compartilhou seu plano. Foi inspirado na maneira como ela recuperava ovos de víbora. Basicamente, ela atrairia os Dobradores de Terra para longe de suas posses e então pegaria suas mochilas. Os Dobradores de Terra não eram sobreviventes natos, então, sem seu equipamento, ela esperava que eles não tivessem escolha a não ser retornar ao seu navio e navegar de volta para casa.

A parte mais difícil foi descobrir como separar os forasteiros de seus pertences, que eles sempre carregavam nas costas ou mantinham perto. As cachoeiras, no entanto, apresentaram a oportunidade perfeita. Malaya só tinha que

garantir que não fosse pega – e era aí que a dobra de ar de Amihan entrava.

Quando ela terminou de explicar o plano, a Dobradora de Ar não parecia impressionada.

— Ou — ela disse depois de um momento — esperamos até que eles alcancem a passagem da montanha, e então eu os sopro para fora da crista.

Malaya piscou.

— Apenas ouça meu sinal.

— Tudo bem. Quanto tempo você precisa?

Malaya estimou quanto tempo levaria para se aproximar, pegar as mochilas e escondê-las bem o suficiente para que os forasteiros não as encontrassem.

— Alguns minutos. Sinalizo de novo quando terminar.

Amihan assentiu, e Malaya guiou Kilat para longe. Elas seguiram a linha das árvores rio acima até que as mochilas dos Dobradores de Terra se materializaram na névoa, agrupadas em uma pilha nas rochas. Como ela esperava, estavam desprotegidas. Ela deu dois toques no ombro direito do gorila-társio, e Kilat agarrou-se a um tronco de árvore próximo e deslizou silenciosamente para baixo.

Malaya desmontou, deixando suas armas presas à sela de Kilat, pois não precisaria delas. Ela acariciou a pelagem aveludada cinza-clara na nuca da gorila-társio e sinalizou para ela esperar por perto. Kilat assentiu e então subiu na árvore, desaparecendo na névoa acima.

Aproximando-se tão silenciosamente quanto numa caçada, Malaya saiu das árvores e observou ao redor. A extensão de rochas planas da margem do rio se estendia à sua frente. As mochilas estavam a cerca de uma dúzia de passos da borda do seu campo de visão. O som das quedas d'água e o chapinhar dos Dobradores de Terra diziam que os guardas estavam cerca de duas vezes mais longe do outro lado das mochilas. E, pelo leve murmúrio de conversa, ela sabia que a mãe e a filha ainda estavam a uma boa distância rio abaixo de onde ela se separou de Amihan.

Malaya rolou o pescoço, respirou fundo e avançou furtivamente. Ela planejava pegar todas as mochilas de uma vez, mas ao se aproximar, viu que cada uma estava cheia até a capacidade com uma variedade de ferramentas e equipamentos amarrados do lado de fora. Por mais forte que ela fosse, teria que fazer algumas viagens e torcer para que a dobradura de ar de Amihan aguentasse.

Pronta, Malaya cobriu as mãos sobre a boca, respirou fundo e soltou uma série de guinchos ricos e rápidos que imitavam o som de um estorninho-vaga-lume macho durante a época de acasalamento.

Nada aconteceu por alguns momentos. Então uma brisa começou a agitar o ar. Ramos se moveram e folhas tremularam. O som da água caindo mudou. E a névoa começou a se condensar. Ela se fechou, medida por medida, engolindo cada árvore, arbusto, rocha e raiz até que o mundo já limi-

tado se tornou um vazio completamente cinza-branco. Logo, Malaya não podia nem ver seus próprios pés.

À medida que os Dobradores de Terra começavam a se chamar em surpresa e confusão, Malaya começou a trabalhar. Confiando no mapa mental que ela havia construído antes de sinalizar Amihan, ela deslizou silenciosamente pela névoa. Ela levantou uma mochila, testou o peso — e pegou mais duas. Então voltou para as árvores, guardou as mochilas em um denso arbusto atrás de um afloramento rochoso e retornou para buscar o resto.

Malaya havia acabado de voltar às pedras planas da margem do rio quando esbarrou em alguém — uma mulher gritou surpresa enquanto elas se afastavam, e Malaya conteve seu próprio impulso de fazer o mesmo.

— Xia, é você? — perguntou a mulher.

Malaya congelou. Era a mãe.

A mulher deu um passo à frente. Malaya deu um passo para trás.

— Estou aqui! — respondeu uma jovem — Xia, a filha — a alguns passos de Malaya. — A névoa é tão espessa longe do rio — não é fascinante?

Malaya ficou presa entre as mulheres. Ela pensou que elas ficariam paradas à medida que a visibilidade diminuísse, mas, em vez disso, a curiosidade delas as fez vagar para inspecionar os limites do fenômeno.

Malaya começou a se afastar quando o vento de repente

parou. À medida que o ar se acalmava, a névoa começou a se dissipar. Ao contrário de antes, o mundo começou a reaparecer. O pânico se instalou enquanto Malaya esperava que Amihan renovasse seus esforços de dobra de ar.

Mas antes que percebesse, as duas mulheres apareceram, a alguns passos de distância. Um momento depois, seus olhos se arregalaram ao ver Malaya.

— Quem é você? — mãe e filha perguntaram ao mesmo tempo.

Malaya correu.

— Espere — a filha chamou atrás dela.

— Tem alguém aqui! — chamou um dos guardas, avisando Malaya através da névoa que se dissipava. — Parem!

— Vou pegá-la! — alguém gritou.

— Não machuquem ela! — a mãe implorou de algum lugar atrás de Malaya enquanto um turbilhão de passos a perseguia.

O chão tremeu, e uma parede de pedra surgiu na frente de Malaya para bloquear seu caminho. Mas ela pulou em cima e assobiou com os dedos enquanto cavalgava a pedra que se erguia. Um momento depois, Kilat passou pelas árvores, tirou Malaya do perigo e a jogou na sela.

Malaya se virou enquanto sacava seu arco e encaixava uma flecha – mas Kilat a carregou de árvore em árvore tão rapidamente que ninguém a seguiu. Malaya abaixou sua

arma e deu um toque no ombro esquerdo da gorila-társio. Kilat parou.

Enquanto recuperava o fôlego, Malaya escaneou o dossel em busca de qualquer sinal de Amihan. Será que ela havia sido pega? Seria por isso que sua dobra de ar falhou? Ulo já estaria irritado o suficiente por os forasteiros terem avistado Malaya, mas quem sabia o que ele faria se seu plano falhado custasse ao clã sua batedora veterana.

Mas o som das risadas da Dobradora de Ar se aproximando dissipou esses medos imediatamente. Amihan emergiu da névoa alguns momentos depois em seu próprio gorila-társio, rindo tanto que estava segurando a barriga com lágrimas nos olhos.

A preocupação de Malaya se transformou em raiva.

— O que aconteceu lá atrás?!

Amihan tentou falar, mas ainda estava rindo demais.

Eventualmente, sua gargalhada diminuiu e ela recuperou o fôlego. Depois de uma respiração profunda e satisfeita, ela finalmente disse:

— Você devia ter visto sua cara.

— Ami, pare com isso. Por que a névoa dissipou?

Amihan sorriu.

— Eu queria ver o que aconteceria.

Malaya a encarou sem expressão. Ela não podia acreditar nisso. A mulher sabotou a missão delas por um senso de... o quê? Curiosidade mórbida?

— Eles quase me pegaram! — disse Malaya.

— Calma. Você está bem.

— Eu não estaria se não fosse por Kilat.

Amihan deu de ombros.

— E agora, — Malaya acrescentou —, eles definitivamente não vão embora!

— Por causa do que fiz com aquele grande Dobrador de Terra?

— Espera... O quê? Que grande Dobrador de Terra? O que você fez com um grande Dobrador de Terra?

— Nada.

Malaya decidiu lidar com esse problema depois.

— Eles me viram — ela disse, pensando na curiosidade da mãe e da filha. — Agora eles vão procurar nossa vila.

Amihan pegou uma folha do seu cabelo preto curto, entediada com a conversa.

— Não importa. Seu plano nunca iria funcionar. Eles não iriam embora. Eles nunca vão.

— O que você quer dizer?

Ela olhou para Malaya.

— Você realmente acredita que a verdadeira tarefa de uma batedora é simplesmente espionar forasteiros?

Malaya não disse nada. Isso era o que Ulo sempre dizia ao clã.

— Tão ingênua. Você provavelmente acredita em todas as outras histórias dele também. — Amihan explicou: —

Caçamos forasteiros, Malaya. Esse é nosso verdadeiro trabalho.

Malaya balançou a cabeça. Não podia ser verdade.

— Então por que Ulo me deixou tentar fazê-los ir embora?

— Ele estava te agradando. Se dependesse de mim, você saberia desde o seu primeiro dia como batedora. Mas ele acredita que é melhor para chegarmos à realização por conta própria de que não há outra maneira de manter o clã seguro.

Malaya pensou na mãe e na filha. Ela as havia rastreado tempo suficiente para saber que não eram uma ameaça, e os guardas estavam lá apenas para protegê-las. Se ela pudesse falar com as mulheres e explicar sobre Yungib, tinha certeza de que elas entenderiam e deixariam o clã e a ilha em paz.

Elas não mereciam morrer.

— Você não acredita em mim — Amihan disse. — Volte e diga a Ulo o que aconteceu aqui. Então veja o que ele diz.

Malaya virou Kilat e começou a voltar para a vila.

— Eu vou — disse por cima do ombro, dizendo a si mesma que essa era simplesmente mais uma das piadas distorcidas da Dobradora de Ar.

— E enquanto estiver lá —, Amihan chamou atrás dela da névoa — não se esqueça de afiar sua lâmina.

UMA DOR TÃO PROFUNDA



QUANDO ROKU e Gyatso desceram a colina que abraçava a costa, encontraram-se em uma ampla enseada com uma vasta extensão de praia e água calma. E não demorou muito para que os restos de um acampamento aparecessem à frente, emergindo da névoa.

Vários conjuntos de pegadas cruzavam a areia. Havia alguns abrigos de pedra que só poderiam ter sido feitos com dobra de terra, além dos restos carbonizados de uma grande fogueira. Roku se perguntou se os Dobradores de Terra já haviam partido, mas encontrou um barco de desembarque que havia sido arrastado para a praia e amarrado a uma árvore.

Roku procurou um navio maior ancorado em águas mais profundas de onde o pequeno barco deveria ter saído,

mas não conseguiu ver nada através da névoa cinza-branca.

Gyatso alinhou seu pé ao lado de uma das pegadas melhor preservadas na areia.

— Uau, esse cara deve ser um gigante! Você acha que pode enfrentá-lo?

Roku se virou. Era realmente uma grande pegada.

— Não estou aqui para lutar com ninguém.

— Você não disse que iria *“fazê-los sair”*? Roku ignorou o Dobrador de Ar irritante e examinou o restante das pegadas, comparando os diferentes tamanhos.

— Devem ser sete ou oito ao todo — ele estimou.

— E, julgando pelo estado daquela fogueira, eles devem ter mudado o acampamento há alguns dias.

— Para onde?

Roku seguiu a linha mais recente de pegadas através da névoa. Elas levavam até a linha das árvores, onde ele encontrou o início de um caminho pisoteado pela vegetação.

— Por aqui.

Gyatso se aproximou e observou a trilha estreita que, como tudo ali, desaparecia na névoa.

— Do jeito que sua namorada descreveu a situação, eu pensei que encontraríamos um verdadeiro posto militar do Reino da Terra. Você sabe, uma fortaleza feita de rochas, muralhas, grandes bandeiras verdes do Reino da Terra tremulando ao vento, caras robustos usando aqueles capa-

cetes pontudos. Coisas assim. Não, tipo, meia dúzia de pessoas acampando na praia e depois fazendo uma caminhada.

Roku vinha pensando o mesmo, mesmo sem dizer.

— Provavelmente desembarcaram aqui e depois estabeleceram seu posto em um terreno mais elevado. Talvez perto de uma fonte de água potável. Tenho certeza de que, se seguirmos o caminho deles, os encontraremos. E Ta Min não é minha namorada.

Gyatso olhou para Roku, cético.

— Você está me dizendo que eles deixaram a costa de uma ilha roubada completamente desguarnecida?

— O Reino da Terra não é conhecido por suas táticas astutas.

— Isso é uma generalização exagerada — disse Gyatso.
— O que não me surpreende vindo de um Cidadão do Fogo. Mesmo assim, não é estratégia militar. É lógica básica. Algo não está se encaixando aqui.

O comentário irritou Roku.

— Tenho certeza de que há uma explicação.

— Sim, como eu disse antes, talvez seu amigo esteja escondendo algo de você.

Roku começou a descer o caminho.

— Por que ele faria isso?

Gyatso o seguiu.

— Sei lá, você é quem o conhece bem.

Roku cerrava os dentes e considerava, e rapidamente descartava, a possibilidade. Se ele não pudesse confiar em seu amigo mais próximo no mundo, então em quem poderia confiar?

No entanto, a sugestão de Gyatso continuava a incomodá-lo enquanto eles se aprofundavam mais na ilha. Se a Irmã Disha estivesse lá, ela perguntaria por que isso o incomodava tanto se Roku estava tão confiante de que Sozin havia sido honesto com ele. Mas, como ela não estava, era uma pergunta que Roku não precisava responder.



Graças ao caminho que os Dobradores de Terra já tinham aberto através da vegetação densa, Roku e Gyatso se moveram consideravelmente mais rápido do que teriam de outra forma. Cipós e galhos baixos já haviam sido cortados. Rochas foram removidas ou deslocadas para proporcionar degraus úteis em inclinações íngremes. E, julgando pelo número de antigos acampamentos de Dobradores de Terra que Roku e Gyatso passaram, a dupla estava viajando pelo menos cinco ou seis vezes mais rápido.

O caminho seguia quase diretamente para oeste por uma floresta principalmente plana, densa com árvores altas que tinham raízes de sustentação extensas e galhos que pendiam em algum lugar alto na névoa acima.

Chamados de pássaros desconhecidos e sons de insetos enchiam o ar, ficando quietos à medida que Roku e Gyatso se aproximavam, e depois recomeçando após eles passarem. O tempo todo, criaturas invisíveis se mexiam e se agitavam fora de vista.

Quando o brilho fraco do sol se aproximou do horizonte, a floresta deu lugar a um manguezal. Eles debateram sobre montar acampamento na borda do mangue, mas Roku insistiu que continuassem e encontrassem um lugar para descansar do outro lado. Gyatso concordou relutantemente, já que os Dobradores de Terra haviam deixado convenientemente um caminho de degraus de pedra elevados que atravessavam o mangue.

— Então, você realmente nunca jogou Pai Sho? — Roku perguntou enquanto pulava cautelosamente de um pilar para outro, continuando uma conversa que estavam tendo antes.

— Não — disse Gyatso. Ele estava mais adiante, dançando graciosamente e voltando periodicamente para deixar Roku alcançá-lo. — Alguns dos monges jogam, mas sempre que tento assistir, adormeço antes de acabar.

— Sozin e eu costumávamos jogar o tempo todo — Roku disse.

— Deixe-me adivinhar, você geralmente perdia?

— Eu conseguia me defender.

— Claro.

— Consequia sim. De qualquer forma, eu te ensino um dia se você me ensinar bola-de-ar quando eu puder dobrar ar.

— Eu realmente não tenho vontade de aprender. — Gyatso fez uma pausa e se virou a tempo de ver Roku pular de uma pedra para outra, esbarrar em um galho de árvore e agitar os braços para não perder o equilíbrio. — E talvez você devesse ficar com o Pai Sho.

Roku sorriu.

— Você está com medo que eu te vença no seu próprio esporte.

Gyatso se virou sem dizer nada e pulou à frente.

— Espere, você está realmente com medo? — Roku disse, tentando alcançá-lo.

— Não. Pelo menos, não de você me vencer.

— Então, do quê?

Gyatso parou. Ele olhou para seu reflexo na água.

— Que eu nunca vou dobrar ar bem o suficiente para jogar bola-de-ar de novo.

— Ah — disse Roku, alcançando o pilar de pedra ao lado do Nômade do Ar, que agora exibia uma expressão triste. Ele queria dizer algo mais, saber mais sobre a irmã de Gyatso, mas não tinha certeza se deveria. Roku entendia como era ter uma dor tão profunda que pensar ou falar demais sobre ela renovava a dor.

— Agora você quer falar sobre isso? — ele finalmente decidiu perguntar.

Gyatso ficou em pé e agitou a água turva com seu cajado para que seu reflexo se quebrasse. Roku achou que o jovem Dobrador de Ar ia ignorar a pergunta, então ele falou.

— Eu era o mais jovem Nômade do Ar a dominar o décimo oitavo nível em décadas. Eu estava até no caminho para ganhar minhas setas quando chegasse à sua idade — se é que dá para acreditar.

— Eu acredito — disse Roku.

Gyatso suspirou.

— Mas depois que Yama morreu, tudo mudou. Eu não consigo canalizar a paz e a calma que preciso para focar minha energia como antes. Agora meu espírito se sente tão... Descentrado? Quebrado? Irritado? Não tenho certeza da palavra certa para descrever.

— Sei o que você quer dizer — disse Roku, lembrando da sensação de vazio que o seguiu por tanto tempo após a morte de seu próprio irmão e que ainda voltava sem aviso de tempos em tempos, quando ele menos esperava.

Gyatso enxugou os olhos.

— Você sentiu algo assim depois que perdeu Yasu?

Roku assentiu.

— Mas passou? — Gyatso perguntou.

— Não completamente — disse Roku. — Mas se tornou menos constante.

Gyatso ficou quieto por alguns momentos.

— Há uma grande parte de mim que não quer isso, sabe? Que sente que, se eu parar de lamentar por minha irmã, mesmo que por um momento, isso significa que estou me esquecendo dela.

Roku assentiu, familiarizado intimamente com a pesada culpa que acompanhava seguir em frente e encontrar uma maneira de sorrir e rir e viver novamente.

— Isso não é o jeito dos Nômades do Ar, claro — Gyatso continuou. — Os monges continuam me lembrando de como tudo é temporário. Mas se me reconectar com minha dobra de ar significa que preciso parar de amar Yama, talvez não valha a pena.

— Seu povo ama realmente o princípio do desapareço — Roku disse.

— Eles realmente amam. E eu entendo com quase tudo. Só não com isso.

Roku queria dizer a coisa certa para tranquilizar Gyatso, mas depois da morte de Yasu, quantas vezes alguma pessoa bem-intencionada ofereceu algum clichê superficial que só fez Roku se sentir pior? Em vez disso, ele se lembrou da forma de seu luto e de como ele evoluiu ao longo dos anos.

— Talvez você não precise parar de amá-la para encontrar seu equilíbrio novamente — ele sugeriu. — Talvez você precise descobrir o que significa amá-la quando ela não está mais aqui.

Gyatso olhou para cima com as sobrancelhas levantadas.

— Você não é tão tolo quanto todos dizem, Avatar Roku.

— Obrigado, Dobrador de Ar Gyatso. — Roku sorriu. E já que Gyatso havia se aberto para ele, achou que deveria fazer o mesmo. — Enfim, quer saber por que a Irmã Disha ainda nem começou a me ensinar a dobrar ar?

— Não realmente — disse Gyatso. — É bem óbvio.

— Não, não é.

Gyatso balançou seu cajado logo acima da cabeça de Roku, derrubando seu adorno dourado com um estrondo. Roku se lançou para pegar o adorno com duas chamas e o agarrou enquanto caía no pântano. Roku se sentou na água lamacenta e rasa, afastou o cabelo molhado do rosto e olhou para Gyatso. Em vez de raiva, no entanto, risos subiram do peito dele. E quando Gyatso estendeu a mão para ajudá-lo a se levantar, Roku puxou o Dobrador de Ar para o lado ao seu lado.

OSSOS NA TERRA



A NÉVOA estava se dissipando e o sol estava se pondo quando Malaya chegou às cavernas. Elas ficavam escondidas no final do vale, a entrada era uma fenda rochosa coberta por raízes pendentes e cortinas de vegetação. Formadas por antigos fluxos de lava, a rede labiríntica de túneis se aprofundava nas montanhas. No seu coração estava a vasta câmara da Caverna Sagrada, que Malaya nunca havia visto. Apenas Ulo e os outros dobradores tinham permissão para entrar no espaço de Yungib.

Malaya desmontou de Kilat e desceu na cova, mordendo o lábio. Seus pés estalaram no cascalho solto enquanto ela se dirigia para onde os outros da aldeia haviam dito que ela encontraria o chefe do clã. O ar estava úmido e fresco, o caminho ficando mais escuro a cada passo. Mas Malaya

tinha um senso de direção aguçado e sabia que não precisava ir muito longe.

Logo, ela encontrou Ulo em um corredor a uma curta distância da entrada. Ele estava retocando um dos muitos murais de carvão nas paredes que retratavam os eventos mais significativos da história da ilha, seu longo cabelo grisalho amarrado para trás. Sua lanterna tremeluzia no chão ao lado dele, lançando uma longa sombra oscilante em direção a Malaya.

Ulo não parou de trabalhar quando ela se aproximou. Seus olhos tinham o olhar focado e distante de alguém tão possuído por uma tarefa que o resto do mundo havia desaparecido.

Então, ela continuou esperando. Suas palmas estavam suando, seu coração estava acelerado, e sua mente ainda estava revirando com o que aconteceu com os Dobradores de Terra - e com o que Amihan havia lhe contado. Ela não sabia se estava mais assustada em entregar a notícia de seu fracasso ou em receber o próximo conjunto de instruções dele.

Depois de mais alguns momentos, Ulo finalmente olhou para Malaya. Ele ofereceu sua mão livre, e ela pressionou as costas dela contra sua testa no sinal tradicional de respeito pelo chefe do clã. Ele retirou a mão quando ela recuou.

— Você falhou — ele adivinhou, os olhos azuis perfurando os dela.

Malaya assentiu. Ela resumiu o que aconteceu nas cachoeiras. Então, abaixou os olhos e esperou pela raiva de Ulo, esperou que ele criticasse tanto o plano mal concebido de Malaya quanto a colossal negligência de Amihan.

Em vez disso, ele simplesmente suspirou e voltou sua atenção para o desenho na parede, que retratava o Despertar de Yungib, e voltou ao trabalho.

A chama da lanterna tremeluzia. O carvão arranhava a pedra. O silêncio de Ulo se prolongava.

Deveria ela dizer algo? Pedir desculpas? Apresentar um novo plano para afastar os Dobradores de Terra? Ou simplesmente ir embora?

— Você se lembra da história do clã Ibalon? — ele perguntou finalmente, enquanto continuava a retocar o mural.

— Sim, Ulo.

Ele contou a história de novo, de qualquer maneira.

— Há muito tempo, o clã Ibalon vivia ao longo do rio Oryol. Um dia, um grupo de Dobradores de Água naufragou na costa sul. Em sua busca por ajuda, eles descobriram a aldeia Ibalon.

Ulo fez uma pausa, recuou para examinar o desenho e retomou seu trabalho.

— Apesar dos conselhos dos outros chefes de clã, os

Ibalon decidiram acolher os sobreviventes. Eles cuidaram dos feridos, compartilharam sua comida e bebida, ensinaram seus modos e até ajudaram a construir um novo navio. Os Dobradores de Água transbordaram de gratidão e juraram amizade eterna. Antes de voltarem para casa, o chefe dos Ibalon pediu que eles nunca contassem a ninguém sobre a ilha. Eles prometeram que não contariam. — Ulo recuou da parede novamente, limpou as mãos e olhou para Malaya. — E o que aconteceu depois?

Malaya limpou a garganta.

— Algumas luas depois, mais Dobradores de Água chegaram - e exterminaram os Ibalon da beira do rio.

Ulo assentiu.

Mas isso era verdade? Da última vez que ela o ouviu contar a história, era o rio Tunasan, não o Oryol. Ela não era tão ingênua quanto Amihan pensava. Ela simplesmente aprendeu a não questionar Ulo.

Mas ao fazer isso, ela estava ignorando voluntariamente verdades mais sombrias?

Talvez nunca tivesse existido um clã Ibalon. Talvez tivesse existido, mas eles mataram os Dobradores de Água à primeira vista. Ou talvez fosse um dos outros clãs da ilha - talvez o dela - que destruiu o povo do rio.

Eram exatamente o tipo de perguntas que ela aprendeu a não fazer ao longo dos anos, o tipo que ela mantinha truncadas para sobreviver.

No entanto, aqui estavam elas agora, arranhando o fundo de sua boca como animais enjaulados lutando para escapar.

— Os Dobradores de Terra estão se movendo mais para o interior — ele disse, — e agora eles sabem que estamos aqui. O que devemos fazer a seguir, Malaya?

Uma sensação de afundamento se instalou em seu estômago. Era um teste, e ela sabia o que deveria dizer. Amihan estava certa. Algum estrangeiro alguma vez navegou para casa em segurança, ou eram todos ossos na terra desta ilha?

Mas ela não conseguia se forçar a dar a Ulo a resposta que ele queria. Os Dobradores de Terra não eram uma ameaça. Os guardas só a atacaram em legítima defesa. Como Ulo esperava que ela os matasse todos?

Malaya balançou a cabeça.

— Tem que haver outro jeito.

A boca de Ulo se curvou em um sorriso amargo.

— Oh?

— Eles não merecem morrer.

O chefe do clã cerrou os maxilares e travou os olhos com Malaya. Ele estava lhe dando uma chance de se desculpar, de retirar o desafio de seus olhos, de dizer que ela havia se expressado mal e que sim, claro, ela faria o que fosse necessário e havia mais alguma coisa?

Mas ela não fez.

Ulo soltou o carvão e levantou as mãos rapidamente.

Uma massa repentina de gelo se formou ao redor de Malaya, envolvendo todo o seu corpo em um choque de frio ardente.

— Nós merecemos morrer? — Ulo disse. Através do gelo, sua voz estava abafada, sua imagem fractal, suas palavras gotejando com desprezo pela insolência dela.

Mas Malaya não conseguia mover a boca para responder, mesmo se quisesse. Ela estava congelada no lugar, a dormência se infiltrando em seus ossos enquanto seus pulmões doíam por ar. Ela estava perdendo a sensação nos dedos das mãos, dos pés e das orelhas - quanto tempo mais até que a gangrena se instalasse? Quanto tempo mais até seus órgãos pararem, seus pulmões falharem, sua vida desaparecer?

Então, de repente, o gelo derreteu. Malaya desabou no chão, encharcada e tremendo. Com os dentes batendo, ela tentou se levantar, mas seus músculos não cooperavam.

Ulo se ajoelhou ao lado de Malaya e a ajudou a se sentar. Ele removeu o cobertor estampado que usava sobre os ombros, enrolou-o ao redor dela e começou a esfregar suas costas em pequenos círculos.

— Desculpe — ele disse suavemente. — Me deixei levar por um momento. Esta é a primeira vez que estrangeiros vêm à ilha desde que você se tornou uma batedora. Claro que você achou a realidade do que é preciso para proteger o clã surpreendente. Questionável, até.

Malaya estava muito chocada, muito assustada para falar. Não havia um rio subterrâneo ali; Ulo era realmente poderoso o suficiente para puxar a umidade do ar e formar o gelo ao redor dela?

Suas extremidades formigavam dolorosamente enquanto a sensação voltava, e seus tremores começavam a diminuir com o calor que o tecido de Ulo proporcionava.

— Mas você é uma garota inteligente — Ulo continuou.
— Eu sei que você vai entender.

Malaya guardou suas perguntas e dúvidas para si desta vez.

— Esta mãe e filha de quem você tanto gosta estão acompanhadas por guardas. Elas não estão aqui simplesmente para apreciar as belezas de nossa ilha. — Ulo parou de esfregar as costas de Malaya, mas deixou sua mão ali. — Elas servem a alguém. O conhecimento e as amostras que elas coletam, os mapas e desenhos que fazem, as notas que tomam e os pergaminhos que escrevem... tudo isso deixará suas mãos eventualmente. E então, não importa quão bem-intencionadas a mãe e a filha possam ser, seu conhecimento será usado contra nós. Contra Yungib. A história nos diz que isso é inevitável.

Ulo se levantou e ajudou Malaya a ficar de pé novamente. Ela ainda estava molhada, abalada, mas não mais tremendo. Quando testou os dedos das mãos e dos pés, eles doíam e se moviam lentamente, mas sem dormência.

— É admirável que você respeite a vida. Precisamos de mais pessoas como você em nosso clã. Espero que sua empatia não desapareça com o tempo, como muitas vezes acontece à medida que envelhecemos. Mas a empatia pode nublar nosso julgamento mais do que a névoa encobre nossa ilha. Nunca deixe que ela te cegue para ver a verdade, para fazer o que deve ser feito no momento mais crítico.

Passos se aproximavam das profundezas das cavernas. Então uma luz apareceu. Um trio de Dobradores de Água estava retornando da Caverna Sagrada. O trabalho do dia estava completo, o cansaço circundava seus olhos enquanto eles observavam a visão inesperada de Ulo e Malaya de pé perto das pinturas, a água ainda pingando da saia tolguê da exploradora e de seu cabelo curto. Eles se revezaram tocando as costas da mão de Ulo em suas testas e continuaram seu caminho sem dizer nada.

Ulo pegou de volta o cobertor de tecido.

— Retorne a Amihan — ele ordenou, — e cuide dos Dobradores de Terra.

Um arrepio percorreu o corpo de Malaya.

— Sim, Ulo — ela disse, tentando se forçar a acreditar que ele estava certo sobre tudo.

SOB O CÉU MUDADO



ROKU NÃO conseguia voltar a dormir. Ele desistiu de tentar, levantou-se silenciosamente e caminhou um pouco até encontrar uma abertura no dossel da floresta através da qual podia ver o céu noturno. Convenientemente, encontrou uma grande pedra plana nas proximidades que parecia fora de lugar no meio das árvores - algum Dobrador de Terra deve tê-la movido para lá - e pulou em cima. Ele se deitou e olhou para as estrelas. O ar era doce e quente. Insetos clicavam e cantavam na escuridão ao redor.

Eles ainda não haviam encontrado os Dobradores de Terra, mas continuaram com seu rápido progresso graças ao caminho já trilhado. Após cruzarem o manguezal, a floresta recomeçou, mas começou a inclinar-se para cima. A grama e a vegetação rasteira diminuíram conforme a trilha desobs-

truída se tornava terra batida, rocha e raízes. Enquanto isso, as árvores ficaram mais baixas com galhos espalhados e retorcidos cobertos de musgo, e um riacho apareceu ao lado deles, alargando-se à medida que subiam em altitude.

Era desorientador e frustrante, essa movimentação por uma névoa tão densa que Roku não conseguia calcular a distância. Ele não sabia o quão longe tinha chegado. Ele não sabia o quão longe ainda tinha que ir. Ele simplesmente tinha que colocar um pé na frente do outro, esperando que o levassem aos Dobradores de Terra mais cedo ou mais tarde, e que, quando isso acontecesse, ele conseguisse encontrar as palavras certas para resolver a situação pacificamente.

— Não consegue dormir também? — veio a voz de Gyatso lá de baixo.

Roku sentou-se enquanto o Nômade do Ar pulava na pedra e sentava-se ao seu lado.

— Não — disse ele.

— Pesadelo?

— Algo assim.

— Eu também. — Gyatso esfregou os olhos. — Quer compartilhar?

— Não.

— Nem eu.

Ambos se deitaram e olharam para as estrelas. Roku procurou constelações familiares, mas não encontrou

nenhuma. As estrelas eram diferentes aqui. Não diferentes - mas deslocadas. Claro, ele estava ao sul do equador desde que chegou ao Templo do Ar do Sul, mas só agora percebeu que ainda não tinha tomado o tempo para se reorientar sob esse céu alterado. Um movimento à direita chamou sua atenção - uma dispersão de milhares de pequenas sombras saindo do topo das árvores.

— Você viu isso? — ele perguntou. — Deve ser um bando de morcegos ou pássaros noturnos, ou algo assim.

— Vamos torcer para não serem mariposas-abelha — disse Gyatso.

Roku e Gyatso observaram a dispersão de pequenas e escuras formas atravessarem o pedaço de céu. E então, de repente, as criaturas voadoras se iluminaram e se tornaram mil pontos de luz flutuante. O bando brilhante girou sobre si mesmo, espiralou para cima, mergulhou, desviou para a direita, espiralou novamente para cima, desviou para a esquerda, mergulhou novamente. E então suas luzes começaram a pulsar em uníssono. As criaturas continuaram a dançar pelo ar, seus movimentos erráticos, mas harmoniosos. Era como se compartilhassem uma única mente. Como aquilo era tão hipnótico quanto bonito, Roku e Gyatso não falaram ou se moveram até que as criaturas voadoras se apagaram e desapareceram na distância.

— Uau — disse Gyatso quando o encanto se quebrou.

Roku soltou um longo suspiro de apreciação. Ele

desejou que Ta Min estivesse lá para ver isso. Ele desejou que Ta Min estivesse lá.

Eles ficaram quietos novamente por um longo tempo. Então, sem motivo aparente, Gyatso disse:

— Eu sonhei que estava voando com Lola acima das nuvens. Eu me sentia mais feliz e livre do que há muito tempo. — Ele fez uma pausa. Esfregou a nuca. Respirou fundo. — Quando ela desceu, estávamos no Templo do Ar do Sul, mas ele estava em chamas. Cada torre, cada estrutura. Tudo... em chamas.

— Por quê? — perguntou Roku.

— Eu não sei — disse Gyatso. — Mas eu sabia que tinha que ajudar. Eu era o único que poderia ajudar. Eu fiquei com meu bastão e canalizei meu chi, me preparando para dobrar o ar com uma rajada enorme de vento, uma que extinguiria todas as chamas. Mas quando liberei minha energia... nada aconteceu. Tentei de novo e de novo e de novo. Nada. Nada. Nada. — Ele suspirou. — Então Lola de repente se afastou do templo, e eu deslizei da sua sela, caí pelo céu. E então, de repente, eu estava no santuário interno, encurralado por soldados.

— De onde?

Gyatso deu de ombros.

— Não tenho certeza. Lógica de sonho, eu acho. Mas eu sabia que eles queriam me matar. Que eles *me matariam*, a menos que eu conseguisse dobrar o ar. E a menos que eu

estivesse disposto a usar minha dobra de ar para tirar a vida deles.

— Você fez isso?

Gyatso deu de ombros.

— Acordei bem quando eles atacaram.

Roku considerou o sonho e procurou a resposta certa. O Dobrador de Ar não precisava de uma interpretação; o significado era óbvio. Ele provavelmente também não precisava de algum encorajamento vazio de que não havia nada com que se preocupar. Sentando-se, Roku puxou as pernas para o peito e descansou o queixo nos joelhos.

— Eu sonhei que estava nadando com Sozin e Yasu.

— Oh? — perguntou Gyatso, visivelmente aliviado por não estarem mais falando sobre seu próprio sonho.

Roku assentiu.

— Nós costumávamos nadar o tempo todo quando éramos crianças. Nós três fazíamos todas essas pequenas competições uns com os outros. Quem conseguia prender a respiração debaixo d'água por mais tempo. Quem conseguia nadar mais longe, mais rápido. Quem conseguia mergulhar mais fundo e encontrar a maior ostra. — Roku riu. — Sozin e Yasu eram maus perdedores. Mas eu não. Eu nunca realmente me importei com quem ganhava. Eu estava apenas feliz por estar com eles.

— O que aconteceu no sonho?

— Nada — disse Roku. — Estávamos apenas lá,

nadando. A água estava morna. O sol estava brilhando. A brisa era suave. Era um dia perfeito.

Gyatso inclinou a cabeça.

— Não parece um sonho ruim para mim.

— Não era — disse Roku. — A parte ruim foi acordar.

MANOBRAS POLÍTICAS DELICADAS



— VEJA ISSO! — Gyatso gritou enquanto corria para a borda e saltava. Ele girou através da névoa e, alguns segundos depois, caiu em segurança na piscina de água abaixo. Mesmo sabendo que ela estava lá, Roku sentiu alívio ao ver que o Nômade do Ar não havia saltado para a morte.

O rio que acompanhava o caminho dos Dobradores de Terra os levou a uma série de cachoeiras que desaguavam em várias piscinas pequenas e em camadas. Eles beberam à vontade da água gelada e refrescante, depois encheram seus cantis e tomaram banho.

— Vou fazer algo útil — disse Roku, enquanto se afastava, aventurando-se fora do caminho batido pelos Dobradores de Terra.

No dia anterior, ele havia encontrado o que parecia ser uma árvore de fruta-pata-de-dragão. As cascas de sementes espinhosas e redondas pendiam em cachos azuis em vez de vermelhos, mas eram suficientemente semelhantes para que ele se sentisse seguro ao provar uma. E ele ficou feliz por fazer isso, era ainda mais suculenta e doce do que a fruta de sua terra natal. Roku e Gyatso se empanturraram, coletaram o máximo que puderam carregar e terminaram com elas mais tarde naquela noite.

Como não sofreram nenhum efeito colateral além de estarem tão cheios que mal conseguiam se mexer, ele esperava encontrar mais hoje.

Afastando-se das pedras largas e planas do leito rochoso do rio, a encosta da montanha inclinava-se abruptamente, coberta por folhas e caules semidecompostos. Grandes pedras afiadas e raízes retorcidas surgiam do chão, forçando Roku a andar devagar e cuidadosamente enquanto examinava os galhos acima em busca da fruta azul e espinhosa. Logo, os sons dos respingos de Gyatso ficaram tão fracos que ele mal conseguia ouvi-los.

O jovem Dobrador de Ar estava começando a conquistar sua simpatia, e não apenas porque eles compartilhavam perdas semelhantes. Ele era muito diferente do tipo de companheiro que Sozin teria sido e ainda irritava Roku por vezes, mas com menos frequência agora. E se não fosse por Gyatso, Roku estaria com a Tribo da Água do Sul

servindo sopa ou derretendo gelo sob o olhar julgador da Irmã Disha. Em vez disso, ele estava aqui. Nesta ilha. No rastro dos Dobradores de Terra. Tentando provar que estava pronto para ser o Avatar que o mundo precisava. Se conseguisse, a Irmã Disha teria que começar a ensiná-lo a dobrar o ar.

Ele ainda não se sentia como o Avatar, mas talvez isso não importasse. Quantas vezes, enquanto cresciam, ele viu Sozin se lançar de cabeça em uma nova forma ou habilidade de dobra de fogo, mesmo sem saber o que estava fazendo? Vez após vez, seus tutores ou professores — ou até mesmo o Senhor do Fogo Taiso — insistiam que ele não estava pronto. Vez após vez, Sozin provava que eles estavam errados. Esse tipo de confiança era a chave.

Se ao menos Roku tivesse esse tipo de confiança. A história poderia ser diferente se ser o Avatar fosse uma honra que ele tivesse conquistado, em vez de uma coincidência aleatória de seu nascimento. Além de sua contínua incapacidade de dobrar qualquer elemento além do fogo, ele ainda não havia conseguido se conectar com Avatar Kyoshi. Os historiadores geralmente pintavam a vida dela com pinceladas largas, destacando suas numerosas vitórias e ocasionais controvérsias, mas raramente ofereciam informações sobre o que ela pensava ou sentia.

É isso que Roku precisava saber — daí a razão pela qual ele tentava se conectar com ela toda vez que meditava. Ele

precisava perguntar se ela alguma vez se sentiu tão insegura de si mesma, especialmente após ter sido identificada como o Avatar. Precisava perguntar se ela alguma vez sentiu que ser o Avatar era um fardo que ela gostaria de poder se livrar para voltar à sua antiga vida. Precisava perguntar se ela alguma vez se sentiu como um erro, e, se sim, precisava saber como ela encontrou um caminho a seguir.

Ele não tinha certeza se se comunicar com suas vidas passadas seria tão conversacional. Era mais uma incógnita que a Irmã Disha se recusava a ensinar até o dia distante em que o considerasse pronto. Mais um motivo pelo qual ele precisava ter sucesso aqui.

Um galho estalou por perto, trazendo Roku de volta ao momento. Ele congelou, esforçando-se para captar outro som ou avistar algum movimento na borda da névoa. Pássaros cantavam. Um inseto zumbia enquanto saltava em frente ao seu rosto. Ao longe, a água respingava.

Nada mais.

Roku relaxou. Deve ter sido outra das misteriosas criaturas da ilha que estavam sempre fora de vista.

Ele estava prestes a retomar a busca pela árvore de fruta-pata-de-dragão quando ouviu um estrondo distante. Ele olhou para cima. Trovão?

Mas o som não vinha de cima, vinha da colina. E estava ficando mais alto e mais próximo, um rugido crescente descendo a encosta da montanha.

Quando o chão sob os pés de Roku começou a tremer, ele apertou os olhos na direção da névoa. Então, percebeu o que estava acontecendo.

Deslizamento de rochas.

Roku girou os braços em arcos largos, dobrando uma esfera de fogo ao seu redor um momento antes da primeira onda de pedras explodir através da névoa enquanto rolavam morro abaixo. A barreira de calor incinerou as rochas que caíam em sua direção, enquanto as que passavam pelos lados despedaçavam e arrancavam tudo em seu caminho.

Roku respirou fundo, firmou os pés, concentrou sua energia e continuou movimentando seus braços doloridos pelo ar. Ele podia não ser capaz de dobrar o ar, conectar-se com suas vidas passadas ou entrar no Estado Avatar, mas sabia como dobrar o fogo à sua vontade.

A barreira resistiu.

Depois do que pareceu uma eternidade, mas que provavelmente foram apenas alguns segundos, o estrondo começou a diminuir e o rio de pedras rolando cessou. Roku abaixou os braços cansados enquanto o mundo ao seu redor se acalmava, e sua esfera de chamas se apagou.

A poeira pairava no ar, levando vários momentos para se dissipar. Quando isso aconteceu, Roku viu apenas rochas escuras ao seu redor. Desapareceram as samambaias exuberantes e os arbustos de folhas largas e as árvores

cobertas de musgo com galhos baixos — ou qualquer sinal de verde.

Com os ombros tensos e os punhos cerrados, Roku olhou ao redor. Talvez esses tipos de deslizamentos de pedras ocorressem frequentemente nas montanhas desta ilha devido à névoa constante durante o dia, cuja umidade devia infiltrar-se no solo. Ou talvez eles tivessem alcançado os Dobradores de Terra.

— Você está bem aí, Roku? — Gyatso chamou através da névoa. — Soou como uma avalanche.

— Estou bem — Roku disse, enquanto escaneava a névoa. — Nada que o Avatar não pudesse lidar.

Gyatso apareceu alguns momentos depois, caminhando levemente sobre os destroços com seu bastão na mão. Sua preocupação transformou-se em alívio ao ver Roku ileso e sorrindo.

— Pena que eu não estava com você — disse Gyatso. — Ou eu poderia ter tido mais uma chance de usar minha dobra de ar.

— Finalmente te encontrei — veio uma voz profunda e irritada de cima.

Um momento depois, um homem surgiu — ou melhor, mancou — pela névoa. Porque, embora ele fosse forte como uma montanha, estava em péssimas condições. Seu capacete havia sumido, e sua armadura estava empoeirada, quebrada e ensanguentada. Um braço estava em uma tipoia

improvisada, e havia vários cortes longos e paralelos em seu torso e rosto, como se um dragão o tivesse arranhado com suas garras. E ele estava sem uma orelha.

Gyatso cutucou Roku e apontou para os pés enormes do homem.

— O gigante! — ele sussurrou.

— Você causou aquele deslizamento de pedras — disse Roku.

Mas o homem ignorou Roku. Seu olhar fixou-se em Gyatso.

— Vou acabar com você.

O rosto do Dobrador de Ar se contorceu de confusão.

— Espere, você está tentando matar a mim? Não a ele?

— Você é o Dobrador de Ar, certo?

— Sim, mas—

O Dobrador de Terra entrou na posição de cavalo e então lançou seu braço saudável para cima e para frente. Gyatso desviou de uma lança de rocha que surgiu de onde ele estava um segundo antes.

— Espere — Roku começou a dizer.

O punho do Dobrador de Terra voou em direção a Roku, e uma pedra atingiu o estômago do Avatar, fazendo-o rolar morro abaixo. Quando finalmente conseguiu se segurar, levantou-se instavelmente sobre as pedras soltas. Não ajudava que sua cabeça estivesse girando e seu corpo parecesse estar machucado em cem lugares.

Roku havia caído tanto que não conseguia mais ver o Dobrador de Terra ou Gyatso. Mas vindo de dentro da névoa acima, ele ouviu o som rápido de pedras rompendo a terra, indicando que o Dobrador de Terra ainda estava tentando empalar o Nômade do Ar. Roku apenas esperava que Gyatso pudesse dançar e desviar até que ele pudesse ajudar.

— Calma aí, senhor Gigante — veio a voz de Gyatso. — O que eu fiz para você?

— Não se faça de idiota! — rosnou o Dobrador de Terra. — E pare de ficar dançando!

Roku lutava para subir a colina, mas tentar escalar as pedras soltas era como nadar contra a correnteza. E quanto mais frenéticas eram suas tentativas, menos progresso ele parecia fazer.

— Mas eu preferia não ser esmagado até a morte... argh! — Gyatso gritou quando Roku ouviu pedra acertando carne e um corpo batendo contra as rochas.

— Gyatso! — Roku chamou enquanto escorregava e deslizava mais alguns metros para baixo. Ele quase lançou uma rajada de fogo na direção deles antes de pensar melhor, não querendo acidentalmente queimar seu companheiro.

— Estou bem! — Gyatso disse. — Por enquanto!

— Use sua dobra de ar! — Roku disse.

— Ah, por que eu não pensei nisso?

— Volte aqui! — rosnou o Dobrador de Terra.

Roku teve uma ideia.

— Venha até mim!

Poucos momentos depois, ele ouviu pedras se movendo. Gyatso surgiu da névoa, dando um salto mortal para trás e aterrissando levemente atrás de Roku. O Dobrador de Terra apareceu um instante depois, e Roku chutou os pés dele. O Dobrador de Terra voou para a frente e deslizou colina abaixo, desaparecendo na névoa.

Ele reapareceu um momento depois, mais irritado, mas mancando ainda mais do que antes.

— Espere — Gyatso começou a dizer, mas o Dobrador de Terra levantou o braço bom e o baixou com força.

Gyatso e Roku caíram para a frente quando as pedras sob seus pés recuaram morro acima como se um tapete fosse puxado. Eles se levantaram, agora de pé em um pedaço de terra exposta, e Roku levantou os punhos — mas um som de estrondo o fez virar a cabeça para ver uma enorme parede de pedra se aproximando deles.

Roku girou os braços e começou a dobrar outra barreira de fogo enquanto Gyatso girava seu bastão. Fogo e ar se fundiram acima deles, formando um escudo giratório de âmbar que dispersou a pedra que se chocava contra eles.

Roku virou-se novamente para enfrentar o Dobrador de Terra — mas ele havia sumido.

— Você o viu?

— Não — respondeu Gyatso.

Eles se moveram de costas um para o outro e examinaram a borda da névoa envolvente.

— Sua dobra de ar funcionou — disse Roku, enquanto se moviam em um círculo lento.

— Sua morte iminente realmente faz funcionar — disse Gyatso.

— De nada.

À esquerda de Roku, o Dobrador de Terra apareceu montado em um colossal pedregulho. Roku e Gyatso se jogaram para os lados enquanto ele passava entre eles, desaparecendo novamente na névoa densa do outro lado.

— Estou cansado dessa névoa — disse Roku.

— Ah — disse Gyatso. — Ela deixa as coisas mais interessantes.

O Dobrador de Terra passou novamente, quase acertando Roku, que se desviou no último instante. Quando aterrissou, Roku lançou um jato de fogo no Dobrador de Terra, que desapareceu na névoa.

— Na próxima vez que ele passar — disse Roku —, derrube aquela pedra debaixo dele.

Gyatso assentiu, respirou fundo e segurou.

Um momento depois, o Dobrador de Terra descia a montanha em direção a Gyatso. Gyatso permaneceu firme e soprou uma rajada de vento que fez o pedregulho voar para trás enquanto o Dobrador de Terra pulava sobre sua

cabeça. Roku varreu as pernas do homem no momento em que ele aterrissou, e sua inércia o fez voar montanha abaixo. Ele caiu no chão, deslizou na névoa e se chocou com força contra algo com um estalo. Desta vez, ele não reapareceu.

Gyatso fez uma careta.

— Você acha que ele está bem?

— Ele tentou nos matar — disse Roku.

Gyatso deu de ombros e pulou montanha abaixo. Roku o seguiu, tropeçando desajeitadamente nas pedras soltas.

O homem enorme estava deitado imóvel de bruços, amontoado contra um pedregulho rachado. Gyatso colocou a mão sob o nariz do homem para verificar sua respiração.

— Ele está vivo. Deve ter batido o ombro na pedra.

Juntos, eles rolaram o homem para as costas. Seus olhos estavam fechados, seu rosto arranhado e machucado. O sangue seco de sua orelha ausente estava incrustado ao longo do pescoço, mas não havia o sangramento profuso na cabeça que ambos esperavam ver. Juntos, eles levantaram seu corpo gigante para uma posição sentada, apoiando-o suavemente contra o pedregulho.

— Ele é do Reino da Terra, com certeza — disse Gyatso, examinando a armadura do homem.

Roku assentiu. Mas algo estava errado. A couraça era de um estilo que o exército deles não usava há décadas. Parecia mais com o equipamento militar antigo, de segunda mão, que mercenários e seguranças privados costumavam

comprar de catadores para dar aos outros a impressão de que haviam visto batalhas.

Sozin estava certo sobre o Reino da Terra estar na ilha, mas talvez não fosse em uma capacidade oficial. Será que a patrulha da Nação do Fogo havia identificado erroneamente os Dobradores de Terra como soldados, ou Sozin já sabia que era algum outro grupo? Se fosse o último, por que sua mensagem não mencionava isso?

Isso poderia tornar a missão de Roku muito mais simples, já que talvez não envolvesse manobras políticas delicadas. Por outro lado, poderia torná-la muito mais difícil, dependendo de quem eram essas pessoas e por que haviam vindo à ilha.

— O que foi? — perguntou Gyatso, percebendo a confusão no rosto de Roku.

Roku hesitou.

— Nada — disse ele, esperando o Dobrador de Terra acordar.

OUTRO FALSO AVATAR



O DOBRADOR DE TERRA soltou um longo gemido de dor enquanto começava a se mexer alguns minutos depois. Lentamente, os olhos do homem se abriram. Ele piscou, depois se sobressaltou como se fosse lutar ou fugir, mas imediatamente caiu de novo, fazendo uma careta.

— Meu ombro...

— Provavelmente deslocado — disse Gyatso. — Quer que a gente ajeite ele?

— Para ele tentar nos matar de novo? — Roku perguntou.

Gyatso apontou com seu cajado para o outro braço do homem, que já estava em uma tipoia improvisada.

— Ele não tem nenhum braço utilizável.

— Vamos manter assim.

— Vocês vão me matar? — o Dobrador de Terra perguntou entre dentes cerrados.

— Vamos consertar seu braço — disse Gyatso. — Se você nos deixar.

Roku deu um passo à frente.

— E se responder a algumas perguntas.

Gyatso olhou fixamente para Roku.

— Braço primeiro. Depois perguntas.

— Perguntas primeiro. Depois braço. Talvez.

— Braço.

— Perguntas.

— Braço.

— Perguntas.

— Braço — o Dobrador de Terra se intrometeu. — Depois conversamos.

Roku soltou um suspiro exasperado.

— Tudo bem.

Mas Gyatso não se moveu. Em vez disso, ele se virou para Roku.

— Você sabe fazer isso, certo?

Roku balançou a cabeça.

— Pensei que você soubesse.

— Hum. — Gyatso entregou seu cajado para Roku e estalou os dedos. — Vou tentar.

O rosto do Dobrador de Terra ficou pálido.

— Tentar?

O jovem Dobrador de Ar se aproximou do ombro com tipoia do homem.

— O outro — o Dobrador de Terra disse, parecendo duplamente preocupado.

— Certo. — Gyatso se moveu para o outro lado. Segurando o pulso do homem com uma mão, ele usou a outra para sentir a parte de trás do ombro por baixo da armadura.

— Ok. Acho que posso fazer isso.

— Acha? — o Dobrador de Terra perguntou.

— Sente-se ereto. — Enfrentando o homem, Gyatso colocou a mão do braço ferido em seu próprio ombro. Em seguida, colocou sua mão interna no cotovelo. Com a mão externa, Gyatso começou a massagear o ombro machucado do Dobrador de Terra.

— Continue respirando — ele lembrou ao Dobrador de Terra enquanto continuava a amassar os músculos e tendões ao redor da articulação.

Depois de alguns minutos, Gyatso parou e mudou sua mão externa para o cotovelo enquanto sua mão interna segurava a mão do homem. Lentamente, ele guiou o antebraço para fora, mantendo o cotovelo a noventa graus. Então ele se levantou, endireitou o braço do homem e o girou para frente até que o ombro estalasse.

O rosto do Dobrador de Terra relaxou instantaneamente enquanto ele exalava com alívio.

— Você deve conseguir movê-lo livremente em alguns

minutos — Gyatso lhe disse. — Mas vai ficar dolorido por um tempo.

O homem resmungou.

— Obrigado.

— Impressionante para sua primeira vez — Roku disse a Gyatso.

Gyatso limpou as mãos, pegou seu cajado de Roku e deu um passo para trás.

— Na verdade, foi por volta da décima segunda vez. Dobradores de Ar caem muito no início do treinamento, então deslocamentos são uma lesão comum que todos aprendemos a corrigir.

Roku reprimiu uma risada, colocou uma expressão séria e então se voltou para o Dobrador de Terra.

— Agora, quem é você?

O Dobrador de Terra cuspiu.

— Quem é *você*?

— Você disse quealaria depois que meu amigo conser-tasse seu braço.

Gyatso sorriu.

— *Amigo*?

Roku o ignorou.

O homem parecia enojado consigo mesmo, como se não pudesse acreditar que havia sido derrotado por aqueles dois garotos.

— Eu poderia ter feito isso sozinho — disse ele, então cerrou a mandíbula como se quisesse manter o silêncio.

— Certo. Quer saber quem eu sou? — Roku pigarreou e se ergueu em toda sua altura. — Eu sou o Avatar.

A risada do homem saiu como um latido.

— E eu sou o Rei da Terra!

Roku estreitou os olhos.

— É verdade. Eu sou o Avatar Roku.

— Prove isso. — O homem olhou ao redor, pegou uma pedrinha e a segurou na palma da mão. — Dobre a terra disso, oh, grande Avatar.

Roku coçou a nuca.

— Continuo treinando para...

— Ele realmente é o Avatar — disse Gyatso, poupando Roku do teste que ele certamente falharia. Roku estava prestes a agradecê-lo quando o Dobrador de Ar acrescentou: — Infelizmente.

O Dobrador de Terra considerou os dois.

— Talvez você seja, talvez não seja. Fogo e Ar, isso faria sentido. Mas eu nem ouvi que o novo havia sido encontrado ainda. — Ele olhou para Roku. — O que você tem... dezesseis anos, suponho? Você tem um pouco de altura. Um pouco de músculo. Mas se você realmente é o Avatar, não há muito o que se temer ainda. Sem dúvida, não é uma Kyoshi.

— Você a conhecia? — Roku perguntou, fingindo ignorar o insulto.

— Claro que não — disse o homem. — Você sabe quantas pessoas vivem no Reino da Terra? Mas eu certamente sei o suficiente sobre ela para saber que não gostaria de ficar do lado oposto ao dela. — Ele avaliou Gyatso em seguida. — E se ele é o Avatar, isso faz de você... seu mestre de dobra de ar?

— Eu não sou seu mestre de dobra de ar — disse Gyatso.

— Ele não é meu mestre de dobra de ar — disse Roku ao mesmo tempo.

— Então um dos seus pequenos companheiros? — o homem perguntou enquanto testava a amplitude de movimento do ombro.

Eles balançaram a cabeça simultaneamente.

O homem levantou as sobrancelhas.

— É complicado — disse Roku.

— Mas meu nome é Gyatso. Isso é direto.

— Digamos que você esteja dizendo a verdade — disse o Dobrador de Terra, — por que o Avatar e um Dobrador de Ar, que não é seu mestre de dobra de ar, viriam até este pedaço de ilha enevoadas?

Roku pigarreou e tentou falar com alguma gravidade.

— Recebi a notícia de que o Exército do Reino da Terra

havia reivindicado uma das ilhas da Nação do Fogo, então viemos resolver a questão pacificamente.

— Pacificamente? — o homem zombou. — Vocês assassinaram dois dos meus companheiros na última lua. Encontramos seus corpos queimados na floresta. E você — ele lançou um olhar para Gyatso, — tentou tirar minha vida nas cachoeiras alguns dias atrás. Ou você já esqueceu?

Roku e Gyatso trocaram olhares confusos.

— Eu não matei ninguém — disse Roku.

— E eu nunca te ataquei — disse Gyatso.

— Temos seguido seu rastro — explicou Roku, — tentando alcançá-lo para que pudéssemos conversar sobre o que estou começando a achar que é um grande mal-entendido.

O Dobrador de Terra olhou para Roku e Gyatso com um olhar cético, tentando avaliar se estavam dizendo a verdade. Roku se lembrou de Sozin uma vez dizendo haver lendas de Dobradores de Terra tão habilidosos em sentir vibrações sísmicas que podiam dizer se alguém estava mentindo pelo jeito como a frequência cardíaca ou a respiração mudavam. Infelizmente, a dobra de terra deste homem — todos deslizamentos de rochas, pedregulhos e paredes de pedra... parecia muito dependente de força bruta para uma aplicação tão refinada.

— Se não foram vocês — o Dobrador de Terra disse, ainda desconfiado, — então quem foi?

Ta Min havia dito que a patrulha da Nação do Fogo havia encontrado o exército do Reino da Terra na ilha. Sozin não havia dado mais detalhes a ela, mas era possível que tivesse havido uma luta que levou à morte dos dois companheiros do homem. Mas Roku não estava disposto a dizer isso agora, especialmente porque não sabia o suficiente sobre o que havia acontecido. Esse mal-entendido não precisava de camadas adicionais. Em vez disso, ele ofereceu outro detalhe da mensagem de Sozin.

— Um pequeno clã não contatado vive na ilha — disse Roku. — Talvez tenham sido eles.

— E você está enganado sobre um Dobrador de Ar ter tentado te matar — acrescentou Gyatso. — Nenhum de nós faria isso. Somos pacifistas.

O homem apontou para o lado ensanguentado de sua cabeça.

— Eu imaginei a corrente de ar que cortou a névoa e decepou minha orelha? — Ele então gesticulou vagamente para suas outras lacerações. — Ou os outros que vieram depois como uma dúzia de facas invisíveis, rasgando minha armadura e cortando meu rosto? — Ele tocou a tipoia esfarapada. — E suponho que foi um espírito que então me lançou no ar tão alto que quebrei um braço e fiquei inconsciente quando caí?

— Talvez? — arriscou Gyatso. Então ele se virou e cutucou Roku no peito com a ponta do cajado. — Você não

é muito bom nisso... *nós* deveríamos estar fazendo as perguntas.

— Não fomos nós — disse Roku ao Dobrador de Terra, afastando o cajado. — Contamos quem somos e por que estamos aqui. Agora é sua vez de falar.

O Dobrador de Terra se mexeu, grunhindo de dor.

— Eu sou Oh Wen. Guarda de segurança particular da Companhia Comercial do Reino do Oeste.

Roku notou Gyatso se enrijecer.

— O quê?

Gyatso parecia querer dizer algo, mas simplesmente balançou a cabeça.

Roku voltou sua atenção para o Dobrador de Terra supostamente chamado Oh Wen.

— Então, a Companhia Comercial do Reino do Oeste? — Ele estava familiarizado com a organização, que fazia negócios por todo o Mar do Sul, inclusive com o clã de Roku. Esses negócios, no entanto, não deveriam incluir desembarques não autorizados.

— Por que uma companhia do Reino da Terra está invadindo território da Nação do Fogo?

— Ah, então vocês estão aqui em nome da Nação do Fogo — disse Oh Wen.

— Não — disse Gyatso, enquanto Roku dizia: — Sim.

— Qual é a resposta?

Gyatso gesticulou para que Roku esclarecesse.

— Apenas responda à pergunta — disse o Avatar.

Oh Wen suspirou.

— Para ser honesto, eu realmente não me importo. Fomos enviados aqui para encontrar algo. E a empresa nos disse que a ilha estava desabitada e sem reivindicações.

— O que vocês foram enviados para encontrar?

— Algum tipo de pedra.

— Algum tipo de pedra?

Oh Wen assentiu.

— Carvão? Minério de ferro? — Roku perguntou, à beira de se sentir justificado. Afinal, quando Ta Min primeiro compartilhou o pedido de Sozin, ele havia imaginado que era mais provável que o Reino da Terra tivesse vindo para roubar recursos do que território. E isso faria ainda mais sentido se o Dobrador de Terra estivesse dizendo a verdade sobre quem ele trabalhava. Mesmo se a empresa tivesse sido enviada pelo Rei da Terra, se fossem pegos, o monarca teria uma negação plausível ao poder alegar que suas atividades não eram autorizadas.

Mas Oh Wen balançou a cabeça.

— Algum tipo raro de pedra ou mineral, ou cristal; eu não sei muito sobre isso. Apenas que é especial e só encontrado nesta ilha.

Gyatso tentou chamar a atenção de Roku, mas Roku manteve seu olhar focado no Dobrador de Terra, procu-

rando por qualquer sinal de que ele poderia estar mentindo.

— O que é tão especial nisso?

— Vale duas vezes seu peso em platina.

— Certo. Mas *por que* vale tanto?

— Eu não sei — Oh Wen disse. — Sou um guarda. Você acha que eles me contam alguma coisa? Os dois Dobradores de Terra que fomos designados para proteger, uma mãe e uma filha, são os especialistas.

Gyatso puxou as vestes de Roku.

— Podemos conversar ali por um momento, Roku? — Gyatso perguntou.

Novamente, Roku o ignorou.

— E onde estão eles agora?

— Quer dizer que vocês não mataram o resto do meu grupo?

Roku levantou as mãos.

— Pela última vez, não matamos ninguém!

Gyatso apontou para si mesmo.

— Pacifista.

— Então eu não sei. Eles já haviam partido quando acordei depois que aquele Dobrador de Ar me lançou como um boneco de pano. Eles provavelmente acharam que eu estava morto e continuaram com a expedição, e eu não estava em condições de persegui-los.

— Quanto tempo atrás foi isso?

— Anteontem.

Roku se voltou para Gyatso.

— Então provavelmente podemos alcançá-los até o anoitecer no ritmo que estamos indo.

— Graças ao caminho que limpamos para vocês — disse Oh Wen.

— Roku — interveio Gyatso, mais firmemente desta vez. — Precisamos conversar.

— Estamos conversando.

— Em particular.

Roku estava prestes a dispensar Gyatso novamente, mas viu finalmente a urgência nos olhos do jovem Dobrador de Ar.

— Tudo bem. — Ele apontou para Oh Wen. — Fique aí.

— Como desejar o Avatar. — Oh Wen riu e ofereceu uma reverência zombeteira enquanto ainda estava sentado. — Ha. O garoto pensa que é o Avatar...

Gyatso e Roku caminharam até que Oh Wen estivesse na beira da névoa, então viraram seus corpos para longe.

— Você acha que ele está dizendo a verdade? — Roku perguntou.

— Eu acho — sussurrou Gyatso. — Mas lembra quando eu disse que talvez Sozin não estivesse te contando tudo?

Roku assentiu, tenso.

— E se ele soubesse sobre esse recurso *especial*?

Roku não disse nada.

— Talvez *essa* seja a verdadeira razão pela qual Sozin pediu sua ajuda; ele queria que você discretamente expulsasse o Reino da Terra para que ele pudesse ficar com isso para si mesmo.

— Se houver tal recurso nesta ilha, então ele pertence à Nação do Fogo, e ele tem o dever de protegê-lo — disse Roku e começou a se virar.

Gyatso segurou-o pelo ombro.

— Então por que mentir para o Avatar?

Roku tirou a mão de Gyatso.

— Sozin não mentiria para mim — ele disse, escolhendo acreditar nisso.

— Claro. Mas já considerou a possibilidade de que... ele totalmente mentiria para você?

Roku cerrou os punhos, sua irritação cristalizando-se em raiva.

— Talvez ele estivesse enganado sobre o motivo pelo qual o Reino da Terra veio aqui — ele se permitiu dizer, esperando que isso calasse o Dobrador de Ar. Mas Gyatso não deixaria passar.

— Vamos lá. Sozin te pede para se livrar do Reino da Terra, e então descobrimos que há uma pedra ou mineral super raro na ilha? Se me perguntar, isso não pode ser uma coincidência.

— Eu não te perguntei — disse Roku mais asperamente do que pretendia.

Dor cruzou o rosto de Gyatso. Então frustração.

— Eu não queria dizer nada sobre isso, mas deixe-me adivinhar: não passou pela sua cabeça que o Dobrador de Terra que te atacou e a Ta Min pode não ter sido realmente enviado pelo Rei da Terra?

Roku soltou uma risada desdenhosa.

— Suponho que você pensa que o malvado Príncipe Sozin o enviou.

— Faz sentido — disse Gyatso. — Você já havia dito que não o ajudaria, e aquele ataque mudou sua mente.

Isso poderia ser verdade? Sozin e Ta Min o enganaram? Não.

— Não faz sentido — disse Roku. — Aquele cara quase nos matou. Se ele tivesse conseguido, então não haveria Avatar para ajudar o Príncipe Sozin a realizar seu esquema nefasto. — Roku balançou a cabeça e repetiu: — Sozin não mentiria para mim. E ele definitivamente nunca tentaria me matar. Somos...

—...Amigos — Gyatso completou. — Eu sei. Mas a questão é, vocês eram amigos. Você é o Avatar agora. Não vê como isso muda as coisas?

— Não muda nada.

— Pelos espíritos — Gyatso murmurou para si.

Roku procurou em sua mente um argumento mais forte.

— Se você estiver certo, então ele não saberia que eu

eventualmente descobriria sobre o recurso quando falasse com o Reino da Terra?

— Ele provavelmente não achou que eles te contariam sobre isso.

Roku apontou com o polegar para Oh Wen.

— Bem, aquele cara acabou de me contar sobre isso.

— Se eu não estivesse aqui para ajudar com o braço dele, ele não teria te contado nada. Na verdade, se eu não estivesse aqui, ele teria te reduzido a pó.

Roku cutucou Gyatso no centro do peito.

— Talvez você devesse ser o Avatar, então.

— Definitivamente não deveria ter sido você. — Gyatso retribuiu o cutucão no peito. — A Irmã Disha estava certa.

Roku abriu a boca para retrucar, mas sua raiva vacilou, tremulou. Ele sempre suspeitou que sua mestre de dobra de ar achava que ele não era bom o suficiente para ser o Avatar, mas ouvir isso confirmado era como perder um Agni Kai na frente de todos que amava e respeitava.

— Esqueça — disse Gyatso após uma pausa. — Vamos ajudar esse cara a voltar para o navio dele, sair da névoa e encontrar Lola.

— Por que faríamos isso?

Gyatso bateu com o cajado na cabeça de Roku.

— Essa queda descolou algo aí dentro? Precisamos voltar para o Templo do Ar do Sul.

— E o recurso? — Roku perguntou.

— O que tem ele?

— Se realmente estiver aqui e for tão valioso assim, não podemos simplesmente abdicar e deixar o Reino da Terra levá-lo.

Gyatso zombou. — Porque pertence à Nação do Fogo?

— Porque quem sabe para que o Reino da Terra usaria.

Gyatso balançou a cabeça.

— Isso não é da nossa conta. Nada disso deveria ter sido nossa preocupação—foi um erro vir. Quando voltarmos, podemos contar ao Abade Rabten e à Irmã Disha o que Oh Wen nos contou, e eles podem decidir o que fazer.

— E quanto à sua dobra de ar? — Roku tentou mais uma vez.

— Não adianta.

— Você não está falando sério...

Gyatso não respondeu.

— E quanto ao resto do grupo dele? — Roku interrompeu, tentando usar um argumento moral que convencesse o Nômade do Ar. — Se realmente há nativos assassinos perseguindo-os pela floresta, você quer simplesmente deixá-los morrer?

Mas Roku calculou mal.

— A ganância sempre tem seu preço — disse Gyatso e se afastou.

A resposta fria como pedra deixou Roku atordado.

— Isso não é muito Nômade do Ar da sua parte.

Gyatso girou de volta.

— Difícil de ouvir, já que você é igual a eles, né? Nação diferente, mesma história.

— O que isso quer dizer?

— Você é apenas outro nobre que não se importa com todos os plebeus que cultivaram as colheitas ou mineraram o minério, ou navegaram os navios, ou cortaram as árvores, ou trabalharam nos moinhos que enriqueceram seu clã. Todo aquele sofrimento não significa nada para você. Você toma seu chá, frequenta sua Academia e seus festivais, relaxa em seus spas reais e reclama do preço da seda. Se outros tiverem que passar sem para que você possa ter mais mais mais, então que seja, certo?

A raiva repentina do Nômade do Ar deixou Roku atordado. Era como se Gyatso o tivesse apunhalado com uma lâmina que há muito vinha afiando em segredo.

Mas Gyatso não havia terminado.

— Antes de Kyoshi ser identificada como o Avatar — continuou ele, — ela era uma órfã, uma serva. Ela lutou por justiça porque podia reconhecer a injustiça. Ela a viveu. Sobreviveu a ela. O coração dela sempre esteve com os pobres, os quebrados, os oprimidos. É por isso que ela foi uma grande Avatar. Você? Você, sua família, seu clã, sua nação, são os opressores. O que você pode oferecer como Avatar quando não consegue nem entender isso?

Roku ainda não sabia o que dizer.

— Faça o que quiser — Gyatso jogou por cima do ombro enquanto se afastava.

— Tudo bem — disse Roku, sentindo-se como uma árvore que sobreviveu a um tufão, mas foi despojada de todos os galhos. Ele cruzou os braços. — Não preciso de mais ajuda de um Dobrador de Ar fracassado, de qualquer maneira.

— E eu não preciso desperdiçar minha energia ajudando um Dobrador de Fogo doutrinado que vai acabar se tornando outro Falso Avatar.

Magoado e querendo magoar, Roku também se virou. Gyatso realmente era muito diferente de Sozin, que nunca desistiria assim, nunca se afastaria de Roku desse jeito.

Não importa o quê.

CONTROLE



QUALQUER PESSOA com meio cérebro poderia dizer que os Dobradores de Areia que Sozin havia contratado para levar Kozaru, Dalisay e ele até a Biblioteca de Wan Shi Tong planejavam roubá-los. A única dúvida era se os Dobradores de Areia planejavam matá-los também.

Era um golpe comum, arquitetado pelas mentes de criminosos desesperados em todo o mundo. Em casa, na Nação do Fogo, isso tomava a forma de pescadores pobres das ilhas externas, oferecendo-se para levar nobres em férias a praias remotas e privadas – apenas para tomar seus pertences e deixá-los presos. Sozin não podia culpar ninguém por fazer o que era necessário para sobreviver. Enquanto houvesse pobreza, a criminalidade seria inevitável. Para fazer seu povo se sentir seguro, ele eventualmente

teria que encontrar maneiras de garantir que os recursos da nação servissem a todos os cidadãos da Nação do Fogo, não apenas aos nobres. Mas, enquanto isso, atividades ilegais precisavam ser punidas. Tal era a base da civilização – uma verdade que sempre escapou ao Reino da Terra.

Então, quando um dos Dobradores de Areia olhou por cima do ombro enquanto guiava seu veleiro de areia pelas dunas para dizer a Sozin que iriam parar em uma formação rochosa à frente para passar o meio-dia na sombra, Sozin simplesmente assentiu. Então, discretamente, cutucou Kozaru e Dalisay. Suas duas companheiras se sentaram casualmente, mas seus olhos ficaram alerta, seus músculos tensos.

Eles haviam partido no dia anterior, ao pôr do sol, e viajado durante a noite para escapar do calor. Mas agora, a temperatura estava rapidamente se tornando insuportável à medida que o sol subia – especialmente sob todas as camadas extras de pano que usavam enroladas em torno de seus rostos e mãos, no estilo dos Dobradores de Areia, para proteger a pele dos raios do sol. As dunas ondulantes do deserto se estendiam em todas as direções sob uma vasta cúpula azul riscada no horizonte com as menores nuvens. Bem acima, vespas-abutre circulavam.

Mas qual seria exatamente o plano dos Dobradores de Areia? Talvez insistissem para que Sozin, Kozaru e Dalisay descessem do veleiro primeiro, e então imediatamente

navegariam para longe. Ou talvez esperassem até que Sozin e suas companheiras se sentassem na sombra e comessem a almoçar.

Não, esses dois não estavam trabalhando sozinhos. Muito provavelmente, seus amigos malandros estavam à espera nesta formação rochosa, prontos para usar sua dobra de areia para subjugar, roubar e talvez até matar.

Sim, pensou Sozin, é isso que eu faria.

Depois de algum tempo, a formação rochosa apareceu no horizonte. Era uma coleção imponente de lajes irregulares de pedra escura que emergiam da terra em ângulos agudos. Arbustos espalhados com pequenas folhas verde-claras brotavam nas áreas rasas de areia ao redor da base da formação. Entre as rochas, havia muitos cantos sombreados onde uma pessoa poderia se refugiar do sol implacável.

Os Dobradores de Areia cessaram seus movimentos de dobra, e o veleiro deslizou até parar a poucos metros das rochas, silenciando o ruído branco das quilhas cortando a areia. Sozin e seus companheiros trocaram olhares cautelosos enquanto se levantavam e se espreguiçavam.

— Vamos parar aqui — disse o outro Dobrador de Areia enquanto começavam a abaixar e enrolar a vela. — Almoçar. Descansar. Então, quando nossas sombras atingirem a metade, continuamos nosso caminho.

— Ótimo plano. — Sozin pulou para baixo, com Kozaru e Dalisay seguindo.

Era difícil adivinhar quantos Dobradores de Areia compunham os dentes dessa armadilha evidente. Mas Sozin não estava nem um pouco preocupado, mesmo que estivessem cercados por areia. Os dois que haviam guiado o veleiro de areia talvez tivessem percebido que Sozin e suas companheiras eram da Nação do Fogo pela maneira como falavam ou se comportavam. No entanto, eles não sabiam que ele e Kozaru eram Dobradores de Fogo, mais fortes quando o sol estava no ponto mais alto, e que Dalisay era quase tão mortal com seu dardo de corda.

Os dois Dobradores de Areia rapidamente enrolaram e amarraram as cordas, depois penduraram suas sacolas nos ombros e desceram. Um deles gesticulou para Sozin em direção a uma ampla fenda sombreada entre duas das pedras mais altas à frente deles.

— Lá dentro.

Sozin ergueu as sobrancelhas para Kozaru e Dal, como se dissesse: *poderia ser mais óbvio?*

O calor seco era sufocante. Ele desenrolou o pano que havia enrolado em torno de seu rosto e removeu a tira de couro com fendas para os olhos que os Dobradores de Areia haviam dado a eles para proteger a visão da luz ofuscante do deserto. Apertando os olhos contra o brilho, ele examinou as rochas imponentes enquanto avançavam. Nenhum movimento. Nenhuma sombra errante. Ou os

outros Dobradores de Areia estavam escondidos atrás dos picos, ou na escuridão na fenda.

Quando se aproximaram da entrada, Sozin sussurrou para Kozaru:

— Espere aqui. Vigie nossas costas.

Kozaru assentiu e ficou para trás enquanto Sozin, Dalisay e os dois Dobradores de Areia prosseguiram.

O frescor os atingiu assim que entraram nas sombras, mas a mudança repentina de iluminação dificultou a visão na escuridão. Por isso, no momento em que ouviu passos se aproximando de dentro, Sozin usou sua dobra de fogo para produzir uma linha de fogo de cada punho, que ele lançou para frente como dois chicotes flamejantes. As chamas iluminaram a passagem, revelando quatro Dobradores de Areia esperando com espadas ou punhais. Eles gritaram surpresos ao recuar, suas armas caindo no chão.

Um dos Dobradores de Areia que estava caminhando ao lado deles começou a gritar com Sozin. Mas o dardo de corda de Dalisay cortou o ar, enrolou-se em torno de seu pescoço e o derrubou. Ela puxou de volta, e o corpo do homem virou enquanto a corda desenrolava, retornava a ela e então era redirecionada com um chute giratório gracioso em direção ao outro Dobrador de Areia que gritou de dor quando o dardo se alojou em sua coxa.

Enquanto Dalisay lidava com esses dois, Sozin arqueou os

braços e estalou seus chicotes de fogo novamente, estendendo seu comprimento para não errar dessa vez. Eles voaram pela escuridão estreita e cada um estalou contra um Dobrador de Areia diferente, chiando enquanto queimavam tecido e carne.

— Por favor! — implorou um dos outros Dobradores de Areia (um homem velho) enquanto corria em direção a Sozin com as mãos levantadas. — Por favor, não machuque meu marido!

Sozin recuou para reunir seus chicotes e atacar o atacante geriátrico quando algo no chão brilhou à luz das chamas que passavam. Não espadas, não punhais. Xícaras de chá.

Xícaras de chá de cobre. Uma bandeja. Talheres espalhados.

Sozin abaixou os braços. Deixou as chamas se dissiparem.

Essas pessoas não eram ladrões – eram servos, esperando com refrescos para reabastecer os viajantes em sua jornada.

— Espere — ordenou Sozin a Dalisay, cujo dardo letal ainda cortava o ar em arcos precisos.

Dalisay parou em uma rotação e deixou sua corda enrolar em torno de seu antebraço enquanto Kozaru vinha correndo, com o rosto caindo de decepção ao perceber que a luta havia terminado antes que ela tivesse a chance de participar.

— Houve um mal-entendido. — Sozin acendeu uma chama que iluminou o serviço de chá espalhado. Então, ele se voltou para os dois Dobradores de Areia gemendo com quem Dal estava lutando. Um estava recostado na rocha, segurando a coxa sangrando, o outro estava se contorcendo no chão empoeirado. Ele se sentiu mal, mas não ia demonstrar. — Vocês realmente deveriam ter nos contado sobre seus amigos.



Na manhã seguinte, eles chegaram à biblioteca de Wan Shi Tong. Era real. Meio enterrada no meio de algum deserto esquecido pelos espíritos, mas real.

Suas torres em cúpula atravessavam a areia e alcançavam o céu com uma simetria impressionante. Quatro torres altas e estreitas nos cantos exteriores enquadravam quatro torres menores e mais largas no meio. No centro, erguia-se a torre mais alta, brotando de uma vasta cúpula.

O nível de areia alcançava alguns pés abaixo da base da cúpula central, quase cobrindo completamente uma fileira de janelas altas e intrincadamente trabalhadas. Mais cem anos e o lugar inteiro provavelmente estaria coberto pelo deserto.

Sozin não conseguia parar de sorrir. Ele desejava que o Senhor do Fogo Taiso estivesse ali para ver. “*Você estava erra-*

do”, ele teria dito a seu pai, que então admitiria isso antes de se desculpar por desconsiderar a coleção da coruja espiritual como mera lenda.

Ok, o Senhor do Fogo Taiso nunca admitiria que estava errado.

E certamente nunca se desculparia. Especialmente para seu filho.

No máximo, ele teria uma expressão azeda no rosto - que Sozin ainda poderia ver quando voltasse para casa e compartilhasse um tesouro de novos conhecimentos, conhecimentos que certamente dariam à Nação do Fogo uma vantagem por décadas, se não séculos. Seu pai poderia até parar de incomodar Sozin sobre continuar seus estudos e começar a lhe dar algumas responsabilidades reais.

Sozin entregou aos seus guias Dobradores de Areia feridos o dobro do pagamento acordado; um pedido de desculpas que não exigia uma admissão explícita de culpa.

— E eu vou dobrar a outra metade também, depois que nos levarem de volta ao oásis. — Então ele se voltou para Kozaru e Dal.

— Esperem com nossos amigos para que eles não sejam tentados a navegar embora por conta daquele mal-entendido anterior.

Kozaru assentiu obedientemente, mas Dalisay cruzou os braços.

— Viemos até aqui com você, e você nem vai nos deixar entrar?

— Exatamente — disse Sozin.

Era possível que os Dobradores de Areia estivessem esperando para abandoná-los de verdade desta vez, mas Sozin não achava isso provável. Contudo, era uma desculpa conveniente. Ele queria que Kozaru e Dalisay esperassem do lado de fora porque não confiava nelas - especialmente em Dalisay. Como cientista, ela era curiosa demais. Qualquer informação útil na biblioteca era dele para descobrir, dele para possuir, dele para controlar.

Dalisay começou a protestar, mas Sozin a cortou com um olhar que lembrava seu lugar. Ela bufou e se sentou na borda do veleiro de areia.

— Mas lembre-se de procurar qualquer coisa sobre metalurgia. Se pudermos encontrar...

— Sim, sim, eu sei — disse Sozin, interrompendo-a com um aceno de mão desdenhoso. Ele juntou suas coisas, pulou do veleiro de areia e caminhou pela areia em direção à biblioteca, em direção ao seu futuro, que a cada passo brilhava mais do que o sol acima.

UMA TROCA MÚTUA DE INFORMAÇÕES



A CADA árvore que Malaya e Kilat passavam no caminho para Amihan e os Dobradores de Terra, Malaya se sentia cada vez mais perturbada. Ela tinha certeza de que a Dobradora de Ar ficaria mais do que feliz em realizar a tarefa sozinha, mas Malaya não conseguia afastar o pensamento de que o que quer que acontecesse seria culpa dela. Entregar as ordens de Ulo seria dar o golpe mortal.

Não importava quantas vezes repetisse as alegações do chefe do clã para si mesma, ela não conseguia se livrar da sensação de que os Dobradores de Terra não mereciam morrer. Eles não fizeram nada de errado, exceto vir para uma ilha que provavelmente nem sabiam que era habitada.

Quando Kilat parou para descansar à beira de um riacho, Malaya não incentivou a gorila-társio a seguir em

frente. Em vez disso, ela desmontou e se ajoelhou junto à água corrente.

Apesar de suas dúvidas, que escolha ela tinha? Ulo havia ordenado, e a palavra de Ulo era final. Ele havia mantido o clã seguro e protegido até então, não havia? E mesmo que quisesse desobedecer, ele já havia lhe mostrado como ela era impotente diante de sua dobra de água.

O melhor que ela poderia fazer era garantir que, quando chegasse a hora, eles encontrassem seu fim da forma mais indolor possível. Ela conhecia várias bagas e fungos venenosos que seriam mais misericordiosos do que qualquer coisa que Amihan certamente faria a eles.

Malaya encheu as mãos em concha no riacho, bebeu a água fresca e molhou o rosto. Ela levantou os olhos para a floresta ao redor, como se ela pudesse oferecer alguma sabedoria tranquilizadora.

E de certa forma, ofereceu.

Escalando o tronco de uma árvore na beira da névoa estava um inseto vermelho brilhante — uma centopeia-basilisco do comprimento de sua mão. Difícil de encontrar, ainda mais difícil de capturar. Quando ameaçada, excretava um muco venenoso que paralisava potenciais predadores. Malaya havia aprendido isso da maneira difícil na primeira vez que encontrou uma rastejando pela floresta e a pegou. Cada músculo de seu corpo ficou rígido como pedra. Passa-

ram-se algumas horas antes que ela pudesse se mover novamente.

Malaya encaixou uma flecha, mirou e atirou. A flecha assobiou pelo ar e se cravou na árvore, prendendo a criatura no lugar. Ela correu, puxou a flecha com o inseto espetado na ponta e o levou de volta ao riacho.

Trabalhando cuidadosamente, ela abriu a barriga da centopeia com sua adaga e examinou seus órgãos com a ponta da lâmina até encontrar as glândulas com bolinhas que armazenavam seu veneno.



Malaya deixou Kilat com o gorila-társio de Amihan na linha das árvores, abaixo das encostas rochosas das montanhas orientais, e continuou a pé. A neblina estava mais fina e mais fria naquela elevação, flutuando rapidamente pelo ar. Arbustos dispersos e varridos pelo vento e aglomerados de pedras se agarravam ao cume que conectava os picos como uma fileira de dentes irregulares e levava até o vulcão adormecido da ilha, ao norte.

Ela encontrou Amihan agachada atrás de uma saliência rochosa abaixo da sela do cume e a uma dúzia de passos do caminho. Os Dobradores de Terra estavam fora de vista, mas ela podia ouvi-los descendo.

— Já era hora — disse Amihan em voz baixa quando

Malaya se juntou a ela. Então, com um sorriso presunçoso, ela perguntou: — Eu estava certa, né?

Malaya suspirou. Assentiu. Entregou uma das bananas maduras que havia colhido no caminho.

Amihan pegou a fruta sem agradecer e começou a descascá-la.

— Você vai se acostumar. É como caçar ou armar armadilhas, só que nossa presa pode falar.

— E sentir.

— Ah, a maioria dos seres vivos provavelmente sente. — Amihan deu uma mordida na fruta.

— Que reconfortante.

Amihan deu de ombros. Com a boca cheia de banana, disse:

— É uma pena que você seja tão lenta. Se tivesse voltado a tempo de pegá-los no cume, onde o vento é mais forte, eu poderia ter simplesmente feito um... *whoosh... splat*. — Ela suspirou. — Isso teria tornado as coisas muito mais simples. Agora, talvez tenhamos que...

Amihan parou no meio da frase. Seus olhos se arregalaram de pânico e todo o seu corpo congelou.

— Ami, você está bem? — disse Malaya, tentando soar genuinamente surpresa e preocupada. — O que há de errado? — Ela tocou o ombro da Dobradora de Ar e sentiu todos os músculos endurecidos pela tensão. — Ah, não... Acho que essa banana estava estragada. Vou buscar ajuda!

Malaya correu na direção dos gorila-társios, muito consciente do que havia de errado com a fruta: ela havia injetado uma quantidade mínima do veneno da centopeia-basilisco.

Antes de alcançar a linha das árvores, ela deu a volta em um arco suficientemente amplo para ter certeza de que ninguém ouviria sua aproximação. Quando alcançou os Dobradores de Terra, ficou aliviada ao encontrar a mãe e a filha na retaguarda do grupo.

Elas haviam parado para examinar o interior de uma pedra que uma delas provavelmente tinha rachado com dobra de terra.

— Veja o brilho vermelho nessas estrias pretas! Tão incomum entre todo esse basalto, a mãe estava dizendo à filha enquanto Malaya lentamente entrava em seu campo de visão, com as mãos levantadas e as armas embainhadas.

A jovem notou Malaya primeiro e cutucou sua mãe. Malaya parou a cerca de três passos de distância.

— É você — disse a mulher mais velha, tentando esconder a surpresa e o medo. — Das cachoeiras.

— Por favor, não chame seus guardas — disse Malaya rápida e suavemente, com as palmas ainda levantadas e o coração ainda martelando. Ela respirou fundo, esperando que os guardas estivessem longe o suficiente para não ouvir. — Eu não vou machucar vocês. — Ela gesticulou para si mesma. — Eu sou Malaya.

A filha olhou para a mãe, que observava Malaya como se ela fosse uma criatura perigosa. Mas nenhuma delas chamou os guardas.

— Você é uma das nativas? — perguntou a filha, olhando Malaya de um jeito que a fez ficar subitamente consciente de seus pés descalços e pele exposta. — Antes de nos atacar outro dia, não pensávamos que alguém morasse aqui.

— Não era para ser um ataque. Estávamos apenas tentando pegar suas coisas para que vocês saíssem da ilha.

A mãe colocou a pedra rachada que estava examinando no chão e deu um passo à frente da filha.

— Mas vocês mataram três dos nossos guardas.

Malaya balançou a cabeça, com as mãos ainda levantadas.

— Não matamos seus guardas. — O que era na maioria verdade. Os dois primeiros desapareceram antes mesmo de ela descobrir o grupo. Quanto ao outro... Ela não tinha certeza do que Amihan fez com ele.

A filha olhou novamente para a mãe, que estava pesando as palavras de Malaya. Depois de um momento, a mãe perguntou:

— Malaya, não é?

Malaya assentiu.

— Eu sou Yuming, e esta é minha filha, Qixia... Por que você quer que deixemos a ilha?

— Não é seguro para vocês aqui.

— Por quê?

Malaya considerou quanto revelar.

— Esta ilha pertence ao nosso clã.

A filha, Qixia, espiou de trás da mãe, Yuming.

— *Clã?* — Seus olhos foram para o cabelo curto de Malaya por algum motivo. — Você é da Nação do Fogo?

— Não pertencemos a nenhuma nação — corrigiu Malaya. — Só queremos viver em paz. Por favor, fale com o resto do seu grupo – convença-os a sair imediatamente.

O pedido de Malaya foi recebido com silêncio. Ela podia ver nos olhos de Yuming que a mulher mais velha estava tentando decidir o que dizer ou fazer a seguir. Finalmente, Yuming deu um passo cauteloso à frente.

— Se você pudesse nos levar até seu... que termo vocês usam... “Matriarca”? “Senhor”? “Chefe”? Quem quer que esteja no comando do seu clã. Se eu pudesse falar com a pessoa, tenho certeza de que ela verá que não somos uma ameaça. Viemos aqui para aprender sobre sua ilha, e seu povo deve estar curioso sobre o resto do mundo. Uma troca mútua de informações poderia ser esclarecedora para todos nós. Imagine o que poderíamos ganhar uns dos outros.

Malaya desejava que fosse tão simples. Deveria ser tão simples.

— Sinto muito.

A decepção nublou o rosto de Yuming.

— Obrigada pelo aviso, mas levei anos para descobrir a localização da sua ilha e, depois, meses navegando pelo Mar do Sul para realmente encontrá-la. Três homens já perderam a vida no processo. Você deve entender que não podemos partir agora.

Malaya cerrou a mandíbula. Isso não estava indo como ela imaginou. Por que elas não a ouviam? Por que estavam tão determinadas a ficar quando ela deixou claro que não eram bem-vindas?

— O que já aprendemos aqui é suficiente para encher dezenas de pergaminhos — acrescentou Qixia. — Você sabe quanto de sua flora e fauna existe apenas nesta ilha?

Malaya assentiu, tendo passado muito tempo ouvindo as conversas deles.

A expressão de Yuming suavizou e ela deu mais um passo à frente, levantando as mãos como se fosse para um abraço.

— Fique conosco. Seja nossa guia. Mostre-nos sua casa.

Por mais que Malaya quisesse, ela desejava que Yuming, Qixia e seus companheiros vivessem.

— Deixe-me ser clara. — Malaya apontou para a neblina na direção do corpo paralisado de Amihan. — Há alguém atrás das rochas, logo após a trilha à frente. Nosso chefe ordenou que ela tirasse suas vidas.

Mãe e filha viraram a cabeça na direção indicada por Malaya, como se Amihan fosse se materializar na névoa

naquele momento. Quando isso não aconteceu, Yuming voltou a se virar. Era claro em seu rosto que ela considerava a ameaça um blefe.

— Você só está tentando nos assustar.

— Prometo que não estou.

— Temos nossos guardas.

— Eles não teriam chance.

Novamente, Yuming demorou um momento para considerar suas opções.

— Por que seu povo está tão determinado a manter os estrangeiros afastados? — ela perguntou.

Malaya hesitou. Nem a razão, nem as ameaças funcionaram. Então Malaya decidiu tentar a honestidade.

— Por causa de Yungib — disse, perguntando-se se era a primeira vez na história que esse nome era falado a estranhos. — O espírito da caverna. É dever do nosso clã proteger o espírito... a qualquer custo.

Mas o modo como os olhos de ambas as mulheres se iluminaram com essa nova informação deixava óbvio que a última tentativa de Malaya para dissuadi-las de continuar sua exploração havia falhado.

Yuming deu mais um passo cauteloso à frente, e agora estava a apenas um passo de Malaya.

— Podemos conhecer Yungib? — perguntou Yuming com cuidado, como se tentasse atravessar um bando de pássaros ariscos sem os assustar para o céu.

Malaya balançou a cabeça, ficando frustrada com a recusa firme da mulher em ouvir. Malaya sentiu que só precisava falar com a mulher, mas estava ficando sem coisas para dizer.

— Hum. — Yuming trocou mais um olhar com a filha, algo não dito passando entre elas. Então ela deu mais um passo à frente e estendeu a mão para as mãos de Malaya.

Malaya as puxou de volta.

— Está tudo bem — disse Yuming, e estendeu lentamente a mão novamente.

Desta vez, Malaya permitiu. As mãos da mulher eram quentes e macias, as pontas dos dedos sem calos. Ela olhou diretamente nos olhos de Malaya.

— Por favor, Malaya, seja nossa guia? — Ela pausou novamente. — Leve-nos até sua aldeia. — Pausa. — Apresente-nos ao seu chefe. — Outra pausa. — Deixe-nos conhecer o espírito da caverna.

A própria mãe de Malaya era toda de arestas afiadas. Cada frase cheia de desapontamento, cada olhar afiado com julgamento. Ela nunca havia segurado, olhado ou falado com Malaya com metade da suavidade de Yuming. Malaya ficou tão tomada pela súbita intimidade que compartilhavam que quase disse sim.

— Sinto muito — disse Malaya. — Não posso.

Yuming exalou e recuou. Enquanto ela fazia isso, Qixia deslizou um pé para a frente e bateu as mãos. Num piscar

de olhos, fragmentos de rocha subiram do chão e voaram para as mãos de Malaya, amarrando-as antes que ela pudesse reagir.

Então Qixia mexeu os pulsos, e terra endurecida envolveu as pernas de Malaya até os joelhos, prendendo-a no lugar.

Malaya arreganhou os dentes e lutou contra suas amarras como um animal preso. Qixia desviou o olhar.

— Eu também sinto muito — disse Yuming enquanto olhava Malaya com o tipo de desapontamento materno com o qual Malaya estava muito mais familiarizada. — Viemos de muito longe.

Com isso, Yuming e Qixia desapareceram na névoa, deixando Malaya presa na encosta da montanha, fervendo de raiva por sua traição.

ROKU, SOZINHO



ROKU NÃO parou. Ele superou a exaustão. Enfrentou a sede e a fome. Atravessou riachos, escalou raízes e rochas e árvores caídas. Se Oh Wen estava certo e o resto de seu grupo tinha realmente sido atacado apenas alguns dias atrás, então Roku poderia alcançá-los em breve se não parasse para descansar. Ele poderia protegê-los dos perigosos habitantes da ilha e, depois, persuadi-los a sair em paz.

Ele poderia provar que Gyatso e a Irmã Disha - e ele mesmo - estavam errados. Ele não era um erro.

Ele era o Avatar.

O caminho serpentina para frente e para trás conforme subia. As árvores cobertas de musgo diminuía, encolhiam, dando lugar a arbustos baixos e ventosos e tufo de

grama espinhosa que brotavam rente ao solo cada vez mais rochoso. O vento aumentava e a névoa sempre silenciosa e presente deslizava mais rapidamente quanto mais alto ele ia.

Eventualmente, Roku não pôde subir mais - ele havia alcançado o que parecia ser o cume. Sem fôlego e com as pernas queimando, ele enxugou o suor do rosto e olhou ladeira abaixo. O terreno do outro lado da montanha era tão rochoso e áspero quanto o que ele acabara de subir, mas muito mais íngreme.

Então a névoa começou a se dissipar do jeito que Roku aprendeu a reconhecer como sinal do pôr do sol. Talvez como uma coincidência do ponto de vista e da hora exata do dia e do fato de o céu estar nublado, ele conseguia ver mais longe do que conseguiu até então na ilha. Aparentemente, ele não estava exatamente no pico, mas em uma crista. Ao norte e ao sul: o resto da crista se estendendo como uma fileira de dentes irregulares silhuetados contra o horizonte. A oeste: uma descida íngreme na floresta densa com a cicatriz estreita onde a trilha continuava. A leste: o caminho de onde ele veio, a enseada e o mar além, acima do qual pendia um céu sem estrelas.

O ar estava tão quente e úmido como sempre, mas naquela noite trazia o doce cheiro de chuva. Roku tinha apenas começado a descer quando as primeiras gotas caíram.



— Vamos lá, Ro, do que você tem medo? — chamou Yasu à frente. Ele estava na beira da praia, chama na mão, enquanto Roku ficava para trás com sua própria luz nas falésias baixas entre a grama marinha. A brisa tinha cheiro de areia e mar. As ondas quebravam na escuridão à frente. Atrás deles, erguia-se a forma escura da parede externa íngreme da caldeira.

— Parece que vai chover — disse Roku, estendendo a mão aberta para sentir as gotas.

Yasu olhou para as nuvens que cobriam o céu noturno, apagando as estrelas.

— Você pretende ficar seco enquanto nadamos?

Roku suspirou, então deslizou pela falésia arenosa e se juntou ao irmão gêmeo. Como já tinham feito centenas de vezes antes, eles se separaram e vasculharam a praia em busca de madeira flutuante, trabalhando em silêncio. Alguns minutos depois, voltaram a se encontrar, empilharam os troncos branqueados como uma tenda e usaram a dobra de fogo para acendê-los. A madeira seca pegou rapidamente, irradiando uma explosão de luz e calor.

— Uma pena que Sozin não pôde vir — disse Yasu enquanto se despia até ficar apenas com suas roupas de baixo, depois jogou de lado seu robe de dormir. O amigo estava de castigo após incinerar algumas tapeçarias cente-

nárias na Academia enquanto tentava aprender a dobrar chamas azuis.

— É — disse Roku enquanto tirava seu próprio robe e o dobrava em uma pilha organizada. — Que pena.

Na verdade, no entanto, Roku não estava tão decepcionado. Não é que ele não gostasse de Sozin, é só que ele e Yasu raramente passavam tempo junto mais.

Nos primeiros dez anos de suas vidas, Roku e Yasu viveram sob o mesmo teto, compartilharam as mesmas refeições, passaram pelos mesmos dramas familiares. Por mais tempo que passassem com Sozin durante o dia, sempre voltavam para casa juntos. Mas essa conexão terminou no ano passado, quando entraram na Academia Real de Fogo para Garotos. Agora, viviam, comiam, estudavam e aprendiam ao lado de centenas de outros jovens Dobradores de Fogo em treinamento.

Nos raros momentos de folga, Yasu começou a passar mais tempo com Sozin do que com Roku. Então, quando Sozin e Yasu lutavam, Roku estudava. Quando Sozin e Yasu jogavam Pai Sho juntos, Roku ia ao teatro. Quando Sozin e Yasu saíam escondidos para conversar com garotas, Roku ficava na cama.

Eles estavam deixando ele para trás.

Por isso, quando Yasu perguntou se Roku queria sair escondido da Academia para um mergulho noturno e ver o

plâncton bioluminescente, Roku se animou com o convite e imediatamente disse sim.

Mas agora, à luz da fogueira, uma chuva leve começando a cair e ondas altas quebrando perto da praia, o nervosismo se instalou em seu estômago.

Yasu prendeu o cabelo em um coque apertado, depois deu um tapinha nas costas de Roku.

— Vamos lá, Ro!

Roku hesitou.

— Não sei se isso é uma boa ideia, Ya.

— Não me diga que está amarelando comigo...

Roku coçou a nuca.

— As ondas estão enormes esta noite. E eu não sou um nadador tão bom quanto você.

— Verdade — disse Yasu enquanto entrava na água. — Mas você acha que vai ficar bom parado na praia?

— E se alguém na Academia notar que saímos?

Yasu se virou, a água batendo em suas coxas.

— Já saímos escondidos dezenas de vezes e nunca fomos pegos. Além disso, já estamos aqui. Se essa for a primeira vez que somos punidos, que ao menos valha a pena.

— Eu nem vejo o plâncton. Você tem certeza que é hoje? Yasu deu de ombros.

Procurando desculpas, Roku olhou para o horizonte

nublado em busca de relâmpagos. Mas o céu permaneceu escuro, a chuva leve uma garoa.

Ele suspirou e seguiu seu irmão na água agitada e agradavelmente morna.



O vislumbre da ilha proporcionado pela meia-luz do crepúsculo foi breve e, em questão de segundos, ficou escuro demais para ver. Roku acendeu uma chama em sua palma e começou a seguir a trilha dos Dobradores de Terra pelo outro lado da montanha. À medida que a chuva aumentava, no entanto, a trilha ficava enlameada, e ele teve que diminuir a velocidade.

Não demorou muito para ele encontrar vários fragmentos de pedra que pareciam fora de lugar entre as rochas mais escuras. Quando Roku juntou as peças, percebeu que elas se encaixavam perfeitamente como um quebra-cabeça, revelando uma cavidade na forma de mãos entrelaçadas. E, por perto, havia outro conjunto de fragmentos cuja cavidade sugeria a metade inferior das pernas de alguém. Um dos Dobradores de Terra devia ter amarrado as mãos e os pés de alguém, e essa pessoa devia ter conseguido se libertar. Isso significava que o grupo de Oh Wen estava em algum lugar à frente - e eles ainda estavam em perigo.

Isso significava que ele ainda podia salvá-los.

Roku acelerou o passo.



As ondas batiam contra os joelhos de Roku, empurravam-no para trás, puxavam seu corpo em direção ao mar aberto enquanto recuavam. Quanto mais fundo ele ia, mais forte era o empurrão e o puxão da água. Mesmo assim, Roku manteve-se firme, aguentou os impactos e avançou em direção a Yasu.

— Lá vem uma grande! — Yasu chamou sobre o lento rugido da água se acumulando.

A onda atingiu Yasu; depois, Roku, alguns momentos depois, derrubando-os ambos debaixo d'água. Eles emergiram em segundos um do outro, rindo enquanto afastavam o cabelo comprido de seus rostos e cuspiam a água salgada que fazia seus lábios formigarem.

Quando a risada diminuiu, Roku olhou para a fogueira na praia, surpreso com a distância.

— Estamos bem longe. Talvez devêssemos voltar.

Yasu balançou a cabeça e avançou.

— Quero chegar ao banco de areia.

— Acho que o banco de areia está mais ao sul — disse Roku. Gotas de chuva ondulavam na superfície da água.

— Você não se perdeu na biblioteca da Academia

semana passada? — perguntou Yasu, a falta de senso de direção de Roku era uma piada recorrente entre eles.

— Eles rearranjaram — disse Roku. — Mas, sério, deveríamos voltar, Ya.

— Vá em frente — disse Yasu. — Vou lançar algumas chamas quando chegar ao banco de areia que definitivamente está aqui e não mais ao sul. — Ele começou a nadar.

Roku flutuava na água, mal conseguindo tocar a areia com os pés. Mais adiante, vinha o som de outra onda se formando lentamente. Continuava crescendo e, logo, a água recuando abaixou até a cintura de Roku, depois seus joelhos, depois seus tornozelos.

— Tenha cuidado! — ele gritou para o irmão.

— Certo, mãe! — Yasu respondeu, respirou fundo e mergulhou quando a onda quebrou.

Os topos das ondas brancas atingiram Roku alguns momentos depois, derrubando-o com força inacreditável e o fazendo rodopiar violentamente debaixo d'água, a ponto de ele não saber qual direção era para cima. Vários segundos se passaram antes que a agitação diminuísse o suficiente para que ele pudesse se firmar novamente. Roku não estava rindo quando emergiu desta vez e se encontrou longe de onde estava momentos antes. Ele limpou a água dos olhos e procurou onde a cabeça de seu irmão deveria estar boiando.

— Yasu?

Exceto pelo mar agitado e pela chuva caindo, a noite estava silenciosa. O silêncio se estendeu enquanto Roku escutava uma resposta que nunca veio.

— Yasu? — Roku chamou novamente, o coração começando a disparar, um sentimento terrível se instalando em seu estômago. — Você está aí?

Nada.

— Pare de brincar!

Não seria a primeira vez que Yasu mergulhava, desaparecia por vários momentos e depois surgia ao lado de Roku tentando empurrar sua cabeça debaixo d'água.

Mas Yasu ainda não reapareceu. Um nó se formou na garganta de Roku. Seus olhos, ardendo devido ao sal, se encheram de lágrimas. Ele começou a hiperventilar enquanto o pânico ameaçava dominá-lo como um enxame de vespas-abutre.

O que ele deveria fazer? Esperar e continuar ouvindo? Nadar mais longe e arriscar as ondas? Voltar para a praia e correr em busca de ajuda?

Era um pesadelo acordado, e Roku estava paralisado pela indecisão.

Outra onda o atingiu, quebrando o feitiço. Quando passou, Roku cuspiu, respirou fundo, seguiu em frente, nadou com toda a força em direção ao lugar onde pensava que seu irmão estava. Quando chegou à área, ele ficou

boiando enquanto girava e procurava qualquer sinal de Yasu enquanto chamava o nome do irmão.

Mas não havia nada.

Seu irmão era um bom nadador...talvez quando a onda bateu, ela tivesse puxado Yasu para baixo e ele tivesse batido a cabeça em um pedaço de coral e ficado inconsciente. Então, após gritar o nome do irmão mais algumas vezes sem resposta, Roku começou a mergulhar. Ele varria a água com as mãos, partindo-a com força surpreendente enquanto procurava cegamente por Yasu. Quando ficava sem ar, ele emergia, gritava o nome de Yasu, ouvia por um momento e mergulhava novamente.

Roku mergulhou tantas vezes que perdeu a noção de onde estava, perdeu a noção da fogueira e da praia. Perdeu a noção do tempo, de quantas outras ondas tentaram enterrá-lo. Nada existia exceto a consciência de que seu irmão, a outra parte de si, estava flutuando ou afundando em algum lugar na escuridão aquática.

Antes que se desse conta, os braços de Roku estavam cansados demais para remar, suas pernas exaustas demais para chutar, seus pulmões vazios demais para respirar.

Na próxima vez que emergiu, tentou reunir forças para mais um mergulho, mas não tinha mais nada.

De repente, ele soube que se não voltasse para a praia agora, se afogaria.

Ele chamou o nome de Yasu uma última vez e ouviu,

mas havia apenas o som das ondas quebrando e a chuva batendo na superfície da água. Com a garganta arranhada, dor de cabeça pulsante e alma partida, Roku nadou de volta para a fogueira.

Ele se arrastou para a praia, reuniu as últimas forças para lançar um sinal de ajuda, depois colapsou na areia. Ofegante e chorando incontrolavelmente, ele rolou de costas para encarar o julgamento do céu sem estrelas.

Roku não sabia quanto tempo havia passado antes que alguém o encontrou e o colocou sentado. Ele disse que Yasu ainda estava lá fora e a pessoa mergulhou no mar para procurar. Outros chegaram. Ele foi levado para a fogueira e coberto com um cobertor. Foi protegido da chuva. Foi tranquilizado com palavras vazias. Outros chegaram. Tantos outros.

Formaram uma longa linha pela praia. Pegaram barcos. Vasculharam a água com varas de bambu e arrastaram os rastos com redes de pesca, enquanto chamavam o nome de Yasu na tempestade. Em algum momento, seu pai passou correndo em direção à água. Em algum momento, sua mãe apoiou a cabeça em seu ombro e chorou. Em algum momento, ele foi levado para casa.

Quando Roku se deu conta, estava em sua cama de casa, em vez de sua cama na Academia. Sozin estava sentado do outro lado, na beira da cama de Yasu. Ele estava encharcado e cheirando a mar. A chuva batia no telhado. O trovão

retumbava. O rosto de Sozin estava em suas mãos. Ele ficou assim por um longo tempo, chorando. Então levantou a cabeça. Seus olhos vermelhos se fixaram em Roku e entregaram a terrível notícia.

Eles não conseguiram encontrar Yasu. Ele havia desaparecido, roubado pelo mar.

No funeral, não haveria corpo para queimar.



Roku desceu a íngreme encosta da montanha enquanto a chuva começava a cair em torrentes. O caminho virou lama e pedras escorregadias, transformando sua descida em uma combinação desajeitada de corrida, escalada, deslize, tombo e escorregão. A chuva e a lama encharcaram e sujaram suas vestes e apagaram sua chama várias vezes.

Mas, a cada queda, ele se levantava, reacendia sua chama e avançava. O resto do grupo de Oh Wen teria montado acampamento para a noite em vez de descer a perigosa encosta na chuva. Logo, talvez na próxima curva, Roku veria ou sentiria o cheiro de uma fogueira, ou ouviria o murmúrio distante de suas conversas reunidas.

“Viu?” ele disse a si mesmo. *“Eu não preciso de Gyatso. Eu não preciso de ninguém.”*

O caminho, já estreito, estreitou-se ainda mais enquanto serpenteava ao longo de penhascos íngremes. Um vazio de

escuridão pairava à sua margem. Logo, o caminho desapareceu por completo, levado pela tempestade. Roku limpou as mãos contra suas vestes na tentativa inútil de secá-las, então começou a atravessar com nada além de raízes e pedras como apoios.

Roku estava quase atravessando quando suas mãos escorregaram de uma pedra molhada pela chuva. Seus olhos se arregalaram e suas mãos se agitaram inutilmente no ar enquanto ele caía para trás, despencando pelo penhasco e mergulhando na escuridão.



Roku carregava a urna de mármore branco, flanqueado por seus pais e avós. À frente deles, os percussionistas lideravam a procissão até o cemitério, batendo um ritmo lento e sombrio. Atrás deles seguia a família real, os Sábios do Fogo e o restante da nobreza. Eles serpenteavam silenciosamente pelas ruas da Capital vestidos de luto em branco e usando guirlandas de sampaguita, avançando em direção ao cemitério como uma lenta parada de espíritos da meia-noite.

Os restos mortais de Yasu não estavam na urna, é claro. Em vez disso, a urna continha as cinzas de doze anos de objetos preciosos: o pano em que ele foi envolto após seu nascimento, seu primeiro par de chinelos de lã de ovelha-coala, um dragão de madeira esculpido pelo avô, uma

espada de madeira com a qual ele "matava" o dragão de brinquedo, seu pincel favorito, seu poema favorito, suas pinturas, suas braçadeiras de couro de rinoceronte Komodo e um adereço que foi um presente de Roku no último aniversário deles. Se esses eram os objetos que Yasu escolheria para representar sua curta vida, ninguém jamais saberia.

Roku colocava um pé na frente do outro. Ele consolava sua mãe quando os gritos dela ficavam tão angustiantes que perfuravam seu coração.

Ele aceitava as condolências dos cidadãos comuns. Ele dizia o que era esperado quando os Sábios do Fogo pausavam suas orações para a resposta do povo. Mas, por dentro, ele ainda estava deitado na praia naquela noite na chuva, despedaçado.

Ele perdeu metade de seu espírito quando perdeu Yasu. Nunca seria completo novamente.

Eventualmente, eles chegaram ao cemitério. Paredes imponentes de túmulos de concreto branco empilhados sete ou oito de altura alinhavam os dois lados da estreita passagem, ramificando-se pelo caminho em bairros menores e labirínticos dos mortos. Varas de incenso queimavam até virar cinzas, e flores em vários estágios de decomposição repousavam nas estreitas bordas em frente aos túmulos recentemente visitados, mas a maioria estava vazia.

Eventualmente, chegaram à seção dedicada ao seu clã e ao pequeno espaço aberto que aguardava a urna de Yasu. Pararam de repente, e os tambores também. Os enlutados se espalharam pelos dois lados da abertura, deixando espaço para Roku.

Ele avançou, segurou a urna por um momento a mais e então a colocou dentro e recuou. Um trabalhador do cemitério começou a selar o túmulo com uma placa de mármore gravada enquanto o Alto Sábio iniciava a cerimônia fúnebre, que passou em um borrão, Roku sentindo como se tivesse deixado seu corpo e estivesse assistindo das nuvens.

Quando Roku voltou a si, quase todos já tinham ido embora. Sua mãe permanecia, prostrada e soluçando, na base da parede que abrigava as cinzas dos pertences de seu filho morto.

Seu pai ajoelhava-se ao lado dela, descansando uma mão trêmula em suas costas.

Em um ponto, o pai de Roku levantou a cabeça, com os olhos vermelhos e envelhecido uma década em dias. Ele respirou fundo e disse baixinho:

— Você deveria tê-lo salvado. — Então ajudou a mãe de Roku a se levantar e a levou embora.

Roku esperou para chorar até eles virarem a esquina.

Ele sempre suspeitara que o forte, confiante e feliz Yasu, o primogênito, mesmo que apenas por minutos, era o filho favorito deles.

Os comentários de seu pai e o silêncio de sua mãe confirmaram isso. Roku não pôde deixar de sentir que eles estariam mais felizes se fosse seu corpo inchado flutuando em algum lugar no mar aberto, alimentando o oceano.

Sozin apareceu ao lado de Roku. O príncipe estava ereto, com os braços cruzados, mas Roku podia perceber com um olhar no rosto exausto do amigo que ele provavelmente não havia dormido por dias.

— Deveria ter sido eu — disse Roku. Ser nada poderia ser uma misericórdia comparado a viver o resto de sua vida existindo como metade de si.

Quando Sozin não disse nada por um longo tempo, Roku teve certeza de que era porque seu amigo concordava que o mar deveria ter levado Roku em vez de Yasu. Afinal, era com Yasu que ele tinha se aproximado desde que começaram na Academia, enquanto Roku estava desaparecendo no fundo.

— É inútil ficar preso ao passado — disse Sozin gentilmente depois de mais alguns momentos, o que Roku percebeu não ser uma discordância. — Nunca podemos mudar o que aconteceu.

Roku levantou os olhos para a placa de mármore que servia como marcador de túmulo de seu irmão. Mais fácil falar do que fazer.

— Só podemos olhar para o futuro — continuou Sozin. — Ser quem Yasu gostaria que fôssemos.

Roku suspirou. Estendeu a mão e traçou com o dedo os sulcos gravados na pedra que marcavam o nome de Yasu.

— Mas eu não sei quem sou sem um irmão.

Sozin colocou um braço em volta de Roku e puxou-o para perto.

— Eu não sou Yasu, mas também somos irmãos, Roku. Nunca se esqueça disso. Sempre seremos irmãos. Sempre. Até o fim.



Roku acordou na escuridão. Ele estava deitado de costas em cima de um monte de escombros, com a chuva caindo sobre seu rosto. Estava dolorido por todo o corpo, mas nada parecia estar gravemente ferido.

Ele se sentou com um gemido e usou sua dobra de fogo para invocar uma pequena chama na palma da mão, surpreso com a pouca energia que parecia exigir, apesar de quão esgotado ele se sentia.

Aparentemente, ele estava em um túnel. Paredes lisas e curvas de pedra negra se estendiam em ambas as direções, com estrias e longas saliências finas. O teto tinha cerca de três metros de altura, com uma pequena fenda irregular diretamente acima.

A última coisa que Roku lembrava era que havia perdido o equilíbrio enquanto tentava atravessar uma seção

lavada da trilha. Ele havia sobrevivido à queda, mas como? Ele atingira o chão com força suficiente para perfurar a terra e aterrissar nesse túnel, mas não com força suficiente para que a aterrissagem o matasse ou ferisse gravemente.

Talvez ele não estivesse tão alto quanto pensava. Ou talvez ele tivesse agido por instinto e usado sua dobra para enviar uma onda de chamas ao chão, amaciando sua queda com a explosão. De qualquer forma, ele estava vivo.

Ele lançou a chama que estava segurando em uma direção e observou enquanto ela atravessava o túnel. Foi muito mais longe do que esperava antes de se apagar na escuridão distante.

Então, ele golpeou com o punho na direção oposta, lançando outra explosão de fogo que revelou mais do mesmo.

Roku olhou para a esquerda. Olhou para a direita. Olhou para cima.

Seu estômago afundou. O desespero o envolveu. Ele não fazia ideia de onde estava ou para onde ir para encontrar os Dobradores de Terra.

Então, ele começou a rir sozinho enquanto algumas das últimas palavras de Yasu inesperadamente ecoavam em sua cabeça.

Você não se perdeu na biblioteca da Academia semana passada?

ATERRORIZANTE E TENTADOR



HAVIA UMA tradicional condolência na Nação do Fogo oferecida pelos devotos sempre que alguém mencionava o nome de um falecido: “Que sua chama ilumine nosso caminho.”

Roku não havia pronunciado as palavras sagradas em voz alta quando ele e Gyatso falaram sobre Yasu e Yama, porque Roku não tinha o hábito de fazê-lo. Sua família, como grande parte da nobreza hoje em dia, não era particularmente espiritual. Mas Roku não conseguia parar de pensar na frase agora.

Ele havia caminhado em uma direção que simplesmente *parecia* certa após rir sozinho ao lembrar da última provocação de seu irmão sobre seu péssimo senso de dire-

ção. Cada vez que os túneis - que Roku supunha serem antigos tubos de lava com base em sua semelhança com outros que ele havia visto no arquipélago vulcânico de sua nação - se dividiam ou se ramificavam enquanto serpenteavam pela terra, ele imaginava Yasu ao seu lado, apontando o caminho. Ele também percebeu que a dobra de fogo que ele estava usando para iluminar seu caminho exigia cada vez menos energia. Suas chamas queimavam tão facilmente quanto a respiração. E, à medida que caminhava mais fundo na terra, ele começou a sentir uma vibração em seu espírito que se amplificava a cada passo e curva que dava, como se alguma grande força o estivesse atraindo para ela.

Depois de algumas horas seguindo essa atração inexplicável, Roku chegou ao fim do túnel. Ele se abriu em uma caverna incrivelmente vasta. O ar era fresco e parecia tão sagrado quanto o de qualquer templo.

A luz cinza e opaca da manhã vazava por uma larga fissura no alto do teto coberto de estalactites, revelando uma câmara grande o suficiente para abrigar o Palácio Real. As paredes em forma de cúpula eram revestidas de linhas que marcavam milênios de antigos fluxos de lava e veios de um minério negro com um brilho vermelho. O chão, que ficava vários metros abaixo da boca do túnel, era composto de uma cascalho escuro, úmido e densamente compactado, que subia até um monte baixo no centro exato da caverna.

E sobre essa colina central, em contraste com o

tamanho colossal do espaço ao redor, estavam três pessoas posicionadas em formação triangular, dançando lenta e silenciosamente em perfeita coordenação.

Roku se escondeu atrás de um aglomerado de estalagmites na entrada do túnel e observou. Havia duas mulheres mais velhas e um homem mais jovem. Eles não estavam usando os mantos verdes ou a armadura do Reino da Terra, então não deviam ser o resto do grupo de Oh Wen. Em vez disso, as mulheres usavam saias tolgè, e o homem estava com uma tanga wanoh. Os tecidos traziam os padrões tradicionais de vermelho, preto e dourado das Ilhas do Fogo, mas fazia centenas - senão milhares - de anos que qualquer clã na Nação do Fogo se vestia assim fora de reencenações históricas ou apresentações teatrais.

Mas os três não tinham público - até onde sabiam - enquanto continuavam sua dança sincronizada. Seus movimentos eram tão calculados que levou vários momentos para Roku perceber que eles não estavam dançando - eles estavam dobrando. E levou mais alguns para reconhecer que, embora estivessem vestidos como Dobradores de Fogo de outra era, seus movimentos glaciais não seguiam o estilo poderoso, decisivo e acrobático da dobra de fogo. Em vez disso, eles fluíam através de suas formas com a elegância fluida e sempre mutável da dobra de água.

Esses eram Dobradores de Água.

Vestidos como antigos Dobradores de Fogo.

O que não fazia sentido.

E então Roku se lembrou do pequeno grupo de nativos isolados vivendo na ilha que Ta Min havia mencionado. Quando Sozin, Yasu e Roku costumavam se esgueirar para as Catacumbas Osso de Dragão, encontraram alguns pergaminhos que descreviam os clãs que viviam nas Ilhas do Fogo há muito tempo.

Alguns deles eram supostamente comunidades onde dobradores de diferentes elementos viviam juntos pacificamente. Este devia ser um desses clãs, cujos costumes permaneceram inalterados ao longo dos séculos. A alegação de Oh Wen de que um Dobrador de Ar o havia atacado só fortaleceu a especulação de Roku.

Enquanto Roku continuava observando os Dobradores de Água, ele se perguntou o que eles estavam dobrando. Nenhuma água se movia ao redor deles. Não havia sequer um rio ou piscina na vasta câmara. A única umidade que ele conseguia pensar eram as gotas lentas caindo do teto e a névoa que pairava no ar acima do solo.

Seria a névoa? Eles poderiam estar dobrando a névoa? Isso explicaria a densa e incomum neblina que ocultava a ilha durante todo o dia até que a escuridão tomasse conta.

Dobradores podiam trabalhar juntos para realizar uma tarefa que um deles sozinho não conseguiria. Como os Dobradores de Fogo que enviaram aquele enorme dragão feito de chamas voando sobre a cidade na noite antes de ele

deixar sua casa, ou Dobradores de Terra que combinavam sua energia para lançar rochas colossais pelo ar. Roku já tinha ouvido falar de habilidosos Dobradores de Água que conseguiam se ocultar manipulando a umidade no ar para invocar uma névoa temporária sobre uma pequena área.

Mas mesmo três poderosos Dobradores de Água trabalhando juntos não deveriam conseguir encobrir uma ilha desse tamanho - muito menos por horas a fio, dia após dia, ano após ano.

Supondo que isso fosse algo possível, esse tipo de energia exigiria os esforços coordenados de pelo menos algumas centenas de dobradores. Mas quanto mais Roku pensava sobre isso, mais real parecia.

Depois que ele e Gyatso se arrastaram para a costa, o Nômade do Ar mencionou que sentia algo estranho sobre a energia espiritual da ilha. Roku não havia sentido nada incomum naquele momento, mas começou a sentir quando acordou no subsolo após sua queda. Esse sentimento cresceu mais forte quanto mais ele viajava pelos túneis, e mesmo agora algo puxava sua energia, instigando-o a seguir para o monte no centro da caverna.

Roku fechou os olhos, concentrou-se e tentou entender a sensação. Depois de vários momentos, ele começou a compreender a forma das coisas, como se estivesse jogando Pai Sho e começasse a enxergar a estratégia de seu oponente.

Da mesma forma que dobradores podiam combinar seu foco para trabalhar em conjunto e multiplicar a força de uma ação, talvez houvesse algo sobre esta ilha - esta caverna - que amplificasse a força da dobra ainda mais. Locais raros existiam em todo o mundo onde as fronteiras entre os mundos eram tênues e a energia espiritual fluía mais facilmente. Se este fosse um desses lugares, isso poderia explicar como três Dobradores de Água conseguiam realizar o que deveria exigir centenas.

Roku abriu os olhos novamente. Os Dobradores de Água ainda estavam se movendo graciosamente através de suas formas, como se em transe.

Sozin estava certo, mas não pelos motivos que pensava.

Os Dobradores de Terra não haviam ido àquela ilha em busca de território ou alguma pedra, ou mineral raro. Eles vieram para encontrar esta caverna. E a Companhia Comercial do Reino do Oeste devia ser uma fachada para esconder as intenções do governo de aproveitar seu poder. O Rei da Terra deve ter descoberto o pedido de Sozin a Roku e contratado aquele assassino para tentar acabar com Roku antes que ele descobrisse exatamente isso.

Porque se três Dobradores de Água podiam encobrir uma massa de terra inteira em névoa perpétua, Dobradores de Terra cuja dobra tivesse sido amplificada pela energia espiritual desta caverna poderiam combinar sua força para

sacudir a terra, enterrar cidades, afundar ilhas, remodelar continentes inteiros.

Roku estremeceu.

Este lugar não podia cair nas mãos erradas.

Os nativos já sabiam disso, o que deve ser o motivo pelo qual eles encobrem a ilha em névoa e por que atacaram o grupo de Oh Wen.

Roku sorriu. Ele vibrava agora não apenas com a energia espiritual deste espaço, mas com a certeza de sua convicção.

Ele não precisava dobrar nenhum outro elemento para descobrir tudo. Não precisava entrar no Estado Avatar. Não precisava se conectar com suas vidas passadas ou visitar o Mundo Espiritual. E nem mesmo precisou da ajuda da Irmã Disha ou de Gyatso. Na verdade, as acusações preconceituosas do jovem Nômade do Ar impediram Roku de ver as coisas com a clareza que tinha agora. Se tivesse retornado ao Templo do Ar do Sul com aquele irritante Dobrador de Ar, ele não estaria prestes a impedir o Reino da Terra de desequilibrar o mundo.

Se Sozin soubesse de tudo que Roku havia descoberto, ele provavelmente sugeriria que a solução mais eficiente seria deixar os nativos lidarem com os Dobradores de Terra. Mas Roku não podia fazer isso. Eles não mereciam execuções sumárias. Oh Wen e seus companheiros provavelmente nem sabiam a verdade completa e, como a Irmã

Disha costumava lembrar a Roku, as pessoas não eram seus governos.

Então, Roku tinha que detê-los. Encontrar provas de que o Rei da Terra estava por trás de tudo isso. Então, deixar claro para o mundo que o novo Avatar não era tolo.

Transbordando de nova confiança, Roku decidiu que precisava falar com os nativos e descobrir o que eles sabiam sobre a localização atual dos Dobradores de Terra. Ele se aproximaria pacificamente, mas se eles se mostrassem tão hostis a ele quanto foram com Oh Wen e seus companheiros, Roku usaria o poder que sentia aguardando na caverna para se defender. Eles o superavam em número, mas ele era o Avatar.

Roku respirou fundo, canalizou a confiança de Sozin, e desceu do túnel para a vasta câmara.

Assim que seu pé tocou o chão, a energia invadiu seu espírito como uma onda. Rugiu por todo o seu corpo, percorrendo seus caminhos de chi, tão desesperada por liberação que beirava o doloroso. Mas, ao contrário de uma onda, não passou e se estabilizou. Em vez disso, reverberou, fazendo a vibração que Roku sentira anteriormente nos túneis parecer insignificante em comparação a essa sensação avassaladora de poder, essa sensação de que ele poderia dobrar qualquer coisa completamente à sua vontade apenas imaginando a destruição que desejava.

Ninguém poderia pará-lo. Nada poderia ficar em seu caminho.

Um pensamento ao mesmo tempo aterrorizante e tentador surgiu na mente de Roku: *Seria isso o que acontecia ao entrar no Estado Avatar?*

Ele nunca desejou poder pelo simples desejo de poder. Mas com uma força como essa, ele poderia ser o Avatar que o mundo precisava - não depois de vários anos de treinamento, mas agora mesmo.

Roku sacudiu o pensamento e se olhou. Ele não estava nem brilhando, nem levitando. Aparentemente, nada havia mudado.

Ele voltou sua atenção para os Dobradores de Água que ainda não haviam percebido a presença de Roku nas sombras ou a energia contida dentro dele. Eles deviam sentir o mesmo. Roku já estava convencido de que eles estavam dobrando a névoa ao redor da ilha, mas experimentar a onda de energia por si mesmo eliminou qualquer dúvida.

Cheio de coragem, Roku caminhou até a base da colina no centro da imensa câmara. Ele ergueu as mãos, pigarreou e falou:

— Eu sou o Avatar Roku, e...

Os Dobradores de Água saíram do transe ao som da voz de Roku, viraram-se com choque e surpresa, e puxaram a

umidade do ar para congelá-lo no lugar com movimentos tão rápidos que ele nem terminou a frase.

Que bela resolução pacífica.

Roku se envolveu em uma súbita explosão de chamas azuis que evaporaram o gelo e se irradiaram como uma onda de choque, derrubando os Dobradores de Água. A respiração de Roku falhou - ele nunca havia gerado fogo tão quente que queimasse azul. E ele só tinha a intenção de se libertar, não de machucá-los.

Mas sua preocupação durou pouco - os Dobradores de Água se levantaram rapidamente.

Roku levantou as mãos novamente enquanto vapor subia ao seu redor.

— Eu não quero machucá-los.

O sentimento não era mútuo. De todas as direções, os três Dobradores de Água começaram a lançar jatos de água de alta pressão em Roku. Ele se esquivava e girava para fora do caminho, defendendo-se com arcos de fogo das mãos e dos pés quando necessário. Era como se ele estivesse lutando contra um polvo gigante com cem tentáculos agitados.

Os Dobradores de Água se aproximaram, forçando Roku a recuar em direção aos túneis enquanto ele continuava a evitar os ataques implacáveis. Ele transformava um jato de água ou uma lança de gelo em vapor, apenas para

perceber que o vapor era rapidamente condensado de novo e arremessado contra ele de um ângulo diferente.

Tudo em Roku queria partir para o ataque, queria liberar a energia acumulada dentro de si para neutralizar a ameaça. Ele poderia acabar com isso num piscar de olhos. Mas as chamas azuis que ele produziu anteriormente o fizeram hesitar. Deixar muita energia fluir através dele poderia ser tão impossível de controlar quanto um dragão selvagem.

Mas eles continuavam atacando.

Ele tentou mais uma vez.

— Se vocês não pararem, eu...

Um dos Dobradores de Água levantou as mãos, fez um movimento para os lados e depois as juntou com um estalo. Névoa entrou pela ampla fenda no teto da caverna e se condensou em mil lâminas de gelo que então dispararam em direção a Roku.

Havia muitas para bloquear com socos e chutes, e Roku não confiava em si para liberar o tipo de parede de fogo massiva que precisaria para bloquear o ataque. Então, em vez disso, ele concentrou sua energia e tentou algo que nunca havia feito antes - elevar a temperatura do ar ao seu redor o suficiente para que todas aquelas lanças de gelo se derretessem inofensivamente.

A caverna instantaneamente se transformou em uma

fornalha, e os fragmentos de gelo evaporaram. Mas o súbito aumento de calor intenso fez Roku cair de mãos e joelhos. Sua cabeça latejava, sua visão ficou turva e seus órgãos pareciam estar fervendo. Estava quente demais para respirar, e sua boca estava tão seca que ele não conseguia nem engolir.

Roku levantou a cabeça para pedir ajuda aos Dobradores de Água - mas eles estavam caídos no chão ao seu redor, imóveis.

Um momento depois, o mundo escureceu.

TUDO POR NADA



SOZIN SUBIU a duna até chegar à fileira superior de janelas da biblioteca. Elas estavam quase todas enterradas, mas havia espaço suficiente para ele se arrastar. Ele se abaixou, deitando-se de bruços, e espiou para dentro. Um feixe de luz solar iluminava o fim de uma prateleira alta repleta de pergaminhos. Sozin sorriu.

Ele se arrastou pela abertura, pulou no chão de pedra e se afastou da pequena cascata de areia caindo às suas costas. Enquanto se limpava, a arandela no final da prateleira próxima acendeu de repente com uma pequena chama de um verde sobrenatural. Uma a uma, outras arandelas se acenderam ao lado de Sozin, iluminando fileiras intermináveis de prateleiras altas e cheias. O sorriso de Sozin se alargou.

— Olá? — ele chamou. — Alguém aqui?

A voz de Sozin ecoou pelo vasto espaço, que cheirava a tinta e pergaminhos antigos, enquanto ele esperava por uma resposta. Ele examinou as prateleiras próximas enquanto continuava esperando e se perguntava como iria encontrar alguma coisa, já que nada parecia estar rotulado. Depois de mais alguns momentos de silêncio, ele começou a caminhar em direção ao centro da biblioteca, esperando encontrar o lendário Wan Shi Tong em pessoa.

Eventualmente, Sozin chegou ao final das prateleiras e encontrou um amplo espaço central aberto. Pontes cruzadas se estendiam sob um teto abobadado maciço, através do qual um feixe de luz se derramava. Colunas e arcadas ornamente esculpidas, decoradas com um entalhe de rosto de coruja, rodeavam a área, iluminadas pelas arandelas verdes brilhantes.

Sozin caminhou até o centro da ponte que se estendia à sua frente e observou seus arredores, sua mente lutando para assimilar a escala do conhecimento contido naquele lugar. Ele devia ter passado por dezenas de milhares de pergaminhos para chegar a esse ponto, e ele só havia visto uma única fileira de um único nível de uma única ala da biblioteca.

O encanto de Sozin foi interrompido pelo som de alguém... não, algo; se aproximando das sombras do outro lado da ponte.

Passos retumbantes ecoaram à distância. Eles ficaram mais altos e profundos à medida que se aproximavam. O sorriso de Sozin vacilou, e seu coração começou a acelerar. Mas ele se endireitou e esperou, suprimindo a vontade de correr e se esconder.

O largo rosto branco da coruja materializou-se primeiro das sombras, os olhos negros fixos em Sozin. À medida que entrava na luz, o resto do corpo negro e imponente do espírito tomou forma.

Ele caminhou até a ponte, fazendo o chão tremer a cada passo trovejante, e então parou diretamente em frente a Sozin.

Sozin pigarreou e fez uma reverência.

— Wan Shi Tong — ele cumprimentou. — Aquele Que Sabe Dez Mil Coisas.

O espírito encontrou o olhar de Sozin com olhos inabaláveis.

— Esse sou eu — disse Wan Shi Tong. A voz uniforme do espírito era profunda e solene, ressoando por toda a biblioteca. — Mas quem é você?

— Príncipe Sozin da Nação do Fogo.

— Hum — disse Wan Shi Tong. — Ninguém da Nação do Fogo visitou minha biblioteca desde o Avatar Szeto, e isso foi há séculos. Suponho que você também tenha vindo acessar meu conhecimento?

Sozin assentiu.

— E se você chegou até aqui e sabe quem sou, então presumo que já saiba que, para fazê-lo, deve contribuir para minha coleção.

Sozin alcançou sua sacola, puxou um tomo humilde com uma capa de couro de dragão vermelho-escuro e o estendeu para o espírito coruja.

O espírito inclinou-se para frente até que seu rosto estivesse tão perto de Sozin que ele pôde ver seu próprio reflexo nos olhos brilhantes e vazios da coruja.

— O diário de infância do novo Avatar — disse Wan Shi Tong, reconhecendo o livro. — Uma contribuição única, de fato.

Sozin assentiu.

— Eu sabia que você era próximo do Avatar Roku, mas deve ser muito próximo para ter sido confiado com um tesouro tão íntimo e de inevitável importância histórica.

Sozin não disse nada. Antes de partir para a ilha, ele havia enviado Kozaru para roubar o diário da casa da família de Roku por esse motivo específico. Ele ainda se sentia culpado, mas se lembrava de que a traição da confiança era pelo bem da Nação do Fogo.

Wan Shi Tong ficou olhando para Sozin por um longo tempo sem falar, como se discernisse tudo isso, como se pesasse se a informação contida no diário sobre a infância do novo Avatar valia sua aquisição desonesta. Finalmente,

ele piscou novamente e passou uma asa negra sobre o livro, fazendo-o desaparecer. Ele se ergueu de volta à altura total.

— Para seu crédito, pelo menos você não leu.

Com as mãos agora vazias, Sozin recolheu os braços ao lado do corpo e fez uma reverência novamente.

Wan Shi Tong se mexeu, suas garras clicando contra o chão de pedra.

— Que conhecimento você busca em minha biblioteca?

— Conhecimento sobre Dobra de Fogo — disse Sozin sem hesitação.

Wan Shi Tong considerou isso.

— Você já domina a Dobra de Fogo.

— Sim — disse Sozin, — mas também suspeito que sua coleção incomparável contenha muito sobre Dobra de Fogo — e todas as artes de dobra — que poucos conhecem. Talvez até conhecimentos perdidos para meu povo ao longo dos anos.

— Isso é certamente verdade — disse Wan Shi Tong, satisfeito com a suposição. — Tenho pergaminhos sobre os estilos de dobra de fogo *Dumog* e *Eskrima*, que seus clãs esqueceram há muito tempo. Seria certamente impressionante ver um verdadeiro renascimento dessas habilidades.

— Assim como você valoriza o conhecimento pelo conhecimento, eu valorizo a Dobra de Fogo pela Dobra de Fogo. É o direito de nascimento do meu povo. Nosso destino

está ligado ao nosso entendimento dela. — As palavras de Sozin haviam sido honestas até agora, mas ele começou a distorcer a verdade. — Não como uma arma para destruir, mas apenas como uma arte para dominar. E um artista pode se tornar um verdadeiro mestre se não aprender a usar todos os pincéis, todas as cores, todas as técnicas?

— Não pode — concordou o espírito coruja, uma nota de satisfação escorregando em suas palavras ressonantes. — Diga aos meus Buscadores de Conhecimento o que você precisa, e eles encontrarão. E minha biblioteca estará sempre aberta para você — se concordar com mais uma condição.

— Sim?

— Você deve compartilhar comigo tudo o que aprendeu sobre sua arte. E caso domine novas técnicas ou novos estilos, exijo demonstrações.

— Claro — disse Sozin. — Qualquer altura que eu alcançar será apenas devido a voar sobre suas grandes asas.

Os olhos inexpressivos de Wan Shi Tong piscaram. Então ele deu um passo ao lado.

— Prossiga, Príncipe Sozin da Nação do Fogo. Acompanharei seu desenvolvimento e o de sua Nação com considerável interesse.

— Obrigado, Grande Espírito. — Sozin fez uma reverência mais uma vez e atravessou a ponte. Ele só se permitiu

sorrir depois que o imponente espírito coruja voou para longe.



Sozin começou com a Dobra de Fogo. Com a ajuda dos espíritos raposa Buscadores de Conhecimento, ele reuniu manuais, guias, tratados e pergaminhos que fundamentavam muitos dos mitos que ele havia passado anos adquirindo. Tudo o que ele precisava fazer era solicitar educadamente informações sobre um tópico, e os ágeis espíritos localizavam o texto relevante, escalavam rapidamente até a prateleira correspondente e o traziam de volta em questão de minutos.

Folheando os volumes reunidos, Sozin aprendeu sobre o treinamento necessário para aumentar o calor de sua Dobra de Fogo até suas chamas queimarem iridescentes. Ele aprendeu que havia métodos para canalizar sua energia em raios e métodos para defender esses ataques que se baseavam nos princípios de redirecionamento da Dobra de Água. Ele aprendeu que até a temperatura do ar ou de objetos distantes poderia ser manipulada com energia e foco suficientes, que era possível aprender a emitir jatos contidos de fogo dos pés para alcançar alturas impressionantes ou obter um movimento propulsivo semelhante ao voo. Ele aprendeu sobre a existência dos primeiros dragões

que podiam ensinar alguém a cuspir fogo, assim como procedimentos perigosos desenvolvidos durante a Era Yangchen através dos quais um Dobrador de Fogo poderia aprender a criar explosões direcionadas de magnitudes variadas.

E mais.

Claro, ler sobre uma habilidade não era suficiente para dominá-la, assim como ler sobre alguém escalando uma montanha não era o mesmo que fazer essa escalada. Seriam necessários anos de treinamento dedicado e meditação para dominar qualquer uma dessas habilidades, uma vida inteira para dominar algumas delas. Apenas Avatares do Fogo como Szeto haviam desenvolvido um domínio sobre várias dessas habilidades ou as utilizado em algum momento de suas vidas no Estado Avatar. Sozin não era um Avatar, nem tinha todo o tempo do mundo para treinar. Eventualmente, ele se tornaria Senhor do Fogo e teria que dividir seu tempo entre inúmeras demandas concorrentes por sua atenção. Portanto, ele teria que ser seletivo sobre quais decidiria perseguir e em que ordem.

À medida que a luz que caía pela cúpula no centro da biblioteca começava a diminuir, a empolgação de Sozin não diminuía. Impulsionado pelo potencial crescente de seu futuro, ele lia avidamente e continuava solicitando textos aos Buscadores de Conhecimento, que estavam ansiosos para ajudar. Não demorou muito para que a mesa de Sozin

estivesse transbordando, e eles tiveram que começar a empilhar suas novas descobertas nas mesas adjacentes.

Depois de algum tempo, Sozin desviou sua atenção das técnicas específicas de Dobra de Fogo para as condições do mundo natural que impactavam a Dobra de Fogo. Ele já sabia que os Dobradores de Fogo eram mais fortes perto do equador ou quando o sol estava em seu ponto mais alto no céu e que eram mais fracos perto dos polos ou durante um eclipse solar. Mas ele aprendeu que havia momentos em que o sol entrava em erupção, cuja energia poderia ser aproveitada, não fosse a imprevisibilidade dessas explosões solares. Mais confiavelmente, eles poderiam aproveitar a energia de objetos celestes que passassem próximos, como o Grande Cometa, para aumentar a força de sua dobra — mas a próxima passagem do Grande Cometa só ocorreria dali a quarenta e quatro anos.

Ele nunca admitiria em voz alta, mas havia algumas coisas sobre as quais ele estava errado ou mal-informado. Matar um dragão, por exemplo, não aumentava a força da Dobra de Fogo em mil vezes. Na verdade, não tinha nenhum impacto além da perda da vida de uma besta sagrada que irritava os outros dragões e perturbava seus parentes espirituais e os Sábios do Fogo. E embora um Dobrador de Fogo aprendesse a aquecer rochas até as transformar em lava, a habilidade de dobrar lava pertencia a Dobradores de Terra habilidosos.

Outra coisa sobre a qual Sozin estava errado veio à tona quando a cúpula central começou a brilhar novamente ao amanhecer. Um dos Buscadores de Conhecimento deixou cair um pergaminho da Era Szeto a seus pés que trazia o longo título *Uma Correção em Resposta às Muitas Falsidades Perigosas Perpetuadas pelo Desonesto “Viajante” Supostamente Chamado Asho*. Sozin reconheceu imediatamente o nome do autor através do qual ele havia aprendido sobre a ilha envolta em névoa onde alguém poderia aprimorar sua dobra, a ilha para onde ele havia enviado Roku.

Usando a máscara da raiva, o medo rastejou sobre Sozin enquanto ele lia.

Asho havia entendido tudo errado. E a vida de Roku estava em perigo.

Por nada.

Sozin varreu o pergaminho da mesa, fazendo-o cair nas sombras. Então ele cruzou os braços, inclinou-se para trás e considerou tudo o que ainda não havia lido empilhado sobre sua mesa, ao redor de seus pés e por toda a biblioteca. Ele não estava lá há nem um dia inteiro e mal havia arranhado a superfície.

Se ele partisse agora, poderia conseguir voltar à ilha envolta em névoa a tempo de salvar a vida de Roku, mas não sabia quando poderia voltar. Se ele ficasse, Roku poderia morrer, mas Sozin tinha certeza de que descobriria

ainda mais conhecimentos valiosos que poderia levar de volta a seu pai e garantir o futuro da Nação do Fogo.

Sozin suspirou, empurrou a cadeira para trás e se levantou.



Sozin escalou a janela superior da biblioteca e apressou-se em direção ao veleiro de areia. Seus músculos estavam rígidos de tanto ficar sentado, sua cabeça estava grogue pela falta de sono e seus olhos doíam com o brilho repentino da manhã e o calor seco. Mas não havia tempo a perder.

Dalisay e Kozaru estavam sentadas contra o lado oeste sombreado do edifício semi-enterrado, tomando chá com os Dobradores de Areia. Seus olhos se arregalaram de surpresa quando avistaram Sozin, e elas se levantaram apressadamente.

— Estamos partindo — disse Sozin sem parar.

Kozaru ordenou aos Dobradores de Areia que desmontassem o acampamento enquanto Dalisay corria até Sozin.

— Já? Faz menos de um dia. Eu teria ficado lá pelo menos até o equinócio.

— Aconteceu algo.

— O quê?

Sozin grunhiu.

Dalisay manteve o silêncio até chegarem ao veleiro de areia e subirem a bordo para esperar os outros.

— O que você descobriu sobre metalurgia?

— Nada — Sozin respondeu asperamente, jogando fora sua sacola. — Tive que priorizar. — Ele voltou sua atenção para os Dobradores de Areia, batendo o pé impacientemente. — Você acha que poderíamos conseguir alguns cães-enguia por aqui?

Dalisay franziu o nariz e ignorou a pergunta.

— Você poderia ao menos ter trazido um pergaminho para mim.

— Roubar da biblioteca é proibido e resulta em uma expulsão eterna — disse ele, então chamou Kozaru. — Será que dava para eles serem mais lentos?

Kozaru lançou uma chama aos pés dos Dobradores de Areia, levantando uma nuvem de vidro. Eles começaram a se apressar.

— Suponho que suas prioridades eram todas sobre Dobra de Fogo — disse Dalisay, continuando a conversa, embora Sozin claramente não quisesse. — Mas, no futuro, o mundo pertencerá àqueles que melhor entenderem as ciências, não àqueles com truques de Dobra de Fogo que servem pouco além de vencer Agni Kais e impressionar garotas.

Sozin virou-se para Dalisay e a encarou com raiva até que ela ergueu as mãos em rendição e se sentou.

Kozaru e os Dobradores de Areia voltaram alguns minutos depois.

Os Dobradores de Areia guardaram seu equipamento, ergueram as velas e começaram a dobrar o navio de volta para o Oásis das Palmas Nebulosas.

Enquanto cruzavam as dunas, Sozin observou a biblioteca semi-enterrada desaparecer no horizonte, esperando ter tomado a decisão certa.

FACA AFIADA



MALAYA PROTEGEU os olhos contra o brilho enquanto olhava para os fragmentos de azul visíveis através da densa copa da floresta. A luz do sol salpicada passava pelas folhas, já aquecendo o ar.

Ela não deveria conseguir ver o céu ou a luz do sol. Ela não deveria conseguir ver toda a floresta ao redor, cada cipó e folha e árvore inacreditavelmente verde cobertos de musgo expostos em todas as direções até onde podia ver. Mas, depois de uma noite de chuva forte, a névoa havia surgido – e depois desaparecido.

Malaya não era a única incomodada pelo ar claro.

Os animais corriam como insetos debaixo de uma pedra virada. Pássaros voavam nervosamente pelas árvores, seus cantos estranhos ou desafinados. Até as folhas pareciam se

enrolar ou se mover, como se não soubessem o que fazer na ausência do abraço diurno da umidade.

A névoa se levantava durante o dia apenas duas vezes por ano – durante cada equinócio, quando os Dobradores de Água deixavam a Caverna Sagrada para que Ulo pudesse encontrar Yungib sozinho. No entanto, o próximo equinócio ainda estava a vários dias de distância. Houve algumas ocasiões ao longo da vida em que um dos Dobradores de Água adoeceu, mas a névoa apenas afinou, já que ainda havia outros dois para dobrar a névoa.

Algo devia ter acontecido com eles.

E provavelmente tinha a ver com os Dobradores de Terra.

Depois que Yuming e Qixia enganaram Malaya e amarraram suas mãos com pedra e seus pés à montanha, levou horas para Malaya desgastar a rocha o suficiente para se libertar. Quando conseguiu, a noite havia caído, a chuva pesada havia começado, e os Dobradores de Terra já haviam partido há muito tempo. Assim como Amihan. Assim como Kilat. Malaya esperava que sua gorila-társio estivesse segura, mas não tinha tempo para procurar a criatura. Ela precisava alcançar os Dobradores de Terra antes que Amihan os encontrasse, ou antes que chegassem à aldeia – se já não tivessem chegado. E, uma vez que os encontrasse, tentaria convencê-los novamente a partir.

Embora a traição de Yuming ainda doesse, Malaya não

desejava a morte da mulher ou de seus companheiros. Confiar nela havia sido um erro de cálculo, mas o truque foi uma maneira humana de atrasar Malaya, sem um traço da sede de sangue que Ulo alegava que todos os forasteiros possuíam. Yuming e Qixia só queriam desvendar os segredos da ilha. A curiosidade nunca deveria ser uma sentença de morte.

Enquanto Malaya corria pelo caminho íngreme e estreito que descia a montanha e serpenteava pela densa vegetação, tentava se convencer de que o desaparecimento da névoa significava que ainda havia tempo para intervir.

Ela estava fora das montanhas e subindo a colina do outro lado do vale de sua aldeia quando notou algo ainda mais estranho voando pelo céu azul. A princípio, ela confundiu a figura de asas largas que fazia loops amplos com algum falcão gigante à caça. Mas ficou óbvio, em uma passagem particularmente baixa, que não era um pássaro, mas um humano. Um garoto careca e magro, mais especificamente. Ele vestia túnicas laranja e amarelo que flutuavam ao vento enquanto se agarrava a um conjunto de asas de madeira e papel, escaneando o chão abaixo, as sobranceiras franzidas de preocupação.

Ela havia ouvido o suficiente das histórias de Ulo para reconhecer que o garoto era um Nômade do Ar. E, com as outras mentiras de Ulo agora desmascaradas, ela duvidava de suas alegações de que eles não eram nada além de extre-

mistas nômades em uma missão interminável para livrar o mundo daqueles que consideravam impuros.

Mas o que ele estava fazendo aqui? Ela só sabia sobre os Dobradores de Terra, havia perdido a chegada de outros? E agora, sem a névoa, quantos mais viriam?

Instintivamente, a mão de Malaya foi para o arco pendurado em seu ombro. Ulo iria querer que ela o derrubasse. Para acabar rapidamente com uma ameaça óbvia. Em vez disso, ela deixou a arma e simplesmente observou.

O Dobrador de Ar a avistou um momento depois. Seu rosto se iluminou, e ele tirou uma das mãos de seu planador para acenar, fazendo-se balançar antes de recuperar o controle. Pega de surpresa, Malaya não retribuiu o cumprimento. Ela havia esquecido que, com o ar claro, se ela podia ver o garoto, o garoto também podia vê-la.

Apesar de sua resposta fria, o garoto fez uma curva e começou a descer.

O pânico se instalou. O instinto de Malaya era recuar, esconder-se na névoa. Mas não havia névoa. Para piorar, as árvores eram baixas desse lado da colina gramada, e não havia afloramentos rochosos atrás dos quais ela pudesse facilmente desaparecer.

Ela poderia correr, mas sem Kilat, não tinha chance de escapar do planador. Então, em vez disso, Malaya se manteve firme e puxou sua adaga. Por mais que duvidasse das histórias de Ulo, não iria correr riscos.

O Dobrador de Ar pousou a vários metros de distância, aterrissando tão desajeitadamente que quase caiu. As asas de madeira e papel desapareceram com um movimento de seu pulso quando seu dispositivo de voo se converteu em um simples bastão. Ele soltou um suspiro de alívio, então ergueu as mãos e se aproximou cautelosamente.

— Faça legal — ele disse.

— Faça afiada — ela respondeu.

O garoto parou, então abriu um largo sorriso enquanto mantinha distância. Ele tinha um rosto gentil e um olhar sonolento. Ela imaginou que ele tivesse mais ou menos sua idade, talvez um pouco menos. Amihan era a única outra Dobradora de Ar que ela já havia conhecido, mas a energia do garoto parecia consideravelmente mais suave.

— Eu sou Gyatso — ele disse, sem se deixar abater.

Malaya não respondeu, mesmo que sentisse vontade de retribuir o sorriso.

O Nômade do Ar chamado Gyatso continuou.

— Estou procurando meu amigo... bem, não meu amigo. — Ele passou a mão sobre a cabeça raspada. — Meu... colega? Companheiro de viagem? Sim, companheiro de viagem. Enfim, o nome dele é Roku. Você o viu por aí? Um cara alto e magro com túnicas laranjas e amarelas como as minhas. Cabelos pretos como os seus. Mas mais longos. E mais brilhantes. Não que haja algo de errado com o seu cabelo – na verdade, acho que cabelo

curto e bagunçado fica ótimo em você. Prático. Intimidante. — Ele corou. Olhou para baixo. Limpou a garganta. — Enfim, Roku: solta fogo das mãos e dos pés, especialmente quando está com raiva, o que é, tipo, muitas vezes. Você o viu?

Malaya passou a mão livre pelo cabelo, distraída. Ela não sabia o que pensar desse garoto. E, aparentemente, havia pelo menos outro forasteiro na ilha do qual ninguém mais no clã estava ciente. Em vez de responder à pergunta dele, ela reajustou a pegada na adaga e esperou que ele revelasse mais.

— Desculpe, foi muita coisa — disse Gyatso. — Eu costumo divagar quando estou nervoso. Deixe-me recomeçar. — Ele limpou a garganta novamente. — Eu sou Gyatso, um Nômade do Ar do Templo do Ar do Sul. Sem ameaça para você. Sou pacifista. Meu amigo, quer dizer, companheiro, que provavelmente não é pacifista... viemos para a ilha juntos há alguns dias, mas nos separamos e estou tentando encontrá-lo.

Malaya não disse nada. Uma brisa quente agitou a grama alta que cobria a encosta. Um bando de pássaros voou preguiçosamente ao longe, uma visão rara que quase desviou a atenção de Malaya.

Gyatso corrigiu a postura, ombros relaxados. Seus olhos irradiavam uma calorosa desarmante e gentileza, apesar da lâmina em forma de lágrima que ela apontava para ele. Ele

não parecia uma ameaça, mas ela pensara o mesmo sobre Yuming e Qixia.

— Por que você e seu amigo vieram aqui? — ela finalmente perguntou.

Gyatso hesitou.

— É complicado.

— Como vocês se separaram?

— Hum. Isso também é complicado.

Malaya estava perdendo a paciência. Sua mente foi para o restante do veneno de centopeia-basilisco em uma das pequenas bolsas amarradas ao cinto.

— Como você encontrou a ilha?

— Ah, essa é fácil — disse Gyatso. — Um mapa! — Ele pensou por um momento. — Mas estava meio que escrito em um código secreto que Roku disse lembrar como ler, mas, na verdade não lembrava, então talvez tenha sido mais por sorte.

Malaya tinha muitas outras perguntas que imaginava que o Dobrador de Ar seria incapaz de responder. Ainda assim, por mais que precisasse alcançar os Dobradores de Terra antes que fosse tarde demais, seria extremamente irresponsável correr e deixar esse Dobrador de Ar fazer o que quisesse na ilha.

— Eu sou Malaya — ela disse.

— Você mora aqui?

Ela assentiu.

Ele assentiu.

Malaya abaixou um pouco a adaga, aliviada por a informação não parecer mudar a maneira como ele a olhava. Quando ela admitiu o mesmo para Yuming e Qixia, elas fixaram a curiosidade nela como se ela fosse outro animal exótico que descobriram e planejaram desenhar e depois nomear.

Gyatso sorriu novamente enquanto gesticulava para o chão.

— Se importa se eu sentar? Voar me cansou muito.

— Vá em frente.

Gyatso colocou seu bastão no chão e sentou na grama de pernas cruzadas. Ele assentiu para o espaço ao lado dele.

— Quer se juntar a mim?

— Não.

— Justo. — Ele tirou uma bolsa de sua sacola, desatou o cordão que a fechava e despejou um punhado de frutos redondos e roxos escuros na palma da mão. Ele olhou para Malaya. — Esses são seguros para comer?

— Maçãs-estreladas? — ela disse. — A casca é tóxica, mas você pode cortá-las ao meio, tirar as sementes e comer a polpa.

— Ainda bem que perguntei primeiro. Posso? — Ele estendeu a mão. Demorou um pouco para Malaya perceber que ele estava pedindo a adaga.

Ela balançou a cabeça.

— Mais tarde, então — disse Gyatso, jogando as maçãs-estreladas de volta na bolsa. — Eu me pergunto se dariam um bom recheio de torta.

— Torta?

— Sim, torta. — Então Gyatso entendeu. — Ah, entendi. Vocês não têm tortas por aqui. Que pena. Vocês estão perdendo. Falando em estar por aqui, nunca vi ninguém da Nação do Fogo vestido como você antes.

Malaya se perguntava por que todos pareciam pensar que ela era da Nação do Fogo enquanto olhava para sua túnica sem mangas, cinto e saia tolgè modificada. Talvez fosse pelo vermelho no tecido.

— Esta ilha não pertence a nenhuma nação — disse ela, olhando para cima. — Apenas ao Clã Lambak.

— Interessante. — Gyatso acariciou o queixo. — Você realmente pode embainhar essa adaga. Prometo que não vou te machucar.

Malaya não a guardou.

— Como se você pudesse.

Ele deu de ombros.

Os olhos de Malaya se voltaram para o caminho ainda enlameado, sem saber o que fazer. A cada momento que ela perdia conversando com o garoto, os Dobradores de Terra estavam se afastando mais.

Gyatso notou sua agitação.

— Estou te impedindo de fazer algo?

— Sim — disse ela.

Gyatso se levantou, limpou a grama que grudou em suas roupas e pegou o bastão.

— Então vamos nos mover. — Ele gesticulou para ela liderar o caminho. Ela apontou a adaga na direção dele — Certo.

Sem confiança, facada, facada. Ele passou por ela de lado no caminho e começou a andar, aparentemente despreocupado com a possibilidade de uma lâmina em suas costas.

Ele era irritante, mas não tanto. E não havia melhor opção do que mantê-lo à vista enquanto ela alcançava os Dobradores de Terra. Malaya embainhou sua adaga e seguiu.

BRASAS FICANDO CINZA



ROKU ACORDOU de um sonho em que caminhava pelo Jardim Flutuante com Ta Min, sentindo-se como os restos carbonizados de um prédio queimado. Ele estava tão exausto e sem forças que não conseguia nem abrir os olhos, muito menos mover um músculo. Mas ele não precisava fazer nenhum dos dois para perceber que, onde quer que estivesse, não era a caverna. O ar era quente e úmido demais, e a energia esmagadora que ardia dentro dele naquele lugar havia desaparecido.

E Roku não conseguia decidir se estava mais aliviado ou arrependido.

Uma mão deslizou por baixo de sua cabeça e a inclinou suavemente para frente.

— Beba isso, Avatar — disse a voz suave e profunda de

um homem idoso. — Isso ajudará você a recuperar sua energia mais rapidamente e de forma mais suave.

Deve ser o Abade Rabten, pensou Roku, reunindo forças para abrir os lábios. Um chá floral calmante, aquecido na temperatura perfeita, passou por seus lábios e desceu pela garganta, assentando-se calorosamente em seu estômago. De alguma forma, ele estava de volta ao Templo do Ar do Sul. Mas como?

Ele se lembrava de encontrar os Dobradores de Água. Ele se lembrava de tentar se defender e de não conseguir controlar a força de sua dobra de fogo. Ele se lembrava de elevar tanto a temperatura da caverna que derreteu os fragmentos de gelo que voavam em sua direção e o fez desmaiar.

E os Dobradores de Água, ele se lembrava dos corpos deles no chão.

Roku forçou suas pálpebras pesadas a se abrirem e olhou para o Abade Rabten. Ele estava pronto para argumentar que precisava voltar à ilha, verificar os Dobradores de Água, proteger os Dobradores de Terra dos nativos e garantir que o Rei da Terra não roubasse a ilha, pois quem sabia o que ele faria com seu poder misterioso.

Exceto que não era o Abade Rabten.

O homem idoso ajoelhado ao lado de Roku e despejando chá em sua boca tinha uma grande barba grisalha e longos cabelos grisalhos amarrados no estilo antigo das

Ilhas do Fogo. Ele vestia o mesmo tipo de tanga preta, vermelha e dourada feita à mão que o Dobrador de Água masculino na caverna, mas, além disso, usava um manto bayaung drapeado sobre um ombro e um cinto de conchas cortadas em volta da cintura. Apesar de sua idade, ele era magro e musculoso, e seu olhar era afiado e avaliador.

Ali não era o Templo do Ar do Sul.

Roku olhou ao redor. Ele estava em uma cabana com um teto de folhas secas de nipa e paredes de ripas de bambu nas quais pendiam crânios e armas. Calor e fumaça subiam pelo chão, e ele podia ouvir os sons suaves de pessoas e animais se movendo do lado de fora. Pelas pequenas portas cortadas em cada lado da cabana, ele viu a luz do sol pela primeira vez em dias.

— Calma — disse o velho quando Roku tentou (e não conseguiu) se sentar. — O chá age rapidamente, mas não tão rapidamente.

Perguntas queimavam na ponta da língua de Roku, mas ele ainda não conseguia reunir forças para encontrar sua voz. Mas o velho não deixou passar despercebida a confusão em seus olhos.

— Estamos na minha cabana — ele explicou. — Eu sou Ulo, Ancião Chefe do Clã Lambak, o último clã sobrevivente nesta ilha, que você de alguma forma encontrou. Você também encontrou de alguma forma o caminho para a Caverna Sagrada.

Então, Roku estava certo sobre os nativos.

— Como você mesmo experimentou — continuou o velho chamado Ulo —, o local transborda energia espiritual que, sem o treinamento adequado, é quase impossível para um dobrador controlar. Portanto, vou lhe dar o benefício da dúvida e assumir que você não estava tentando matar nossos Dobradores de Água intencionalmente.

Roku conseguiu oferecer o menor dos acenos.

— Eles estão vivos — disse Ulo, antecipando a próxima pergunta que Roku não conseguia expressar —, mas feridos. Eles conseguiram dobrar umidade suficiente ao redor para esfriar seus corpos, então você não os assou vivos. Claro, quando as últimas gotas de água evaporaram, a proteção deles também desapareceu. Felizmente, sabíamos que algo estava errado porque o nevoeiro havia se dissipado, e chegamos a tempo de levá-los, e a você, para o nosso curandeiro antes que fosse tarde demais.

Roku tentou processar tudo. Ele nunca havia tirado uma vida antes, e aparentemente quase tirou três porque não conseguia controlar sua dobra de fogo. Mas o que o velho lhe disse confirmou tanto que os Dobradores de Água eram parte do clã nativo da ilha quanto que a caverna permitia que os dobradores acessassem um poder formidável. Mas se eles estavam tão empenhados em manter o lugar escondido do mundo exterior como ele esperava, por que ele ainda estava vivo?

— Temos muito mais para discutir — disse Ulo —, e é uma honra para nós hospedar o Avatar.

Roku se perguntou como o chefe sabia que ele era o Avatar.

— Mas primeiro você precisa descansar.

Ulo inclinou o resto do chá nos lábios de Roku, depois se levantou e foi embora, desaparecendo por uma escada.

Roku tentou se mover para segui-lo, mas uma sonolência se instalou em seu cérebro, e ele se sentiu tão pesado quanto Amra. Suas pálpebras se fecharam e sua consciência escureceu como brasas ficando cinza.

INFESTADO COM TANTA DECADÊNCIA



O NÔMADE do Ar não calava a boca enquanto ele e Malaya seguiam o caminho pelas colinas ensolaradas. Ele falava conforme as coisas vinham à mente, tecendo narrativas desordenadas intercaladas com seus próprios pensamentos, opiniões ou sentimentos sobre os eventos, ou as pessoas que descrevia. E ele falava sem esperar nada em troca, nem mesmo a atenção dela.

Malaya, por sua vez, mantinha a boca fechada. Ele não precisava de perguntas para manter seu ritmo, e ela estava determinada a não revelar nada caso tudo isso fosse um truque para fazê-la relaxar. No entanto, ela achava sua abertura refrescante, mas desorientadora. Era exatamente o oposto de ouvir Ulo, cujas histórias eram serpentes deslizando pela vegetação: bonitas, lisas e insidiosas.

Gyatso contou a ela sobre o novo Avatar do Fogo chamado Roku, que não era um cara ruim, mas talvez nunca fosse bom se não aprendesse a parar de compensar sua óbvia falta de autoconfiança tomando decisões precipitadas e tentando parecer um grande e perigoso Dobrador de Fogo. Ele contou sobre Roku recebendo um pedido do Príncipe Sozin para viajar para uma ilha e persuadir os Dobradores de Terra a saírem, e sobre como eles haviam fugido no bisão voador de Gyatso e, eventualmente, conseguido encontrar a ilha.

Enquanto subiam a última colina antes do vale, Gyatso contou como haviam seguido a trilha dos Dobradores de Terra, encontrado um dos guardas chamado Oh Wen e, após uma breve luta durante a qual Gyatso salvou o Avatar de ser esmagado até a morte, descobriram que o grupo trabalhava para uma empresa que procurava um tipo raro de rocha na ilha. Ele contou sobre a discussão com Roku porque o pedido do Príncipe Sozin era obviamente uma armadilha que Roku se recusava a ver porque o príncipe era seu amigo mais próximo.

Gyatso contou sobre como seguiram caminhos diferentes, mas sua culpa por abandonar Roku aumentou ao longo daquela noite chuvosa. Após uma longa conversa com Oh Wen na manhã seguinte, ele decidiu ir atrás de Roku enquanto Oh Wen voltava para seu navio. No entanto, Gyatso não foi muito longe antes de chegar a um ponto

onde a trilha havia sido completamente lavada pela tempestade da noite anterior.

— O que você fez? — Malaya perguntou, finalmente cedendo à curiosidade.

— Eu pulei do penhasco. — Gyatso ergueu seu bastão e abriu e fechou as asas. — Mas, em vez de encontrar Roku, encontrei você.

— Por que você veio com o Avatar Roku em primeiro lugar? — ela perguntou.

Gyatso parou de caminhar e se virou para Malaya. Ele hesitou, como se não fosse responder, então respondeu.

— Algo está errado com minha dobra de ar há um tempo. Mas percebi que funciona sempre que preciso ajudar Roku.

— Por que você acha isso?

Ele coçou a cabeça.

— Você já ouviu falar da filosofia das harmonias dos Nômades do Ar?

Malaya balançou a cabeça.

Ele estendeu a mão.

— Posso ver seu arco?

Malaya hesitou, depois tirou a arma do ombro e a entregou a Gyatso, empurrando a aljava de flechas para trás caso fosse um truque.

Gyatso encostou seu bastão em uma árvore, segurou o arco na frente do rosto com uma mão e puxou a corda tensa

com a outra. A corda do arco ressoou enquanto vibrava. Gyatso explicou:

— Basicamente, é a crença de que tudo está constantemente vibrando. Esta corda do arco. As folhas das árvores. As próprias árvores. O chão. As raízes. As pedras. Toda a encosta. Até a ilha.

Malaya olhou ao redor.

— Isso é ridículo.

— Certo. Não podemos ver ou sentir a maioria das vibrações — elas são muito pequenas.

Malaya focou em um talo de grama próximo. Parecia completamente imóvel, mas quanto mais ela observava, mais começava a notar seu leve tremor. Talvez houvesse algo nisso.

— E quanto a nós?

— Até nós — disse Gyatso seriamente.

Malaya estendeu as mãos, tentando e falhando em mantê-las perfeitamente imóveis.

— Segundo os filósofos, as vibrações naturais de cada pessoa criam um ritmo tão único quanto suas impressões digitais. — A corda do arco parou finalmente de vibrar, então Gyatso a puxou novamente. — E assim como duas ou mais notas complementares na música podem criar harmonias, os filósofos acreditavam que nossas vibrações às vezes 'harmonizam' com as dos outros. — Ele devolveu o arco a ela. — É por isso que podemos nos sentir atraídos por

certas pessoas mais do que por outras, mesmo antes de realmente conhecê-las.

Malaya achou que viu algo nos olhos do Nômade do Ar, mas ele pigarreou e se virou antes que ela pudesse ter certeza. Quando ele se virou novamente, segurava duas folhas juntas pelos caules. Ele soprou nelas até que tremulassem rapidamente uma contra a outra, emitindo um assobio suave e agudo.

— Então, isso é você e Roku? — ela perguntou.

— Talvez? Isso pode explicar minha dobra de ar. Tipo, talvez, quando estou perto dele, meu espírito se lembra do seu ritmo, de quem eu deveria ser. Cada um de nós perdeu alguém muito próximo, então talvez tenha algo a ver com isso. — Ele estendeu as folhas na palma aberta e deixou o vento levá-las embora. — Mas se o encontrarmos, nunca diga que eu disse isso.

— Humm.

Gyatso abriu um sorriso.

— Você não parece convencida.

— Preciso pensar mais sobre isso — disse ela, impressionada com a sabedoria que ele tinha apesar de sua juventude. — Nunca me senti assim perto de ninguém. Mas entendo a ideia básica. É como andar num gorila-társio.

— Um gorila o quê?

— Um gorila-társio.

O rosto de Gyatso permaneceu inexpressivo.

Malaya lembrou-se de ouvir Yuming e Qixia dizerem que os animais que saltam entre as árvores não existiam em nenhum outro lugar do mundo, então ela os descreveu para Gyatso da melhor maneira possível, ainda esperando que Kilat estivesse em algum lugar seguro. Ele ouviu, espantado. Quando ela terminou, ele perguntou com uma maravilha infantil:

— Posso andar num?

Malaya riu.

— Isso me leva ao ponto: um gorila-társio só deixa certas pessoas montarem neles. Ninguém sabe por quê. Mas talvez seus filósofos Nômades do Ar estejam certos.

— Então, você está dizendo que posso montar em um, mas preciso encontrar o certo?

— Exatamente. Eles são vegetarianos e geralmente dóceis, mas se você tentar subir no errado, seria provavelmente a última coisa que você faria.

— Justo. — Gyatso examinou as árvores ao redor.

— Você está procurando um agora?

— Talvez.

Ela riu e assumiu a dianteira. Eles continuaram andando e logo chegaram ao lado leste do vale enquanto o sol brilhava alto no céu, o solo ainda cheirando à chuva. Malaya mordeu o lábio inferior enquanto parava para admirar a rara visão. As encostas em terraços se estendiam sob o céu azul. Os talos de arroz balançavam como ondas

em um mar de verde-pálido e amarelo. O grupo de cabanas que compunha a aldeia de seu clã esperava abaixo como sementes numa palma em concha.

— Precisamos voltar um pouco e encontrar um lugar para nos escondermos até que a névoa volte ou a noite caia — ela disse.

— E então?

— E então você vai me esperar — ela disse ao Nômade do Ar.

Ele se apoiou em seu bastão.

— Ainda não confia em mim?

— Não — disse Malaya. — Mas esse não é o problema. Nosso chefe não vai ficar feliz em me ver por algumas escolhas que fiz, então preciso descobrir o que aconteceu com os Dobradores de Terra e com seu amigo sem ser vista. Seria muito mais difícil fazer isso com você na minha cola, tagarelado incessantemente sobre vibrações e harmonias e seu novo melhor amigo Roku.

— Ele não é meu melhor amigo — corrigiu Gyatso.

— Ainda não — disse Malaya com um sorriso.

— Chega de falar sobre mim. Que tipo de escolhas você fez?

Malaya se virou.

— Do tipo que não dá para desfazer.



Malaya retornou apenas algumas horas depois do pôr do sol. Encontrou Gyatso exatamente onde ela havia lhe dito para esperar, atrás de uma formação rochosa longe do caminho. O Nômade do Ar estava sentado de pernas cruzadas, meditando profundamente a ponto de não perceber sua aproximação. Sem o sorriso bobo que ela já tinha visto tantas vezes em seu rosto, ele parecia mais velho, sombrio. Como se a meditação não estivesse trazendo a paz que ele esperava.

Apesar de acreditar que suas histórias desordenadas e sem filtro eram verdadeiras, ela não conseguia se livrar do medo de ter colocado sua confiança na pessoa errada novamente e voltar para encontrá-lo desaparecido. Mas ali estava ele. Ele até havia obedecido ao pedido de não acender uma fogueira, caso alguém na aldeia visse a fumaça.

Ela cutucou o ombro de Gyatso com seu arco. Assustado, seus olhos se abriram de repente, e ele girou rapidamente, ficando de pé e pegando seu bastão ao mesmo tempo.

— Ah, é você. — Ele relaxou. — Você me assustou.

— Isso não parece difícil.

— Isso foi uma piada?

Malaya deu de ombros, jogou-lhe uma bolsa de cogumelos secos que havia pego dos estoques da aldeia, e se sentou em um tronco caído.

Gyatso cheirou a bolsa e fez uma careta.

— Eles têm um gosto melhor do que o cheiro— ela disse.

Ele colocou um na boca e mastigou pensativo.

— Isso é discutível. — Ele devolveu a bolsa. — Algum sinal dos Dobradores de Terra ou de Roku?

Ela balançou a cabeça.

— Nada.

— Sério?

— Sério. Nem sei para onde minha gorila-társio foi. — Malaya estava tão perplexa quanto Gyatso parecia. Depois que Yuming e Qixia a deixaram amarrada na montanha, o grupo deveria ter continuado pelo caminho. A trilha levaria os Dobradores de Terra pelas colinas, até o vale e até a aldeia. No entanto, não havia nenhum sinal dos Dobradores de Terra na aldeia, nenhuma vegetação pisoteada que sugerisse que eles se desviaram do caminho, e nenhum sinal de luta ao longo do trajeto que sugerisse que Amihan os havia alcançado e emboscado.

Ela também não tinha visto Ulo, mas isso não era incomum. Ele frequentemente ficava em sua cabana por longos períodos ou ia até a Caverna Sagrada para rezar ou meditar, especialmente quando o equinócio se aproximava.

O resto do clã parecia inquieto enquanto realizavam suas tarefas típicas da noite de cozinhar, limpar e lavar, ansiosos sem a neblina durante o dia e preocupados com o

que o amanhã poderia trazer. Mas, pelo que ela ouviu, acertaram... ou, pelo menos, não questionaram abertamente, a explicação atípica de Ulo, que simplesmente havia instruído os Dobradores de Água a pararem de dobrar a neblina alguns dias antes do festival do equinócio para que relaxassem nas fontes termais e todos aproveitassem o sol extra.

Mais cedo do que de costume, os aldeões apagaram suas fogueiras de cozinha e desapareceram em suas cabanas para a noite. O zumbido dos insetos tomou conta enquanto a quietude se instalava sobre o vale.

— No que você está pensando? — Gyatso perguntou depois que Malaya ficou em silêncio por um longo tempo.

— Eles desapareceram no ar — disse Malaya. — Como a neblina.

— Você acha que estão seguros?

Ela deu de ombros.

— Qual é a história dessa neblina, afinal? — Gyatso perguntou, numa tentativa óbvia de desviar a conversa para uma direção menos sombria. — Ela não é natural, é?

Ela balançou a cabeça.

— Dobradores de Água.

— Humm — disse Gyatso, absorvendo a primeira informação sobre a comunidade dela que ela havia revelado a ele. — Seus Dobradores de Água devem ser mais poderosos do que qualquer outro de que já ouvi falar.

— Eles normalmente não fazem esse tipo de coisa? — Malaya perguntou. Segundo Ulo, a Tribo da Água frequentemente travava guerras convocando ondas de maré destrutivas, nevascas implacáveis, ondas de frio intenso ou tempestades de gelo fatais.

— Tanta neblina por tanto tempo em uma ilha deste tamanho... definitivamente não. Talvez centenas deles trabalhando juntos. Mas sua aldeia não parecia tão grande.

— Temos apenas alguns — disse Malaya, sem surpresa ao descobrir mais uma das mentiras de Ulo. Era como encontrar uma árvore que parecia perfeitamente bem por fora, mas descobrir que estava podre e sem vida por dentro. E então perceber que toda a floresta estava infestada com essa decadência.

— E vocês têm pessoas aqui que podem dobrar os outros elementos? — ele perguntou.

Malaya assentiu.

— Mas a maioria do clã são não-dobradores, como eu.

— Para ser honesto, se seus Dobradores de Água são tão poderosos, temo o que seus outros dobradores conseguem fazer.

— Não somos selvagens assassinos — disse ela, sem total confiança.

— Nem mesmo sua Dobradora de Ar? — Gyatso perguntou, referindo-se ao ataque a Oh Wen. — Isso não é nada que qualquer Nômade do Ar faria... mas suponho que

seja possível se ela fosse criada por pessoas que não conhecem nossos costumes.

— Ela deve manter a ilha segura — disse Malaya. — Como eu.

— Preciso me preocupar com minhas orelhas?

— Apenas com o tamanho delas.

Gyatso riu.

Malaya conseguiu manter a expressão séria.

— Amihan, nossa Dobradora de Ar, e eu somos bate-doras do clã. — Malaya explicou suas responsabilidades. — Eu não sabia até recentemente que parte dos deveres incluía matar forasteiros.

— Ah — disse Gyatso. — Você se recusou. E é por isso que seu chefe não ficará feliz em vê-la.

Malaya assentiu, então descreveu como incapacitou Amihan e tentou avisar os Dobradores de Terra, apenas para acabar com mãos e pés amarrados com pedra.

— Isso não me surpreende — disse Gyatso sobre a recusa de Yuming e Qixia em sair. — Afinal, eles trabalham para a Companhia Comercial do Reino do Oeste. — Ele disse a última parte com um ressentimento pouco característico. Então respirou fundo, como se para se acalmar. — Você tomou a decisão certa, no entanto. Eles não merecem morrer.

— Eu sei. Eu disse que não *podia* voltar na decisão. Não que eu *queria*.

Gyatso assentiu.

— Então, nossos objetivos estão alinhados.

— Parece que sim — disse ela.

— E agora?

Malaya pensou por um momento.

— Você caça?

— Definitivamente não — ele disse com óbvio desgosto.

Ela continuou de qualquer maneira.

— Caçar não é sobre o quão preciso você pode atirar uma flecha ou lançar uma lança. Não é sobre quão forte ou rápido você é, ou quão afiada é sua lâmina. Não me entenda mal, essas coisas importam. Mas ainda mais importante é a paciência. A maior parte de uma caçada é esperar, observar o momento certo.

— Então, esperamos? — perguntou o Nômade do Ar.

— E observamos.

— Mas e se algo aconteceu com Roku ou com os Dobradores de Terra? — Gyatso perguntou.

— Então, já saberíamos.

O CAMINHO DE MENOR RESISTÊNCIA



QUANDO ROKU abriu os olhos novamente, o chão da cabana estava listrado de luz dourada que vazava pelos espaços entre as ripas de bambu da parede. O velho de cabelos longos e grisalhos — Ulo, Roku achava que se lembrava — estava sentado em um tapete próximo, encostado na parede adjacente com os olhos fechados e os braços cruzados, como se estivesse em meditação. Lá fora, ele ouviu o cacarejar dos porcos-galinhas, o som da água sendo agitada, o crepitar das fogueiras de cozinhar. Os sons de uma aldeia despertando.

O corpo inteiro de Roku doía, e ele ainda não tinha energia suficiente para dobrar nem mesmo a menor das chamas. No entanto, reuniu força suficiente para se arrastar para uma posição meio sentada, meio encostada na parede.

Ao som de Roku se movendo, os olhos de Ulo se abriram. Seu rosto se iluminou com um sorriso gentil, e ele descruzou seus braços musculosos.

— Ah, você está acordado.

Roku tentou falar, mas sua garganta estava seca demais, dolorida demais, e ele explodiu em uma crise de tosse. Com um movimento do pulso, Ulo encheu um copo de água com sua dobra de água e o ofereceu a Roku.

Roku bebeu até o copo estar vazio e então o colocou de lado. Limpou a garganta, que não parecia mais como se ele tivesse engolido um punhado de espinhos.

— Como você sabe que sou o Avatar? — ele perguntou, lembrando vagamente o que o velho havia dito antes.

— Sua aura — disse Ulo, como se fosse o fato mais óbvio do mundo. — Ela brilha como o sol.

— Você pode ver minha aura?

— Posso.

Roku estava cético. Na Nação do Fogo, dizia-se que apenas os Sábios do Fogo dos tempos antigos estavam próximos o suficiente dos espíritos para perceber a forma específica das energias de uma pessoa. Muito tempo atrás, era assim que identificavam o Avatar. Mas, com o passar do tempo e o aumento da divisão entre humanos e espíritos, os Sábios do Fogo tiveram que desenvolver métodos menos diretos. As únicas pessoas que supostamente possuíam tal

habilidade hoje em dia eram charlatões tentando separar os ingênuos de suas pratas.

— Posso ver que você não acredita em mim, — disse Ulo —, mas está tudo bem. Ainda assim, é uma honra conhecê-lo, Avatar...

— Roku.

— Sim. Avatar Roku. Vivi muito tempo, mas nunca tive a chance de conhecer nenhuma de suas encarnações anteriores.

— Você é o chefe — lembrou-se Roku. — Do Clã Lambak, é isso?

— Isso mesmo.

— Não conheço.

— É intencional.

— Vocês são uma comunidade mista, não são? — Roku perguntou, lembrando da conclusão a que havia chegado ao assistir os Dobradores de Água na caverna. — Uma daquelas que se isolou do resto do mundo para resistir a se unir a uma das Quatro Nações.

Ulo assentiu.

— No entanto, eu não diria que resistimos a “nos unir”, mas sim que resistimos à colonização, subjugação e segregação forçada e depois anexação. Não-dobradores e dobradores de todos os elementos viveram aqui juntos em paz por centenas de anos. E planejamos manter assim.

Apesar da fadiga, Roku não deixou de perceber a acidez daquele último sentimento.

— Isso explica a névoa.

Ulo assentiu, então gesticulou em direção ao feixe de luz que entrava pela janela.

— Infelizmente, levará dias até que nossos Dobradores de Água recuperem força suficiente para esconder a ilha novamente. Há outros, é claro, mas eles ainda são jovens e requerem muito mais treinamento antes que possam dobrar água com segurança e habilidade assim. Só podemos esperar que ninguém mais decida visitar nossas praias nesse meio tempo.

O corpo de Roku se lembrava a energia avassaladora que havia fluído por ele no momento em que ele entrou no túnel e no espaço em cúpula com os Dobradores de Água. Nem um traço daquela energia restava dentro dele, e parte dele ansiava por voltar e sentir seu espírito se acender novamente. Mas uma parte maior temia isso em um nível primordial, temia o que ele havia feito e o que aquela força poderia fazer nas mãos erradas.

Ninguém deveria ser tão poderoso.

Para garantir que ninguém fosse, ele precisava entender completamente o poder da caverna, *A Caverna Sagrada*, como Ulo havia chamado antes. Seus instintos forjados na Nação do Fogo o compeliavam a perguntar diretamente sobre isso, mas Roku pensou em como a Irmã Disha aconselharia

paciência. Ele precisava guardar as perguntas para si no momento e seguir o caminho de menor resistência. Dada a história isolacionista do clã, perguntar sobre a Caverna Sagrada de forma muito direta e rápida poderia dar a Ulo a impressão de que Roku havia vindo à ilha com a intenção de explorar seu poder. Se ele esperava contar com a ajuda do chefe para encontrar os Dobradores de Terra e deixá-los sair — vivos — Roku precisava que o chefe visse que o Avatar havia realmente vindo para manter o equilíbrio.

— Falando de visitantes — Ulo continuou, como se lesse sua mente —, o que o traz à nossa humilde ilha?

Roku sentou-se completamente. Tentando evocar uma gravidade digna de Avatar, ele contou os eventos desde o momento em que recebeu o pedido de ajuda do Príncipe Sozin até o momento em que caiu nos túneis e encontrou os Dobradores de Água. Falou de forma clara e simples, sem esconder nada—exceto as acusações infundadas de Gyatso contra Sozin.

Ulo ouviu com uma expressão impassível, acariciando sua barba branca e sem revelar nada.

— É compreensível que seu povo tenha atacado em legítima defesa — Roku disse ao concluir. — Mas os Dobradores de Terra não estão aqui para prejudicar nenhum de vocês.

Ulo cruzou os braços e ficou quieto por um longo tempo. Quando falou, foi com uma autoridade tranquila.

— Em um momento, você diz que eles vieram aqui para roubar nossos recursos. No outro, você diz que eles não nos farão mal. Mas de todas as pessoas, certamente o Avatar deve entender que prejudicar uma terra é prejudicar seu povo.

— Estou aqui para garantir que eles não façam nenhum dos dois — disse Roku, sufocando um bocejo. Ele queria parecer mais resolutivo, mas todo o esforço necessário para contar tudo a Ulo havia drenado o pouco de energia que ele havia recuperado. — Diga ao seu clã para se acalmar. Ajude-me a encontrar os Dobradores de Terra. Eu os convencerei a sair e nunca mais voltar.

— Uma ideia lógica, mas parece que você precisa de mais descanso. — Ulo se levantou. — Discutiremos isso mais tarde, quando você estiver se sentindo melhor. Posso até mostrar a aldeia e apresentá-lo a todos.

— Mas os Dobradores de Terra...

— Não são uma ameaça imediata — disse Ulo, e saiu.

O cansaço de repente dominou Roku. Seguindo o caminho de menor resistência, ele fechou os olhos e deixou-se adormecer, esperando sonhar com Ta Min novamente.

ELEMENTOS LOCAIS



DOIS DIAS se passaram até que Roku finalmente se sentisse bem o suficiente para deixar a cabana do chefe. Com a ajuda de Ulo, ele se abaixou para passar pela entrada e desceu a escada de bambu para ver a vila pela primeira vez.

Suas pernas estavam rígidas pela falta de uso, e ele se sentia desequilibrado ao começar a caminhar. O ar estava quente e úmido, o céu nublado.

Era fim de tarde e época de colheita, então poucas pessoas permaneciam nas cabanas elevadas que se aninhavam no vale. Os aldeões pontilhavam os campos de arroz em terraços que seguiam os contornos das montanhas ao redor. Eles avançavam lentamente pelos talos até a cintura, cortando a colheita na base com machetes e depois

agrupando os feixes, deixando para trás fileiras de caules cortados em águas rasas e lamacentas.

A família de Roku possuía muitos campos de arroz em todo o arquipélago. Quando ele e Yasu eram jovens, seu pai às vezes os levava para inspecionar os trabalhadores. *É bom que eles vejam vocês* — seu pai sempre dizia, — *para não ficarem preguiçosos*. Yasu e Roku sempre observavam com orgulho, mas, como muitas outras coisas, essas viagens terminaram após a morte de Yasu.

Então, era uma cena familiar o suficiente para que, ao observar, Roku sentisse como se estivesse na Nação do Fogo, apesar das afirmações contrárias de Ulo. Apenas algumas coisas pareciam diferentes. Os ilhéus usavam as vestes das antigas Ilhas do Fogo, mas sem chapéus — provavelmente porque não estavam acostumados a trabalhar sob a luz direta do sol. Havia também o metal incomumente escuro dos machetes que balançavam, que parecia ter um brilho avermelhado em certos ângulos. Finalmente, graças às palavras de despedida de Gyatso, Roku não conseguia evitar imaginar o esforço do trabalho.

— Além de cultivar arroz, colhemos frutas, legumes, nozes, fungos, caracóis e uma variedade de plantas medicinais da natureza — disse Ulo enquanto eles vagavam lentamente, Roku usando o braço do velho para se apoiar. — Como pode ver, mantemos pequenos animais como galinhas-porco na vila, e animais grandes do lado de fora. Mas

também caçamos, pescamos e armamos armadilhas. Usamos argila, cabaças ocas ou cascas de coco como recipientes, e tecemos nossas roupas, cestos e cabanas com as fibras das nossas plantas. Tudo o que precisamos, a ilha fornece... desde que a protejamos e nunca peguemos mais do que precisamos.

Ulo sorriu com a autossuficiência de tudo isso enquanto levava Roku a cada lugar onde tais tarefas ocorriam e respondia às perguntas do Avatar sobre suas atividades e costumes diários.

Quando chegaram à última cabana, a forja da vila, um Dobrador de Fogo de cabelo rebelde e longa barba trançada martelava um pedaço estreito de metal incandescente.

— Nunca vi aço assim antes — disse Roku. — Que tipo de liga você usa?

— Elementos locais — disse Ulo.

Ele começou a se virar, mas Roku olhou para a trilha que continuava além da vila.

— É o caminho para a Caverna Sagrada?

Ulo assentiu.

— Posso ver?

— Não hoje — disse Ulo. — Você ainda precisa descansar, e eu devo cuidar de alguns assuntos urgentes do clã após acompanhá-lo de volta.

— Sua batedora localizou os Dobradores de Terra?

A boca de Ulo se curvou em um sorriso que não chegou aos olhos.

— Algo muito menos interessante, receio. Há sinais de uma possível infestação de besouros na floresta do outro lado do vale que devo examinar.

O olhar de Roku permaneceu no rosto de Ulo por um momento, depois voltou para a trilha.

— Todos que entram na Caverna Sagrada saem tão exaustos quanto eu?

— Não aqueles com o treinamento adequado — explicou Ulo. — Desde que nossos dobradores são pequenos, começamos a prepará-los para entrar na Caverna Sagrada com uma variedade de exercícios de respiração e meditação desenvolvidos por nosso povo ao longo dos séculos. Quando dominam essas técnicas, podem entrar, mas apenas por um curto período. Aumentamos gradualmente esse tempo para aumentar sua tolerância. Eventualmente, eles conseguem permanecer na caverna com segurança tempo suficiente para começar a aprender a usar seu poder para dobrar. — Ulo riu. — Como você sabe, enviar um dobrador sem esse treinamento é como jogar alguém que não sabe nadar no meio do mar.

Era a maneira perfeita como Roku descreveria ser identificado como o Avatar.

Roku selecionou sua próxima pergunta com cuidado.

— Seus dobradores conseguem canalizar essa energia sagrada mesmo quando voltam à superfície?

Ulo balançou a cabeça.

— O poder não é nosso para reivindicar. Assim como os primeiros de nosso tipo renunciaram à dobra para as tartarugas-leão após voltarem das Selvas Espirituais, também devemos deixar o nosso na caverna. Fazemos oferendas a cada equinócio para que Yungib continue nos permitindo empréstá-lo. Qualquer uso indevido convidaria a ira do espírito da caverna.

— Entendo — disse Roku, esperando que Ulo estivesse dizendo a verdade. — O nome do espírito da caverna é Yungib?

Ulo assentiu, depois gesticulou de volta para a vila.

— Vamos?

Sentindo que Ulo revelou tudo o que diria no momento, Roku assentiu e deixou o chefe guiá-lo de volta.

Mesmo assim, foi o máximo que Roku havia aprendido sobre a caverna até então.

As conversas durante os momentos intermitentes de consciência de Roku haviam sido principalmente sobre o funcionamento diário da vila, o treinamento de Roku e notícias do mundo exterior. Sempre que Roku perguntava se o povo de Ulo havia localizado os Dobradores de Terra, Ulo assegurava a Roku que ele seria o primeiro a saber quando isso acontecesse. E sempre que a conversa se movia

na direção da Caverna Sagrada, Ulo habilmente o desviava, assim como estava literalmente fazendo nessa caminhada.

No geral, Ulo parecia a Roku um líder forte, sensato e conhecedor. Ele cuidava de sua comunidade, entendia seu povo e sabia como cuidar deles. E mais do que isso, ele conseguia administrar uma comunidade mista de não-dobradores e dobradores de cada elemento — algo que ninguém no mundo fora dessa ilha jamais havia conseguido fazer por muito tempo, até onde Roku sabia. O que o velho estava fazendo ali funcionava. A Nação do Fogo poderia usar mais líderes equilibrados e competentes como ele.

Ainda assim, Roku não confiava completamente no chefe do clã. Talvez fosse a maneira como Ulo guiava suas conversas com tanto cuidado. Ou talvez fosse o desprezo que se escondia sob suas palavras sempre que falava do mundo exterior. Ou talvez fosse o jeito como sua calma parecia um pouco forçada.

Ulo estava escondendo algo, e Roku teria que descobrir sozinho.



Quando a noite se aprofundou e o silêncio se instalou sobre a vila, Ulo ainda não havia retornado de seus “assuntos urgentes do clã.” Roku parou de andar de um lado para o

outro, sacudiu as mãos e espiou pela entrada da cabana de Ulo, nas sombras densas.

Nada se movia.

O chefe raramente saía do seu lado, então era agora ou nunca.

Roku prendeu o cabelo novamente e desceu silenciosamente a escada de bambu. Ele se esgueirou pela vila, passou pelo último conjunto de cabanas e seguiu pelo caminho que se afastava do vale.

Era bom estar do lado de fora e se movimentando novamente, e ainda melhor estar fora da presença constante do velho. Uma vez que a vila estava completamente fora de vista, Roku fez uma pausa, esfregou as mãos e concentrou sua energia o suficiente para produzir uma pequena chama tremeluzente na palma da mão. Estava longe do que ele normalmente conseguia criar, mas Roku ficou aliviado por conseguir dobrar fogo pela primeira vez desde a caverna. A chama também fornecia luz suficiente para que ele não tropeçasse em cada pedra e raiz no caminho.

O caminho serpenteava pelo vale, entrava em uma floresta densa e depois passava por um bosque, onde se estreitava a tal ponto que os ombros de Roku roçavam nos altos caules de bambu vermelho-escuro de ambos os lados. O caminho se alargava após o bosque, quando a floresta densa retornava. Não muito longe dali, Roku chegou ao que

parecia ser um poço largo e profundo, onde havia uma passagem rochosa arqueada incrustada na encosta.

Tinha que ser aquilo. A entrada dos túneis. E, mais adiante, a Caverna Sagrada.

Roku encontrou um conjunto de degraus de pedra moldados a partir da terra circundante, os seguiu descendo para o poço e entrou. A chama em sua mão brilhou com força renovada, e seu espírito vibrou com a energia familiar fluindo invisivelmente pelos túneis. Se ele tinha alguma dúvida de que poderia acessar o mesmo inexplicável impulso que o havia guiado pelos túneis antes, ela foi apagada por essas sensações.

Mas Roku não havia ido muito além da entrada quando marcas negras ao longo das paredes curvas chamaram sua atenção. Ele se aproximou e levantou sua luz para examiná-las.

Eram cobertas por desenhos intrincados de carvão que continuavam por ambos os lados das paredes, até onde ele podia ver. Isso o lembrava da Galeria Real no Palácio Real da Nação do Fogo, que continha os retratos dos antigos Senhores do Fogo, bem como pinturas dos eventos mais importantes na história da Nação do Fogo. Ele ouviu dizer que os retratos de todos os Avatares do Fogo também costumavam estar na Galeria, mas foram destruídos pelo Falso Avatar e nunca foram substituídos.

Roku caminhou lentamente ao longo das paredes,

entendendo que as imagens também revelavam uma história. Os desenhos eram rudes para os padrões da Nação do Fogo, mas Roku fez o seu melhor para decifrar seu significado.

Pelo que ele conseguiu entender, as primeiras cenas mostravam como Dobradores de Fogo encontraram e colonizaram uma ilha – provavelmente aquela ilha – depois dobradores de outros elementos e não-dobradores começaram a chegar. Mas, por algum motivo, parece que as pessoas se dividiram em cinco clãs diferentes que viviam em partes diferentes da ilha.

Então Roku se viu diante de um desenho caótico que retratava uma vila costeira em chamas, seu povo e estruturas em fogo. Ao lado havia uma imagem que mostrava uma vila ribeirinha inundada, seu povo se afogando. Depois, uma vila enterrada em escombros.

E depois, uma vila varrida por ventos fortes.

Roku ponderou sobre essas quatro cenas, tentando juntar a história. O melhor que ele conseguia imaginar era que contavam como cada uma das Quatro Nações havia invadido a ilha e destruído os diferentes clãs em vários momentos. Mas ele não tinha certeza. Ele poderia definitivamente acreditar que o Reino da Terra poderia ter feito tal coisa. Talvez até a Nação do Fogo, se houvesse uma boa razão. Mas as Tribos da Água e os Nômades do Ar? Não tanto.

Ainda assim, Roku demorou-se na escala de destruição que o cercava nas paredes do túnel, a destruição gradual de um povo. No mundo que o havia criado, as Quatro Nações eram um dado. Sim, em algum momento no passado, as diferentes terras e povos foram unificados e houve conflitos e lutas pelo poder ao longo do caminho. Mas ele sempre havia aprendido uma história que tornava as fronteiras eventuais tão inevitáveis quanto a madeira alimentando o fogo. Apesar de toda a sua educação, ninguém havia pedido a Roku que considerasse profundamente as consequências desses conflitos e as perspectivas daqueles que viam outra forma de como o mundo poderia ser.

Exceto a Irmã Disha, Roku agora percebia.

E Gyatso.

O que o Nômade do Ar havia dito?

“Você – sua família, seu clã, sua nação – são os opressores. O que você pode oferecer como Avatar quando não consegue nem entender isso?”

Roku vagou até o próximo desenho, que retratava uma pitoresca vila aninhada em um vale com colinas em terraços. Tinha que ser a vila do Clã Lambak. O único dos cinco clãs originais a ter sobrevivido?

A próxima seção continha uma série de cenas conectadas e altamente detalhadas.

As duas primeiras falavam por si mesmas. Havia um exército invasor de Dobradores de Terra atacando o clã

Lambak. Usando a terra como arma, eles cortavam membros e esmagavam crânios. Enterravam mulheres e crianças e empalavam homens. Embora o desenho fosse carvão silencioso sobre pedra, Roku sentia como se pudesse ouvir os gritos angustiantes dos ilhéus. Então, havia um pequeno grupo de sobreviventes fugindo da vila e buscando refúgio no subsolo.

Mas a sequência seguinte confundia Roku. O clã se amontoava no topo de uma colina sob uma cúpula, o sol brilhando diretamente acima. O clã ainda se amontoava sob a mesma cúpula, exceto agora com uma sombra imponente sobre eles. Então, o clã massacrava os invasores Dobradores de Terra usando todos os elementos. De alguma forma, eles conseguiram virar o jogo contra seus invasores – mas como?

— O Despertar de Yungib — veio a voz de Ulo atrás de Roku, assustando o Avatar. — O evento mais importante na história da nossa ilha.

Roku se recompôs, tentando fingir que seu coração não havia saltado para a garganta com a aparição repentina do chefe. Ele se virou e cumprimentou Ulo, parcialmente iluminado pela chama que Roku segurava na palma da mão. Então Roku explicou,

— Eu não conseguia dormir.

— Naturalmente. — Se Ulo estava com raiva, ele escondeu bem. Simplesmente se posicionou ao lado de Roku até estar tão perto que Roku podia sentir o cheiro de

cebola do velho. Ulo olhou para o conjunto de imagens por um longo tempo sem falar, depois se inclinou para frente e limpou uma marca solta da pedra. — Algo chamou nosso povo naquele momento — disse ele, deslizando para a história como se a estivesse contando para Roku o tempo todo. — Eles seguiram esse chamado pelos túneis até chegarem a uma vasta caverna, que há muito tempo havia sido um lago de lava.

Parecia semelhante à maneira como Roku havia encontrado a Caverna Sagrada.

— Nosso povo se reuniu para aguardar seus atacantes, em menor número e superados. Tudo o que podia fazer era clamar desesperadamente aos espíritos para salvá-los de uma destruição certa. — Enquanto falava, Ulo começou a traçar um dedo ao longo da sequência de cenas que haviam confundido Roku. — Aquele dia era o equinócio de outono, e quando o sol atingiu seu ponto mais alto no céu, o espírito chegou. Preencheu o espaço com sua energia. Os dobradores entre o povo sentiram essa energia fluindo por eles e a canalizaram para exterminar os invasores.

Se Roku não tivesse experimentado tal poder ele mesmo, ele poderia não acreditar nesta parte da história. Mas ele havia experimentado, então ele acreditou.

Ulo sorriu.

— O clã louvou o espírito da caverna que lhes concedera a força para superar aqueles que buscavam subjugar-

los e massacrá-los. Eles imploraram ao espírito para deixar uma fração de sua energia permanecer naquele espaço, para que pudessem se dedicar exclusivamente a defender a ilha e proteger a agora sagrada caverna que o espírito habitava. Sentindo que suas intenções eram verdadeiras e seus corações puros, o espírito da caverna concordou. A única coisa que o povo precisava fazer era provar sua dedicação realizando um ritual a cada equinócio.

Roku havia escutado respeitosamente durante toda a narração da conclusão da história por Ulo. O velho era um contador de histórias cativante, mas Roku se perguntava quanto disso era verdade. Havia uma energia espiritual inegável na caverna, mas pelo que ele leu, os espíritos não funcionavam assim.

Eles não respondiam aos pedidos humanos, e não faziam acordos para parcelar seu poder em troca de louvor. Eram incompreensíveis, suas motivações e raciocínios insondáveis. Eles consideravam os humanos como humanos consideravam formigas: apenas se preocupavam quando as ações coletivas - e muitas vezes não intencionais - das formigas impactavam algum canto de seu próprio mundo.

E, graças a crescer com o príncipe de sua nação, Roku estava plenamente ciente de que as pinturas históricas na Galeria Real eram destinadas a moldar uma imagem favorável da família real. Talvez algo parecido estivesse aconte-

cendo aqui? Talvez não fossem as Quatro Nações que destruíram os outros clãs, mas os próprios Lambak, que então eram livres para criar histórias de sua heroica sobrevivência. Ou, talvez, nunca tivesse havido mais de um único clã, e essa narrativa tivesse sido criada para alimentar o medo do povo em relação aos estrangeiros.

— Com o tempo, aprendemos a realmente controlar e estender esse poder — disse Ulo. — Nossos Dobradores de Água lançam névoa todos os dias para nos manter ocultos de navios que passam. Os Dobradores de Terra mudam as linhas costeiras a cada estação para tornar nossas margens inexploráveis para os curiosos o suficiente para se aproximarem. Nossos Dobradores de Fogo forjam armas para se defenderem daqueles que ousarem aventurar-se para o interior.

Os olhos de Roku se fixaram na grotesca matança retratada na parede.

— E seus Dobradores de Ar?

— São tão flexíveis quanto os Nômades do Ar nas maneiras como servem nosso clã. — Aqui, ele se voltou para Roku. — Mas nunca usamos esse poder para nenhum outro propósito além de manter a ilha, e Yungib, o espírito da caverna, seguros.

O velho homem podia estar moldando a história do seu povo como argila de escultor, mas os resultados eram inegáveis: não-dobradores e dobradores de cada elemento,

usando suas habilidades para se complementarem, para defender e servir a um propósito maior - parecia algo saído de um conto de fantasia utópica. No entanto, aqui estava uma comunidade que havia sobrevivido séculos graças a uma colaboração notável de conjuntos de habilidades. O mundo poderia aprender com isso. Ele poderia aprender com isso.

Talvez o dever do Avatar de manter o equilíbrio devesse significar mais do que lutar para preservar uma paz incerta entre quatro corpos políticos ou punir aqueles que cometem injustiças ou defender humanos contra espíritos sombrios. Ele ainda não via claramente o que isso poderia significar, mas talvez estivesse começando a entender.

Roku também começava a se perguntar se teria que fazer mais do que apenas persuadir os Dobradores de Terra a deixarem a ilha em paz - ele talvez tivesse que defender a continuidade da independência do clã da Nação do Fogo. O Senhor do Fogo Taiso não concordaria facilmente em deixar os Lambak permanecerem fora da influência da Nação do Fogo, dada sua fixação em esmagar as Rebeliões das Ilhas Exteriores, mas Roku teria que encontrar uma maneira de convencê-lo a fazer exatamente isso. Se ele ia manter o equilíbrio entre as Quatro Nações, nenhuma delas poderia ter acesso ao poder na Caverna Sagrada.

Ele nem tinha certeza se o próprio clã nativo deveria.

— Continuamos a comemorar o Despertar de Yungib a

cada equinócio — disse Ulo, colocando a mão no centro das costas de Roku enquanto o guiava em direção à saída. — Nós festejamos, contamos histórias, dançamos, sacrificamos, agradecemos. E é em cada equinócio, quando o sol atinge seu zênite, que Yungib renova sua bênção. A tradição dita que apenas o chefe do clã pode entrar na Caverna Sagrada para realizar o ritual, mas acredito que o espírito da caverna trouxe você até nós por uma razão. Então, venha comigo neste equinócio, Avatar Roku. Depois de amanhã. Conheça Yungib, e descobriremos juntos qual pode ser essa razão.

Era uma proposta intrigante. Afinal, ele já conhecia muitos humanos, mas se ia servir como ponte entre o reino humano e o Mundo Espiritual, precisava se familiarizar com alguns espíritos.

Ainda assim, ele não conseguia afastar a sensação de que algum perigo ou motivo oculto espreitava por trás do pedido de Ulo.

Havia apenas uma maneira de descobrir.

— Seria uma honra — disse o Avatar Roku.

BANDOS DE DOBRADORES DE AR SAQUEADORES



NA MANHÃ seguinte, Malaya voltou e encontrou Gyatso sentado nas fontes termais à luz de tochas, com alguns macacos-porco selvagens deitados ao seu lado. Todos estavam soprando bolhas na água enquanto o vapor subia da superfície das piscinas, nebulando o ar com cheiro de enxofre. Mas, ao verem a jovem, os macacos-porco se espalharam e Gyatso se sentou.

— Eu estava certa — disse Malaya.

— Roku está vivo? — perguntou o Nômade do Ar, visivelmente aliviado.

Malaya assentiu, com a mão esquerda repousando no cabo de sua adaga embainhada por hábito. Eles haviam passado tempo suficiente juntos nos últimos dias para ela saber que não precisava de sua arma perto dele.

— Ulo estava mostrando seu amigo pela vila ontem. Mas ele está ferido. Precisou se apoiar em Ulo para caminhar.

A preocupação substituiu o alívio de Gyatso.

— O que aconteceu?

— Não tenho certeza. Além disso, ainda não sei como ele chegou lá sem passar por mim na trilha. — Malaya ergueu a saia de tolgè e se sentou na beira das fontes termais ao lado de Gyatso, baixando as pernas na água aquecida por ventilação vulcânica. — Mas, como eu suspeitava, ele estava trancado na cabana de Ulo.

— Como um prisioneiro?

— A princípio pensei que sim. Mas ninguém ficou de guarda, e quando finalmente saíram, pareciam amigáveis. Ulo levou Roku pela vila, e depois voltaram para a cabana.

— Sobre o que conversaram?

— Não consegui me aproximar o suficiente para ouvir sem a neblina.

Malaya se inclinou para a frente, encheu as mãos em concha com a água quente e a jogou no rosto.

— Mas parecia que Ulo estava apenas mostrando a vila para Roku.

Gyatso se levantou da piscina para ficar no mesmo nível de Malaya. Vapor subia de sua pele avermelhada, e ele puxou as pernas para se sentar com elas cruzadas. Seu

joelho pressionou a pele da coxa dela, passando calor entre os dois. Ela não se mexeu.

Gyatso pigarreou.

— Por que Ulo o manteria vivo se está tão decidido a matar forasteiros? Será que Ulo sabe que ele é o Avatar?

— Não acho. Aa menos que Roku tenha contado a ele.

Gyatso acariciou o queixo.

— Isso soa como algo que Roku faria... Ele pensa que é um cara de dragões.

— O que quer dizer?

— Ah, muito difícil de explicar. De qualquer forma, você acha que ele precisa ser resgatado? Se for assim, ele teve sorte de eu não ter deixado a ilha. Acontece que isso é meio que a minha especialidade.

— Talvez? Eu não confio em Ulo. Mesmo que ele esteja mantendo seu amigo vivo, eu acho que não é por uma boa razão. Mas não podemos simplesmente entrar lá. Ulo raramente o deixa sozinho.

— Farei o que for necessário para manter Roku seguro — disse Gyatso. — Exceto machucar, torturar, matar... todas essas coisas, é claro.

Malaya olhou para o Dobrador de Ar, maravilhada. Como ele era diferente de Amihan, ou de qualquer outra pessoa em seu clã, na verdade.

Na primeira noite juntos, ele recusou o espeto de frango-komodo que ela assou para ele. Ele explicou que,

embora os Nômades do Ar pudessem comer carne quando era oferecida, ele preferia não comer. Isso fez Malaya rir pela primeira vez em dias. Sua própria convicção de que seu clã não deveria matar os Dobradores de Terra não era baseada em algum grande princípio espiritual ou moral, mas em um sentimento vago, ainda que certo, de que eles não mereciam morrer. Além dos humanos, ela não conseguia sequer começar a compreender como alguém que se recusava até mesmo a machucar animais ainda não havia morrido de desnutrição.

Gyatso esperou pacientemente que o riso de Malaya diminuísse, então continuou explicando que era um princípio central de toda a nação dos Nômades do Ar, o que era exatamente o oposto do retrato ameaçador que Ulo pintou ao contar histórias sobre bandos de Dobradores de Ar saqueadores. Ela enxugou as lágrimas que se formaram nos cantos dos olhos e, então, interrogou Gyatso por mais uma hora sobre como um povo assim conseguia sobreviver ao lado de outras nações mais ávidas por guerra. No final da conversa, Malaya estava longe de se converter. No entanto, quando se deitou para dormir naquela noite — depois de ter bombardeado Gyatso com perguntas sobre os Nômades do Ar até que suas pálpebras ficassem caindo de sono —, pensou na carne assada que enchia seu estômago com uma culpa nascente.

Gyatso de repente se esticou na direção da cabeça de

Malaya, sorriu e pegou algo do cabelo curto dela. Uma flor de sampaguita. Ele a segurou para ela pegar, mas ela a soprou para longe. Sem perder o ritmo, ele usou sua dobra de ar para fazer o vapor girar de um jeito que fez a pequena flor flutuar e dançar ao redor da cabeça dela.

— Descobriu alguma coisa sobre os Dobradores de Terra? — perguntou ele enquanto continuava a guiar o ar com movimentos graciosos das mãos.

Malaya observava os movimentos hipnóticos da sampaguita. Apesar de ele ter compartilhado que tinha dificuldade em usar sua dobra de ar, exceto quando a vida de Roku estava em perigo, parecia sempre funcionar ao redor dela.

— Nenhum sinal de Yuming, Qixia, ou os outros Dobradores de Terra — disse. — E ainda não vi Amihan em lugar nenhum dentro ou ao redor da vila.

— E Kilat?

Malaya balançou a cabeça, tentando não se deter no que isso poderia significar.

Um momento depois, um dos macacos-porco saltou, agarrou a flor flutuante no ar, enfiou-a na boca e saiu correndo. Malaya riu. Gyatso se apoiou nas mãos e suspirou.

— Eu nunca deveria ter deixado Roku sozinho — disse Gyatso. — Se algo acontecer com ele, será toda minha culpa.

— Vamos salvá-lo. Então encontraremos os Dobradores de Terra e os mandaremos embora. Depois, vamos impedir Ulo e Amihan de tirarem mais vidas inocentes.

— Vamos precisar de um bom plano.

Malaya sorriu de lado, olhando para os macacos-porco selvagens reunidos na outra ponta das fontes termais.

— Você acha que eu já não tenho um?

Ele seguiu o olhar dela.

— Mal posso esperar para ouvir. — Então ele se voltou para ela, com as sobrancelhas inclinadas em preocupação. — Mas você realmente acha que vai funcionar?

Malaya pegou a mão mais próxima de Gyatso e entrelaçou os dedos nos dele.

— Vamos manter seu amigo seguro.

Gyatso apertou a mão dela e sorriu.

Ela apertou a mão dele de volta.

— Quando você me falou pela primeira vez sobre a filosofia de harmonias do seu povo, você disse que você e Roku tinham cada um perdido alguém importante...

— Minha irmã mais velha — disse Gyatso antes que ela pudesse fazer a pergunta. — Yama.

— Como ela era?

Gyatso olhou para baixo e puxou a mão.

Por dentro, Malaya amaldiçoou a si mesma. Eles se conheciam há apenas alguns dias. Nesse breve tempo, ela se sentiu mais próxima dele do que de qualquer pessoa em

seu clã. Ela lhe ensinou tudo sobre a ilha e sobre seu povo. Ela compartilhou como aprendeu a nunca questionar certas coisas para sobreviver. Descreveu como lamentava essa ignorância voluntária e estava determinada a nunca voltar a ela, mesmo que isso significasse que seria exilada da vila e tivesse que viver o resto de sua vida sozinha do outro lado da ilha. Ela até contou a ele por que seu relacionamento com seus pais era tão rompido, uma ferida que nunca havia revelado a outra alma.

Mas quem disse que ele se sentia remotamente próximo dela? Malaya era muito melhor em rastrear animais selvagens do que em perceber sinais sociais. Ela foi tola ao convidá-lo a compartilhar sua dor mais profunda tão cedo.

— Tudo bem — acrescentou ela —, você não precisa me contar.

Então, inesperadamente, o Nômade do Ar soltou uma risada alegre.

— O quê? — perguntou Malaya, confusa.

Gyatso olhou para cima, sorrindo amplamente enquanto passava a mão sobre o couro cabeludo.

— Desculpe, é que acho que entendo algo que Roku me disse uma vez.

— Ah, é?

— Ele disse que eu talvez precisasse aprender a amar Yama de uma nova maneira agora que ela não está mais comigo. E agora acho que entendo o que ele quis dizer.

Malaya retribuiu o sorriso dele, aliviada por não afastar o Nômade do Ar.

E então Gyatso começou a contar tudo sobre sua irmã.

A DIFERENÇA



DEPOIS QUE o mar engoliu Yasu, Roku saiu dos dormitórios da Academia e tirou licença pelo resto do período. E, para o desespero do Senhor do Fogo, Sozin fez o mesmo.

Roku acordava de manhã e encontrava Sozin sentado do outro lado do quarto, na cama de Yasu. A pedido de Sozin, eles preenchiam aqueles dias cinzentos com leitura, treinamento, refeições, jogando Pai Sho, caminhando pela caldeira e trocando histórias sobre o audacioso Yasu, que frequentemente agia sem pensar, desesperados para encontrar contos desconhecidos pelo outro. Ocasionalmente, um mensageiro aparecia na porta da casa de Roku, trazendo uma ordem do Senhor do Fogo Taiso para que Sozin retornasse à Academia. Mas Sozin permanecia ao lado de Roku.

O Príncipe Herdeiro da Nação do Fogo sempre fora

ambicioso e determinado, mas agora estava mais decidido do que nunca a aproveitar ao máximo sua vida para honrar a memória de Yasu. Se a morte de Yasu reduziu Roku pela metade, dobrou Sozin. Se fez Roku se retrair, fez Sozin avançar. E, como os pais de Roku se retiraram em sua própria tristeza, era a presença animadora de Sozin que mantinha a cabeça de Roku acima da água, depois gradualmente o carregava de volta à costa, quer Roku quisesse ou não - e ele frequentemente não queria.

Roku pensava em tudo isso enquanto permanecia acordado na cabana de Ulo, incapaz de dormir. O velho roncava suavemente em sua esteira de vime ao longo da parede oposta. Lá fora, os sons rítmicos de insetos no vale ao redor enchiam a noite.

Ele não podia decepcionar Sozin. Infelizmente, ele começava a temer que a Irmã Disha estivesse certa sobre mais do que apenas a necessidade de se desligar da Nação do Fogo. Ele ainda não conseguia encontrar uma abordagem diplomática mais sábia para resolver a situação atual. Sua única opção parecia ser pedir a Ulo que poupasse a vida dos Dobradores de Terra, à Companhia de Comércio do Reino do Oeste que renunciasse ao interesse na ilha, e ao Senhor do Fogo que deixasse o Clã Lambak em paz.

E agora Roku tinha que descobrir como lidar com seu primeiro encontro com um espírito como Avatar.

Ele não estava pronto.

Para nada disso.

“Não importa se você está pronto”, Roku imaginou Sozin dizendo agora. “Finja que está.”

“A única coisa que importa é se você está disposto”, Yasu poderia ter acrescentado.

Preparação é essencial”, a Irmã Disha poderia contestar. “A diferença entre sucesso e fracasso, vida e morte.”

Ele imaginou Gyatso zombando. *“Mas você já está aqui - então, o que agora?”*

Um grito agudo interrompeu a espiral de vozes conflitantes em sua mente, seguido por um coro de mais gritos enquanto o ar se enchia com o som de argila se quebrando, madeira se partindo e caos se instalando.

Em um instante, Ulo estava acordado e de pé.

— Fique aqui — ele disse a Roku antes de desaparecer pela escada, que também desapareceu um momento depois. — Verifique o bosque — Roku ouviu o velho mandar alguém antes de sair correndo.

Roku foi até a porta e olhou para fora. Estava escuro, mas pela luz de algumas tochas, ele podia ver o problema: uma matilha de macacos-porco selvagens estava invadindo a vila. Eles estavam rasgando cestos, quebrando potes, subindo em escadas, destruindo telhados e paredes, e perseguindo aldeões e animais.

Quando Roku ouviu movimento na entrada dos fundos, ele girou com os punhos erguidos, pronto para se defender

de uma das criaturas enfurecidas com qualquer força ou dobra de fogo que pudesse reunir. Mas ele não precisou.

— Gyatso? — ele perguntou com uma mistura de confusão, alívio e raiva.

Gyatso pulou para dentro, ficou de pé e fez uma reverência imaginária.

Segurando seu planador em uma mão, ele chamou Roku com a outra.

— Vamos — ele sussurrou.

Roku não se moveu, as palavras de sua última conversa ainda pairando no ar entre eles.

— Pensei que você tivesse voltado para o templo... o que está fazendo aqui?

— Estou salvando você, obviamente. De novo. Mas precisamos sair daqui antes que lidem com esses macacos-porco e Ulo volte.

— Você trouxe os macacos-porco? E conhece Ulo?

— Depois eu explico. .

Roku ficou onde estava, os punhos apenas meio abaixados.

— Eu não preciso ser salvo.

Gyatso atravessou a sala, falando em um sussurro urgente.

— Malaya disse que você poderia dizer isso. Mas você está errado. Confie em mim.

— Quem é Malaya?

De perto, veio o som de panelas caindo e o grito de uma mulher.

— De novo, eu explico depois. Precisamos sair daqui.

Os olhos de Roku foram para o planador de Gyatso, só agora percebendo que ele havia chegado à cabana voando.

— Sua dobra de ar voltou?

Gyatso esfregou o rosto com frustração.

— Podemos. Falar. Depois.

Lá fora, uma cacofonia de guinchos dos macacos-porco subiu a um tom febril.

Roku recuou.

— Eu não sei o que você pensa que está acontecendo comigo, mas estou bem. Prestes a resolver toda essa situação, na verdade.

— Ótimo, mal posso esperar para ouvir sobre isso.

Gyatso agarrou Roku pelo braço e tentou puxar o Avatar. Roku, no entanto, era muito mais alto e mais forte, mesmo em seu estado enfraquecido.

— Escute-me — disse Roku enquanto o Dobrador de Ar continuava puxando em vão —, Ulo está começando a confiar em mim. Ele está me contando cada vez mais sobre a ilha a cada dia.

Gyatso recuou.

— É tudo mentira.

— Talvez, mas isso não significa que eu não possa aprender com ele.

— Não se ele te matar primeiro.

Roku pensou em todas as oportunidades que o chefe do clã já tinha tido, e no convite para conhecer o espírito da caverna.

— Por que ele faria isso?

— Malaya ainda não tem certeza.

— De novo, quem é Malaya?

Gyatso ignorou Roku. Os sons de caos e guinchos dos macacos-porco começavam a diminuir.

— Roku, eu sei que você continua bravo comigo, mas preciso que você confie em mim.

— E eu preciso que você confie em mim — disse Roku.

— Eu não posso deixar a ilha até descobrir tudo isso.

Os olhos de Gyatso se moveram para a entrada da frente da cabana.

— Voltei para te ajudar, não para te arrastar de volta para a Irmã Disha. Venha comigo por um tempo. Ouça o que tenho a dizer, depois você pode voltar para Ulo se quiser.

Roku já havia desaparecido uma vez algumas noites atrás, quando se aventurou nos túneis que levavam à Caverna Sagrada. Ulo talvez não deixasse passar uma segunda transgressão tão facilmente.

— O que Ulo vai pensar?

Gyatso girou seu bastão, gerando um pequeno vórtice que fez o cabelo de Roku voar em seu rosto enquanto o

vento derrubava móveis, quebrava potes e derrubava os crânios e armas pendurados na parede. Quando o ar se acalmou, Roku afastou o cabelo. A cabana parecia ter sido completamente saqueada.

— Que um macaco-porco te perseguiu até a floresta — disse Gyatso.

Eles se encararam. Lá fora, apenas um único macaco-porco ainda guinchava enquanto os aldeões gritavam instruções uns aos outros, lutando para guiá-lo de volta à floresta. Ulo voltaria a qualquer momento.

— Tudo bem — disse Roku, cruzando a sala até Gyatso.
— Mas continuo bravo por tudo que você disse.

— O sentimento é mútuo... mas sinto muito.

Eles ouviram alguém começar a subir a escada de bambu que levava à entrada da cabana. Roku e Gyatso correram para a entrada dos fundos. Eles pularam - Roku se segurando em Gyatso, que segurava seu planador - e voaram na escuridão. Enquanto eles voavam mais alto na noite, Roku olhou por cima do ombro. A cabeça de Ulo estava espiando, escaneando o vale abaixo.

NÃO ESTÃO SOZINHOS



MALAYA AFIOU sua adaga na escuridão enquanto esperava debaixo dos galhos baixos e espalhados da antiga árvore balete. Ela havia completado sua parte do plano ao se infiltrar na vila e espalhar discretamente pedaços de manga, a comida favorita dos macacos-porcos selvagens. A julgar pela comoção à distância que surgiu poucos minutos depois, Gyatso havia feito sua parte usando sua dobra de ar para espalhar o cheiro da fruta pela floresta, atraindo o maior número possível de criaturas para a vila. Tudo havia se acalmado desde então, e ela esperava Gyatso e o Avatar a qualquer momento.

Logo, Malaya ouviu ruídos na vegetação rasteira. Confiante de que a aproximação era barulhenta demais para ser Amihan, ela guardou a pedra de amolar e colocou sua

adaga na bainha de madeira aberta presa à sua coxa. Depois, colocou as mãos em concha sobre a boca e imitou os rápidos e baixos arrulhos de uma pomba do vale para confirmar. O sinal de resposta veio logo depois — um eco pobre de sua imitação experiente, apesar de todo o treino.

Movendo-se com silêncio ágil, Malaya foi ao encontro deles antes que se perdessem na floresta ao redor. Ela viu Gyatso e Roku antes que a vissem. O Avatar parecia muito mais saudável do que da última vez que ela o havia espiado de longe, apoiado em Ulo, mas seus movimentos ainda eram rígidos e laboriosos.

Roku e Gyatso se assustaram quando finalmente notaram Malaya se aproximando. Roku apressou-se a recompor-se para fingir que não havia sido pego desprevenido, enquanto Gyatso se iluminou de uma maneira que fez Malaya corar. Graças ao espírito da caverna pela escuridão.

— E eu pensei que Dobradores de Ar eram silenciosos — disse Gyatso — Promete que nunca vai se tornar uma assassina?

Malaya deu de ombros.

— Vai depender do pagamento.

— Você deve ser Malaya. — O canto da boca de Roku se levantou em um pequeno sorriso, aparentemente divertido com a facilidade que compartilhavam — Gyatso não me contou absolutamente nada sobre você. — Então, ofegante pela fuga apressada, ele se sentou em um recanto formado

pela raiz contraforte da árvore e recostou-se. — Eu sou Roku. Mas você já deve saber disso.

Gyatso jogou um cantil para Roku. O Avatar bebeu profundamente e devolveu. Então, produziu uma pequena chama na palma da mão que iluminou a clareira sob a árvore.

— Pronto, agora podemos ver direito — disse ele, lembrando Malaya da visão ruim dos forasteiros.

Era estranho estar diante de Roku. Nas noites mais escuras, Ulo gostava de contar histórias ao clã que havia reunido em suas viagens sobre os diferentes Avatares. Eram na maioria contos assustadores e de advertência sobre os perigos do poder descontrolado. Gyatso havia confirmado as suspeitas de Malaya de que havia pouca verdade nisso, mas a imagem do Avatar como um carrasco glorificado permanecia em sua mente enquanto devolia o olhar do garoto.

— Então, o que aconteceu com você? — Gyatso perguntou a Roku.

Roku balançou a cabeça em descrença e rapidamente resumiu como havia acabado na cabana do chefe do clã. Quando terminou, Gyatso contou a Roku sobre os eventos desde que se separaram.

— Então você percebeu estar errado? — Roku perguntou.

Gyatso zombou.

— Percebi que você não teria chance sem mim.

Havia uma tensão nas palavras deles, mas algo mais suave amorteceu a troca. Apesar dos ressentimentos persistentes, eles se importavam profundamente um com o outro. Malaya se perguntou como seria compartilhar um vínculo tão mútuo com alguém e esperava que um dia pudesse saber.

Com todos atualizados, Roku virou-se para Malaya.

— E você acha que seu clã vai me matar?

Malaya hesitou. Ela havia conhecido Gyatso, mas Roku ainda era um estranho para ela.

— Vamos, — Gyatso incentivou, intuindo a fonte de sua hesitação. — Eu respondo por ele.

Roku arqueou uma sobrancelha.

— Você responde?

— Por algum motivo.

E então Malaya contou ao Avatar sobre suas responsabilidades como uma das batedoras do clã, terminando com a descoberta inquietante de uma parte do trabalho que antes era desconhecida para ela... matar todos os forasteiros que invadissem a ilha.

Roku acariciou alguns pelos ralos que brotavam de seu queixo como se fossem uma barba de verdade.

— Então por que Ulo está me mantendo vivo? Ele teve muitas oportunidades de me matar se realmente quisesse.

Eu tenho tentado descobrir isso, ela disse.

— Mas sei que Ulo está determinado a fazer o que for necessário para manter a ilha em segredo do mundo exterior.

— E quanto aos Dobradores de Terra? Estou na sua vila há dias. Eu não saberia se houvesse algum tipo de luta?

— Não necessariamente, — disse ela, e contou-lhe sobre Amihan.

Ele olhou para Gyatso.

— Isso esclarece essa parte da história de Oh Wen. Falando nisso, ele estava bem quando você o deixou?

Gyatso assentiu.

— Eu o limpei, troquei suas ataduras e garanti que ele tivesse muitos mantimentos. Ele não estava ansioso para encontrar Amihan novamente, então disse que voltaria ao navio e esperaria o resto do grupo terminar seus negócios.

— Fico feliz em ouvir isso, — disse Roku. — Mesmo que ele tenha tentado nos matar. Mas temos que garantir que os Dobradores de Terra saiam sem terminar seus negócios. — E ele explicou uma teoria de que a busca da Companhia Comercial do Reino do Oeste por algum mineral ou pedra especial era uma fachada para a busca do Reino da Terra pelo poder da caverna.

— Isso faz sentido, — disse Malaya, odiando admitir. Ulo pode ter estado certo, afinal, sobre a ameaça que a curiosidade de Yuming e Qixia representava. Ainda assim, isso não significa que ele estava certo sobre a solução. E

ainda havia a questão de por que Ulo estava mantendo Roku vivo.

Gyatso olhou nervosamente para Malaya antes de respirar fundo e virar-se para Roku.

— E se sua teoria estiver certa, o poder da caverna também pode ser a verdadeira razão do interesse de Sozin na ilha.

A chama na mão de Roku se intensificou, fazendo Gyatso e Malaya recuarem um passo do surto de calor.

— De novo, não — disse o Avatar. Ele extinguiu o fogo, depois se levantou e se virou para o tronco emaranhado da árvore balete enquanto a escuridão retornava.

— De novo, sim — disse Gyatso. — Sei que você não quer ouvir isso porque ele é seu melhor amigo, mas você é o Avatar, e não pode esquecer nem por um momento que ele também é o futuro líder da Nação do Fogo.

Roku girou em volta.

— O que você tem contra Sozin?

Gyatso passou uma mão pela cabeça enquanto olhava para Malaya, que o ajudara a se barbear naquela manhã com sua adaga. A outra mão estava segurando seu cajado com tanta força que os nós dos dedos estavam brancos. Ela podia sentir que ele estava a segundos de se afastar furiosamente e sabia que desta vez ele não voltaria para o Avatar. Com os olhos, Malaya implorou ao Nômade do Ar para tentar novamente.

— Conte a ele sobre Yama, — Malaya sugeriu, sabendo que Gyatso havia revelado menos sobre sua irmã para Roku do que para ela.

Roku esperou.

A mandíbula de Gyatso se contraiu, então ele relaxou o aperto no cajado e deu um passo em direção ao Avatar. Quando falou novamente, sua voz estava baixa e suave.

— Ela era dois anos mais velha que eu, — disse Gyatso. — No ano passado, ela estava em uma missão de ajuda no sudoeste do Reino da Terra. A Companhia Comercial do Reino do Oeste, a mesma companhia que enviou esses Dobradores de Terra para cá, estava minerando perto de uma vila há anos. Eles arruinaram o solo, envenenaram a água, destruíram a terra. Aqueles que não podiam se mudar continuaram trabalhando nas minas. Eles começaram a adoecer. E quanto mais trabalhavam, mais doentes ficavam. Logo, quase toda a vila estava morrendo. Yama e os outros Nômades do Ar basicamente foram cuidar dessas pessoas antes que morressem.

Gyatso respirou fundo e se apoiou no cajado, como se estivesse sobrecarregado pelo peso de sua história.

— Os mineradores moribundos não importavam para a companhia. Eles haviam superado sua utilidade. O carvão ou minério, ou o que quer que fosse estava quase acabando, e a companhia estava se preparando para sair. Mas devem ter cavado demais ou muito fundo. Um sumidouro se abriu.

Engoliu uma grande parte da encosta da montanha — incluindo a vila onde Yama e alguns dos outros Nômades do Ar estavam ajudando. — Gyatso fez uma pausa — Não houve sobreviventes.

A luta saiu dos olhos de Roku. Ele descruzou os punhos.

— Sinto muito, Gyatso.

— Não estou te contando isso para ganhar sua simpatia — disse Gyatso. — Quero que entenda que eu entendo. Não apenas a tristeza que você carrega pela morte de Yasu, mas também a raiva. — Ele balançou a cabeça. — Tenho estado tão zangado por tanto tempo. Com a Companhia Comercial do Reino do Oeste, que só se importava com seus lucros. Com o Conselho de Anciãos, que decidiu que não havia nada a ser feito além de meditar sobre a tragédia. Comigo mesmo, por não estar naquela viagem com ela porque pedi permissão para ficar para trás para focar no meu treinamento de dobra de ar para dominar o próximo nível.

Roku ficou atônito. Malaya imaginou que ele estava pensando em todas as formas como a raiva ecoou em sua própria vida após a morte de seu irmão gêmeo. Incluindo a maneira como deve ter moldado suas reações à acusação que Gyatso fez contra Sozin.

— Você me disse que eu precisava aprender a amar Yama de uma nova maneira agora que ela se foi, e acho que consegui, — Gyatso acrescentou. — Conteí a Malaya tudo sobre ela, e me senti melhor. Mais leve. Mais livre. E depois

que tudo isso acabar, adoraria te contar mais sobre minha irmã do que como ela morreu. E adoraria ouvir mais sobre Yasu.

Roku engoliu em seco, depois assentiu.

— Eu também gostaria disso.

— Você me ajudou a ver minha situação com mais clareza. Só quero ajudar você a fazer o mesmo. Você conhece o Príncipe Sozin melhor do que qualquer outra pessoa no mundo, Roku. Por favor. Seja honesto conosco, e consigo mesmo. Há alguma chance de que ele tente usar o poder da Caverna Sagrada se souber sobre ele?

Roku desviou o olhar.

— É possível... Mesmo que eu não queira acreditar. Mas prometo que o confrontarei sobre isso quando for a hora certa.

Gyatso não se vangloriou. Não insistiu no assunto. Ele simplesmente assentiu. Confiou.

Roku deu um passo à frente e abraçou Gyatso. Eles se abraçaram por um longo tempo. Malaya se sentiu uma intrusa naquela intimidade, mas era algo bonito de se testemunhar. Em seus dezesseis anos, ninguém jamais a havia abraçado daquele jeito.

— Que a chama de Yama ilumine nosso caminho — disse Roku, ainda segurando Gyatso.

— E que a de Yasu faça o mesmo — disse Gyatso.

Eles se separaram e se olharam.

— Sinto muito. Eu não teria chegado tão longe sem você — disse Roku. — E não acho que irei muito mais longe a menos que você fique ao meu lado. Você não é um Dobrador de Ar fracassado. Sua dor e raiva continuam frescas. Como você disse, eu entendo isso. Mas também entendo como é ansiar por cura, e estou feliz que você esteja encontrando um caminho.

Gyatso assentiu.

— Eu também sinto muito. Seu cabelo não é tão estúpido assim. — Eles riram, então Gyatso continuou, — Em toda seriedade, sinto muito por dizer que você não era o Avatar certo. Nossos anciãos nos ensinam que o Avatar é sempre a pessoa exata que o mundo precisa naquele momento. A luz de Kyoshi te encontrou por um motivo específico, mesmo que você ainda não consiga ver qual é. Eu tenho fé nisso. Tenho fé em você.

— Isso significa muito para mim — disse Roku. — Pena que a Irmã Disha não compartilhe dessa fé.

— Do que você está falando?

— Quando estávamos discutindo, você disse que ela estava certa.

Gyatso fez uma pausa por um momento, lembrando-se.

— Ah... Eu não quis dizer que ela estava certa ao dizer que foi um erro você ser o Avatar. Quis dizer que ela estava certa ao dizer que você não poderia realmente se ver como

o Avatar até parar de se ver primeiro como um Cidadão do Fogo.

— Sêrio?

— Sêrio.

Roku brilhou de alívio. Então a determinação se instalou em seu rosto, e sua atenção se voltou para Malaya.

— Quanto aos Dobradores de Terra, na outra noite Ulo disse ter que lidar com assuntos urgentes do clã, — disse Roku. — Algo sobre uma infestação de besouros no bosque do outro lado do vale. Parecia uma mentira, mas talvez tivesse algo a ver com os Dobradores de Terra.

— Há um bosque do outro lado do vale, — disse Malaya, — então talvez seja onde eles estão.

— Você acha que eles ainda estão lá? — Gyatso perguntou. E então acrescentou tentativamente, — Vivos?

Malaya reajustou o arco pendurado em seu ombro.

— Espero que sim. Não há sinal de Amihan, então talvez ela ainda esteja tentando caçá-los. A única maneira de saber com certeza é ir até lá ver o que encontramos.

Roku disse:

— Então vocês dois vão para lá.

— O que você vai fazer? — Malaya perguntou.

— Voltar para a vila.

Malaya e Gyatso trocaram um olhar confuso.

Roku esclareceu.

— Se eu ficar com vocês dois, Ulo tentará me encontrar.

Mas se eu voltar, isso deixará vocês livres para ir ao bosque investigar.

— Parece bom... mas você esqueceu que ele está planejando te matar? — Gyatso perguntou.

— Não tenho certeza sobre isso, — disse Roku. — Ele me convidou para encontrar o espírito da caverna quando o sol atingir seu zênite durante o equinócio de amanhã.

Os olhos de Malaya se arregalaram pela segunda vez, quando a última peça do quebra-cabeça se encaixou; com tudo o que estava acontecendo, ela havia esquecido que amanhã era o equinócio.

— O que foi? — Gyatso perguntou, reconhecendo seu olhar de súbita percepção.

— O que vocês sabem sobre a aranha fantasma? — ela perguntou.

— Absolutamente nada — disse Roku.

Gyatso cutucou Roku com o cotovelo.

— Ele gosta mais de dragões.

Roku estreitou os olhos para o Nômade do Ar.

Malaya ignorou o que quer que fosse aquilo.

— Ao contrário da maioria das outras aranhas, a aranha fantasma não prende sua presa com uma teia. Em vez disso, ela se pendura no dossel da floresta, desce sobre seu alvo e então crava suas presas na pobre criatura, injetando veneno. O veneno não mata, e sim paralisa a criatura enquanto transforma seus órgãos em mingau.

Roku franziu o nariz. Gyatso ouviu, fascinado pelas infinitas maravilhas do mundo.

Malaya continuou.

— A aranha fantasma então puxa a presa paralisada de volta ao seu ninho para alimentar seus filhotes, um processo possibilitado pelas entranhas recém-liquefeitas.

Roku olhou para o próprio estômago.

— Você acha que Ulo vai derreter minhas entranhas, depois me comer?

— De certa forma — disse Malaya. — Ninguém em nosso clã além de Ulo sabe muito sobre o ritual do equinócio que supostamente é responsável por manter a boa vontade de Yungib. Exceto que requer sacrifícios. Estou me perguntando se ele não está planejando levar nenhum porco-galinha ou vaca-porco com ele amanhã.

Roku apontou para si mesmo.

Malaya assentiu. Isso explicava por que ele estava mantendo Roku vivo.

Roku soltou um longo suspiro, depois se virou para Gyatso.

— Você provavelmente sabe mais sobre o Mundo Espiritual do que eu, já que é um Nômade do Ar. Existem espíritos que aceitam sacrifícios humanos assim?

— Não acho que seja provável. — Gyatso passou uma mão pela cabeça. — Mas definitivamente existem humanos por aí que acreditam erroneamente que sacri-

fícios de sangue podem ganhar o favor de certos espíritos.

Roku suspirou.

— E o que poderia ser um sacrifício mais suculento do que o Avatar?

— Ele provavelmente acredita que isso lhe permitirá acessar ainda mais o poder de Yungib — Malaya observou.

Um silêncio se instalou sobre o grupo enquanto consideravam a realidade da situação e a dificuldade de descobrir o que fazer a seguir.

Gyatso virou-se para Roku.

— Ainda quer voltar para a vila sozinho?

— Não. Mas tenho que ir se vocês forem encontrar os Dobradores de Terra. — Roku virou-se para Malaya. — Talvez eu possa até encontrar uma maneira de persuadi-lo a parar de matar forasteiros.

— Prometa-me que não vai matá-lo, — Gyatso disse. — Roku hesitou. — Só vai piorar as coisas.

— Eu prometo — Roku eventualmente disse, mas não parecia concordar. Malaya certamente não concordava. Como seu clã poderia se livrar da influência de Ulo de outra forma?

— Obrigado. — Gyatso virou-se para Malaya. — O que você acha? Roku lida com Ulo enquanto encontramos os Dobradores de Terra?

A pergunta a pegou de surpresa. Ele estava esperando

sua aprovação como se ela fosse parte da equipe. E Roku estava olhando para ela da mesma maneira. Ela pensou na filosofia de harmonias de Gyatso, sobre como cada um deles estava vibrando e ressoando. Ela havia sido cética a princípio, mas talvez houvesse algo nisso. Enquanto ambos esperavam sua resposta, ela sentiu um senso de pertencimento desconhecido, uma compreensão de quem ela deveria ser.

Ela assentiu.

— Então está decidido. — Roku se moveu entre eles e descansou uma mão sobre cada um dos ombros deles. — Não é bom saber que não estamos sozinhos?

FOGOS DESTINADOS A FORJAR



SOZIN ESTAVA na proa do navio e olhava para a ilha montanhosa com absoluta confusão. Ela se encontrava no horizonte, não mais coberta por neblina, com nuvens de tempestade escuras se acumulando acima. Ele conferiu as coordenadas no mapa e voltou ao leme, onde a capitã pirata do junco pilotava o navio.

— Tem certeza de que esta é a mesma ilha para a qual você me levou algumas semanas atrás? — ele perguntou.

— Sim. — Ela soltou uma risada estridente. — Você achou que aquela neblina ia durar para sempre?

Sozin ignorou a provocação e voltou para sua cabine alugada abaixo do convés principal. Kozaru e Dalisay estavam no pequeno espaço, revezando-se para lançar facas

em um alvo que Kozaru havia queimado nas tábuas da parede.

— A neblina sumiu — ele disse.

Kozaru lançou uma adaga de fogo que zuniu pelo ar e queimou a madeira, longe do anel externo do alvo.

— Isso vai facilitar remar até a costa desta vez — ela disse.

Sozin virou-se para Dalisay.

— O que você acha que está acontecendo?

— Hum.... — Ela tocou a ponta de uma faca em seu queixo enquanto considerava a pergunta. — Eu poderia arriscar um palpite se você realmente me contasse algo sobre a ilha ou por que voltamos com tanta pressa com aqueles cães-enguias no porão pelos quais você inexplicavelmente pagou uma pequena fortuna.

Sozin suspirou. E, finalmente, confiou às suas companheiras toda a história. Bem, não toda a história. Ele enfatizou querer salvar o Avatar Roku dos nativos assassinos, mas deixou de lado sua descoberta desagradável de que - ao contrário do relato de Asho, o poder de dobra aprimorado que ele procurava só podia ser acessado na chamada Caverna Sagrada deles. O que, é claro, tornava sua missão toda inútil.

Quando Sozin terminou de falar, Kozaru apenas deu de ombros enquanto os olhos de Dalisay se estreitaram em concentração.

— O desaparecimento da neblina deve significar que o Avatar falhou — Dalisay concluiu após processar tudo em poucos segundos. — Os Dobradores de Terra devem ter matado os nativos e tomado a fonte de poder. — Ela girou a faca e a lançou no alvo, errando o centro exato por uma largura de um dedo. Ela franziu a testa.

Sozin puxou a faca e a girou distraidamente enquanto se encostava na parede.

“Dalisay pode estar certa.” Talvez eles tivessem chegado tarde demais. Eles conseguiram voltar à costa oeste do Reino da Terra em uma fração do tempo levado para chegar à biblioteca de Wan Shi Tong graças aos cães-enguia. Mas bisões voadores e dragões não eram tão facilmente comprados - apesar do surpreendente número de contatos de Kozaru no comércio ilegal de animais - então não havia maneira mais rápida de atravessar o mar do que de barco. A boca de Sozin ficou amarga com o sabor desconhecido do fracasso. Se algo acontecesse a Roku nas mãos dos Dobradores de Terra ou dos nativos, seria culpa dele.

Seu pai insistiria em uma investigação. Ele só havia contado a Ta Min tanto quanto a Roku, mas ela revelaria seu papel instigador nos eventos. O Senhor do Fogo não ficaria nada satisfeito - para dizer o mínimo - ao descobrir que seu próprio filho agiu pelas suas costas, levando à morte do primeiro Avatar de Fogo em séculos e enviando a reencarnação para os inúteis Nômades do Ar.

Seu pai não iria tão longe a ponto de retirar seu direito de primogenitura. Não havia outro potencial herdeiro além de Zeisan, e sua irmã tinha o duplo infortúnio de ser mulher e não ser dobradora. Certamente haveria uma punição, porém. Perda de situação ou posição. A remoção das poucas responsabilidades que ele mal havia sido confiado. Vergonha pública. Talvez até algum tipo de exílio temporário até ele restaurar sua honra.

Ao longo da história, a família real sempre foi adepta de tais métodos de disciplina. Fogos destinados a forjar.

Mas essas possíveis consequências não eram o medo mais profundo de Sozin. A simples verdade era que ele não sabia o que faria sem Roku. Já foi difícil o suficiente superar a morte de Yasu. E embora Sozin tivesse lutado para se ajustar depois que Roku o abandonou para começar seu treinamento, imaginar um mundo sem seu amigo mais próximo o abalava profundamente. No dia em que Yasu foi levado pelo mar, Sozin jurou aos espíritos que protegeria o irmão restante a qualquer custo.

— Príncipe Sozin — disse Dal, trazendo Sozin de volta ao presente. — A faca.

Sozin olhou para sua mão e viu que a lâmina estava brilhando vermelho de tão quente. Ele puxou o braço para trás e a lançou no alvo.

A ponta atingiu o centro exato do alvo e tremeu

enquanto o metal aquecido queimava a madeira e emitia uma fina espiral de fumaça.

“*Não*”, Sozin decidiu. Dalisay estava errada. Não era tarde demais para salvar Roku. Ele não iria falhar.

O PLANO



— ALI — DISSE Malaya, apontando para o dossel enquanto ela e Gyatso se escondiam atrás de um tronco de árvore enorme. — Você os vê?

— Claro. — Gyatso semicerrava os olhos através da escuridão antes do amanhecer. — Na verdade, não. Não consigo ver nada além de galhos e folhas. Como seus olhos são tão bons?

— Como os seus são tão ruins?

— Apenas me diga o que devo ver.

— Os Dobradores de Terra estão em gaiolas de bambu no alto das árvores. — Era o lugar perfeito para aprisioná-los. Os carvalhos cinzentos eram altos o suficiente para manter os Dobradores de Terra fora de alcance de seu

elemento. — Não acredito que não pensei em verificar este lugar antes.

— Pelo menos eles continuam vivos — consolou Gyatso.

— Kilat também está lá em cima — disse Malaya, tão aliviada ao avistar a gorila-társio quanto irritada ao vê-la presa na gaiola subdimensionada, mas reforçada em dobro.

— Como você acha que ela capturou todos eles sozinha? — perguntou Gyatso, semicerrando os olhos enquanto escaneava o dossel tentando ver o que Malaya via.

Mas essa não era a questão mais urgente para Malaya. Os batedores conheciam a ilha melhor do que ninguém. Amihan não teria problema em emboscá-los. “

— Estou me perguntando por que eles continuam vivos

— Talvez Ulo queira sacrificá-los também?

Malaya balançou a cabeça.

— Não se eles estão sendo mantidos aqui fora. — Então ela expressou a outra coisa que a preocupava. — E onde está Amihan?

Duas pessoas patrulhavam a área na base das árvores altas carregando tochas, mas nenhuma delas era a Dobradora de Ar.

— Aquele Dobrador de Fogo magricela com o taparabo de wanoh é Kamao, filho de Baku, o ferreiro — ela disse a Gyatso enquanto apontava o garoto. — Ele não passa por mim sem perguntar se quero segurar a “lança” dele.

— Já não gosto dele.

Malaya então levantou o queixo na direção da outra guarda, uma mulher corpulenta com cabelo preto curto e uma lança. Como de costume, a mulher usava um taparrabo de wanoh sob sua túnica preta sem mangas, apesar de ser tipicamente reservado para homens.

— E essa é Mamamaril. Ela me ensinou a maioria do que sei sobre combate corpo a corpo.

— Espero não ter que lutar com ela — disse Gyatso. — Qual é o plano?

Malaya tirou o arco do ombro.

— Vou atirar nas cordas que seguram as gaiolas no lugar.

— E depois?

— Hum. Elas vão cair.

— Essas árvores devem ter duzentos, talvez trezentos pés de altura. Eles não sobreviveriam.

Malaya cutucou brincando as costelas de Gyatso.

— É aí que entra sua dobra de ar.

— Ah — disse ele. — Você quer que eu amortença a queda deles de alguma forma.

— Acha que consegue fazer isso? — ela perguntou, sabendo que ele não tinha tido nenhum problema com sua dobra de ar desde que lhe contou tudo sobre Yama.

Gyatso assentiu.

— Só tome cuidado para não suavizar tanto a aterrissagem que as gaiolas não se quebrem — acrescentou. —

Estou contando que eles nos ajudem contra Kamao e Mamamaril depois que estiverem livres.

Gyatso olhou para cima.

— E Amihan?

Malaya escaneou o topo das árvores enquanto tirava cinco flechas da aljava em seu quadril.

— Esperamos que ela não esteja por perto.

— De fato.

Malaya cuidadosamente alinhou e encaixou as flechas enquanto saía de trás da árvore. Então ela levantou o arco.

— Espere — disse Gyatso, levantando-se rapidamente.

— Ainda não consigo ver...

Malaya respirou fundo, mirou e disparou.

PONTO DE APOIO



ULO ACORDOU antes do amanhecer. O chefe do clã, acreditando que Roku ainda estivesse dormindo, saiu silenciosamente da cabana e começou a falar com alguém lá embaixo em sussurros. Ele falava baixo demais para que Roku conseguisse entender qualquer coisa. Alguns minutos depois, a conversa terminou, passos se afastaram, e então Ulo subiu novamente a escada, carregando uma cabaça cheia de água.

— Está tudo bem? — Roku perguntou ao se sentar, fingindo que o barulho acabara de acordá-lo.

Ulo assentiu.

— Todos estão empolgados, só isso. Hoje é um grande dia.

Ele se dirigiu ao canto do espaço de convivência e

acendeu as brasas. Derramou água da cabaça em um pote e depois se afastou.

— Como você está se sentindo?

— Melhor. — Roku tossiu algumas vezes. — Mas ainda não estou com toda a minha energia — ele mentiu.

— Com o tempo. — Ulo assentiu e foi até a janela enquanto a água esquentava. — Se alguém deve apreciar o equinócio, é o Avatar, não é? Um dia de perfeito equilíbrio entre luz e escuridão. Um ponto de apoio, como você.

— Sempre preferi o solstício de verão — Roku disse. — Mas você tem um bom argumento.

Quando a água começou a ferver, Ulo preparou as folhas secas de sampaguita que floresciam à noite. Ele encheu uma xícara usando sua dobra de água, deixou as folhas em infusão, então entregou-a a Roku. Roku se sentou, abaixou a cabeça ao aceitar, levantou a xícara aos lábios - então hesitou.

Ulo sempre insistia para que Roku tomasse o chá, mas Roku já tinha visto Ulo beber ele mesmo?

Roku achava que não.

Então se lembrou da descrição de Malaya sobre a aranha fantasma e como ela paralisava sua presa. Talvez a energia baixa prolongada de Roku não fosse apenas um efeito colateral de entrar na Caverna Sagrada sem treinamento. Talvez houvesse algo no chá retardando sua recuperação.

Ele fingiu beber, então abaixou a xícara e suspirou de satisfação.

— Delicioso.

Ulo sorriu.

— Não é mesmo?

Roku assentiu. Fingiu outro gole.

— O que devo esperar quando encontrarmos Yungib?

Ulo acariciou a barba.

— O espírito da caverna aparecerá quando o sol estiver diretamente acima, visível através da fenda no teto. Então começaremos o ritual.

“O sacrifício”, Roku pensou, se Malaya estivesse correta.

— Algo que eu precise fazer?

— Feche os olhos, concentre-se e centralize-se. Sua energia será avassaladora. Ainda mais do que quando você entrou na caverna.

— Certo, meditar. Simples assim.

— E enquanto eu estiver realizando o ritual, não tente usar sua dobra sob nenhuma circunstância. Nem mesmo uma faísca. Os resultados poderiam ser catastróficos. Imagino que você tenha conseguido sobreviver sem treinamento antes porque você é o Avatar. Mas na presença do espírito da caverna, isso pode não ser suficiente.

Olhos fechados. Sem dobra. Isso não parecia suspeito nem um pouco.

— Entendi. E depois? Depois que você fizer sua parte,

você me dirá quando é seguro abrir os olhos, e eu falarei com o espírito?

Ulo balançou a cabeça.

— Meditaremos, e será mais como uma comunhão. Talvez um pouco como entrar no Mundo Espiritual, o que tenho certeza que você conhece bem como Avatar.

Roku fingiu tomar outro gole de chá.

— Claro.

— Quando o sol se mover e sua luz se afastar do centro da Caverna Sagrada, nosso tempo com Yungib chegará ao fim, e o espírito da caverna partirá, deixando energia suficiente para nossos dobradores até o próximo equinócio.

— E o que acontece se você não completar o ritual? — Roku perguntou. — Sem poder extra de dobra por meio ano?

Ulo assentiu, então voltou para a entrada da frente da cabana. O sol estava nascendo, iluminando o céu oriental além do vale. Roku aproveitou sua distração e esvaziou sua xícara na entrada dos fundos.

Ulo se virou um momento depois.

— Então, de fato um grande dia. Limpe-se, tome café da manhã e aproveite as festividades da manhã. Cuidarei de alguns preparativos finais, depois, quando eu voltar, você e eu iremos para a Caverna Sagrada.

Roku fingiu um sorriso.

— Mal posso esperar.

AS ARMADILHAS



ASSIM QUE Malaya soltou sua série de flechas, Gyatso saltou de trás da árvore e girou enquanto balançava seu cajado. Seus movimentos agitaram o ar em uma série de espirais que seguiram cada disparo. Cordas se partiram, pessoas gritaram e bambus se despedaçaram quando as gaiolas caíram no chão e Kamao e Mamamaril gritaram de confusão surpresa.

Os Dobradores de Terra gemeram ao se levantar, e Malaya sentiu um alívio ao ver que sua mira estava correta e que Gyatso havia temporizado sua dobra de ar perfeitamente, evitando que todos caíssem para a morte. Então os Dobradores de Terra se viraram e fugiram.

— Bem — disse Gyatso.

Malaya deu de ombros, colocou seu arco nas costas e soltou um assobio alto e penetrante. Kilat apareceu ao lado de Malaya em um instante, parecendo desorientada pela queda, mas radiante por estar reunida com sua companheira. Elas se abraçaram rapidamente, então a gorila-társio lançou Malaya em suas costas aveludadas.

— Onde está o meu? — perguntou Gyatso.

— Ah, você tem esse cajado maneiro — disse Malaya. — Mantenha Kamao e Mamamaril ocupados. Amihan deve estar por aqui em algum lugar. — Ela deu um toque no ombro direito de Kilat, e a gorila-társio se agarrou à árvore mais próxima e subiu rapidamente. Quando chegaram ao topo, Malaya deu dois toques no ombro de Kilat e elas pararam. Malaya observou a área ao redor enquanto a luz pálida do amanhecer penetrava pelo dossel dos enormes carvalhos cinzentos.

Mas, após apenas alguns momentos, sua preocupação com Gyatso prevaleceu e puxou sua atenção para baixo. Reprimindo a tontura que vinha ao ver todo o caminho até o chão, ela viu que Gyatso havia se colocado entre seus dois contrerrâneos e os Dobradores de Terra em fuga, desviando graciosamente de seus ataques. O Nômade do Ar se abaixou sob um chute de fogo arqueado, desviou de uma série de golpes de lança, girou seu cajado para dispersar uma rajada de chamas e deu um salto mortal para trás, escapando de um golpe rápido. Então Gyatso soprou uma

rajada de ar que fez o Dobrador de Fogo voar como uma folha ao vento. Mas Mamamaril se esgueirou por trás de Gyatso e lançou sua lança em suas costas.

Malaya alcançou seu arco, mas o Nômade do Ar girou e desviou a lança com seu cajado antes que ela o atingisse.

Tudo bem. O Dobrador de Ar sabia se cuidar.

Mas Kamao estava de pé novamente. Malaya puxou seu arco e disparou. A flecha perfurou o ombro direito do garoto, fazendo-o cambalear para o chão enquanto ele gritava de dor. Ela armou outra flecha, mirou em Mamamaril, que ainda tentava empalar Gyatso, e disparou. A flecha assobiou no ar em direção ao alvo, mas desviou abruptamente para a esquerda e cravou-se no lado de um carvalho cinzento. Malaya entendeu o motivo do desvio um momento antes de uma rajada de ar empurrá-la de Kilat.

Malaya agarrou um galho, girou ao redor dele e pousou em cima, agachada. Ela assobiou para Kilat, mas a gorila-társio não apareceu. Ela olhou para cima—Kilat estava lutando com o gorila-társio de Amihan nas copas das árvores.

Rugindo e sibilando, as duas criaturas eram um borrão de garras e dentes. Elas se separaram por um momento, o suficiente para Kilat pular para a árvore seguinte, antes de se chocarem novamente, apenas para se separarem no instante seguinte.

Ela finalmente entendeu. Os Dobradores de Terra

capturados eram isca, e Malaya havia caído diretamente na armadilha.

Houve um chiado agudo e rápido, seguido de uma dor ardente que rasgou o ombro de Malaya como se tivesse sido cortada por uma faca invisível. Malaya cerrou os dentes e se virou. Amihan estava equilibrada em um galho próximo, com as mãos levantadas para atacar novamente.

— Finalmente — disse ela, sorrindo —, um verdadeiro desafio.

Malaya pulou para outro galho justo quando outra lâmina de ar cortou o galho em que estava. Ignorando o corte no ombro, Malaya canalizou seu gorila-társio interior e escalou a árvore. Jatos de ar concentrado mordiam seus calcanhares, cortando e despedaçando a árvore em seu rastro.

Desesperada e quase chegando ao topo, Malaya correu ao longo do próximo galho e se lançou para a árvore vizinha, mesmo sabendo que estava longe demais para alcançar.

— Gyatso! — ela gritou, lutando contra o pânico enquanto começava a cair.

— Peguei você! — gritou o Nômade do Ar em resposta.

Um momento depois, um forte vento a partir de baixo pegou Malaya e a empurrou para frente. Ela flutuou até a próxima árvore e pousou em um galho grosso como um

falcão superdimensionado, maravilhada com o quanto a dobra de ar podia ser tão suave quanto uma nuvem ou afiada quanto uma faca.

— Truque legal — chamou Amihan do galho acima.

Adaga em punho, ela pulou sobre Malaya.

Malaya bloqueou a mão da adaga de Amihan com seu próprio antebraço, torceu-a para longe e deu uma joelhada na lateral da mulher, fazendo-a cambalear alguns passos para trás no galho enquanto recuperava o equilíbrio.

Malaya sacou sua própria adaga. Teria que manter Amihan perto e constantemente engajada para que não pudesse aproveitar sua dobra.

— Não precisamos fazer isso.

— Mas eu quero — Amihan sorriu, então saltou para frente.

O metal brilhou enquanto suas duas adagas cortavam e esfaqueavam o espaço estreito entre seus corpos, muitas vezes errando, mas às vezes não. Com os pés focados em manter o equilíbrio, suas partes superiores tornaram-se um turbilhão de ataques, bloqueios e contra-ataques. Antebraços, mãos e cotovelos bloqueavam, travavam, torciam e afastavam. A batedora mais velha tinha anos de experiência adicional, mas Malaya tinha a velocidade e a agilidade da juventude e tudo o que havia aprendido ao treinar com Mamamaril desde que era pequena.

— Avisei a Ulo que não podíamos confiar em você como batedora — disse Amihan enquanto girava para evitar o próximo golpe de Malaya e balançava para um galho mais baixo. — Você faz muitas perguntas.

— E você não faz perguntas o suficiente.

Amihan cortou o ar com a mão, enviando um jato de vento que cortou a mão que segurava a faca de Malaya. Malaya perdeu a aderência com a dor repentina, deixou cair sua arma, tentou pegá-la, errou, e viu a faca cair.

Amihan sorriu novamente. Com outro corte, usou sua dobra de ar para cortar o galho de Malaya, forçando-a a pular para o galho de Amihan. Sem perder um segundo, a Dobradora de Ar atacou.

Desarmada, Malaya foi forçada a se defender. Ela se abaixou, desviou, bloqueou e girou para longe, às vezes se movendo apenas um milissegundo antes da lâmina de Amihan cortar sua pele, às vezes sentindo a ardência de ter se movido um segundo tarde demais. Ela recuou até alcançar o tronco de madeira cinzenta, então deslizou para o outro lado, mantendo a árvore entre elas enquanto Amihan continuava a atacar.

— Quantas pessoas você matou por Ulo ao longo dos anos? — perguntou Malaya enquanto se movia ao redor do tronco e a lâmina de Amihan afundava na casca onde seu rosto estivera.

— Quantas ele pediu. — Amihan puxou a faca com um grunhido, então cortou em direção a Malaya, mas a garota girou ao redor do tronco, escapando da lâmina mais uma vez. A faca afundou novamente na madeira, mas dessa vez ficou presa.

Malaya chutou o peito de Amihan, fazendo a mulher cambalear para trás e quase cair do galho. Malaya puxou a adaga de Amihan.

— Você não vai tirar mais vidas.

Amihan se equilibrou e rosnou.

— Então você está colocando todo o nosso povo em perigo.

Malaya avançou e começou a atacar freneticamente. Amihan bloqueou a maioria dos ataques, mas estava em clara desvantagem sem uma arma. Sua respiração ficou mais pesada, suas reações mais lentas. O metal mordeu a carne... uma, duas, três vezes. Amihan começou a recuar enquanto seus antebraços se machucavam e sangravam.

Quando Malaya se preparava para terminar a luta, Amihan escorregou. Ela bateu a cabeça no galho com um som desagradável e caiu sem vida em direção ao chão. Mas o gorila-társio de Amihan saltou, pegou a Dobradora de Ar e a levou embora.

Malaya sentiu uma pontada de desapontamento ao ver a dupla desaparecer na distância. Ela limpou o sangue da

adaga, embainhou-a e assobiou para Kilat. Demorou mais que o normal, mas Kilat finalmente chegou. Como sua amazona, a gorila-társio estava ofegante e carregava suas próprias pequenas feridas. Elas se entreolharam com alívio mútuo, então Malaya subiu nas costas de Kilat e desceram a árvore para ajudar Gyatso.

Quando se reencontraram com o Nômade do Ar, não havia mais nada a fazer. Kamao e Mamamaril estavam inconscientes e amarrados. Gyatso estava deitado de costas nas proximidades, soprando uma folha para o ar, deixando-a flutuar para baixo, e depois soprando-a para cima novamente.

Malaya guiou Kilat até lá e pegou a folha de Gyatso no ar.

— Obrigada por ajudar com Amihan.

Gyatso se sentou.

— Parecia que você tinha tudo sob controle.

— Aparentemente, você também. — Malaya acenou com a cabeça para Kamao e Mamamaril.

— Eu não queria me gabar antes, mas sou um Dobrador de Ar muito bom. — Ele levantou seu cajado e executou alguns movimentos complicados.

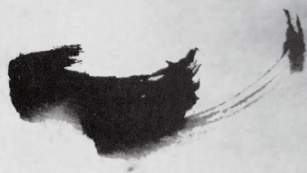
Malaya olhou na direção onde os Dobradores de Terra haviam fugido. Talvez estivessem fugindo para seu navio, talvez não. De qualquer forma, aquela direção levava à vila, então ela e Gyatso ainda não haviam terminado.

Ela se moveu para frente em Kilat para dar espaço e ofereceu a mão para ajudar Gyatso a subir.

O rosto do Nômade do Ar se iluminou com um sorriso largo enquanto pegava a mão dela.

— Finalmente.

FAVORECIDAS PELOS ESPÍRITOS



ULO GUIOU Roku através dos labirínticos tubos de lava em direção à Caverna Sagrada. Eles caminharam em silêncio, honrando a solenidade do momento que se aproximava, iluminados pela lâmpada de Ulo e pela pequena chama que Roku segurava na palma da mão.

Foi uma manhã de celebração. Os aldeões se reuniram ao nascer do sol para orações e meditações comunitárias. Eles compartilharam um farto banquete de ovos fritos, arroz, linguiça temperada de frango-komodo, peixes-bangu fritos e uma variedade de frutas e nozes. As crianças fizeram uma apresentação reencenando o Despertar de Yungib, depois houve danças acompanhadas por gongos e flautas. Por fim, Ulo se encontrou individualmente com cada

aldeão, recolhendo seus pedidos de oração para entregar a Yungib.

Durante tudo isso, o chefe foi gentil, amável e paciente. A imagem de um líder compassivo. Roku imaginava que a maioria das pessoas no clã não compartilhava a resolução moral de Malaya, e que mesmo se soubessem do sangue derramado ao longo dos séculos para manter o isolamento pacífico do clã, muitos apoiariam provavelmente o velho. Certamente, não seriam os primeiros nem os últimos na história do mundo a estarem dispostos a trocar um monte de corpos por sua própria segurança.

O Cidadão do Fogo em Roku acreditava firmemente no direito de um povo de se defender com força quando necessário. Mas quanto mais pensava sobre isso, mais certo ficava de que era desnecessário neste caso. Invadir, intencionalmente ou não, não era motivo para execução sumária. Não se podia tirar a vida de alguém simplesmente porque temia um mal que ainda não havia acontecido. Ele tinha que encontrar uma maneira de impedir Ulo de assassinar os Dobradores de Terra e qualquer outro forasteiro que seu clã encontrasse no futuro.

A abordagem do chefe nem protegeria o clã a longo prazo. Ulo admitiu a Roku que mais pessoas estavam encontrando a ilha nos últimos anos – o que Roku agora entendia significar mais vítimas sacrificadas pelo segredo

deles. Mais cedo ou mais tarde, alguém notaria e viria pelos seus mortos.

Por essa lógica, Roku percebeu outra coisa: ele precisava manter a promessa que fizera sem muito entusiasmo a Gyatso. Acabar com Ulo pararia os assassinatos no curto prazo, mas só pioraria as coisas a longo prazo, gerando mais medo e ódio aos forasteiros entre o resto do Clã Lambak.

Claro, Roku não tinha ideia de como evitaria se tornar um sacrifício literal sem matar Ulo. O melhor que conseguiu pensar foi usar sua identidade como Avatar para tentar apelar a Yungib e convencer o espírito a parar de trocar poder pelo clã em troca de sacrifícios humanos. Se isso não funcionasse, ele teria que encontrar uma maneira de interromper o ritual de Ulo e depois escapar e se reagrupar com Gyatso e Malaya.

– Estamos quase lá, Avatar – disse Ulo enquanto viravam uma esquina.

Roku assentiu e continuou caminhando. Logo, o ar ficou mais úmido e frio. O baixo zumbido de energia que ele sentira da última vez que estivera no subsolo voltou, percorrendo seu espírito e tornando a chama que ele estava usando para iluminar seu caminho novamente um esforço mínimo. Quando Roku recordou a sensação de poder avas-salador, a dupla sensação de tentação e terror voltou.

Eventualmente, eles chegaram ao fim do túnel. Ulo

parou, e ambos contemplaram a visão além do brilho de suas chamas.

Desde que a névoa não cobria mais a ilha, o vasto espaço estava iluminado pelo feixe de luz solar inclinado que entrava pela fenda no centro do teto em forma de cúpula. Supondo que Ulo estivesse falando a verdade, Yungib apareceria quando aquela luz caísse diretamente sobre a colina no centro da caverna. Pela estimativa de Roku, esse momento estava a minutos de distância.

Ulo se virou para Roku.

– Você está pronto?

Roku assentiu, pronto para alcançar a energia que fluía através dele.

– Antes de prosseguirmos, há algo que devo confessar.

– Oh? – Roku se perguntou exatamente como Ulo estava planejando sacrificá-lo. Ele planejava matar antes, durante ou depois do ritual? Ele mesmo o faria, ou Yungib cuidaria disso?

Os olhos sombrios de Ulo seguraram o olhar de Roku.

– O clã acredita que eu me encontro com Yungib a cada equinócio. Que faço as ofertas e sacrifícios necessários, passo os pedidos de oração deles e consulto o espírito da caverna sobre questões que dizem respeito à ilha. Mas isso não é o que acontece.

Roku levantou as sobrancelhas para fingir surpresa.

– É verdade que o espírito vem à caverna. Sua presença inegável preenche todo o espaço.

– E então?

– E então, ninguém sabe por que ele vem. Até onde qualquer um dos chefes do nosso clã sabe, não é possível falar com Yungib, não importa quais ofertas e sacrifícios façamos. Como são inúteis, paramos de fazê-los há muito tempo.

– Pararam, é? – disse Roku friamente.

Ulo assentiu.

– Digo ao clã o contrário porque isso os tranquiliza. As pessoas anseiam saber que são especiais, favorecidas pelos espíritos. Quando se sentem assim, têm muito menos probabilidade de questionar seus líderes, e estamos livres para fazer o que precisa ser feito.

– Para controlá-los.

– Para mantê-los seguros. E confio que você manterá isso entre nós para que eu possa continuar fazendo isso.

– Se você não pode falar com Yungib e acredita que suas ofertas são inúteis, então por que precisa vir aqui? – Roku perguntou. – Você não poderia simplesmente sair da aldeia após as festividades e relaxar nas fontes termais por algumas horas?

– Embora não entendamos por que o espírito chega a cada equinócio, o ritual é necessário para sifonar a energia

espiritual para preencher a Caverna Sagrada antes da partida de Yungib – explicou Ulo. Então, ele limpou a garganta e colocou uma mão áspera no ombro de Roku. – E tenho uma teoria de que poderíamos transferir essa energia para você. Como Avatar, você pode ser a única pessoa viva forte o suficiente para carregá-la após sair desta caverna.

– Ou seja?

– Imagine estar permanentemente no Estado Avatar.

– E por que você gostaria de me dar esse tipo de poder?

– Roku perguntou.

– Tudo o que eu pediria em troca é que você concordasse em ajudar a manter nossa ilha segura enquanto estiver vivo. Você sabe tão bem quanto eu que ela não pode cair nas mãos erradas.

Roku assentiu pensativamente como se a ideia lhe agradasse, como se ele não quisesse tirar a mão de Ulo de seu ombro. Na verdade, achou a proposta assustadora. Ele ainda estava lutando para compreender a responsabilidade que vinha simplesmente por ser o Avatar. E devia haver alguma razão cósmica pela qual só se podia entrar no Estado Avatar quando necessário. Ter acesso a esse tipo de força o tempo todo convidaria a um desequilíbrio profundo.

Não havia atalho para se tornar um Avatar plenamente realizado – como a Irmã Disha lembrava a Roku quase toda vez que ele implorava para começar seu treinamento de

dobra de ar. Apenas alguém que possuísse a paciência e a disciplina necessárias para dedicar anos de sua vida para ganhar um verdadeiro entendimento dos elementos conseguiria usá-los sabiamente. Aqueles que buscavam atalhos para o poder eram os menos dignos dele. Ela estava certa sobre como ele precisava parar de se ver primeiro como um Cidadão do Fogo, então provavelmente estava certa sobre isso também.

De qualquer forma, Roku via claramente através das meias-verdades da proposição graças a Malaya. Muito provavelmente, Ulo planejava assumir esse tipo de poder e acreditava que a maneira de fazê-lo era oferecendo o Avatar a Yungib. Ele só precisava convencer o Avatar a caminhar voluntariamente para o abate.

Ulo olhou para o monte no centro da Caverna Sagrada, e Roku seguiu seu olhar. A luz estava se aproximando do topo.

Yungib chegaria em poucos momentos. O chefe do clã se virou para Roku para obter sua resposta.

Roku respirou fundo, centrando-se. Então, ele assentiu.

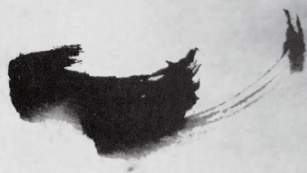
Ulo retribuiu o aceno com um sorriso satisfeito no canto dos lábios, como se soubesse que Roku aceitaria.

– Você está tomando a decisão certa, Avatar Roku. Mas lembre-se, uma vez que chegarmos ao topo da colina, fique parado. Centre-se. Não tente dobrar nenhum elemento. Uma vez que o espírito da caverna estiver conosco, será

como estar na beira de uma cachoeira, e eu não gostaria que você caísse.

Com isso, Ulo apagou a vela em sua lanterna, a colocou no chão e subiu do túnel para dentro da vasta câmara.

Roku extinguiu sua chama e o seguiu, com o coração disparado.

A MÁQUINA

QUANDO CHEGARAM ao topo da colina que dava vista para o vale ensolarado, o coração de Malaya afundou e os braços de Gyatso apertaram sua cintura. A vila de seu clã havia sido destruída.

As encostas em terraços estavam marcadas por grandes faixas de terra nua, as plantas não colhidas arrancadas e arruinadas. Algumas das cabanas haviam sido reduzidas a escombros e destroços, esmagadas sob colossais rochas, enquanto outras estruturas haviam sido rachadas por enormes lanças de pedra que brotaram do chão. Em meio ao caos, sobreviventes cobertos de terra choravam ou vagavam atordoados. Não havia sinal dos Dobradores de Terra, mas a poeira ainda pairava no ar, então eles não poderiam estar longe.

Kilat os levou rapidamente até o restante do caminho. Sem esperar por Gyatso, Malaya pulou da gorila-társio e correu para ajudar. Com o coração na garganta e as mãos trêmulas, ela tentou não pensar em quanto restava de seu clã, como poderiam reconstruir. Nada ficou ileso. Mas quando Malaya chegou à destruição, congelou. Ela não sabia por onde começar, o que fazer.

— Sinto muito — disse uma voz familiar ao lado de Malaya. Era Yuming, com Qixia atrás dela. — Os guardas... eles estavam tão furiosos após termos sido capturados, tão furiosos com os outros que seu povo matou. Tudo o que eles queriam era retaliação. Quando você e aquele Nômade do Ar nos libertaram, eles correram direto para cá para destruir sua vila, e agora estão indo atrás do seu chefe. Qixia e eu tentamos pará-los, mas...

Malaya alcançou a adaga de Amihan.

Gyatso segurou seu pulso.

— Reúna aqueles que podem ajudar.

Malaya cerrou a mandíbula. Afastou a mão da arma. Afastou-se de Yuming sem uma palavra.

Tudo se tornou um borrão enquanto ela se apressava de uma pessoa para outra, verificando cada uma por ferimentos e enviando os que estavam bem o suficiente para ajudar Baku, que parecia ter assumido o controle da situação na ausência de Ulo.

Como se tivesse feito isso mil vezes antes, Gyatso se

movia calmamente pela vila. Ele direcionava uma pessoa a ajudar a carregar um homem inconsciente, outra a buscar água limpa e outra a limpar os escombros. Depois, dirigiu-se ao lado do curandeiro para cuidar de uma pequena menina que sangrava da cabeça.

Mas a explosão inicial de propósito de Malaya se desfez, substituída pela raiva.

Ela se virou e começou a voltar para Kilat.

Notando, Gyatso veio até ela.

— Para onde você vai?

— Encontrar os Dobradores de Terra — ela disse sem parar. — Eles têm que pagar pelo que fizeram.

— Você não pode simplesmente matá-los — ele disse.

— Você que pensa. — Malaya subiu nas costas de Kilat.

— Por favor, eles são engrenagens de uma máquina. É a máquina que precisamos descobrir como destruir.

— E se deixarmos os Dobradores de Terra irem, e eles acabarem matando seu amigo também?

— Roku pode cuidar dele mesmo. O mesmo não é verdade para aqueles que precisam da nossa ajuda aqui.

Malaya respirou fundo enquanto tentava decidir o que fazer. Alcançar os Dobradores de Terra ou ficar e ajudar seu clã?

Finalmente, ela permitiu-se olhar para o rosto suplicante de Gyatso. Então, desceu de Kilat.



Eles removeram os destroços, levantaram pedras, jogaram de lado bambus estilhaçados e madeiras quebradas. Tiraram uma menina pequena dos escombros. Ela estava tão imóvel que pensaram que estava morta, mas estava apenas paralisada pelo choque. Limparam a cabana de Baku e encontraram o corpo sem vida da esposa dele. Encontraram um dos coletores vivo, mas com um pedaço afiado de pedra enfiado profundamente em seu lado. Levantaram uma parede desabada e descobriram a tecelã inconsciente, mas Gyatso soprou vida em seus pulmões.

Os pulmões de Malaya ardiam, seus músculos gritavam, seus dedos sangravam, mas ela continuou trabalhando através da dor. Ela estava tão focada nos esforços de resgate que não percebeu os novos forasteiros até que todos começaram a olhar para cima.

Eram três, montados em dois cães-enguia verde-floresta. As duas montadas juntas eram jovens mulheres – uma musculosa, com cabelo curto e cicatrizes ao longo dos antebraços; a outra esbelta, com a pele tão escura quanto a de Malaya. O terceiro forasteiro, que montava sozinho, era um garoto baixo e atarracado, com longos cabelos negros presos em um pequeno coque e um olhar penetrante e avaliador que lembrava Malaya de Ulo.

Kilat mostrou os dentes e tensionou os músculos.

Malaya sacou sua adaga. Gyatso pegou seu cajado. As criaturas serpentinas e de membros longos sobre as quais os forasteiros montavam se agitavam inquietas no lugar.

O garoto com os olhos flamejantes parecia despreocupado tanto com a destruição que se estendia à frente quanto com a recepção agressiva. Seu olhar caiu sobre Gyatso.

— Dobrador de Ar — ele disse com um tom imperioso —, onde está o Avatar?

SUSPIRO



ULO E Roku seguiram silenciosamente em direção à luz. Seus passos ecoavam pelo espaço amplo enquanto atravessavam a terra batida em direção à colina no centro da Caverna Sagrada. A água pingava de algum lugar nas sombras. As formas escuras de centenas de morcegos adormecidos pontilhavam as pedras acima.

Apesar de concordar com a avaliação de Ulo de que o poder da ilha não podia cair em mãos erradas, ele acreditava que o chefe do clã já havia provado que suas mãos também não eram as certas.

Embora ele pudesse acreditar que assassinar alguns estrangeiros ocasionalmente era necessário para proteger sua comunidade, quantas vidas isso somava ao longo dos séculos? A justificativa para o assassinato era uma ladeira

escorregadia. Ele havia encontrado algo em um pergaminho de meditação Nômade do Ar no Templo do Ar do Sul sobre como, uma vez que alguém desvalorizava uma única vida, desvalorizava toda a vida.

Na época, ele não concordara. Mas estava começando a ver como a morte convidava mais morte.

Por isso, seu plano atual era fazer o que Ulo havia instruído e esperar por Yungib. Mas quando o espírito da caverna finalmente chegasse, Roku não iria esperar passivamente para ser sacrificado. Tentaria falar com ele antes de Ulo e convencê-lo a deixar este lugar para sempre. Ulo disse que nenhum dos chefes do clã havia conseguido falar com Yungib, mas Roku tinha quase certeza de que essa era mais uma mentira destinada a impedir que ele tentasse se conectar com ele. Afinal, o Avatar era a ponte entre os mundos.

Logo chegaram à colina e subiram para a luz. Quando chegaram ao topo, Ulo sentou-se na posição de Lótus e fez um gesto para que Roku fizesse o mesmo em frente a ele. Ele obedeceu e ambos fecharam os olhos. Roku respirou fundo e soltou um longo e lento suspiro. À medida que sua respiração caía em um ritmo constante, ele se concentrou na abundância de energia espiritual já fluindo por seus caminhos de chi e esperou que o sol subisse um pouco mais no céu - esperando que isso acontecesse antes que Ulo tentasse matá-lo.

CABEÇA DE COCO SUPERLISA



— QUEM SÃO vocês? — perguntou Malaya aos três forasteiros, instintivamente colocando-se entre eles e a vila danificada de seu clã.

— Isso não lhe diz respeito — respondeu a jovem corpulenta com cicatrizes de queimadura nos antebraços. A mulher menor, que estava à sua frente, tinha uma corda enrolada na cintura, mas a que havia acabado de falar não carregava armas, e nem o garoto. Deviam ser dobradores.

— Calma, Kozaru — disse a outra jovem, revirando os olhos.

— Não viemos machucar vocês — disse o garoto. Ele examinou a destruição. — Parece que alguém já tentou fazer isso. Dobradores de Terra, talvez?

Malaya ajustou o aperto na faca.

Os olhos do garoto voltaram para ela.

— Estamos apenas procurando nosso amigo Avatar Roku. Por favor, indique-nos a direção e seguiremos nosso caminho.

Gyatso deu um passo à frente.

— Você é Sozin — disse com uma frieza não característica.

— Príncipe Sozin para você — disse a mulher chamada Kozaru.

— Isso é realmente necessário? — perguntou a outra mulher.

Kozaru bufou.

— Respeito pelo nosso futuro líder? Claro. Não que você saiba algo sobre isso, Dalisay.

— Há uma diferença entre respeitar e ser bajulador — disse a mulher chamada Dalisay.

— Do que você me chamou?

O garoto, que aparentemente era o Príncipe da Nação do Fogo, suspirou.

— Você terá que perdoar minhas companheiras. Estamos viajando há muito tempo e poderíamos usar uma pausa uns dos outros. Mas, sim, eu sou o Príncipe Sozin. — Ele olhou para Malaya. — Imagino que você seja uma das nativas.

Malaya encarou Sozin, sentindo que Gyatso estava certo sobre as verdadeiras intenções arrogantes do garoto na ilha.

Sozin inclinou o queixo em direção a Gyatso em seguida.

— A julgar pelo seu cajado, suas vestes e essa cabeça de coco superlisa, você é um dos novos amiguinhos do Avatar do Templo do Ar do Sul.

O Nômade do Ar assentiu.

— Gyatso.

Sozin olhou ao redor.

— Então, onde ele está?

Malaya e Gyatso mantiveram-se em silêncio.

Kozaru gritou:

— Responda ao Príncipe Sozin quando ele lhe fizer uma pergunta! — E então socou o ar, lançando uma rajada de fogo em advertência aos seus pés, que Gyatso extinguiu com um giro fácil de seu cajado.

Sozin olhou para o sol, protegendo os olhos com a mão.

— Para ser honesto, temo que nosso amigo em comum possa estar em apuros. Se você me disser onde posso encontrá-lo, talvez consigamos alcançar aqueles Dobradores de Terra que fizeram isso. E depois que tudo estiver resolvido, prometo que Kozaru e Dalisay ajudarão a limpar aqui.

Malaya olhou para Gyatso. Ele balançou a cabeça levemente. Mas isso não era sobre aceitar a oferta de Sozin por vingança. Ela precisava afastar esses três de seu clã. Ela instou Gyatso com os olhos a confiar nela, então se voltou para Sozin.

— Eu os levarei.

— Nós os levaremos — corrigiu Gyatso.

— Muito agradecido. — Sozin olhou para o céu novamente. — Não vamos perder tempo.

Malaya e Gyatso deixaram Baku e os outros para continuar seus esforços de resgate, então montaram novamente em Kilat. Eles começaram o caminho em direção às cavernas, com Sozin e seus companheiros seguindo em seus cães-enguia.

— Tem certeza de que isso é uma boa ideia? — perguntou Gyatso.

— Claro que não — disse Malaya.

ESCONDA-SE DO MUNDO E ESPERE PELO MELHOR



ROKU E Ulo continuaram meditando enquanto se encaravam no topo da colina central da Caverna Sagrada. O sol do equinócio brilhava através da fenda acima, banhando-os com seu calor, e o silêncio se instalou no espaço. A respiração de Roku permaneceu profunda e constante. Seu batimento cardíaco desacelerou. Seus músculos relaxaram, e ele se preparou para entrar no Mundo Espiritual.

Ele não tinha certeza do que esperar de Yungib. Pelo que ele lera, os espíritos vinham em uma infinidade de formas - coelhos, macacos, peixes, enguias-fênix, dragões, enormes pandas ou corujas, ou lobos, lotos de rabanete falantes ou fungos, ou pedras, insetos gigantes, monstruosidades imponentes. Alguns pareciam humanos. Alguns,

segundo rumores, podiam mudar de forma. Alguns apareciam de um jeito no Mundo Espiritual e de outro no mundo humano. Até ele - como Avatar - era uma espécie de espírito.

Basicamente, os espíritos eram tão diversos quanto a própria vida, e ainda mais. E além de uma variedade de aparências, os espíritos - assim como as pessoas - variavam em como viam a humanidade. Roku esperava que o espírito da caverna fosse um dos tipos mais gentis, ou pelo menos um dos mais benignos.

Ele até ficaria contente com um dos tipos não completamente assassinos.

Enquanto continuava esperando e nada acontecia, Roku começou a se perguntar se "Yungib" era mais uma mentira. Talvez o espírito da caverna fosse simplesmente a ficção central em torno da qual as outras histórias de Ulo giravam. Talvez fosse mais sábio para Roku concentrar toda a sua atenção no velho.

Se chegasse a uma luta, as décadas de treinamento de Ulo lhe dariam a vantagem do controle. Mas Roku superava provavelmente o velho quando se tratava de poder bruto. Ulo havia dito que o Avatar era um tipo especial de receptáculo, e ele devia estar dizendo a verdade sobre isso se planejava sacrificar Roku. No entanto, Roku não podia esquecer o potencial desastre que poderia resultar de chamar esse poder.

E então Roku sentiu.

Na beira de sua consciência, uma energia rugia à distância como um tsunami. Seu estômago se contraiu de medo enquanto a sensação o levava de volta à sua última noite com Yasu, esperando sob uma chuva leve pelas ondas que os atingiriam através da escuridão.

Roku se forçou a voltar ao presente.

Sua percepção do espírito que se aproximava se aguçou a cada respiração até que tudo o mais caiu de sua consciência, incluindo Ulo. Era o turbilhão de movimento constante. Era girar e agitar, empurrar e puxar, pulsar e vibrar - tudo ao mesmo tempo.

Era aterrorizante.

Por que ele achou que seu plano funcionaria? Por que ele achou que poderia ser o Avatar que o mundo precisava antes mesmo de aprender a dobrar um segundo elemento?

Ele não estava pronto para isso.

O desejo de fugir o dominou. O desejo de deixar este lugar, encontrar Gyatso, e voltar para o Templo do Ar do Sul e fingir que a ilha não existia.

Mas não.

Roku não fecharia os olhos, se esconderia do mundo e esperaria pelo melhor.

Ele era o Avatar.

Ele havia aceitado o pedido de Sozin. Ele havia insistido em continuar quando Gyatso queria partir. Ele havia encon-

trado seu caminho até o clã e a Caverna Sagrada e Ulo. Agora, ele tinha que ver as coisas até o fim para garantir que ninguém - nem mesmo Ulo - explorasse o poder do espírito da caverna.

“*Yungib*”, ele chamou em sua mente, esperando que estivesse perto o suficiente para ouvir, “*eu sou o Avatar Roku.*”

A presença caótica massiva que se aproximava da Caverna Sagrada não deu indicação de que registrara o chamado de Roku.

“*Eu sou o Avatar Roku*”, ele repetiu em sua mente, imaginando as palavras mais altas e mais autoritárias. “*Eu sou a ponte entre o reino humano e o Mundo Espiritual.*”

Ainda nada.

Ele tentou novamente.

“*A energia espiritual residual que você deixa nesta caverna é um perigo para o mundo humano. É imperativo que você cesse tais atividades para manter o equilíbrio e a paz.*”

Roku suspirou.

Imperativo?

Cessar?

Por que ele pensou nessas palavras? Ele não falava assim normalmente. Estava tentando impressionar um espírito que nem estava ouvindo.

“*Enfim*”, Roku pensou em direção a Yungib, abandonando o ato enquanto sua “voz espiritual” voltava ao seu registro natural, “*eu realmente sou o Avatar, e preciso que você*

deixe este lugar para que Ulo pare de usar sua energia para matar pessoas. E para que mais ninguém faça isso também.”

Um momento depois, a energia passou por ele como uma onda de choque, mil vezes mais forte do que da última vez que ele entrara na Caverna Sagrada. Os sentidos de Roku se aguçaram. Ele percebeu sua própria aura pulsando em safira. Em frente a ele, a de Ulo ardia em âmbar profundo. Ele sentiu as correntes de ar girando ao redor deles e percebeu o calor do magma fluindo pelo núcleo da ilha.

Aquela sensação de vertigem voltou - de que ele poderia fazer qualquer coisa com sua dobra de fogo que imaginasse. Mas agora estava aprimorada e estendida. Se ele quisesse, poderia incendiar em vez de queimar, incinerar em vez de aquecer, explodir em vez de faiscar. Ele poderia abrir a boca e respirar fogo de dragão ou estender a mão e lançar raios.

Yungib havia chegado.

Mas antes que Roku pudesse chamar novamente o espírito da caverna, a aura de Ulo aumentou - ele estava prestes a atacar.

Roku canalizou seu Dobrador de Ar interior e se preparou para evadir.

OS COMEDORES DE TERRA



— ELES ESTÃO à frente no bosque de bambu de fogo — sussurrou Malaya por cima do ombro para Gyatso, cujas mãos estavam firmemente enroladas em sua cintura enquanto Kilat os levava pelo caminho.

Embora os Dobradores de Terra tivessem tido uma vantagem inicial, os gorilas-társios e os cães-enguias provaram ser rápidos o suficiente para alcançá-los.

— Bosque de bambu de fogo? — Gyatso semicerrava os olhos. — Eu não sei o que é isso, mas não vejo nenhum bambu.

— Está mais adiante — disse Malaya. — Depois da próxima curva.

— Então, como você sabe que os Dobradores de Terra estão lá?

— Você não consegue ouvi-los?

— Você consegue?

Malaya sabia que seus ouvidos eram muito mais sensíveis que os dos outros devido ao seu treinamento, mas supôs que o som dos Dobradores de Terra fosse óbvio para todos. Eles estavam se movendo desajeitadamente pela selva, pisando forte no chão, fazendo barulho na vegetação rasteira, pisando em galhos caídos, empurrando pedras para abrir caminho.

— E a entrada do túnel não está muito além do bosque — acrescentou.

De fato, ao virarem a esquina, os três guardas Dobradores de Terra surgiram a cerca de trinta passos à frente. Eles haviam sido forçados a caminhar em fila indiana pelo caminho estreito que cortava a densa floresta de bambu vermelho. As hastes pálidas se estendiam até onde se podia ver de ambos os lados. Elas balançavam e rangiam ao vento enquanto suas folhas estreitas, vermelhas como sangue, farfalhavam no alto, bloqueando o sol.

Kilat se aproximou do bosque tão silenciosamente que os Dobradores de Terra não perceberam ninguém atrás deles a princípio. Foi apenas quando os cães-enguias se aproximaram com seus bufos e passos pesados que os guardas se viraram.

— Parem! — gritou o guarda mais próximo, com os

punhos cerrados nos quadris em posição de Cavalo. Era um homem alto, calvo, com mandíbula quadrada.

— Ou vamos enterrá-los como seus amigos — ameaçou o terceiro guarda do fim da linha, um jovem atlético com bigode e cabelo castanho longo preso em um coque bagunçado.

A fúria de Malaya explodiu ao ver aqueles que haviam atacado seu clã, diante da ameaça arrogante. Gyatso estava segurando-a para se manter em Kilat, mas parecia que ele a estava segurando para lembrá-la da promessa que fizera de não buscar vingança. Se não fosse por ele, ela talvez já tivesse lançado sua adaga no coração vazio do homem calvo.

— Ah — disse Sozin, ignorando a ordem —, os comedores de terra.

Como o caminho era estreito demais para qualquer um dos animais. Malaya, Gyatso e os outros desmontaram. Os cães-enguias se afastaram, provavelmente para encontrar um caminho alternativo, e Malaya ordenou que Kilat fizesse o mesmo.

A guarda do meio, a mais alta dos três, olhou com raiva para Sozin com olhos verdes brilhantes.

— Estamos apenas procurando o seu chefe — disse ela, confundindo o príncipe com um membro do clã. — Voltem e não machucaremos vocês.

Kozaru sorriu ao lado de Dalisay, como se estivesse animada para entrar em um confronto.

— Eu gostaria de ver você tentar.

Gyatso deu um passo à frente, com o bastão em uma mão enquanto a outra fazia um gesto de calma.

— Não há necessidade de lutar, podemos resolver isso pacificamente.

— Eu não acho que eles estejam interessados nisso — disse Malaya, puxando a adaga que havia pegado de Amihan.

Eles superavam os Dobradores de Terra em cinco contra três, mas o cenário reduzia a vantagem. O chão entre o bambu vermelho pálido estava limpo, exceto por folhas mortas e bainhas de colmo, mas as hastes cresciam muito próximas umas das outras para permitir a passagem. Assim, o único caminho adiante era essencialmente um corredor estreito, com o grupo de Dobradores de Terra esperando a uma dúzia de passos de distância.

— Eu posso liderar — disse Sozin.

Mas antes que ele pudesse, Malaya entrou no bosque. Gyatso se colocou à frente de Sozin, ficando atrás de Malaya. Kozaru e Dalisay seguiram atrás do príncipe.

— Faça do seu jeito — disse o Dobrador de Terra calvo, então lançou um punho para cima, levantando um pedaço de terra do chão.

Ele se abaixou, e a mulher alta com os olhos verdes lançou as mãos para a frente, propelindo a massa adiante.

Malaya deslizou por baixo, e Gyatso balançou seu bastão. O vento atingiu a rocha, quebrando-a enquanto as folhas caídas balançavam contra o bambu.

— Um pequeno impulso, por favor! — chamou Malaya enquanto avançava em direção aos Dobradores de Terra, que já estavam levantando mais pedaços de terra.

— Eu cuido disso — disse Gyatso.

Malaya saltou, e uma rajada de ar a carregou para frente. Ela passou por cima dos Dobradores de Terra e pousou atrás do último guarda, o jovem com bigode. Antes que ele pudesse se virar, ela cortou a parte de trás de sua perna. Ele gritou, então ficou abruptamente silencioso e imóvel, indicando a Malaya que o veneno paralisante de centopeia-basilisco com o qual havia coberto sua lâmina havia feito efeito. Colocando o corpo congelado do Dobrador de Terra com os olhos arregalados de lado, ela lançou sua adaga na guarda mais alta.

Metal chocou-se contra pedra quando atingiu um escudo feito de terra condensada e caiu no chão. O escudo então voou para frente, colidindo com Malaya e a derrubando enquanto se despedaçava. Ela se levantou de um salto, atordoada e empoeirada.

A guarda alta levantou outro pedaço de terra que se dividiu em uma dúzia de discos lançados para frente.

Malaya deslizou para dentro do bambu e eles passaram voando. Ela voltou para o caminho, chutou a Dobradora de Terra no peito e pegou sua adaga envenenada do chão enquanto a guarda tropeçava para trás em seu companheiro calvo, que estava ocupado se defendendo de Sozin e dos outros.

Ela se moveu para atacar a guarda antes que a mulher recuperasse o equilíbrio, mas algo afiado perfurou o ombro de Malaya, fazendo-a deixar cair a adaga.

— Desculpa! — exclamou Dalisay do outro lado enquanto puxava de volta seu dardo de corda.

Malaya ignorou a sensação de ardor no ombro e pegou a adaga novamente. Ela se levantou e girou, mas o punho da Dobradora de Terra atingiu seu estômago. Enquanto Malaya se curvava, sem fôlego, a mulher acertou o rosto de Malaya com o joelho, enviando-a para trás. A dor irradiava de seu nariz sangrando enquanto ela rolava de quatro, ofegando por ar, a cabeça zunindo, a visão turva. A Dobradora de Terra avançou para terminar o trabalho enquanto Malaya procurava desesperadamente a adaga.

Antes que ela pudesse encontrá-la, houve um clarão de calor e brilho, um grito angustiado, o cheiro de madeira e carne chamuscadas. A Dobradora de Terra se virou e se abaixou enquanto uma labareda passava sobre suas cabeças. Ambas se protegeram com os braços enquanto o

chicote de fogo cortava uma vasta área de bambu, fazendo com que hastes cortadas caíssem pelo caminho.

Outra passada do chicote ardente enviou uma segunda onda de bambu caindo.

Quando tudo se acalmou, Malaya finalmente encontrou sua arma, pegou-a e se levantou com considerável esforço. Com as costas da Dobradora de Terra agora viradas para ela, Malaya avançou e tentou atacar a mulher.

Um barulho ensurdecador abalou o bosque quando uma súbita rajada de ar balançou o bambu, agitou as folhas mortas e desequilibrou todos, inclusive Malaya. A adaga de Malaya até voou de sua mão e desapareceu no céu, sumindo como uma pipa cuja linha escorregou por entre dedos frouxos.

Malaya suspirou e amaldiçoou Gyatso interiormente.

Seus olhos caíram sobre os postes de bambu cortados que estavam próximos no caminho, que o chicote de fogo deve ter cortado. Ela rapidamente os avaliou, pegou dois segmentos do comprimento do braço, então os bateu e girou para testar seu peso e equilíbrio. Eles não eram adagas envenenadas, mas serviriam.

Mesmo que a dobra de ar de Gyatso devesse ter sido para poupar a vida de alguém, o conflito recomeçou assim que todos estavam de pé novamente. Chamas ondulantes e terra roncando soavam do outro lado sobre os pedidos de paz de Gyatso e rajadas de vento neutralizadoras periódicas.

A Dobradora de Terra com quem Malaya estava lutando antes avançou, com os punhos agora revestidos de pedra. Malaya entrou em posição de luta e levantou os bastões.

Bambu e pedra batiam juntos ritmicamente enquanto Malaya bloqueava a chuva de socos e chutes da Dobradora de Terra e a Dobradora bloqueava os golpes cortantes e giratórios de Malaya. A cada poucos segundos, a Dobradora de Terra acertava um golpe de raspão ou o bastão de Malaya atingia um braço, costela ou perna, mas nenhuma das duas tinha uma clara vantagem. E à medida que a luta se prolongava, a respiração delas ficava ofegante, a pele escorregadia de suor, e os movimentos e reações começavam a diminuir.

Malaya concentrou todas as suas forças em mais um golpe, planejando girar e se afastar em seguida para ganhar fôlego. Mas quando a Dobradora de Terra levantou o punho de pedra para bloquear, rachaduras finas se espalharam pela rocha.

Os olhos das duas foram para a pedra rachada.

Em vez de recuar, Malaya pressionou o ataque, forçando a Dobradora de Terra a se manter na defensiva. Os golpes incessantes foram quebrando a rocha, pedaço por pedaço, até que a luva de pedra se desfez. Malaya não parou. A guarda tentou absorver a maioria dos golpes com o punho ainda envolto em terra endurecida, mas não conseguia acompanhar a constante barragem dos dois bastões balan-

çando de todos os ângulos. Logo, sua segunda luva de terra se desfez.

— Pare, por favor! Pare! — a mulher gritou, enquanto tentava se proteger com os braços ensanguentados e machucados.

Malaya continuou a atacar. A mulher caiu e se encolheu em uma bola, cobrindo a cabeça com os braços enquanto os golpes choviam sobre ela.

Malaya pensou nos mortos e feridos que haviam retirado dos escombros enquanto seus bastões batiam repetidamente contra carne e osso. Quando Ulo havia ordenado que Amihan acabasse com os Dobradores de Terra antes, Malaya tentara ajudá-los porque acreditava que eles não mereciam a morte. *Agora mereciam.*

— Malaya! — chamou Gyatso. — Pare! Ela já está derrotada!

Quando Malaya não parou, Gyatso a afastou com uma leve rajada de ar e então se colocou entre ela e a guarda Dobradora de Terra espancada. Furiosa com a interrupção, Malaya tentou passar por ele. Mas a maneira como ele olhava para ela — como se ela fosse um monstro — a deteve. Ela abaixou os braços, deixou os bastões caírem de suas mãos e olhou ao redor como se estivesse despertando de um pesadelo.

Gyatso se virou, largou seu bastão e se ajoelhou para ajudar a mulher. O guarda com o bigode, que Malaya havia

paralisado com a adaga, ainda estava vivo, enfiado no bambu onde ela o deixara. Na outra extremidade do caminho, o guarda calvo estava inconsciente no aperto vigoroso de Kozaru, e Sozin estava olhando para Malaya, impressionado. Não havia sinal de Dalisay.

Sozin se aproximou de Malaya.

— Você tem metade do tamanho de Kozaru — disse ele —, mas é duas vezes mais feroz. Eu poderia colocar esses talentos em bom uso se estiver interessada em ganhar algum ouro.

Malaya não disse nada e olhou além do príncipe da Nação do Fogo para Gyatso, que já estava rasgando tiras de tecido de suas vestes para limpar e enfaixar a guarda alta.

Sozin deu de ombros.

— Pense nisso. Mas agora que lidamos com os comedores de terra, continuaremos procurando Roku. Quanto falta para esta caverna?

— Logo após o bosque — respondeu ela vagamente.

— Então vamos seguir em frente. — Sozin passou por ela. Kozaru o seguiu, esbarrando em Malaya ao passar.

— Eu... sinto muito — disse Malaya quando estavam apenas ela, Gyatso e a mulher que ela havia espancado além do necessário. — Eu não consegui me controlar.

Gyatso não respondeu e não se virou. Quando terminou de limpar o sangue, deu um pouco de água à guarda e a ajudou a se sentar à beira do bambu. Seus movimentos

estavam cheios de gentileza e compaixão — em nítido contraste com as ações de Malaya momentos antes.

— Vai doer por um tempo, mas você vai ficar bem — disse ele à Dobradora de Terra.

Malaya imaginou que as palavras eram para ela.

Então Gyatso pegou seu bastão, levantou-se e seguiu atrás de Sozin e dos outros sem dizer nada a Malaya.

Malaya pediu desculpas à mulher e então alcançou o Nômade do Ar.

— Eu não sei o que deu em mim...

As folhas vermelhas farfalharam acima. Seus pés ressoaram no caminho. Após alguns momentos, Gyatso acelerou, deixando Malaya para trás. E ela não tentou acompanhar seu ritmo.

Talvez ela não fosse melhor que Ulo ou Amihan.

Talvez ela estivesse quebrada. Talvez fosse impossível ser diferente, considerando como ela havia sido criada e a vida que havia levado. Ou talvez ela estivesse apenas criando desculpas.

Ela e Gyatso estavam se dando melhor do que ela jamais se dera com alguém antes. Ela até estava tentando reunir coragem para perguntar se poderia partir com ele e Roku depois de tudo isso. Mas isso estava fora de questão agora. Ele provavelmente nunca mais olharia para ela da mesma maneira.

Ela havia revelado que algo feroz e brutal vivia dentro

dela, algo que era antitético a tudo que o Nômade do Ar representava, tudo que ela havia passado a admirar nele.

Talvez essa fosse sua verdadeira natureza.

A cabeça de Malaya virou para a esquerda ao ouvir alguém se movendo na floresta de bambu. Poucos momentos depois, Dalisay, a companheira de Sozin, surgiu à vista, serpenteando entre as hastes ao longe. Quando se aproximou, Malaya percebeu que a mulher segurava a adaga que o vento de Gyatso havia soprado durante a luta.

Malaya ficou tensa.

Mas quando Dalisay alcançou Malaya, ela estendeu a lâmina em forma de gota, oferecendo o cabo.

— Eu me senti mal por acertar você acidentalmente com meu dardo de corda, então fui procurar sua adaga.

— Não é minha — disse Malaya, mas não estendeu a mão para pegá-la.

— É extremamente bem feita — disse Dalisay, olhando para o metal preto-avermelhado. — Que tipo de aço é esse?

— É feita de elementos locais — disse Malaya, então se virou para seguir Gyatso. — Pode ficar com ela.

IRREPARÁVEL



GYATSO AINDA não disse nada a Malaya quando alcançaram Kozaru e Sozin na entrada dos túneis. Dalisay não estava muito longe, ainda admirando sua nova adaga, enquanto os cães-enguias e a gorila-társio não estavam em lugar algum. O sol ainda estava diretamente acima, mas começava a descer lentamente.

— Então, este é o seu... Como você chama? Túnel secreto? — Sozin sorriu, olhando para a escuridão que se abria. Malaya podia perceber que ele estava apenas fingindo ceticismo. Ela sentia, por trás de sua arrogância, tanto a preocupação genuína pelo amigo quanto o interesse pelo poder da ilha. Só não sabia qual deles era maior.

— É a entrada para os túneis que levam à Caverna

Sagrada — Malaya corrigiu. — É onde eles provavelmente estão.

— Suponho que seja como um labirinto lá embaixo? — Malaya assentiu.

— Então você terá que me mostrar o caminho.

Malaya hesitou. Se Gyatso estivesse certo de que a verdadeira motivação do amigo de Roku era o poder lendário da ilha - uma possibilidade que o próprio Roku havia reconhecido relutantemente -, então, levar Sozin à Caverna Sagrada era a última coisa que ela deveria fazer.

Ao mesmo tempo, que escolha ela tinha? Ela e Gyatso não poderiam enfrentar os três Cidadãos do Fogo, mesmo que ela não tivesse medo do que poderia fazer se segurasse a adaga novamente. E, embora Gyatso confiasse que Roku cuidaria de Ulo, Gyatso não conhecia Ulo como ela conhecia, não importava o quanto ela já tivesse compartilhado. Roku precisaria de ajuda.

— Está bem — disse Malaya. — Vamos.

O sorriso de Sozin se alargou, seus olhos dourados ficaram mais famintos.

Todos começaram a descer os degraus esculpidos no lado da cova de terra que levava à entrada arqueada nas rochas, mas Sozin estendeu a mão para impedir Kozaru, Dalisay e Gyatso.

— Apenas a garota e eu — ele disse.

Kozaru deu de ombros e se sentou em uma rocha

próxima. Dalisay revirou os olhos, murmurou algo sobre uma biblioteca e saiu irritada. Gyatso balançou a cabeça.

— Se ela for, eu vou — ele disse.

A esperança acendeu-se dentro de Malaya. Talvez sua violenta perda de controle não tivesse arruinado completamente o que estava crescendo entre eles.

— Que doce — Sozin disse. — Mas não.

Gyatso não se moveu.

— Por que não?

— Eu não preciso de você. E, para ser honesto, não confio em você.

— Você não confia em mim? Sou um Nômade do Ar.

— Exatamente — Sozin disse. — Como meu pai sempre diz, nunca confie em alguém que não come carne.

— Isso é realmente algo que ele diz? — Kozaru perguntou.

— É — Sozin disse.

— Palavras sábias de um Senhor do Fogo sábio — Kozaru disse, assentindo sabiamente enquanto tirava um punhado de carne seca de rinoceronte-Komodo de sua sacola.

Embora mais baixo, mais magro e mais jovem que Sozin, Gyatso deu um passo em direção ao Príncipe da Nação do Fogo.

— Se há alguém em que não se deve confiar, é você.

O sorriso de Sozin transformou-se em algo sinistro enquanto ele olhava nos olhos de Gyatso.

— É mesmo?

— Eu não entendo como Roku poderia ser amigo de alguém como você.

— Com uma cabeça tão pequena, tenho certeza de que há muitas coisas neste mundo que você não entende.

Os nós dos dedos de Gyatso ficaram brancos enquanto ele apertava o bastão com mais força.

— Quer tentar alguma coisa, pequeno Dobrador de Ar? Você nem tem suas setas ainda. — Sozin ergueu a mão e deu um peteleco no centro da testa de Gyatso.

Malaya puxou Gyatso antes que ele pudesse reagir.

— Está tudo bem — ela disse, instigando o Nômade do Ar a recuar.

— Salvo por sua namorada — Sozin disse.

Gyatso exalou, então desviou os olhos de Sozin e virou-se para Malaya.

— Você tem certeza? — ele perguntou, com tom suave.

— Vou ficar bem — ela disse. E então acrescentou: — Confie em mim como confiou em Roku.

Gyatso assentiu, então abraçou Malaya. Seu coração se encheu. Era a primeira vez que alguém a segurava assim.

— Tenha cuidado — ele sussurrou no ouvido dela.

— Vou ter — ela disse. E então, — Gyatso?

— Sim?

Ela se afastou e olhou nos olhos dele.

— Você acha que algumas pessoas nascem quebradas?

— Não — ele disse, sem hesitação. — Há coisas neste mundo que podem nos quebrar, mas aprendi que sempre há uma maneira de curar.

Malaya piscou para afastar as lágrimas.

— Talvez, depois que tudo isso acabar, eu possa voltar ao Templo do Ar do Sul com você?

Gyatso sorriu.

— Eu gostaria disso.

Um estrondo abafado sacudiu o chão, fazendo todos cambalearem. Todos os olhos se voltaram na direção do vulcão distante, uma fatia do qual era visível no horizonte através das árvores. Mas parecia intocado.

— Se isso não foi uma erupção, então o que foi? — Dalisay perguntou.

— Roku — Sozin disse, com o rosto gravado de preocupação. Então seus traços se endureceram enquanto ele se virava para Malaya. — Vamos.

Outro estrondo sacudiu a terra quando Malaya se virou para Gyatso para dizer um último adeus, mas Sozin a agarrou pelo pulso e a puxou. Ele a arrastou pelos degraus até a entrada do túnel, soltando-a assim que entraram para que ela pudesse mostrar o caminho.

Talvez ela não estivesse além de conserto, mas Sozin era exatamente como Ulo. Ele não deixaria Gyatso ou ela vive-

rem, e certamente não voltaria para ajudar seu povo. Ele não queria deixar testemunhas que pudessem espalhar notícias de suas atividades não autorizadas. Pessoas como ele nunca mudam e nunca deveriam liderar, seja um clã ou uma nação. Ela faria daquele túnel o túmulo dele ou morreria tentando.

UM ESPÍRITO DE TODAS AS NAÇÕES



— PARE DE dobrar fogo! — gritou Ulo do alto da colina. —
Você vai destruir a caverna!

E talvez ele estivesse certo. Quando Roku tentou lançar um simples jato de chama, uma explosão de fogo branco saiu de seu punho por vários segundos, ultrapassando Ulo e queimando um buraco na parede que abalou toda a caverna. Quando Ulo enviou mais lanças de gelo em sua direção, Roku levantou uma parede de chamas para se defender que subiu até o teto e abriu novos rasgos na terra acima. E quando Roku tentou dobrar suas chamas em adagas, elas crepitaram em suas mãos como raios que queimaram suas palmas tão dolorosamente que ele teve que deixá-las dissipar.

Os ataques descontrolados de Roku eventualmente

forçaram Ulo a recuar, deixando o topo da colina desocupado, e Roku lançou-se para cima em jatos flamejantes para tomar a posição elevada - mas as chamas sob seus pés aumentaram e se transformaram em uma coluna de fogo. Estendendo-se até o chão, envolveram a metade inferior de seu corpo e o propelaram mais rápido e mais alto do que ele pretendia. Uma esfera flamejante o envolveu enquanto ele se chocava contra o teto de pedra, fazendo escombros caírem. A esfera e a coluna desapareceram tão rapidamente quanto apareceram, e Roku despencou de cara em direção ao chão.

Ele fechou os olhos e protegeu o rosto para se preparar para o impacto. Mas, ao fazer isso, a revisão de Ta Min sobre a crença da Irmã Disha inesperadamente veio à mente: Ser o Avatar significava ser um espírito de *todas* as nações.

Confiar apenas nas táticas de evasão dos Dobradores de Ar não funcionou. Recorrer à ofensiva avassaladora da dobra de fogo não funcionou. Não se tratava de tentar ser uma coisa ou outra, alternando entre modos ou estilos como jogar Pai Sho usando uma estratégia para um jogo e depois mudando para outra estratégia no próximo.

Ele tinha que usar fogo e ar juntos. Ele tinha que incorporar ambos os elementos simultaneamente.

O que significava que ele precisava não apenas agir como um Dobrador de Ar, mas dobrar realmente o ar.

Roku exalou e abriu os olhos. Enquanto suas vestes

esvoaçavam como asas esfarrapadas, ele moveu os braços em um movimento espiral que viu Gyatso executar e se concentrou em dobrar o ar que corria contra seu corpo, manipulando-o para voar como um bisão voador ou planar como um Nômade do Ar. Ele só esperava que a energia transbordante de Yungib compensasse sua completa falta de treinamento.

Ele não levantou voo, mas sentiu-se desacelerar. E, enquanto se aproximava do chão, uma almofada giratória de ar suavemente o colocou de pé.

Ele sorriu.

Ele tinha finalmente conseguido.

Ele havia usado a dobra de ar pela primeira vez.

Mas foi mesmo a primeira vez? Ele se perguntou como sobreviveu à queda na noite em que caiu nas cavernas, talvez essa fosse a resposta. Talvez ele tivesse acessado inconscientemente sua dobra de ar para se salvar. E então ele pensou em seus movimentos que o ajudaram a evitar os ataques de Ulo. Dobradores de Ar usavam sua dobra para ajudá-los a se mover mais rápido ou pular mais alto, então talvez ele estivesse dobrando o ar o tempo todo. E talvez fosse por sua falta de força na dobra de ar que isso não o sobrecarregou da mesma maneira que sua dobra de fogo.

— Aquela queda deveria ter acabado com você — disse Ulo, tendo recuperado sua posição no brilho da luz que iluminava o topo da colina. Mas havia uma leve inclinação

no feixe de luz agora. Ele tinha que parar Ulo e falar com Yungib.

Roku se recompôs e deu de ombros, na base do monte novamente.

— Eu sou o Avatar.

Ulo caiu em uma postura ampla e balançou os braços ao redor. A água começou a fluir por todas as aberturas no teto, todas as rachaduras nas paredes da caverna. Descia como centenas de cachoeiras repentinas, como se Ulo quisesse encher a caverna como uma bacia, drenando todos os riachos e rios e lagos da ilha, cada gota de umidade do ar, das nuvens e da floresta acima.

Roku considerou aumentar a temperatura do ar para evaporar a água antes que Ulo pudesse usá-la, mas não queria transformar Ulo, ou a si mesmo, em cinzas. Ainda assim, ele tinha que fazer algo. Dado os ataques que Ulo tinha conseguido lançar até o momento usando uma quantidade mínima de umidade, Roku não estava ansioso para lutar contra o chefe do clã cercado por seu elemento.

Roku ajustou sua postura, os pés chafurdando na água rasa que já cobria o chão da caverna. Ele tomou a respiração mais profunda que já tomou em sua vida, encheu os pulmões, segurou, focou e exalou com toda sua energia.

Um vendaval saiu de seus lábios, abrindo um caminho empoeirado pela colina enquanto atingia Ulo e o lançava nas sombras no ponto mais distante da caverna. O corpo do

chefe do clã bateu contra a parede distante e caiu no chão molhado com um *splash*. Ele não se levantou. E quando a água que ele estava trazendo para o espaço rapidamente diminuiu para uma névoa gotejante, a forma distante de seu corpo deitado na água rasa permaneceu imóvel.

Roku tentou fazer a área onde Ulo caiu congelar para ganhar algum tempo, mas descobriu que ainda não conseguia acessar sua dobra de água, mesmo com a ajuda da energia de Yungib.

Contando que Ulo permaneceria inconsciente por pelo menos alguns minutos, Roku subiu novamente em uma coluna giratória de fogo, desta vez usando sua dobra de ar para desacelerar sua ascensão e controlar seu movimento. Ele puxou uma corrente de ar que o carregou para a frente e pousou no ponto de luz no topo da colina. Roku rapidamente se sentou, fechou os olhos e pressionou os punhos juntos. Ele bloqueou tudo, até mesmo o medo de que Ulo certamente atacaria a qualquer momento.

Ele se concentrou.

Esvaziou-se.

Liberou.

Alcançou.

Como um unagi mergulhando nas profundezas do mar, Roku lançou seu ser para além deste mundo, impulsionado pela energia de Yungib.

E quando ele abriu os olhos, não se encontrou sentado

em uma caverna. Nem se encontrou em alguma forma luminosa diante de um espírito ameaçador. Ele não percebia mais um “eu” físico.

Ele era uma consciência à deriva, imersa em pura energia espiritual.

A energia fervia e se agitava, caótica e violenta. Era como se duas grandes ondas estivessem colidindo incessantemente, ambas se recusando a ceder, a acomodar, a se misturar mesmo que minimamente. Ao mesmo tempo, o que quer que estivesse acontecendo ali não parecia uma batalha ou uma luta. Roku não sentia animosidade agitando a turbulência, nenhuma intenção de conquistar ou subjugar.

Havia turbulência, mas também havia equilíbrio. A confluência de energias era tão crua e pura quanto um maremoto, um tufão, um terremoto ou um incêndio florestal. Por mais destrutivos que esses eventos pudessem ser para a humanidade, nenhum deles era inerentemente mau. Eram processos naturais destinados a aliviar a pressão e restaurar o equilíbrio.

E Roku entendeu.

O que o Clã Lambak chamava de “*Yungib*” não era um espírito, mas sim dois. Eles estavam colidindo em um espaço no Mundo Espiritual que correspondia à Caverna Sagrada da ilha no mundo humano. Roku nem sequer conseguia começar a discernir o que eles eram ou por que

se enfrentavam. Mas o equinócio devia desempenhar um papel vital, atraindo ambos os espíritos para cá ao mesmo tempo, e gerando um fenômeno sobrenatural tão intenso que ressoava através do véu.

Por um lado, essa clareza trouxe a Roku um profundo senso de alívio. Sua compreensão cortou as mentiras e ficções deliberadas de Ulo e permitiu que ele compreendesse os contornos da situação. Por outro lado, seria inútil tentar persuadir "Yungib" a deixar este lugar para que os humanos não explorassem seu poder. Ele poderia muito bem jogar Pai Sho contra a maré.

Ou seja, Roku não tinha ideia do que fazer a seguir.

SEU ÚLTIMO ATO



SOZIN SEGUIA Malaya tão de perto enquanto ela corria pelos túneis em direção à Caverna Sagrada que ela sentia o calor das chamas dele ardendo em suas costas.

— Anda logo — ele ordenou. Apesar do tom arrogante, a preocupação com seu amigo era óbvia. Quanto mais profundamente eles avançavam no sistema de túneis sinuosos, mais frequentes e intensas se tornavam as explosões que sacudiam a terra. Será que sua fachada enganava alguém?

— Estou indo o mais rápido que posso — Malaya disse entre respirações ofegantes. Seus pulmões ardiam, cada músculo doía, e seus pés pareciam ainda estar presos em pedra. Era apenas meio-dia, e sua manhã havia consistido em libertar os Dobradores de Terra, duelar com Amihan,

escavar a vila destruída para ajudar o máximo de pessoas possível, lutar contra os Dobradores de Terra responsáveis por essa destruição, e agora isso. Esperançosamente, matar o Príncipe da Nação do Fogo seria seu último ato do dia.

Embora ela nunca tivesse pisado na Caverna Sagrada, sabia o caminho de cor; seu senso de direção era tão bom que, quando criança, muitas vezes era encarregada de entregar provisões ou mensagens aos dobradores que trabalhavam ou treinavam lá. Então, ela guiava Sozin pelos antigos tubos de lava com confiança, nunca hesitando em escolher o caminho correto quando os túneis bifurcavam ou se dividiam em níveis. A única coisa além de sua exaustão que retardava seu progresso eram as instâncias ocasionais em que tinham que escalar ou contornar escombros que haviam caído no caminho devido aos tremores intermitentes que sacudiam a terra. Nada disso tornou o caminho intransitável até agora, e ela esperava que continuasse assim até o fim. Ela precisava chegar até Roku e ajudá-lo de qualquer maneira possível, só planejava acabar com Sozin primeiro.

Seu plano atual era esperar até que chegassem à próxima seção semi-colapsada do túnel, passar primeiro, encontrar uma pedra pesada e acertar a cabeça dele, quando ele passasse.

Quando tudo isso acabasse, ela diria que ele foi esmagado por pedras que caíram.

Se ninguém acreditasse nela e ela tivesse que enfrentar as consequências de matar o Príncipe Herdeiro da Nação do Fogo, que assim fosse.

Não era seu melhor plano, mas ela estava sem opções. Ela havia abandonado seu arco e flechas há muito tempo, havia dado sua adaga a Dalisay, e estava tão exausta que quase desmaiava. Não havia como ela enfrentar um Dobrador de Fogo habilidoso em combate corpo a corpo e vencer.

Mesmo que ela tivesse sucesso, Malaya não mentiria para Gyatso. E depois que ele soubesse que ela havia tirado a vida de Sozin, provavelmente perderia sua amizade para sempre. Ela teria que viver com isso também. Por mais que o mundo precisasse de pessoas tão gentis e amáveis quanto ele, também precisava dos endurecidos para manter os cruéis sob controle, para os gentis poderem continuar sendo gentis. Se qualquer um deles - e os outros membros de seu clã - sobrevivessem a este dia, ela teria que acabar com essa ameaça.

E dado o tipo de líder que ela suspeitava que Sozin estava prestes a se tornar, ela também poderia estar fazendo um favor às gerações futuras.

Gyatso estava certo de que Roku tinha muita história com Sozin para ver isso claramente, mas ela tinha certeza de que o Avatar havia chegado a uma conclusão semelhante sobre Ulo.

Ela e Sozin continuaram correndo pelos túneis, os sons de suas respirações pesadas e passos rápidos preenchendo o espaço entre as explosões distantes que ecoavam pelo subterrâneo.

— Posso sentir — disse Sozin quando passaram pela última bifurcação. — Estamos quase lá, não estamos?

— Sim — Malaya disse, enojada com como a empolgação dele parecia ofuscar sua preocupação agora que se aproximavam da Caverna Sagrada. — Quase no fim.

Poucos momentos depois, o caminho deles foi bloqueado por uma parede de escombros. Era exatamente o que Malaya estava esperando. Enquanto se aproximavam, sua boca ficou seca. Seu coração conseguiu bater ainda mais rápido do que já estava. Uma sensação de vazio se instalou em seu estômago. Ela lembrou que os humanos eram outro tipo de animal e que matar alguém como Sozin era ainda mais justificável do que tirar a vida de todas aquelas criaturas inocentes que ela havia caçado ou capturado ao longo dos anos para encher seu estômago.

Sozin passou por ela e lançou uma rajada de fogo que abriu uma pequena passagem através das pedras caídas ao longo da parede.

Malaya se preparou para passar primeiro, mas Sozin agarrou seu braço, o rosto iluminado pelo brilho da chama que ele segurava na palma da mão.

— Eu primeiro.

A mente dela procurou uma razão lógica para discordar, mas não encontrou nada. Ela recuou e mudou seu plano.

Ela deixaria ele passar e o atacaria por trás quando sua atenção inevitavelmente se voltasse para a caverna.

Sozin soltou Malaya e se espremeu pela abertura estreita, levando a luz, deixando Malaya quase na escuridão total.

— Vamos — Sozin instigou do outro lado.

Malaya olhou para o chão e pegou um fragmento de pedra afiado, aproximadamente do tamanho e formato de uma pequena faca. Teria que servir. Ela respirou fundo, preparou-se e passou pela abertura.

Sozin estava esperando do outro lado em uma postura de ataque angulada.

— Obrigado pela ajuda — ele disse, então girou o corpo em um chute de fogo que acertou Malaya com força no rosto e queimou sua bochecha.

Malaya cambaleou para trás, balançou a cabeça para se recompor e avançou com o fragmento de pedra na mão. Ela sentiu a pedra perfurar o estômago dele um momento antes dele afastar seu braço e bater a cabeça contra a dela.

A dor atravessou o crânio de Malaya. Sua visão duplicou e ela perdeu o equilíbrio. Um punho atingiu seu estômago, tirando o ar de seus pulmões e jogando-a contra a parede do túnel. Ela tentou e falhou em se levantar... estava muito

lenta e tonta, e sua cabeça ainda estava zunindo como se o mundo estivesse se partindo.

Um momento depois, foi consumida pelo fogo.

Pelo menos, ela pensou, naquele momento final, antes que a dor excruciante a dominasse, ela tentou.

A QUASE DESVENTURA COM O DESTINO



SOZIN SE afastou enquanto o fogo se apagava. Ele não queria ver o corpo. Kozaru havia garantido que ele sentiria cada vez menos a cada vida que tirasse, mas ainda era apenas a sua segunda vez, e a primeira que ele havia tirado intencionalmente. Pelo menos, ninguém estava lá para testemunhar suas mãos trêmulas ou seu rosto pálido. Mesmo assim, ele fez o melhor para se acalmar e continuar seu caminho.

Ele não queria matar a garota... ele gostava de mulheres fortes e talentosas, e a oferta para que ela se juntasse à sua guarda real foi sincera.

Então, não era nada contra ela. Ele não teve escolha a não ser atacar primeiro e fazer o que precisava ser feito para alcançar seu amigo.

Infelizmente, no momento em que conheceu Malaya, ele viu em seus olhos que ela eventualmente tentaria matá-lo. Esse era sempre o problema com mulheres ferozes que pensavam demais. Ferramentas úteis até que deixassem de ser. Era apenas uma questão de tempo até que a mente de Dalisay também a levasse ao limite. Por mais que Sozin tivesse passado a gostar de sua companhia, ele estava preparado para fazer o que fosse necessário se não conseguisse mantê-la na linha.

Trazendo o foco de volta ao presente, Sozin verificou a ferida de facada em seu estômago que ela conseguiu infligir antes que ele afastasse sua mão. Era mais profunda do que ele pensava, mas não importava. Ele soltou sua túnica, sacudiu as mãos e correu em direção à Caverna Sagrada.

Ele precisava ajudar Roku. Seu amigo era habilidoso, mas não era um verdadeiro lutador e sempre faltava a ferocidade e a determinação necessárias para desferir o golpe final. Ele nunca havia lutado um único Agni Kai; Yasu sempre intervinha em seu lugar, e Sozin assumiu essa responsabilidade após a morte de Yasu.

Não, Roku não estava preparado para ser o Avatar. Não como Yasu, que havia nascido minutos antes de Roku. Não como Sozin, que havia nascido minutos antes de Yasu. Talvez, ele pensou, não pela primeira vez, que tudo isso fosse algum erro cósmico.

Não importava. Sozin havia superado essa quase

desventura com o destino na noite passada na Biblioteca Espiritual. Mesmo que as areias enterrassem aquele lugar antes de seu retorno, ele já havia adquirido conhecimento suficiente para obter o tipo de poder que precisava para ajudar seu pai a assegurar o futuro da Nação do Fogo por gerações. Talvez até o tipo de poder que poderia rivalizar com o do Avatar.

Quanto mais Sozin descia, mais ele percebia que tudo havia ficado quieto. Não havia mais explosões abafadas soando à distância. Não havia mais tremores sacudindo o chão. Não havia mais clarões iluminando a escuridão à frente. Até o som da água corrente havia se aquietado.

Ele estava atrasado? Perdeu a luta? O chefe do clã já havia acabado com Roku?

Sozin apagou sua luz e acelerou. Ele viu um brilho fraco à distância e sentiu o ar mudando conforme o corredor se alargava.

Quanto mais ele corria, mais o brilho aumentava e o túnel se ampliava até finalmente se abrir em uma vasta caverna tão grande quanto o Palácio Real.

A Caverna Sagrada.

Sozin parou na entrada do túnel para avaliar a situação. Roku estava sentado em um raio de sol em uma pequena colina cercada por água rasa no centro da câmara. Seus punhos estavam pressionados juntos, seus olhos estavam fechados. Parado como uma estátua, parecia que ele estava

em profunda meditação. E, pelo que Sozin podia perceber, ele estava sozinho.

A luta acabou... Roku tinha realmente vencido?

Sozin colocou as mãos em volta da boca e gritou:

— Roku!

Mas Roku não se moveu um milímetro.

Sozin saiu do túnel para acordar seu amigo e tropeçou quando foi instantaneamente dominado pela sensação mais eufórica que já experimentara em sua vida: poder bruto.

Ele se endireitou e flexionou os dedos. Energia percorria seus caminhos de chi como chamas ardentes em uma fornalha.

Ele só precisava abrir a porta da fornalha para canalizar a energia em qualquer um dos poderes lendários de dobra de fogo que ele ansiava por toda a vida sem necessidade de desperdiçar anos com treinamento árduo, sem necessidade de priorizar. Protegida por uma força indomável como essa, a Nação do Fogo poderia estar verdadeiramente segura, verdadeiramente livre. Se ao menos pudesse durar.

Um som à distância o trouxe de volta ao presente.

Alguém estava na outra extremidade da caverna, avançando pela água em direção a Roku.

Então a luta não havia acabado.

— Roku! — gritou Sozin enquanto começava a se aproximar. — Alguém está vindo!

Os olhos de Roku permaneciam fechados, a milhas de distância.

Antes que Sozin pudesse gritar novamente, um velho usando uma tanga antiquada saiu das sombras do outro lado da colina. Seu longo cabelo branco e barba contrastavam com sua pele marrom escura, e seus olhos cheios de raiva pareciam brilhar em azul na penumbra enquanto ele avançava, cercado por um anel fluido de água. No momento seguinte, o anel se fragmentou em vários longos segmentos que se solidificaram em gelo e dispararam em direção ao Avatar desatento.

Sozin deslizou o pé da frente para frente e mudou de forma para dobrar uma barreira de chamas que derreteria as lanças de gelo que estavam a caminho para empalar seu amigo.

Mas no momento em que Sozin liberou a energia, ele soube que algo havia dado terrivelmente errado.

CALOR SE ESVAINDO



UMA EXPLOSÃO retumbante interrompeu a concentração de Roku, e ele voltou ao mundo humano a tempo de ver um cegante jorro de chamas azuis se extinguir perto da entrada da caverna.

A onda de choque da explosão chegou um instante depois, e Roku abaixou a cabeça e guiou o ar escaldante ao seu redor, de modo que o pior passasse inofensivamente.

Assim que passou, ele levantou o olhar novamente. À distância, havia uma imensa cratera chamuscada com alguém deitado inconsciente no centro.

Gyatso?

Roku voou para frente em um jato de fogo, dobrando o ar para não perder o controle. Ele cruzou a distância em

segundos, pousou desajeitadamente por perto e correu até o corpo.

— Sozin? — ele disse, chocado.

Os olhos de Sozin estavam fechados, e seu corpo imóvel. O medo gelou Roku ao sentir o calor de seu amigo se esvaindo rapidamente.

Sozin deve ter entrado na caverna e usado sua dobra de fogo sem perceber que não conseguiria controlar o fluxo de energia. Mas por que ele estava aqui? E por que ele usaria sua dobra de fogo ao ver Roku? A menos que...

Roku se virou rapidamente. O chefe de barba branca havia retornado à colina e balançava enquanto esticava os braços, os puxava e os empurrava novamente. Uma onda imensa surgiu das sombras, erguendo-se à metade da altura de um Templo de Fogo enquanto atravessava rapidamente a caverna.

Roku protegeu Sozin com seu corpo e usou a dobra de ar para envolvê-los em uma esfera giratória de vento enquanto a onda desabava sobre eles. A água passou por eles durante o que pareceu uma eternidade, mas Roku segurou Sozin e manteve a barreira. Depois que o mundo se acalmou, ele se levantou e se virou para Ulo, com os punhos e mandíbulas cerrados, espírito ardendo de raiva justa.

Esqueça sua promessa a Gyatso. Roku não perderia ambos os irmãos.

Roku se posicionou ofensivamente, empurrou a palma

da mão para frente, mas reteve a liberação do fogo. Em vez disso, deixou sua energia de dobra de fogo se acumular, sem tentar se conter. Um fio de fogo azul brotou da base de sua palma e permaneceu no lugar, expandindo-se à medida que ele o carregava com sua raiva. O ar ao redor tremeluzia e tremia enquanto a chama vacilante crescia.

Ele a liberou.

Um jorro espiralado de chamas iridescentes irrompeu da palma aberta de Roku, incinerou a colina e preencheu toda a câmara.

O mundo tremeu enquanto calor e fogo saturavam o espaço e se expandiam. A pressão crescente era demais para conter; a Caverna Sagrada tremeu e então cedeu. O teto se despedaçou e desabou.

DUAS CHAMAS



ROKU ABRIU os olhos e se viu em uma densa névoa branca. Ele não conseguia ver nada, mas sentia seus pés sobre uma pedra sólida e plana. O ar que circulava ao seu redor tinha um gosto fresco e frio. Seu corpo parecia leve como o vento.

Gradualmente, a névoa se dissolveu, e o portão do santuário do Templo do Ar do Sul tomou forma diante dele. A enorme porta de madeira arqueada estava bem fechada, com a tubulação em espiral embutida no centro, mantendo-a trancada para qualquer um que não pudesse dobrar o ar.

Exceto que agora Roku era um Dobrador de Ar.

Ele respirou fundo, concentrou sua energia e deu um longo passo à frente com o pé direito enquanto empurrava as mãos para frente com os punhos meio fechados. Correntes de ar se lançaram, entrando nas aberturas de

cada lado do mecanismo de trava da porta. O vento chiou ao passar pelos tubos entalhados. As três estruturas em forma de concha, dispostas em um padrão triangular, giraram conforme o ar passava, cada uma emitindo um tom baixo e reverberante. Quando as três começaram a harmonizar, uma peça no meio girou, e as pesadas portas se abriram para dentro.

Roku entrou.

As estátuas de suas vidas passadas esperavam dentro. Suas semelhanças em pedra preenchiam o espaço sombreado, espiralando ao redor do nível principal e depois contornando o interior da torre até onde Roku conseguia ver. Ele caminhou até o local onde sua própria estátua um dia estaria, para encontrar esse espaço não mais vazio.

A estátua de Roku agora estava ao lado do Avatar Kyoshi. Suas mãos estavam cruzadas atrás das costas. Seu rosto ovalado tinha uma expressão severa, e seu olhar sombrio estava fixo diretamente à frente, no nível dos olhos do Roku vivo. E no topo de ambas as cabeças repousava o adorno de dupla chama do Príncipe Herdeiro da Nação do Fogo.

Até esse ponto, Roku havia atravessado o santuário com a lógica inquestionável de um sonho. Mas, ao ficar cara a cara com sua estátua, a lógica começou a se romper, e o pânico chegou quando tudo voltou à tona. A última vez que esteve aqui, ele havia discutido com a Irmã Disha antes de

voar com Gyatso naquela noite com Lola. Depois houve a ilha. Os Dobradores de Terra. Ulo.

A Caverna Sagrada. Yungib. Sozin. O teto desmoronando.

O que havia acontecido?

Era um sonho ou uma visão ou uma morte - ou algo entre os dois?

Roku caiu de joelhos. Não importava.

Ele pensou estar progredindo. Ele começou a aceitar que a Irmã Disha estava certa sobre como ele não estaria pronto até que ele abandonasse sua identidade como um Cidadão do Fogo. Ele começava a entender o que Ta Min queria dizer quando o encorajou a abraçar cada nação, cada parte de si. Ele tinha até começado a concordar com Gyatso sobre como acabar com Ulo não era o caminho a seguir. Mas em um momento de raiva, impulsionado pelo desejo cego de salvar a pessoa que o havia salvado tantas vezes, ele esqueceu tudo o que aprendeu. Ele agiu sem pensar e tentou depender da força bruta de sua Avatariedade para resolver seus problemas.

Ele havia certamente matado Ulo com aquele fluxo avassalador de chamas iridescentes, Sozin provavelmente foi esmagado sob os escombros, e sua própria vida provavelmente estava se esvaindo enquanto ele permanecia nesse não-espço, seu espírito dando seu último suspiro antes de renascer entre os Nômades do Ar.

Quando Roku quase morreu naquele dia no caminho da montanha caminhando com Ta Min, foi porque aquele Dobrador de Terra o havia enterrado. Desta vez, ele se enterrara.

Na melhor das hipóteses, se a fé de Gyatso de que o Avatar é sempre exatamente quem o mundo precisa em qualquer momento fosse verdadeira, então Roku supunha que o mundo precisava apenas de um Avatar do Fogo por um momento antes de passar para o Ar. Talvez houvesse alguma sabedoria maior nisso. Mesmo que Gyatso ainda estivesse lutando para superar sua própria dor, Roku confiava que o jovem Nômade do Ar se tornaria exatamente o tipo de pessoa que este mundo realmente precisava. Se ele era um testemunho de como os Nômade do Ar moldavam almas, certamente o futuro estaria melhor nas mãos de alguém tão compassivo.

Na pior das hipóteses, Roku era um erro que foi rapidamente corrigido antes que muitos danos pudessem ser causados. Humanos estão longe de serem perfeitos - por que a força que guiava o espírito do Avatar seria diferente?

Roku estava tão perdido em seus pensamentos, em sua desesperança, que não notou a estátua ao lado da sua começar a brilhar com uma luz suave enquanto ela dava um passo à frente. Só quando sentiu o calor ele olhou para cima.

Ele absorveu as longas vestes em camadas do Reino da

Terra. As manoplas marciais. Os leques de guerra enfiados na faixa da cintura. Os lábios vermelho-sangue e a pintura de rosto branca como giz. O olhar firme e pétreo abaixo das listras de maquiagem vermelha e preta e o adorno dourado em forma de leque.

Era Kyoshi.

— Levante-se — ela disse, a única palavra profunda, solene e ressonante, preenchendo o sagrado santuário. Tudo o que a voz de um Avatar deveria ser.

Roku fez como ela ordenou. Embora fosse alto, ela era mais alta, e ele teve que levantar a cabeça para encontrar seus olhos. Ele havia feito inúmeras tentativas sem sucesso para comungar com sua encarnação anterior desde que os Sábios do Fogo o identificaram como o Avatar. Agora que ele finalmente a estava encarando, não tinha ideia do que dizer.

— Onde estou? — Roku finalmente perguntou.

— Você teme que tenha falhado — ela disse, ignorando sua pergunta e indo direto ao cerne da questão. — Você teme que nunca tenha sido realmente destinado a ser o Avatar.

Roku não disse nada. Pois o que se pode dizer quando seus medos mais profundos foram expostos?

— Mas você não falhou, Avatar Roku — Kyoshi disse.

Roku abaixou a cabeça.

— Acho que matei alguém.

— Você fez o que precisava fazer para salvar outros. Não será a última vez que você terá que abater os perdidos pelo bem maior.

Embora Roku uma vez tivesse concordado com tal avaliação, ele não conseguia afastar o arrependimento que queimava dentro dele. Ele entrou naquela caverna com a intenção de parar Ulo, mas não de matá-lo. Mas quando o momento crucial chegou, ele voltou aos seus antigos modos de pensar, fez o cálculo moral e chegou à conclusão de que a vida de Sozin era mais importante do que a de Ulo.

— Você não tinha outra escolha — Kyoshi o tranquilizou, como se estivesse em sua cabeça. Eles eram, de certa forma, de uma só mente. — O velho não teria parado de atacar.

Roku balançou a cabeça.

— Ele não precisava morrer.

— Qual seria a alternativa?

— Não sei. Prisão, acho.

— Teria sido um fim mais humano para ele definhando lentamente em uma jaula enquanto se gastava incontáveis recursos para garantir que ele nunca escapasse para causar mais danos?

— Não sei — ele repetiu. — Mas tem que haver um jeito melhor.

Avatar Kyoshi não disse nada.

— Não podemos matar nosso caminho para a paz.

Kyoshi manteve seu silêncio.

Roku abaixou a cabeça. Ele queria continuar discutindo com sua predecessora, afirmar que cada vida era inerentemente valiosa. Ele queria argumentar que ninguém estava realmente perdido ou além de qualquer ajuda, que talvez fossem apenas tais condenações que condenassem alguém além do alcance da empatia.

Mas como ele poderia? Em última análise, seu tempo como Avatar durou apenas alguns breves meses, enquanto o dela se estendeu por mais de dois séculos. Ele dominou apenas seu elemento nativo, enquanto ela se tornou um Avatar plenamente realizado. Ele falhou em seu primeiro verdadeiro teste, enquanto ela travou inúmeras batalhas em nome dos mais oprimidos para forjar uma paz duradoura. Sua vida foi uma única onda, quebrando cedo e empurrando suavemente para a praia. A dela foi uma temporada de tsunamis que remodelaram continentes.

Ela era um Avatar.

Ele era um substituto. Uma pausa. Uma chama que tremeluzia e se apagava.

— O único erro verdadeiro que cometemos — Kyoshi finalmente disse — é não olhar para dentro.

Roku levantou os olhos para perguntar à Avatar Kyoshi o que ela queria dizer, mas seu espírito havia sumido, revertido para a pedra esculpida. Mas ao lado dela havia um espaço vazio - sua própria estátua havia desaparecido.

Talvez sua chama não tivesse se apagado ainda. Ele não sabia como era a morte, mas talvez não fosse isso - a menos que ele deixasse ser, a menos que desistisse. Talvez ainda houvesse uma chance se ele apenas escolhesse agarrá-la.



Roku piscou e abriu os olhos na escuridão. Ele não estava mais de pé, mas esticado, preso entre pedras incrivelmente pesadas e pedaços de terra compactada. Seu corpo inteiro estava dormente, o lado de seu rosto encrustado de sangue. Ele tentou se mover, mas não conseguiu deslocar os escombros que o prendiam. Tentou chamar por Sozin e Ulo, mas sua garganta e boca estavam tão secas que colaram. Ele tentou alcançar a energia de Yungib, mas encontrou-se tão vazio quanto um balde tirado de um poço seco.

Em vez disso, Roku pensou em Kyoshi. Ele lembrou que, embora ela tivesse aparecido para ele como uma entidade separada, isso era uma ilusão. Eles eram um - duas chamas acesas a partir da mesma chama.

Ele olhou para dentro de si.

Então ele moveu a terra.

VOLTEM PELO CORPO



GYATSO SENTOU-SE em uma pedra e olhou para os fragmentos de céu visíveis através das folhas, tentando se concentrar. Cada fibra do seu ser ainda queria correr para o túnel para ajudar Malaya e Roku. Mas Kozaru e Dalisay não estariam longe, e ele não poderia enfrentá-las sozinho. Ele não tinha escolha a não ser confiar que seus amigos poderiam se cuidar enquanto esperava o momento certo.

As duas companheiras de Sozin estavam fora da entrada do túnel, discutindo sobre o que deveriam fazer, sem prestar atenção nele. Kozaru estava parada com os braços cruzados, mas Dalisay andava freneticamente de um lado para o outro. Depois que o chão tremeu um número alarmante de vezes, tudo ficou completamente quieto. Eles inicialmente acharam que era um bom sinal, mas Sozin

ainda não havia retornado. Quanto mais tempo a quietude durava, mais ansiosos ficavam.

— Devíamos ir ajudar — sugeriu Kozaru novamente.

— O tremor parou, então a luta deve ter acabado — disse Dalisay. — Tenho certeza de que ele está bem.

— E se ele não estiver?

— Então ele não está.

— Então quem vai nos pagar pelo tempo que passamos cuidando dele nos últimos meses? — perguntou Kozaru.

— Você não pode receber seu pagamento se entrar lá e nunca mais sair.

— Sozin disse que se algo acontecesse comigo, ele enviaria para a minha família.

Dalisay zombou.

— Você acreditou nisso?

Kozaru descruzou os braços e começou a alisar uma das suas cicatrizes de queimadura. Mas ela não disse nada.

— Vamos esperar mais uma hora — sugeriu Dalisay. — Se não houver sinal dele, voltamos para a enseada, embarcamos no barco e navegamos para casa.

— E deixamos ele aqui?

— Ele faria o mesmo conosco.

Kozaru não se deu ao trabalho de discutir esse ponto.

— Mas e se ele estiver bem, perceber que partimos e voltar para a Nação do Fogo? O Senhor do Fogo nos pren-

deria pelo resto de nossas vidas por abandonar o Príncipe Herdeiro.

— Sozin não contaria a ninguém o que aconteceu. Lembre-se de que ele quer manter tudo em segredo, especialmente do Senhor do Fogo. Ele ficaria zangado, claro, mas é provável que compre nosso silêncio do que confessar ao pai sobre o que quer que ele esteja fazendo na Biblioteca dos Espíritos e nesta ilha estranha. Sem mencionar envolver o Avatar em tudo isso.

Kozaru ficou quieta por um longo tempo, como se considerasse essa possibilidade.

— Se ele realmente quisesse nosso silêncio, não acho que nos recompensaria com um bônus — finalmente disse. — Acho que ele cortaria nossas gargantas.

— Você realmente acredita que ele faria algo assim?

— Fui criada por ladrões, bandidos e mercenários — disse Kozaru. — Quando se trata disso, há algumas pessoas dispostas a fazer absolutamente qualquer coisa para conseguir o que querem. — Ela fez uma pausa e cruzou os braços novamente. — Sozin é uma delas.

— Talvez isso o torne um grande Senhor do Fogo um dia.

— Ou o pior tipo.

— Humm. Vamos ver.

— Supondo que ele ainda esteja vivo.

A conversa diminuiu. Kozaru bocejou. Dalisay continuou a andar de um lado para o outro.

Gyatso deixou sua atenção vagar de volta para o céu. Depois de alguns momentos, ele notou uma nuvem baixa e rápida, em forma de bisão voador, cruzando o azul. De repente, ela mudou de direção e saiu de vista. Poucos momentos depois, ela reapareceu, passando diretamente acima.

O rosto de Gyatso se abriu em um largo sorriso. Era um bisão voador. E não qualquer bisão voador - era Lola.

Se ele estava esperando o momento certo, este era.

Gyatso pulou da pedra e correu.

— Foi ótimo conhecê-las! — ele disse por cima do ombro.

— Ei, para onde você vai, garoto? — gritou Kozaru. E então para Dalisay: — Devemos ir atrás dele?

Gyatso não diminuiu a velocidade para descobrir. Ele abriu seu planador enquanto continuava a correr, levantou-o acima da cabeça e puxou uma rajada de ar sob suas asas que o levantou no céu. Ele passou por entre as árvores e explodiu pelo dossel, entrando no ar livre. Sem mais neblina, o vale e as montanhas se estendiam abaixo. Ele procurou Lola no céu. Em vez disso, seus olhos pousaram na Irmã Disha, que voava em direção a ele em Amra.

— Gyatso! — ela chamou, seu rosto se iluminando de alívio ao ver o jovem Nômade do Ar.

Ele acenou e voou para encontrá-los. Ao passar sobre o bisão voador, ele desceu na sela e fechou seu planador.

— Lola? — perguntou.

A Irmã do Ar assentiu.

— Quando ela apareceu no templo sem nenhum de vocês dois, sabíamos que algo estava errado. Então a seguimos até aqui o mais rápido que pudemos.

— Eu amo bisões voadores — disse ele, acariciando Amra nas costas.

— Quem não ama? — perguntou a Irmã Disha. — E parece que sua dobra de ar voltou a funcionar.

— Longa história.

— Mas onde está Roku?

— Em algum lugar lá embaixo — disse Gyatso. A Irmã do Ar olhou para o lado de Amra, como se esperasse ver o Avatar.

— No subsolo — ele esclareceu.

— Ele precisa de nossa ajuda? — ela perguntou.

Antes que Gyatso pudesse responder, um estrondo abafado trovejou debaixo da terra, sacudindo a terra e fazendo bandos de pássaros voarem para o céu.

— Talvez — disse Gyatso, seus olhos se voltando para uma grande faixa da encosta coberta de árvores mortas e vegetação. Era como se toda a vida tivesse sido sugada delas.

Amra deu a volta e começou a descer, mas não havia ido muito longe antes que uma segunda explosão detonasse no

subsolo e a área que Gyatso estava olhando explodisse, irrompendo com uma onda de fogo iridescente.

O vento da explosão passou por Gyatso e pela Irmã Disha, agitando suas vestes e o pelo de Amra enquanto eles se seguravam firmemente na sela. Amra se estabilizou quando passou, e os Nômades do Ar olharam para baixo para encontrar uma enorme nuvem de poeira sob eles. Amra os levou perto o suficiente para que a Irmã Disha e Gyatso pudessem varrer uma camada de poeira e revelar um enorme poço de escombros desmoronados.

— Roku estava lá embaixo? — perguntou a Irmã Disha, horrorizada.

O coração de Gyatso afundou.

— E Malaya — disse ele, embora a Irmã do Ar ainda não soubesse quem era.

Antes que ela pudesse perguntar, ele mergulhou pela lateral de Amra, desceu rapidamente com seu planador e pousou no centro da destruição. Usando a mesma técnica que havia usado para salvar Roku e Ta Min no caminho da montanha, ele começou a balançar seu bastão de um lado para o outro, gerando arcos de vento que varriam pedaços de terra caída camada por camada. Ele continuou trabalhando assim, sabendo que não seria suficiente - mesmo quando sentiu a Irmã Disha pousar nas proximidades e se juntar aos seus esforços - mas ele também sabia que não podia desistir de seus amigos.

Não estavam nisso há muito tempo quando a terra começou a tremer. Não foi uma explosão repentina, mas uma construção lenta e constante. A tremedeira se tornou mais violenta, e os Dobradores de Ar trocaram um olhar temeroso, antecipando um colapso secundário. Eles pularam para a beira do poço, justo quando os destroços subiram - depois ficaram congelados no ar - expondo o chão do poço a duzentos ou trezentos pés abaixo.

Era a Caverna Sagrada. Ou melhor, havia sido.

E então, através do campo flutuante de terra quebrada, Gyatso avistou Roku. O Avatar estava com os pés plantados e os braços estendidos sobre a cabeça. Seus olhos estavam fechados e sua mandíbula estava cerrada enquanto ele se esforçava para segurar o peso de tudo que ele estava dobrando de alguma forma. Alguém estava inconsciente aos pés de Roku, e outra forma estava caída no fundo do poço.

Com um último esforço, Roku ergueu a terra para limpar o poço - e desabou. A Irmã Disha, Gyatso e Amra não perderam tempo em voar até ele.

Roku havia perdido a consciência, mas ainda estava respirando. Perto dali, Sozin se mexeu e gemeu, seu corpo gravemente queimado e machucado.

— O que o Príncipe Sozin está fazendo aqui? — perguntou a Irmã Disha, chocada.

— Onde está Malaya? — perguntou Gyatso.

Mas Sozin estava muito fora de si para responder.

Gyatso se virou e correu em direção à outra pessoa. Mas quando se aproximou, viu que não era Malaya.

Era um velho de barba branca que devia ser Ulo. Seus olhos azuis e gelados olhavam fixamente para cima, e o centro de seu torso era um buraco queimado.

Gyatso olhou ao redor, mas não viu outros corpos. Sozin havia chegado à Caverna Sagrada - então onde estava Malaya? Se ela não estava ali, isso significava que ela havia escapado de Sozin e sobrevivido?

Ou estava enterrada em algum outro lugar nas proximidades?

— Quem é esse? — perguntou a Irmã Disha.

— O chefe do clã — disse Gyatso, ainda procurando freneticamente por algum sinal de Malaya, o coração na garganta. — Ele está morto.

A Irmã Disha suspirou.

— Voltaremos pelo corpo. Ajude-me a levar o Avatar Roku e o Príncipe Sozin para Amra para podermos levá-los de volta à aldeia o mais rápido possível. Espero que tenham um bom curandeiro.

— Tenho que encontrar minha amiga — disse Gyatso, enquanto uma sensação de vazio familiar se instalava no fundo de seu estômago. Ele nunca deveria ter deixado ela ir sozinha com Sozin.

— Gyatso — disse a Irmã Disha com firmeza, mas

gentilmente —, não há mais ninguém aqui. Esses dois precisam de um curandeiro se quiserem sobreviver. Ajude-me.

Gyatso lançou um último olhar em volta da área. A Irmã Disha estava certa. Não havia mais ninguém ali. Desanimado, ele voltou para a Irmã do Ar. Eles ergueram o Avatar e o príncipe na sela do bisão voador, depois voaram com Amra para fora do poço e em direção à aldeia.

— Você e Roku têm muito a explicar — disse a Irmã Disha, seu tom mudando de preocupado para repreensivo agora que havia encontrado seus dois protegidos vivos.

Mas Gyatso mal a ouviu. Sua respiração havia se tornado superficial e irregular, e seus olhos se encheram de lágrimas enquanto sua atenção se fixava no poço banhado pelo sol que se afastava na distância, ainda procurando a garota com a faca afiada, dizendo a si mesmo que, acima de tudo, ela era uma sobrevivente.

DESAPEGAR



OS OLHOS de Roku abriram lentamente. O mundo levou um momento para entrar em foco e, quando finalmente o fez, a cabeça careca de Gyatso foi a primeira coisa que ele viu. Ele estava sentado ao lado de Roku, aparentemente dormindo ou meditando. Roku estava deitado de costas em uma pequena cabana de bambu com um telhado de palha mal montado. Finas linhas de luz solar passavam pelos espaços entre as ripas da parede, e o cheiro de fumaça de madeira e carne cozida estava no ar. Ele quase pensou estar na cabana de Ulo, mas não havia crânios de animais ou armas penduradas nas paredes.

— Eu aceito um pouco desse ensopado, por favor — disse Roku, com a voz áspera pela falta de uso.

Gyatso olhou para cima, sorrindo largamente. No

entanto, seus olhos estavam avermelhados, e ele parecia não ter dormido há dias. Havia também uma profunda tristeza emanando de sua aura.

— Roku — foi tudo o que ele disse em saudação antes de gritar por sobre o ombro: — Ele acordou!

— E morrendo de sede! — exclamou Roku debilmente para quem quer que fosse que Gyatso estava falando. — Qualquer coisa, menos chá de sampaguita lunar, por favor — acrescentou.

O jovem Nômade do Ar riu.

— Como você está se sentindo?

— Ótimo. — Roku olhou para seu corpo. Havia muitos cortes e contusões, mas ele estava em muito melhor forma do que esperava. A energia transbordante que havia percorrido seu corpo na caverna havia definitivamente sumido. — Ah — disse ele, tentando se sentar —, eu usei dobra de terra.

Gyatso o ajudou.

— Eu vi. Você parecia muito com um Avatar. — Roku pareceu satisfeito.

— E dobra de ar — acrescentou.

— Isso eu não vi. Você tem certeza?

— Mais ou menos. Foi na Caverna Sagrada, então não sei se conta.

— Provavelmente conta — disse Gyatso. — Você dobrou

água também? Já estou falando com um Avatar plenamente realizado?

— Ainda não. — Roku se mexeu e uma dor atravessou seu ombro. — Algum treino extra provavelmente me faria bem.

— Concorde. — Então, mais sério: — Mas não tive mais problemas com minha dobra de ar desde que comecei a falar sobre Yama.

Roku assentiu, orgulhoso de seu amigo.

— Você me encontrou na Caverna Sagrada?

— Agora é mais um Poço Sagrado, mas sim.

Roku lembrou-se disso.

— Quanto tempo fiquei desacordado?

— Três dias.

Roku não se lembrava disso.

— Ah.

— Nós te trouxemos aqui o mais rápido que pudemos. A curandeira do clã tem tratado de você. Graças aos espíritos, ela sobreviveu ao ataque.

— Que ataque? — perguntou Roku.

— Os guardas Dobradores de Terra destruíram a vila antes de Malaya e eu os alcançarmos — explicou Gyatso. — Mas conseguimos detê-los antes que chegassem à entrada dos túneis. O clã está mantendo-os presos por enquanto, com Oh Wen e os outros dois Dobradores de Terra. Um deles confessou que a rainha negou à Companhia de

Comércio do Reino do Oeste a permissão para viajar para esta ilha, já que pertence à Nação do Fogo, mas eles vieram mesmo assim. Estamos pensando que seria melhor enviá-los de volta para a Rainha Guo Xun para enfrentar a justiça em Omashu... mas Baku - um ferreiro com uma barba trançada bem legal que meio que se tornou o novo chefe, eu acho -, ele não gosta muito dessa ideia.

Roku assentiu, então fez a pergunta para a qual já sabia a resposta.

— Ulo?

— Ele não sobreviveu — disse Gyatso simplesmente. Ele não ofereceu nenhuma justificativa sobre como Roku havia feito o que era necessário, o que Roku apreciou. Ele não queria ser poupado da culpa.

— Eu tentei não matá-lo — disse Roku após um momento. — Quanto mais eu pensava nisso, mais percebia que você estava certo. — Isso era verdade no caso da ilha, mas Roku estava começando a pensar que valia de forma mais geral também. Ele teria que encontrar uma maneira de ajudar as pessoas a entenderem a verdade essencial de que ninguém estaria seguro até que todos estivessem seguros. Essa era a verdadeira tarefa que estava diante dele como Avatar.

Roku esperou que Gyatso perguntasse como ele havia se desviado tanto de sua intenção de não matar Ulo, mas Gyatso permaneceu quieto. Novamente, o silêncio parecia

intencional e sem julgamento, e Roku ficou grato. Isso o fazia sentir que suas próprias intenções importavam, mesmo que ele tivesse tirado a vida de alguém. Ele contaria toda a história com o tempo.

— E Sozin? — perguntou Roku.

— Em pior estado que você — disse Gyatso —, mas vivo, graças também à curandeira do clã.

Roku exalou. O ar que ele havia lançado para cobrir o corpo de seu amigo foi suficiente para salvá-lo de ser esmagado até a morte.

— Então ele está aqui?

— Sim, mas não por muito tempo. A curandeira acha que ele precisa descansar mais alguns dias, mas suas companheiras estão determinadas a levá-lo de volta à Nação do Fogo pela manhã. Ordens do Senhor do Fogo Taiso, aparentemente.

Outro silêncio tenso caiu entre eles enquanto Roku esperava que o Nômade do Ar reiterasse sua crítica mordaz ao Príncipe da Nação do Fogo. Em vez disso, ele manteve um silêncio resignado. Não havia mais nada que ele pudesse dizer para persuadir Roku das verdadeiras intenções de seu amigo, de sua verdadeira natureza. Ambos sabiam disso a essa altura.

Ou Roku acreditava nele, ou não.

Mesmo que não quisesse, Roku agora acreditava em

Gyatso. Pelo menos até certo ponto. E isso doía mais do que Roku podia articular.

Talvez ambos entendessem isso, e é por isso que nada precisava ser dito.

Roku pigarreou.

— De qualquer forma, Malaya está por perto? Gostaria de agradecer por me ajudar a não ser sacrificado a um espírito da caverna.

Gyatso abaixou a cabeça. Respirou fundo. Engoliu em seco. E antes mesmo de falar, Roku percebeu ser uma nova dor que ele havia percebido na aura de Gyatso.

— Encontraram o corpo dela ontem — disse Gyatso, com a voz grossa de emoção. — Em uma seção colapsada dos túneis.

— Oh, Gyatso — disse Roku, com o coração partido por seu amigo, que apenas começava a se curar após perder a irmã no ano passado.

Gyatso não conhecia Malaya há muito tempo, mas mesmo do breve encontro que os três tiveram na véspera do equinócio, Roku podia perceber o quão próximos eles já haviam se tornado.

Roku sentou-se e se virou de modo a ficar de frente para Gyatso. Então ele se inclinou até que suas testas se tocassem. Gyatso começou a chorar, e Roku colocou as mãos nos ombros trêmulos do jovem Nômade do Ar. Eles ficaram assim por um longo tempo.

Através das paredes fluuavam os sons da aldeia. As pessoas se moviam e conversavam tranquilamente. Alguém estava tocando flauta. Crianças riam. Pássaros cantavam. Frango-porcos grunhiam e cacarejavam.

Embora a vila tivesse sido destruída, eles já começavam a se curar. Roku esperava que Gyatso também se curasse, novamente.

Os soluços de Gyatso diminuíram. Ele se inclinou para trás, esfregou o rosto com as palmas das mãos e então ofereceu um sorriso triste, como se dissesse que ficaria bem.

— Que a chama de Malaya ilumine nosso caminho — disse Roku.

— Obrigado, amigo — disse Gyatso. — A última vez que a vi, ela estava entrando nos túneis com Sozin para mostrar-lhe o caminho para a Caverna Sagrada.

Roku pensou por um momento.

— Eu não a vi lá dentro. Sozin disse o que aconteceu com ela?

Gyatso desviou o olhar.

— Que foi um acidente. Escombros caindo.

A culpa se instalou no estômago de Roku ao perceber que havia tirado duas vidas involuntariamente naquele dia.

Gyatso parecia querer dizer mais, mas não disse.

Será que ele achava que Sozin estava mentindo? Não. Isso não podia ser. Gyatso havia expressado suas suspeitas sobre Sozin antes, então não teria problema em fazê-lo

novamente se duvidasse da versão dele. Talvez ele simplesmente não estivesse pronto para falar sobre isso.

O som de alguém subindo a escada de bambu chamou sua atenção para a entrada da cabana. Irmã Disha apareceu e se abaixou para passar pela porta, com alívio escrito em seu rosto.

— Graças aos espíritos — murmurou. Talvez ela não estivesse tão desvinculada de tudo neste mundo como dizia.

Ela se juntou a Gyatso ao lado de Roku e lhe entregou uma tigela fumegante de sopa. Morrendo de fome, ele a agradeceu, então bebeu o caldo avidamente. Tinha um gosto azedo e salgado, lembrando-lhe um de seus pratos favoritos à base de tamarindo de sua casa. Após esvaziar a tigela de tudo, exceto a carne, ele suspirou satisfeito e a colocou de lado. Então limpou a boca com as costas da mão e agradeceu novamente.

— Como nos encontraram? — perguntou agora que atendeu seu estômago.

— Lola — respondeu Gyatso, sorrindo. — Sabe, porque somos tão conectados espiritualmente.

Roku revirou os olhos. Então se virou para Irmã Disha.

— Sinto muito. Você estava certa. Eu não estava pronto.

A Monja do Ar não discutiu com ele.

— Gyatso foi gentil o suficiente para me contar tudo desde que vocês dois fugiram, mas o que aconteceu naquela caverna com o chefe do clã? Sozin está consciente, mas suas

companheiras estão... relutantes em nos deixar falar muito com ele.

Gyatso olhou com interesse.

O melhor que pôde, Roku tentou explicar. Sobre a "oferta" de Ulo. Sobre seu plano de falar com Yungib primeiro. Sobre tentar evitar os ataques de Ulo sem ferir o chefe do clã. Sobre a colisão cósmica de dois espíritos inefáveis. Sobre a aparição repentina de Sozin. Sobre sua tentativa desastrosa de salvar seu amigo. E, finalmente, sobre se conectar com Kyoshi, falar com ela e acessar seu espírito para dobrar terra.

Os Nômades do Ar ouviram a história de Roku sem interrupção ou julgamento, absorvendo tudo. Quando ele terminou, ficaram quietos por um longo tempo. Eventualmente, Irmã Disha se voltou para Gyatso.

— Posso falar com o Avatar a sós, por favor?

Gyatso assentiu, então disse a Roku:

— Ainda precisamos fazer algo sobre tudo isso — e soprou uma pequena rajada que bagunçou o cabelo de Roku. — Até breve, Avatar.

Com a partida de Gyatso, Roku ficou sozinho na cabana com a mestra de dobra de ar que ele havia desobedecido diretamente. Como resultado, várias pessoas haviam morrido, o modo de vida inteiro do Clã Lambak havia mudado de curso, e o conhecimento do poder da ilha certamente se espalharia.

Quando ouviram Gyatso chegar ao fundo da escada e se afastar, Irmã Disha disse inesperadamente:

— Você e eu éramos amigos próximos em sua vida anterior.

— Éramos? — perguntou Roku, surpreso.

Ela nunca havia mencionado que conhecia Avatar Kyoshi, e ele estava tão ansioso para começar seu treinamento de dobra de ar — e tão amargo quando ela se recusou a começar a ensiná-lo — que nunca havia perguntado muito sobre sua vida. Para o Roku de apenas alguns meses atrás, Irmã Disha havia surgido para servir a um propósito específico para ele.

Irmã Disha assentiu.

— Ela era tão poderosa como Avatar quanto todos acreditam.

Roku sentou-se mais ereto.

— Você era uma de suas companheiras?

— Por mais de vinte anos. Na verdade, fui sua última companheira Dobradora de Ar.

Não é de se admirar que o Conselho de Anciãos a tenha escolhido para treinar Roku.

— Então você deve ter estado lá quando ela... — Roku parou.

Irmã Disha balançou a cabeça.

— Nos separamos dois anos antes de ela falecer.

— Por quê?

A Monja do Ar soltou um longo, pesado suspiro.

— Você sabe como quando está voando em um bisão voador, as pessoas lá embaixo diminuem cada vez mais à medida que você sobe, até se tornarem pontos que gradualmente desaparecem?

Roku assentiu.

— Kyoshi havia vivido tanto tempo, se tornado tão poderosa como Avatar, que eu acreditava que ela havia perdido a perspectiva sobre o valor inerente das vidas individuais. Não me entenda mal, você poderia estudar toda a história humana e talvez não encontraria ninguém que fez tanto bem quanto ela pelo mundo. Mas em sua busca incansável por justiça e paz, ela parecia hesitar cada vez menos ao determinar se a ameaça que alguém representava superava o direito dessa pessoa de viver.

— Após uma missão, nossa última juntos, descobrimos que um líder daofei no Reino da Terra que estávamos perseguindo era filho de um homem que ela havia executado muitos anos antes. Tudo o que ele e seu grupo de foradalei haviam feito - e eles cometeram muitas das piores atrocidades que você poderia imaginar -, havia sido com o único propósito de chamar a atenção da Avatar Kyoshi para que ele tivesse a chance de enfrentá-la pessoalmente.

A pausa de Irmã Disha disse a Roku tudo o que ele precisava saber sobre o destino do homem.

— Depois que ela resolveu a questão, eu apontei como a

vida daquele homem havia sido moldada pela decisão dela de matar seu pai. Eu pedi que ela considerasse quantos dos incêndios que estávamos correndo pelo mundo para apagar poderiam ter sido acesos por ela. Eu disse a ela que temia o que ela estava se tornando, o que ela poderia ser se vivesse mais cem anos. Talvez eu estivesse errada, mas quando olhei para dentro de mim, foi isso que senti ser verdade.

O respeito de Roku por Irmã Disha se aprofundou. Ele se lembrou de como era intimidante estar diante da presença feroz de Kyoshi, mesmo quando era uma sombra do que ela devia ter sido em vida. Ele não conseguia nem imaginar dizer tais coisas em seu rosto.

— Imagino que ela não tenha gostado disso.

— Para dizer o mínimo — disse Irmã Disha. — Portanto, eu parti. Compartilhei minhas preocupações com o Conselho. A notícia se espalhou, e nenhum outro mestre Dobrador de Ar estava disposto a ajudar a Avatar Kyoshi depois disso.

Roku assentiu, sem saber o que dizer. Ele pensou na garantia de Gyatso de que o Avatar era sempre exatamente quem o mundo precisava naquele momento. Poderia isso e a avaliação dura de Irmã Disha sobre Kyoshi serem verdadeiros?

A Monja do Ar limpou a garganta.

— Saiba que você não precisa ser igual à Avatar Kyoshi para ser um grande Avatar. À medida que o mundo muda, o

Avatar também deve mudar. E nunca se esqueça do que ela te disse quando você se conectou com ela: tudo já está dentro de você. A verdadeira luta é interna.

— Então você não acha que precisamos mais de Kyoshi?
— ele perguntou, ainda achando difícil de acreditar, apesar de tudo o que ela lhe havia contado.

— Não — precisamos de Roku. — Ela se levantou para sair. — Você deve descansar agora.

— Posso te perguntar mais uma coisa?

Ela assentiu.

— Eu sei que você disse que não estava com ela no final... mas você sabe como ela morreu? — Pois, apesar de Kyoshi ter sido o Avatar conhecido por viver mais tempo, ou humano, aliás, ninguém parecia saber como a morte finalmente a alcançou.

— Não sei — admitiu Irmã Disha. — Mas talvez ela tenha percebido que, às vezes, as pessoas nos veem mais claramente do que nos vemos a nós mesmos, e então acabou por desapegar.

VANTAGEM



ROKU NÃO teve a chance de falar com Sozin até o início da manhã seguinte, quando Kozaru e Dal foram na frente para preparar a viagem de volta à capital. Ele encontrou o Príncipe Herdeiro sentado no topo do telhado da cabana onde ele estava se recuperando, olhando para a aldeia e o vale além. Roku usou sua dobra de ar para pular a subida, mas escorregou no telhado de palha ao pousar. Sozin o segurou pelo braço para evitar a queda, e eles sorriram da mesma forma.

— Preciso praticar mais — disse Roku, soltando o braço e encontrando o equilíbrio. Ele se sentou ao lado do amigo, apoiando os cotovelos nos joelhos enquanto Sozin se reclinava com as mãos para trás.

— Esta ilha é linda sem toda aquela neblina — disse Sozin.

— Pena que é tão difícil de alcançar.

O céu da madrugada estava listrado de lavanda e dourado acima dos terraços de colheita pela metade. Abaixo deles, os aldeões já estavam trabalhando duro na reconstrução e reparação, ajudados pelos outros Nômades do Ar que a Irmã Disha havia trazido. Dobras de água irrigavam o arroz. Dobras de fogo acendiam os fogos de cozinha. Dobras de terra moviam as pedras que os guardas da companhia haviam usado para destruir a aldeia. As pedras muito pesadas ou muito enraizadas na terra para serem movidas foram aceitas como características permanentes da paisagem e integradas aos novos designs.

Tirando o que aconteceu na caverna, a última vez que Roku e Sozin estiveram juntos foi na manhã em que Roku voou do Templo Real em Amra com a Irmã Disha para começar seu treinamento no Templo do Ar do Sul. Fazia apenas alguns meses, mas parecia que anos já tinham passado.

— Quer saber? — disse Sozin eventualmente, sem contexto.

— Sobre o quê? — perguntou Roku.

— Sobre o quanto eu sabia quando pedi para você vir aqui lidar com o Reino da Terra.

— Claro — disse Roku, surpreso, mas grato por Sozin

ter trazido o assunto por conta própria. — Quanto você sabia quando pediu para eu vir aqui lidar com o Reino da Terra?

— Mais do que deixei transparecer — confessou Sozin.
— Eu descobri sobre uma ilha coberta de neblina onde dobradores podiam treinar para aumentar a força de suas dobras. Vim aqui com Kozaru e Dal para verificar e encontramos Dobradores de Terra, não uma patrulha qualquer. Eu sabia que, se tentasse fazer com que eles saíssem sozinho, poderia se transformar em algo maior.

— Com seu pai ou com o Reino da Terra?

Sozin sorriu.

— Ambos.

A honestidade de Sozin desarmou Roku. Ele esperava ter uma séria confrontação com Sozin, na qual precisaria encurralá-lo para extrair a verdade. Mas ali estava seu amigo, colocando tudo às claras e parecendo genuinamente arrependido. Ele decidiu não perguntar sobre os dois guardas Dobradores de Terra que desapareceram antes de Malaya encontrar o grupo deles.

— Ta Min sabia de alguma coisa? — perguntou Roku.

— Não — disse Sozin, balançando a cabeça enfaticamente. — Ela sabia apenas o que eu disse para ela te contar. — Roku esperava que isso fosse verdade. — E de nada, a propósito.

— Pelo quê?

— Por enviar Ta Min para entregar a mensagem. Achei que era a única maneira de você finalmente falar com ela. Só não esqueça de me convidar para o casamento.

Roku riu e balançou a cabeça.

— Enfim — continuou Sozin —, só mais tarde descobri que o aprimoramento de dobra era limitado ao espaço da caverna e que havia nativos sedentos de sangue prontos para matar todos os intrusos. Assim que descobri, corri para cá o mais rápido que pude.

— Não os chame assim — disse Roku.

— Chamar quem de quê? — perguntou Sozin, genuinamente sem saber o que havia dito.

Roku pensou em Malaya. O que ela fez por ele, por seu clã, pelo mundo. O que ela sacrificou. Ele teve a chance de conhecê-la apenas uma vez, mas ela teve a coragem de questionar seu chefe e tentar fazer o que achava certo. Não havia pessoas suficientes no mundo como ela.

— Eles são o Clã Lambak — disse ele, sombriamente. — Eles só querem viver em paz como o resto de nós. Não são mais sedentos de sangue do que qualquer outro grupo de pessoas.

Sozin levantou as mãos, palmas para fora.

— Eu não quis dizer nada com isso.

— Então, como você descobriu a verdade? — perguntou Roku, deixando-o escapar.

— Você não vai acreditar, mas na Biblioteca Espiritual.

Os olhos de Roku se arregalaram. Ele sabia o quanto Sozin queria encontrá-la, apesar da insistência de Yasu de que era tudo inventado.

— Sério? É real?

Sozin sorriu.

— Sério. E é.

— Você deve ter estado no paraíso. O que mais você aprendeu enquanto estava lá?

— Não muito. Tive que sair bem rápido depois que percebi precisar ir te salvar.

— Sorte a minha — disse Roku.

— Nem me diga.

Eles ficaram em silêncio. O canto dos pássaros fluía das árvores. Um bisão voador passou raspando acima, carregando vários jarros enormes de água, seguido por um bando de moscas do brilho. Um raio de sol surgiu sobre as colinas orientais, abrindo o dia e enchendo o vale com um suave brilho dourado.

— Sinto muito por ter mentido — disse Sozin. — E por tentar tirar vantagem de você.

Roku assentiu. Não era agradável perceber que estava errado sobre seu amigo mais próximo, mas ele apreciava a admissão.

— Não há nada que eu possa fazer para você me perdoar?

Roku pensou por vários momentos. Ele nunca consi-

derou o perdão como uma questão de transação. Perdoar era deixar algo ir que poderia, de outra forma, cortar um relacionamento estabelecido. Ele queria reparar sua amizade com Sozin, mas precisava pensar além de si mesmo. Ele era o Avatar agora, e ali estava uma oportunidade que poderia aproveitar para os outros.

— Duas coisas — disse Roku, levantando dois dedos.

Sozin sorriu, divertido com a especificidade mercenária da resposta de Roku.

— Quais?

— Primeiro, eu sei que o Senhor do Fogo Taiso tem pressionado para que todas as ilhas exteriores fiquem sob controle total da Nação do Fogo, mas deixe o Clã Lambak continuar vivendo como sempre viveram. Deixe-os permanecer independentes.

Isso não era mais sobre manter o poder da ilha em segredo. Ele destruiu a Caverna Sagrada, e a Irmã Disha confirmou que não havia mais energia espiritual excessiva. Os espíritos da caverna se foram, e como Ulo nunca passou os detalhes do ritual do equinócio para ninguém, eles nunca retornariam.

— Viver como sempre viveram, é? — ponderou Sozin.
— Até mesmo a parte de matar intrusos?

— Ah. Não... essa parte não.

— Humm. Mesmo se eu quisesse fazer isso por você,

Roku, como poderia acontecer? Eu ainda não sou o Senhor do Fogo.

Roku deu de ombros.

— Convença seu pai a declarar esta área como vulnerável para proteger os macacos-porcos selvagens ou os gorilas-társios. Ou outra coisa. Não sei. Mas sei que você pode fazer qualquer coisa que quiser.

— Verdade — disse Sozin. — Vou encontrar um jeito.

— Obrigado.

— E a segunda coisa que você exige pela minha penitência, Avatar Roku? — perguntou Sozin com um tom sarcasticamente formal e uma reverência sentada de brincadeira.

— Se mais pessoas pensassem como os Nômades do Ar, talvez pudéssemos caminhar em direção à paz verdadeira — disse Roku, ecoando o que Gyatso havia dito. — O que o mundo tem agora parece mais uma longa pausa entre guerras, não parece? Sem conflitos abertos entre as Quatro Nações, tanto progresso foi feito. Mas também me pergunto que tipo de arsenais estão sendo construídos a portas fechadas. — Seus olhos se voltaram para o pico mais alto à distância. — É como se estivéssemos na base de um vulcão adormecido.

Sozin arqueou uma sobrancelha.

— O que exatamente você está propondo?

— Deixe os Dobradores de Ar abrirem um templo na

capital. Um lugar onde eles possam ensinar sua filosofia para outros. Se der certo, talvez possam abrir mais templos nas outras nações.

— Seu novo amiguinho te convenceu a isso? — perguntou Sozin.

E embora Sozin estivesse brincando, Roku sentiu um toque de ciúmes em suas palavras.

Roku deu de ombros. Não era exatamente ideia de Gyatso, mas ela foi inspirada pelo que o Nômade do Ar disse que Yama sempre quis fazer.

— Se eu ajudar a realizar essas duas coisas, então estamos bem?

Roku assentiu. Então ele estreitou os olhos.

— Pelo menos até a próxima vez que você mentir para mim.

Sozin explodiu em risadas e passou o braço sobre os ombros de Roku. Roku o empurrou de brincadeira, fazendo-o se contorcer de dor e segurar o estômago.

— Você está bem? — disse Roku.

— Ah, estou bem. Ainda me recuperando, só isso.

Roku assentiu, imaginando se Sozin sofreu uma lesão mais séria do que estava disposto a admitir.

— De qualquer forma — disse Sozin, seu tom ficando sério. — Yasu estaria orgulhoso de você.

— Você acha?

— Sei que sim.

Por mais agradável que fosse estar com seu amigo novamente e ter superado o conflito com a relação intacta, não havia como negar que algo entre eles havia mudado.

Roku era uma pessoa diferente agora. Ou, melhor, ele havia se aproximado mais de se tornar seu verdadeiro eu. Quem sabe o que Sozin havia passado. Eles ainda se encaixavam bem o suficiente por enquanto, mas talvez chegasse um dia em que não se encaixariam mais. Talvez fosse em alguns anos. Talvez algumas décadas. Esta noção havia passado por sua mente várias vezes desde que foi identificado como o Avatar, mas Roku finalmente acreditava que não precisava mais de Sozin da mesma maneira que precisava antes.

ALGO SIGNIFICATIVO



NA NOITE anterior ao retorno do Avatar e dos Nômades do Ar ao Templo do Ar do Sul, Gyatso estava sentado de pernas cruzadas sozinho em uma grande rocha no meio da floresta. Seus olhos estavam fechados, e suas mãos abertas descansavam sobre os joelhos. O ar do crepúsculo era fresco e límpido. Havia uma brisa suave que carregava o cheiro de terra e pedra, folhas e madeira, musgo e flores silvestres.

Embora o Abade Rabten pudesse tê-lo encorajado a usar o momento para meditar sobre o ciclo natural de vida e morte da floresta, ele estava pensando em Malaya. Não em sua morte, mas em sua vida.

Seu pensamento afiado e conhecimento íntimo da terra. Sua coragem. Seu sarcasmo surpreendente. Sua suavidade ainda mais surpreendente. A maneira como eles se abriram

um para o outro tão rapidamente. A sensação de seu joelho contra o dele na beira das fontes termais. A sensação de suas mãos na cintura dela, enquanto cavalgavam Kilat. Seu último abraço. E todos os outros momentos que compartilharam durante aqueles breves e sagrados dias.

A sensação de algo cutucando sua perna trouxe Gyatso de volta ao presente. Lentamente, ele abriu os olhos e encontrou Roku na base da rocha, estendendo a mão e cutucando-o com o que parecia ser um bastão de Dobrador de Ar, exceto que era feito de bambu vermelho.

— Foi uma meditação profunda — disse Roku, abaixando o bastão. — O Abade Rabten ficaria orgulhoso.

Gyatso gesticulou em direção ao bastão.

— Novo?

— Gostou? — Roku olhou para o bastão de cima a baixo enquanto o virava. — A Irmã Disha me ajudou a fazer esta tarde. Ainda preciso adicionar as asas, porém. — Ele tentou girá-lo, mas deixou cair. — E ainda preciso praticar um pouco.

Gyatso pegou o bastão e o devolveu.

— Você vai pegar o jeito. Mas acho que você não veio até aqui só para se gabar do seu trabalho em madeira.

A expressão de Roku ficou sombria.

— Está na hora.

Gyatso suspirou, então acenou com a cabeça. Ele respirou fundo e alisou a mão sobre a cabeça enquanto

olhava ao redor da floresta mais uma vez. Então, ele pegou seu próprio bastão, desceu da rocha e eles começaram a descer o caminho juntos.

Por mais que tentasse não pensar, Gyatso não pôde deixar de lembrar da tentativa desajeitada de Roku de dizer algo significativo quando eles deixaram a aldeia de pescadores em sua última missão de socorro. Ele esperava que desta vez o Avatar procurasse mais dentro de si para encontrar as palavras certas.

— Algum conselho? — Roku perguntou eventualmente, provando que eles acabavam de compartilhar o mesmo pensamento.

Gyatso já tinha uma resposta.

— Diga o que você precisava ouvir depois de perder Yasu.

Os corpos estavam cada um em sua própria pira em uma clareira no topo da colina ocidental que dava vista para o vale em terraços. Eles estavam envoltos em mortalhas brancas e feitas à mão. Sete no total. A de Ulo estava na extrema-esquerda, a de Malaya na extrema-direita. No meio estavam os corpos dos aldeões mortos pelos guardas Dobradores de Terra. Não havia sinal de Amihan desde aquele dia no Bosque Cinzento, mas o clã decidiu que era melhor não assumir o pior.

Reunidos ao redor dos mortos estavam Gyatso, Roku, Irmã Disha, os poucos outros Nômades do Ar que vieram

com a Freira do Ar, e os membros sobreviventes do Clã Lambak. O sol estava se pondo, pintando o horizonte com faixas ardentes de âmbar, laranja e violeta.

Pelo que Baku, o novo chefe do clã, disse aos forasteiros, a parte solene do ritual estava quase completa. Após a cremação, eles voltariam em silêncio para a aldeia e passariam o resto da noite festejando, dançando e contando histórias dos falecidos. Por mais que doesse, Gyatso estava ansioso por essa parte, precisando compartilhar e aprender o máximo possível sobre Malaya.

Eventualmente, Baku acenou para Roku, e o Avatar deu um passo à frente, ficando entre os vivos e os mortos. Ele olhou para Gyatso, então enfrentou o grupo e limpou a garganta.

— Não há nada que eu possa dizer agora para aliviar sua dor — começou. — Mas não acredito que eu deva tentar fazer isso. Vocês perderam pessoas que amaram profunda e intensamente, e isso dói. Dói. E sempre vai doer. — Roku fez uma pausa por um momento, olhou para Gyatso, então continuou. — Devemos nos permitir sentir essa dor, saudando nosso luto como uma bênção. Como a chegada inesperada de um velho amigo à nossa porta. Não mantenham a porta fechada - convidem-no a entrar. Tomem um chá e passem algum tempo colocando a conversa em dia. Então, quando for a hora, deixem-no seguir seu caminho.

Com isso, Roku ergueu a palma e trouxe uma pequena chama à vida. Ele a estendeu para Baku, que avançou com uma tocha.

Baku acendeu a tocha com a chama de Roku, levou-a até a pira de Ulo, e a colocou na madeira empilhada embaixo. Quando a lenha pegou fogo, Kamao, o filho de Baku, avançou com a próxima tocha e fez o mesmo com o corpo de sua mãe. E assim foi, linha após linha, até que os pais de Malaya acenderam a última pira.

Roku apagou seu próprio fogo e olhou para todos, os olhos cheios de lágrimas.

— Que suas chamas iluminem nosso caminho — concluiu com um aceno de cabeça.

Ele voltou para o lado de Gyatso, e cada um envolveu um braço sobre os ombros do outro.

— Como foi? — Roku sussurrou.

— Nada mal — disse Gyatso enquanto observava as chamas crescerem.

CORRENTES SEMPRE MUTÁVEIS



ALGUMAS SEMANAS depois, Roku estava ao lado da Irmã Disha, na borda do campo de treinamento de pedra do Templo do Ar do Sul, observando uma pequena fogueira queimando no centro. Ela estava rodeada por uma floresta de feixes de palha altos e estreitos espalhados densamente por toda a área. Cada vez que uma nova rajada de vento montanhês soprava pelo campo de treinamento, as chamas eram arrastadas de lado, ameaçando incendiar o feixe de palha mais próximo – o que inevitavelmente causaria um efeito dominó, fazendo os outros pegarem fogo.

Roku sabia onde isso ia dar.

— Este é um exercício de dobra de ar especialmente projetado para Avatares do Fogo — disse a Irmã Disha, com

os picos das montanhas pilares cobertas de neve e cercadas de nuvens dos Patolas ao fundo.

— O objetivo é apagar o fogo.

— Parece fácil — disse Roku.

— Usando apenas sua dobra de ar — ela esclareceu.

— Humm — disse Roku. Ele deveria ter previsto isso.

— Primeiro, você terá que superar seu instinto de combater o fogo com dobra de fogo, seja dispersando as chamas ou afastando-as com a sua própria — ela continuou. Essas eram habilidades fundamentais que todo Dobrador de Fogo aprendia na primeira semana do primeiro ano na Academia e depois certamente usava em qualquer luta, mas Roku já havia provado que podia superar esse impulso. — Segundo, você precisará resistir ao seu instinto de Dobrador de Fogo de canalizar sua energia em linhas retas e diretas. Você foi treinado para projetar suas chamas em direção ao seu alvo, direcionando sua vontade até alcançar seu objetivo.

Roku assentiu.

— Se eu usar minha dobra de ar dessa forma, empurrarei as chamas para a palha, espalhando o fogo.

A Irmã Disha deixou escapar um pequeno sorriso.

— Exatamente. Lembre-se de que a dobra de ar é toda sobre movimentos em espiral. Você precisa influenciar o ar ao redor do fogo e o ar produzido pelo fogo, requerendo uma consciência contínua das correntes sempre mutáveis

que fluem invisivelmente ao nosso redor. A essência da dobra de ar não é sobre impor sua vontade ao mundo, como é na dobra de fogo, é sobre sentir, responder e se adaptar.

Como se fosse um sinal, o vento aumentou, fazendo suas vestes de inverno esvoaçarem e enviando as chamas a uma distância mínima de um feixe de palha próximo. A brisa também fez Roku tremer enquanto deslizava sobre sua cabeça, que Gyatso havia ajudado a raspar naquela manhã, fazendo Roku já se arrepender de ter concordado em ficar careca contanto que o irritante Nômade do Ar promettesse nunca mais comentar sobre seu cabelo.

— Quando estiver pronto — disse a Irmã do Ar.

Roku esticou o pescoço, sacudiu os braços e ajustou a postura. Ele respirou fundo algumas vezes e levantou as mãos, palmas abertas para o céu como uma oferenda.

O treinamento de dobra de ar de Roku havia sido massivamente desanimador no início, dado tudo o que ele havia conseguido fazer na Caverna Sagrada graças à energia de "Yungib". Mas a Irmã Disha era paciente, e ele estava determinado a aprender. Gyatso até vinha fornecendo sessões de treinamento extras já que a conexão do Nômade do Ar com sua própria dobra de ar parecia ter sido totalmente restaurada.

Roku estava gradualmente fazendo progressos, mas não estava convencido de que podia fazer o que este exercício exigia. Parecia tão óbvio, mas ele só agora estava perce-

bendo estar usando sua dobra de ar exatamente como a Irmã Disha descrevia a dobra de fogo, empurrando ou lançando o vento em rajadas retas e fortes.

Avatar Roku reconheceu sua dúvida, reconheceu sua origem, e então a deixou de lado. Sua aura suavizou. Ele buscou dentro de si. Respirou fundo mais uma vez, focando na expiração, no vazio que cria o espaço para receber, perceber e remodelar o ar.

— Estou pronto — ele disse. E começou.

EPÍLOGO

SOZIN NÃO achava que voltaria à ilha tão cedo, mas lá estava ele, ao lado de Kozaru e Dal, na beira da cratera que um dia fora a Caverna Sagrada, onde apenas um ano atrás havia vindo salvar Roku, apenas para ser salvo por Roku.

Enquanto observava a colina marcada, ele estava mais uma vez grato por ninguém mais ter estado por perto para testemunhar a verdade do que havia acontecido. Kozaru não parecia duvidar da versão de Sozin, que Sozin havia matado Ulo, mas ficou gravemente ferido no processo, enquanto Dalisay era inteligente o suficiente para manter a boca fechada.

E assim, de volta à Nação do Fogo, a história que se espalhou como fogo selvagem foi a do Príncipe Herdeiro

que derrotou um poderoso chefe separatista. Parecia o início de uma lenda moderna.

A razão pela qual Dalisay nunca lançaria dúvidas publicamente sobre sua história ou quebraria sua promessa de manter a presença do Avatar na ilha em segredo era porque, se o fizesse, Sozin encerraria seu pequeno projeto, a razão pela qual eles haviam voltado até lá.

Ele cumpriu sua palavra a Roku, convencendo o Senhor do Fogo Taiso a declarar a ilha, agora oficialmente conhecida como Ilha Lambak, uma região especial da Nação do Fogo em vez de uma prefeitura plena. Isso permitiu que o clã continuasse a se governar, pelo menos, ostensivamente, enquanto concedia à Nação do Fogo o direito aos recursos naturais da ilha. Não era a solução que seu pai queria, mas Sozin descobriu que, com sua reputação emergente, veio uma confiança crescente no futuro da Nação do Fogo entre o povo, dado que eles tinham um jovem herdeiro promissor. Isso fez o príncipe ganhar tanto o respeito quanto a atenção do Senhor do Fogo.

— Espero que isso não seja uma grande perda de tempo e ouro — resmungou Sozin enquanto observavam os trabalhadores movendo os equipamentos de mineração para o lugar.

— Confie em mim — disse Dalisay, que continuava extremamente satisfeita consigo mesma desde que foi a

Sozin compartilhar sua descoberta. — A ciência é sólida. Mas lembre-se, a ciência também pode ser lenta.

— Ainda não entendi — disse Kozaru.

Dalisay soltou um suspiro de exasperação e tentou explicar novamente.

— Eu reverti o projeto da adaga da garota para...

Kozaru fez uma cara.

— Reverteu o quê?

— Ela derreteu o metal e separou em seus componentes básicos — tentou Sozin.

Kozaru piscou.

Dalisay continuou de qualquer maneira.

— Sim, então, eu fiz isso e descobri um mineral com várias propriedades únicas. Uma delas é que pode ser usado como um fluxo para produzir aço várias vezes mais forte e mais leve do que o que podemos forjar agora e em grande escala a uma fração do custo atual. Esse mineral, no entanto, só pode ser encontrado nesta ilha, dentro dessa parte da montanha. — Ela gesticulou em direção à cratera. — Entendeu?

— Claro — disse Kozaru. — Podemos fazer muitas novas armas e coisas por causa de alguma rocha especial.

Dalisay deu de ombros.

— Basicamente.

Não era o resultado que Sozin esperava de tudo isso,

mas se funcionasse, as implicações para o futuro seriam impressionantes.

Isso o fez perceber que, assim como ele precisava se fortalecer de todas as formas possíveis, também devia explorar todas as avenidas para fortalecer a nação.

— Mas lembre-se — disse Sozin —, para meu pai, estamos aqui minerando carvão e ferro e colhendo frutas exóticas.

Dalisay zombou.

— Porque você quer todo o crédito.

— Não — disse Sozin com firmeza. — Porque ninguém mais pode saber sobre isso. Você pode imaginar se alguma das outras nações descobrisse esse mineral e colocasse as mãos nele? Além de descobrir o que descobrimos...

— O que descobri — interrompeu Dalisay.

— Além de descobrir o que descobrimos — manteve Sozin —, e se eles descobrirem outros usos que nem conhecemos ainda? Tenho que pensar que os Dobradores de Terra têm uma vantagem única quando se trata de entender rochas.

Dado o que ele havia testemunhado e experimentado na Caverna Sagrada, ele estava quase certo de que suas propriedades únicas eram resultados da energia espiritual que havia passado por aquelas pedras por centenas, senão milhares, de anos. Então ele temia o que os Dobradores de Terra poderiam aprender se colocassem as mãos nela.

Sozin guardou para si o outro motivo pelo qual não queria que seu pai soubesse sobre sua descoberta. Desde que fora permitido entrar na sala onde as decisões mais importantes eram tomadas, ele se sentia mais confiante de que seria um Senhor do Fogo melhor que seu pai. Se seu pai soubesse sobre o mineral, desperdiçaria provavelmente a vantagem em alguma troca diplomática bem-intencionada de informações. Sozin não podia deixar isso acontecer. Ele estava começando a formar sua própria visão para o futuro da Nação do Fogo, e a cada dia ficava mais claro que ele era o único que poderia realizá-la.

Kozaru e Dalisay trocaram olhares, como se cada uma estivesse incentivando a outra a dizer algo a Sozin. Mas nenhuma das duas falou.

— Desembuchem — disse Sozin.

Kozaru coçou os antebraços marcados.

— Lembra daqueles Dobradores de Terra da Companhia Comercial do Reino do Oeste?

— Obviamente.

— Então, meus contatos no Reino da Terra ouviram que eles contrabandearam um pouco daquela rocha especial quando os Nômades do Ar os enviaram de volta a Omashu. E que qualquer coisa especial que mostraram à rainha, os manteve fora da prisão.

Ótimo. Exatamente o que ele não queria que acontecesse desde o início.

Sozin tentou mascarar sua irritação enquanto observava os nativos lutando para montar uma grande broca. Ele conseguiu colocar Ta Min como uma "diplomata" na corte real da Rainha Guo Xun vários meses atrás, embora ela ainda não o tivesse informado sobre nada a respeito disso. Na verdade, ela não havia relatado nada há semanas. Ele tinha um mau pressentimento sobre isso e teria que investigar eventualmente.

A notícia decepcionante também renovou sua frustração com Roku. Vários dos nativos queriam executar os Dobradores de Terra imediatamente por destruírem sua aldeia e matarem seus parentes. No entanto, o Avatar os persuadiu a permitir que os criminosos enfrentassem a justiça no Reino da Terra. Isso, como se justiça pudesse ser encontrada naquele vasto e desorganizado mosaico de estados empobrecidos chamarem de nação. Se Roku não tivesse falado, isso nem seria um problema.

Seu amigo havia inegavelmente, e infelizmente, mudado.

Sozin culpava os Nômades do Ar. Roku sempre foi facilmente influenciado, sempre procurando alguém para lhe dizer o que fazer. Especialmente após a morte de Yasu.

Sem a orientação de Sozin, os Nômades do Ar conseguiram doutrinar Roku com sua visão de mundo ingênua e idealista. Sozin cumpriu sua promessa e permitiu que construíssem seu pequeno templo na capital, que eles

chamavam de Centro de Aprendizado Fogo e Ar, mas estava sendo difícil conseguir seguidores e provavelmente não existiria mais no próximo ano.

Então, por mais que lhe doesse, Sozin teve que se perguntar se a amizade entre ele e Roku havia chegado ao fim. Ele sempre deixaria as pessoas acreditarem que eles ainda eram tão próximos quanto antes, já que tal conexão com o Avatar poderia ser útil de várias maneiras, mas ele nunca devia esquecer que seu ex-amigo não mais mantinha os interesses da Nação do Fogo no coração. Roku não era mais um verdadeiro Cidadão do Fogo.

— O que devemos fazer sobre isso? — perguntou Dalisay após alguns momentos, quando Sozin ainda não havia respondido à notícia sobre o Reino da Terra possuir o mineral.

O sol estava se aproximando de seu ponto mais alto no céu. A futura pedreira se estendia abaixo, os trabalhadores distantes se movendo como formigas. Três pássaros elegantes levantaram voo de uma árvore próxima, e Sozin os observou voar graciosamente pelo céu até serem abatidos pelos caçadores encarregados de alimentar o Príncipe Herdeiro enquanto ele estava na ilha.

— Descubram mais — disse Sozin, com a boca já salivando em antecipação à refeição que estava por vir.

AGRADECIMENTOS

Após anos ouvindo recomendações sobre *Avatar: A Lenda de Aang*, finalmente assisti no início da pandemia do COVID-19 e me apaixonei. Esse amor atingiu uma nova profundidade quando meu filho entrou na minha vida logo depois e Korra nos fez companhia durante muitas mamadas no meio da noite. Então, obrigado, Michael Dante DiMartino e Bryan Konietzko, por criar este mundo e me confiar a contribuição de uma pequena parte dele.

Obrigado a Anne Heltzel, Jeff Whitman, Joan Hilty e Mike DiMartino pelos comentários atenciosos sobre os esboços e rascunhos. A F.C. Yee, obrigado (e maldição a você) por estabelecer padrões tão altos com os livros da Kyoshi e da Yangchen.

Obrigado a todos na Amulet Books, Paramount e Nickelodeon que tornam esses livros possíveis. Obrigado a todos que já trabalharam nos shows, quadrinhos, livros ou jogos por expandirem o universo de Avatar tão lindamente. Obrigado ao fandom por mantê-lo fresco e vivo com seu amor.

A Stacey Lee, obrigado por ser minha leitora beta e

amiga local de Avatar. A Glen Wallace, obrigado por me ensinar sobre a geologia das ilhas oceânicas montanhosas, desculpe pela licença criativa que tomei nesse aspecto. Obrigado à minha agente, Beth Phelan, por me ajudar a desenvolver minha carreira de escritor além do que eu achava possível.

Obrigado a amigos, família e ex-alunos pelo apoio contínuo. Ao meu cachorro, Arwen, agradeço os carinhos. Ao meu filho, Felix, obrigado por me motivar a criar algo que espero que você possa gostar um dia (mas está tudo bem se não gostar!). À minha esposa, Kathryn Ribay, obrigado por tudo, especialmente desta vez. Literalmente, não poderia ter escrito este livro sem você.

E obrigado a você, leitor, por passar um tempo com Sozin, Malaya, Gyatso e Avatar Roku. Isso significa o mundo para mim.

SOBRE O AUTOR

RANDY RIBAY é um escritor premiado de ficção para jovens adultos. Além de *The Reckoning of Roku*, é autor de *Patron Saints of Nothing*, que ganhou o Freeman Book Award e foi finalista do National Book Award e do L.A. Times Book Prize. Ele também contribuiu para a antologia vencedora do Printz Award, *The Collectors*, editada por A.S. King. Seus outros romances incluem *Everything We Never Had*, *After the Shot Drops* e *An Infinite Number of Parallel Universes*. Nascido nas Filipinas e criado no Meio-Oeste, Randy obteve sua Licenciatura em Artes (BA) em literatura inglesa pela Universidade do Colorado em Boulder e seu Mestrado em Educação (EdM) em linguagem e alfabetização pela Harvard Graduate School of Education. Atualmente, vive na área da baía de São Francisco com sua esposa, seu filho e seu cachorro que se parece com um gato.

SOBRE O MUNDO AVATAR

MUNDO AVATAR é uma comunidade ativa desde 2007, dedicada aos fãs do universo de *Avatar: A Lenda de Aang*, *O Último Mestre do Ar*, *A Lenda de Korra* e *Avatar: O Último Mestre do Ar*. Com vídeos informativos, análises detalhadas, teorias e conteúdo exclusivo, o Mundo Avatar busca aprofundar o entendimento e a apreciação das histórias, personagens e mundos criados por Michael Dante DiMartino e Bryan Konietzko. O canal também promove colaborações com outros criadores, fortalecendo a comunidade de fãs e mantendo a chama do Avatarverso sempre acesa.

Siga-nos nas redes sociais e acesse nosso site para ficar por dentro de todas as novidades!



facebook.com/mundoavatarcombr



x.com/mundoavatar



instagram.com/mundoavatarcombr



youtube.com/@mundoavatarcombr



tiktok.com/@mundoavatarcombr